

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF WRITTEN IN RED

ANNE BISHOP

MURDER
OF CROWS

A NOVEL OF
THE OTHERS





RETORNANDO AO MUNDO DE ANNE BISHOP, A AUTORA MAIS VENDIDA DO NEW YORK TIMES, A SÉRIE OS *OUTROS* - ONDE ENTIDADES SOBRENATURAIS E SERES HUMANOS LUTAM PARA COEXISTIR E UMA MULHER COMEÇA A MUDAR TODAS AS REGRAS.

DEPOIS DE GANHAR A CONFIANÇA DOS *INDIGENE DA TERRA* E RESIDIR NO COURTYARD DE LAKESIDE, MEG CORBYN PASSOU ALGUMAS DIFICULDADES PARA DESCOBRIR O QUE SIGNIFICA VIVER ENTRE ELES. COMO UM SER HUMANO, MEG NÃO ERA CONSIDERADA UMA PRESA, MAS SUAS HABILIDADES COMO UMA CASSANDRA DE SANGUE A TORNAVAM ALGO MAIS.

O APARECIMENTO DE DROGAS VICIANTES PROVOCA A VIOLÊNCIA ENTRE OS HUMANOS E OS *OUTROS*, RESULTANDO NO ASSASSINATO DE AMBAS AS ESPÉCIES EM CIDADES PRÓXIMAS. ENTÃO QUANDO MEG TEM UM SONHO DE SANGUE E PENAS NEGRAS NA NEVE, SIMON WOLFGARD - O LÍDER DO LAKESIDE - SE PERGUNTA SE A SUA PROFETISA DE SANGUE SONHOU COM UM ATAQUE PASSADO OU UMA AMEAÇA FUTURA.

QUANDO O DESEJO DE FALAR AS PROFECIAS GOLPEIA MEG COM MAIS FREQUÊNCIA, AS DIFICULDADES ENCONTRAM O SEU CAMINHO DENTRO DO PÁTIO. AGORA OS *OUTROS* E ALGUNS SERES HUMANOS QUE RESIDEM LÁ DEVEM TRABALHAR JUNTOS PARA DETER O HOMEM QUE ESTÁ EMPENHADO EM RECUPERAR SUA PROFETISA DE SANGUE - E PARAR O PERIGO QUE AMEAÇA DESTRUIR TODOS ELES.

MURDER OF CROWS

A NOVEL OF THE OTHERS

ANNE BISHOP


HARPER
Voyager

GEOGRAFIA

NAMID - O MUNDO

OS CONTINENTES / AS MASSAS DE TERRA (ATÉ AGORA)

Afrikah

Cel-Romano / Cel-Romano Aliança das Nações

Felidae

Ilhas Fingerbone

Ilhas da Tempestade

Thaisia

Tokhar-Chin

Brittania / Wild Brittania

Grandes Lagos: Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros Lagos: Feather Lakes / Finger Lakes

Rios: Talulah / Talulah Falls

Cidades ou Vilarejos - Hubb NE (aka Hubbney), Jerzy, Lakeside, podunk, Sparkletown, Talulah Falls, Toland.

DIAS DA SEMANA

Earthday

Moonsday

Sunday

Windsday

Thaisday

Firesday

Watersday

NOTAS DE TRADUÇÃO

Divisões dos Shifters

Crowgard - Corvos

Owlguard - Corujas

Wolfgard – Lobos

Beargard- Ursos

Foxgard - Raposas

Sharkgard - Tubarões

Eaglegard – Águias

Hawkgard - Falcões

Elementais

Air = Elemental com poder sobre o Ar;

Earth = Elemental com poder sobre a Terra;

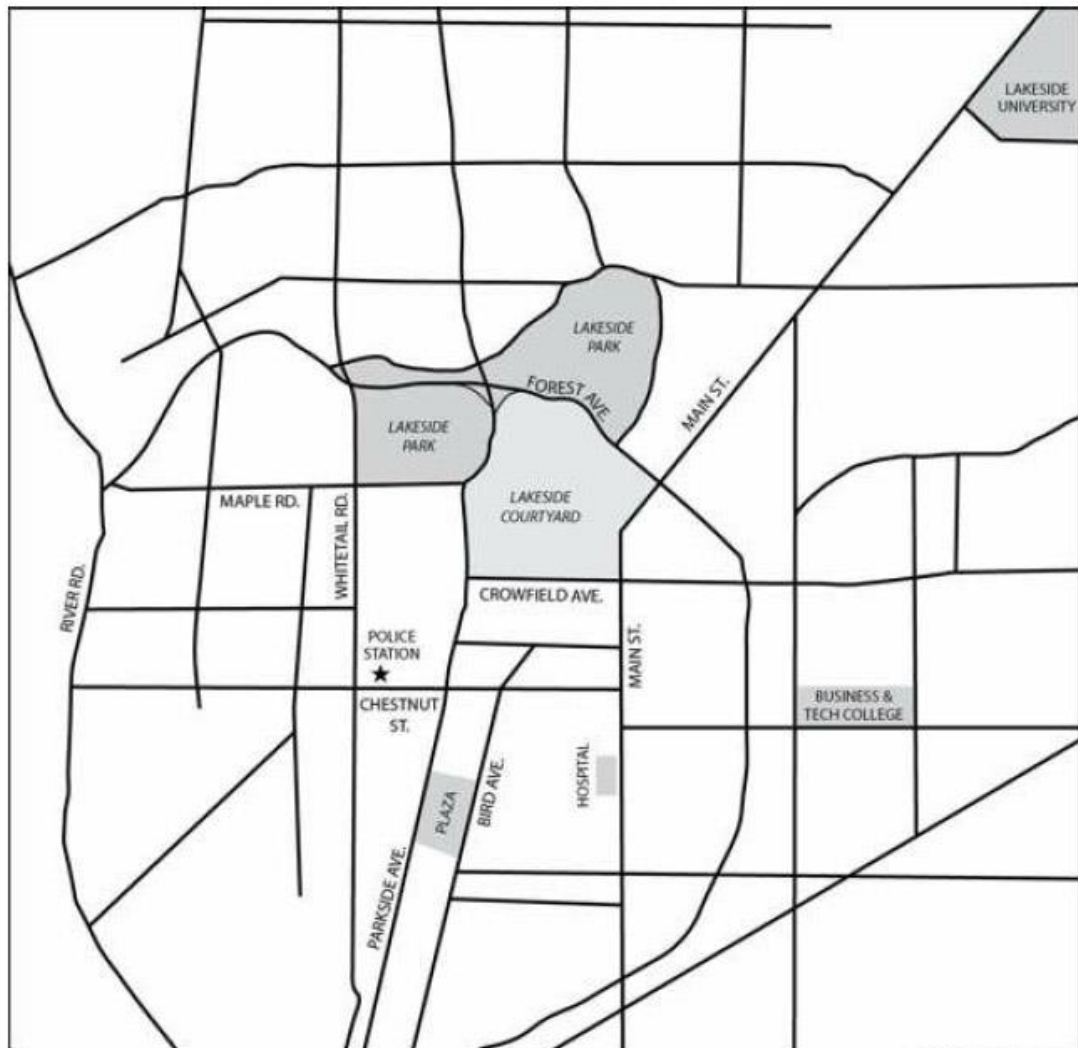
Fire = Elemental com poder sobre o Fogo;

Water = Elemental com poder sobre a Água;

Winter = Elemental com poder de controlar o Inverno;

Summer = Elemental com poder de controlar o Verão;

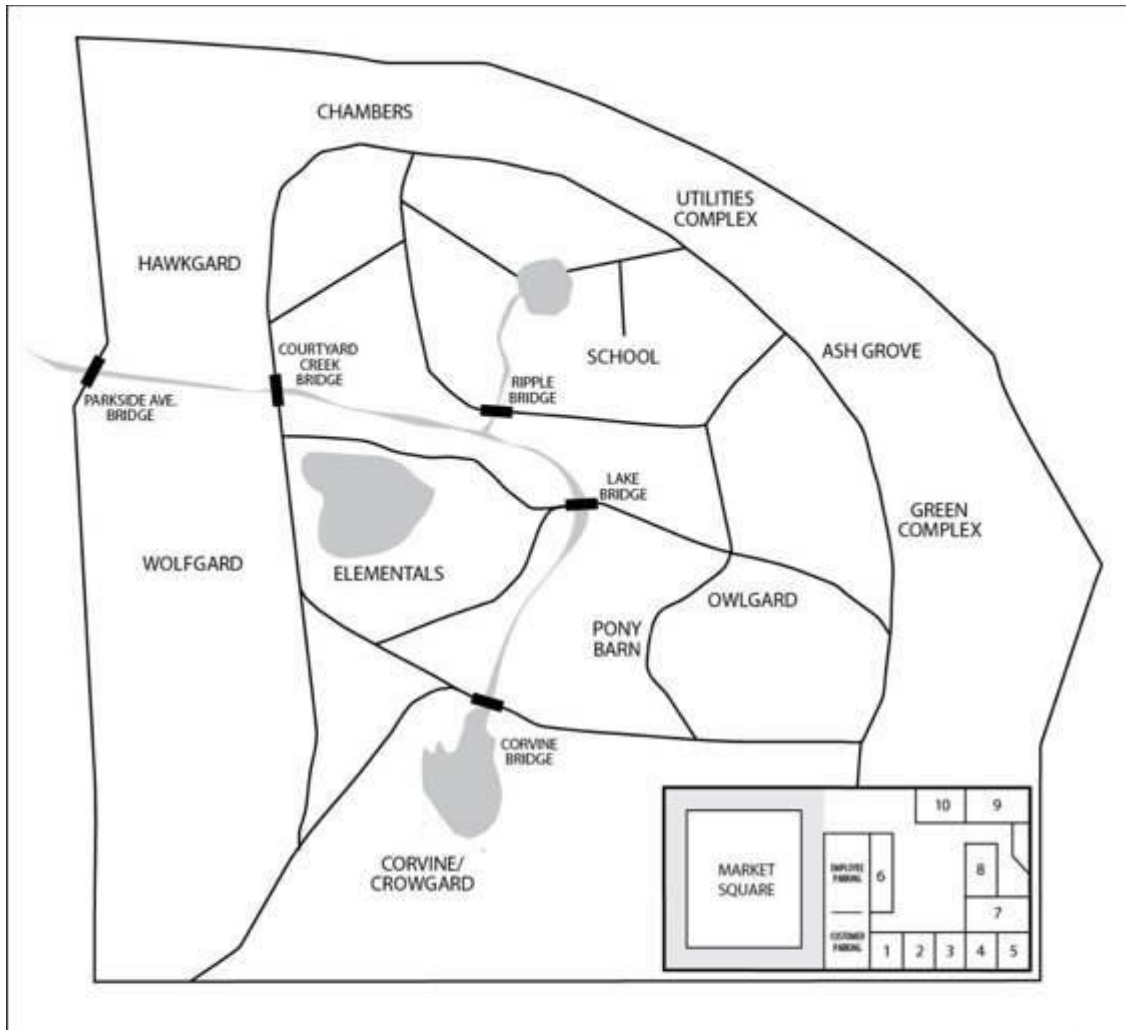
Spring = Elemental com poder de controlar a Primavera.



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por um autor, que foi *geograficamente* desafiado a colocar apenas o necessário para a história.

LAKESIDE COURTYARD



© 2012 Anne Bishop

1. Seamstress/Tailor & efficiency apartments
2. A Little Bite
3. Howling Good Reads
4. Run & Thump
5. Social Center
6. Garages
7. Earth Native & Henry's Studio
8. Liaison's Office
9. Consulate
10. Three Ps

UMA BREVE HISTÓRIA DO MUNDO

HÁ MUITO TEMPO ATRÁS, Namid deu à luz a todos os tipos de vida, incluindo os seres conhecidos como os seres humanos. Ela deu aos seres humanos pedaços férteis de si mesma, além de boa água. Compreendendo a natureza humana, e a natureza de seu outro filho, ela também lhes deu o isolamento, suficiente para que tivessem uma chance de sobreviver e crescer.

E eles sobreviveram.

Eles aprenderam a fazer fogueiras e abrigos. Eles aprenderam a cultivar e construir cidades. Eles construíram barcos e saíram pelos mares do Mediterrâneo para pescar. Eles se multiplicaram e se espalharam pelo mundo, até que foram empurrados para os lugares mais selvagens. Foi quando eles descobriram que outra descendência de Namid já havia reivindicado o resto do mundo.

Estes outros descendentes olharam para os seres humanos e não viram seus iguais. Eles viram um novo *tipo* de carne.

Guerras foram travadas para reivindicar os lugares selvagens. Às vezes, os seres humanos ganhavam e espalhavam suas sementes um pouco mais longe. Mais frequentemente, pedaços de civilização desapareceram, e os sobreviventes temerosos tentaram não tremer quando ouviam um uivo no meio da noite, ou um homem vagando muito longe da segurança das portas robustas e da luz, para ser encontrado na manhã seguinte sem sangue.

Séculos se passaram, e os humanos construíram navios maiores e navegaram através do Oceano *Atlantik*. E quando encontraram terra virgem, eles construíram um assentamento perto da costa. Em seguida, eles descobriram que esta terra também foi reivindicada pelos *indigenes*, que eram os nativos da terra.

Os *Outros*.

Os *indigenes da terra* que governavam o continente chamado Thaisia ficaram irritados quando os seres humanos cortaram as árvores

e araram a terra que não era deles. Assim, os *Outros* comeram os colonos e aprenderam o gosto desta carne em particular, tal como tinham feito muitas vezes no passado.

A segunda onda de exploradores e colonizadores encontrou o assentamento abandonado e, mais uma vez, tentaram reivindicar a terra como sua própria.

Os *Outros* os comeram também.

A terceira onda de colonos tinha um líder que era mais inteligente do que seus antecessores. Ele ofereceu aos *Outros* cobertores quentes e metros de tecido para roupas e interessantes vasilhas brilhantes, em troca de serem autorizados a viverem no assentamento, com terra suficiente para plantar. Os *Outros* pensaram que esta era uma troca justa e delimitaram os limites da terra que os seres humanos poderiam utilizar. Mais presentes foram trocados por caça e pesca e privilégios. Este arranjo deixou satisfeitos ambos os lados, mesmo quando um dos lados desse aos seus novos vizinhos um rosnado intolerante, e o outro lado engolisse o medo, deixando com que seu povo estivesse a salvo no interior das paredes dos assentamentos antes do anoitecer.

Anos se passaram e mais colonos chegaram. Muitos morreram, mas suficientes seres humanos prosperaram. Os assentamentos cresceram e se tornaram aldeias, que se tornaram grandes comunidades, e se transformaram em cidades. Pouco a pouco, os seres humanos atravessaram Thaisia, e se espalharam tanto quanto podiam sobre a terra que eles foram autorizados a usar.

Séculos se passaram. Os seres humanos eram inteligentes. Assim com os *Outros*. Os seres humanos inventaram a eletricidade e o encanamento. Os *Outros* controlavam os rios, que poderiam mover os seus geradores, e os lagos que forneciam água potável. Os seres humanos inventaram motores a vapor e aquecimento central. Os *Outros* controlavam todo o combustível necessário para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os seres humanos inventaram os produtos manufaturados. Os *Outros* controlavam todos os recursos

naturais, decidindo, assim, o que seria e não seria feito em sua parte do mundo.

Havia colisões, é claro, e alguns lugares se tornaram memoriais para os mortos. Esses memoriais, finalmente, deixaram claro para o governo humano que os *indigenes da terra* eram quem governavam em Thaisia, e nada menos do que o fim do mundo iria mudar isso.

E com isso, chegamos neste período atual.

Existem pequenas aldeias humanas dentro de vastas faixas de terra que pertencem aos *Outros*. E nas maiores cidades humanas, existem *Parques* e alguns lugares chamados de *Pátios*, que são habitados pelos *Outros* que têm a tarefa de manter as regras sobre os moradores da cidade, e fazer cumprir os acordos que os humanos fizeram com os *indigenes da terra*.

Ainda há tolerância com dentes afiados de um lado e medo daquilo que anda na escuridão, do outro. Mas se eles tiverem cuidado, os seres humanos podem sobreviver.

Na maioria das vezes, eles sobrevivem.



CAPÍTULO 1

DEPOIS DE ACORDAR por uma cotovelada, e pelos movimentos inquietos de sua companheira de cama, Simon Wolfgard bocejou, rolou sobre a barriga, e estudou Meg Corbyn. Ela tinha expulsado a maioria dos lençóis, o que não era bom para ela, já que ela não tinha pelos e poderia acabar pegando frio. Para um Lobo *indigene da terra*, ele pegava as coisas que queria, e ele não conseguia pensar em uma única razão para um ser humano querer *ficar* com frio, mas, aparentemente os seres humanos faziam isso e poderiam passar frio. E mesmo nos últimos dias de Febros, a Região Nordeste de Thaisia era bastante fria. Então, novamente, se ela começasse a sentir frio, ela se aconchegaria mais perto dele, o que era sensato, já que ele tinha um bom casaco de inverno e sendo um Lobo, gostava da proximidade.

Se alguém tivesse lhe dito há algumas semanas que faria amizade com um ser humano e se importaria o suficiente para cuidar dela durante a noite, ele teria rido na sua cauda. Mas aqui estava ele, no apartamento de Meg, no Complexo Verde, enquanto seu sobrinho Sam ficava com seu pai, Elliot, no Complexo Wolfgard. Antes do ataque ao Pátio no Lakeside no início do mês, ele e Sam haviam se aconchegado com Meg para cochilar ou até mesmo dormir durante a noite. Mas coisas tinham acontecido naquela noite, quando os homens tinham vindo para sequestrar Meg e Sam. Por um lado, Meg quase morreu ao salvar Sam daqueles homens. Por outro, algo tinha acontecido com *ele* no caminho para o hospital, fazendo-o sentir raiva e quase ficar fora de controle. Ele tinha algumas suspeitas sobre o que tinha acontecido, razão pela qual Sam, que ainda era um filhote e não tinha autocontrole, não podia mais dormir com ele quando se enroscava com Meg.

Meg dizia às pessoas que sua altura era de cento e sessenta centímetros de altura, porque, segundo ela, isso soava mais alto do que um metro e sessenta. Ela tinha vinte e quatro anos de idade, a tinta laranja de seu cabelo era estranha e estava desbotando, dando lugar a cor escura e natural de seu cabelo, o cinza claro de seus olhos se pareciam com os de alguns Lobos, e a pele dela era bem clara. Pele estranha e frágil que marcava tão facilmente.

Ela era uma *Cassandra de Sangue*, uma profetisa fêmea, que tinha visões e falava as profecias sempre que sua pele era cortada. Um corte formal com sua navalha especial ou um corte causado por uma pedra afiada a fazia ter visões do que poderia acontecer no futuro.

Os Sanguinati referiam-se a fêmeas como Meg como *sangue doce* porque, mesmo quando eram adultas, essas mulheres conservavam a doçura do coração de uma criança. E essa doçura, combinada com o sangue que formavam as visões, não fazia delas uma presa. Elas faziam parte da criação de Namid, eram tanto maravilhosas quanto terríveis. Talvez fossem mais terríveis do que os *indigenes da terra* imaginaram.

Ele lidaria com o terrível, se e quando, tivesse que fazer. Por enquanto, Meg era Meg, o Liaison Human do Pátio e sua amiga.

Ela começou a fazer barulhos e a bombear as pernas como se estivesse correndo.

<Meg?> Ela não podia ouvir na mente como um *indigene da terra*, mas ele tentou de qualquer maneira, já que ele não achava que fosse um sonho bom, como perseguir um veado. Especialmente quando ele estava subitamente recebendo um cheiro de medo dela. <Meg?>

Com a intenção de acordá-la, ele pressionou seu nariz debaixo de sua orelha.

No sonho, Meg ouviu o monstro se aproximando cada vez mais. Um som familiar, acompanhado de uma terrível destruição, e ela

sabia que iriam seguir o seu rastro. Ela tentou gritar um aviso, tentou gritar pedindo ajuda, tentou fugir das imagens que enchiam sua mente.

Quando algo a cutucou sob sua orelha, ela se agitou, gritou e chutou o mais forte que pôde. Seu pé bateu em algo. Aterrorizada, ela chutou novamente.

Esses chutes foram seguidos por um grito alto e um golpe, e ela lutou para acender a lâmpada.

Respirando com força e sentindo seu pulso batendo em seus ouvidos, ela primeiro percebeu que a mesa de cabeceira combinava com a imagem que ela teve antes de dormir, exceto que o pequeno relógio ao lado da lâmpada dizia que eram três horas. Consolada pelo ambiente familiar, ela olhou em volta.

Ela não estava em uma cela estéril em um complexo controlado por um homem que cortava sua pele para obter lucro. Ela estava em seu próprio quarto, em seu próprio apartamento no Courtyard Lakeside. E ela estava sozinha.

Mas ela não estava sozinha quando apagou a luz há algumas horas. Quando adormecera, havia um Lobo grande e peludo esticado ao lado dela.

Agarrando todos os lençóis que pôde, deitou-se e os puxou até o queixo antes de sussurrar: — Simon?

Um grunhido soou como se viesse do chão do outro lado da cama. Então uma cabeça humana veio à vista, e Simon Wolfgard olhou para ela com olhos de âmbar com pontos cintilantes de vermelho — um sinal seguro de que ele estava chateado.

— Você está acordada agora? — Ele rosnou.

— Sim, — ela respondeu mansamente.

— Bom.

Ela teve um vislumbre da massa muscular e pele *nua* antes que ele se mexesse debaixo das cobertas. Ela se afastou dele, seu coração batendo com um tipo diferente de medo.

Ele *nunca* dormiu com ela em sua forma humana. O que significava ele na forma humana agora? Será que ele queria... Sexo? Ela

não queria... Ela não... Ela não tinha certeza se podia com... Mas e se ele espera que...?

— S-Simon? — Um tremor em sua voz.

— Meg? — Ainda havia uma abundância de rosnado na voz dele.

— Você não é um Lobo.

— Sou sempre um Lobo.

— Mas você não é um Lobo *peludo*.

— Não, eu não sou. E você está puxando as cobertas. — Dito isto, ele agarrou as cobertas que ela estava agarrando e puxou.

Ela caiu sobre ele, e antes que pudesse decidir o que fazer, as cobertas estavam ao redor dos dois, e ele a tinha prendido entre seu corpo e a cama.

— Pare de se contorcer, — ele estalou. — Se você machucar ainda mais o quadril que você chutou, eu vou mordê-la.

Ela parou de se contorcer, mas não porque ele tinha ameaçado mordê-la. Profecias e visões nadavam em seu sangue, liberadas quando sua pele era cortada. Simon sabia disso, e não rasgaria sua carne deliberadamente. Mas nas últimas duas semanas, ele descobriu uma forma de puxá-la de suas roupas, com força suficiente para machucar sem prejudicar a pele — *disciplina de Lobo adaptada para lidar com seu tipo de humano*.

Ela tropeçou no Pátio de Lakeside há sete semanas, meio congelada e procurando um emprego. Simon ameaçou comê-la em uma base regular nos primeiros dias, mas era a sua maneira típica de lidar com os empregados, uma vez que a maioria deles teria pedido demissão enquanto corriam para a porta. Mas quando os *Outros* descobriram que ela era uma Profetisa de Sangue fugindo do homem que a possuía, eles haviam escolhido tratá-la como uma das suas. E protegê-la como um dos seus próprios, especialmente depois que ela caiu no gelo e quase se afogou enquanto levava um inimigo para longe do sobrinho de Simon, Sam. Por isso, desde o seu regresso do hospital, ela dormia todas as noites com Simon encolhido ao lado dela, em guarda.

Ela ficaria menos feliz com a falta de privacidade noturna se esse corpo peludo não fizesse tal diferença em mantê-la aquecida.

Então, mesmo o seu apartamento permanecendo sempre frio, ela não discutiria por Simon dormir com ela? Não lhe ocorreu discutir por isso, porque ele era um Lobo. Exceto que agora ele não era mais um Lobo com aspecto de Lobo, e Simon como um humano na cama com ela, parecia... Diferente. Confuso. E a fazia se sentir ameaçada de uma forma que não queria explicar.

Mas peludo ou não, ele ainda estava quente e ele não estava *fazendo* nada, e ainda era muito cedo para pensar em levantar, assim, seria uma coisa... A ponderar... Amanhã.

Ela começou a voltar a dormir quando Simon deu-lhe um pequeno aperto e disse, — O que te assustou?

Ela deveria ter sabido que ele não deixaria passar. E talvez ele estivesse certo em não deixar o assunto passar. Suas habilidades como Profetisa haviam mudado desde que ela escapou do Complexo e acabou vivendo com os Outros. Ela estava mais sensível agora, a ponto de nem sempre precisar cortar sua pele para ter as visões — especialmente se a preocupavam de alguma forma.

As imagens estavam desaparecendo. Ela sabia que já havia coisas que ela tinha visto no sonho que não conseguia se lembrar. Ela se lembraria de alguma coisa pela manhã? E mesmo assim, mesmo o pensamento de lembrar o sonho a fez estremecer.

— Não era nada, — ela disse, querendo acreditar. — Apenas um sonho. — Mesmo as profetisas de sangue têm sonhos comuns. Não concorda?

— Te assustou bastante para me chutar da cama, então não pode ser *nada*, Meg. — Simon apertou o braço ao redor dela. — E só para você saber? Você pode ser pequena, mas chuta como um alce. E isso é algo que eu vou dizer ao resto dos Lobos.

Ótimo. Justo o que ela precisava. *Sim, essa é a nossa Liaison. Meg 'Aquele que chuta como um Alce'.*

Mas o Lobo dominante e líder do Pátio esperava uma resposta.

— Eu ouvi um som, — ela disse calmamente. — Eu deveria saber o que é, mas eu não consegui identificá-lo.

— Um som de suas lições? — Ele perguntou tão silenciosamente, referindo-se ao treinamento que ela tinha recebido no Complexo, a fim de reconhecer o que ela via e ouvia em suas profecias.

— Das lições, — ela concordou, — mas daqui também. E não é um único som, mas muitas coisas que, combinadas, têm um único significado.

Um momento de silêncio pensativo. — Certo. O que mais?

Ela estremeceu. Ele se curvou em torno dela em resposta, e ela se sentiu mais quente. Segura.

— Sangue, — ela sussurrou. — É inverno. Há neve no chão, e a neve está salpicada com sangue. E eu vi penas. — Ela virou a cabeça para olhar para ele. — É por isso que eu estava tentando gritar, tentando fazer alguém me escutar. Eu vi penas pretas quebradas presas na neve ensanguentada.

Simon a estudou. — Você poderia vê-las? Não estava escuro?

Ela pensou por um momento, então balançou a cabeça. — Luz do dia. O sol não estava brilhante, mas era dia.

— Você reconheceu o lugar?

— Não. Não me lembro de nada no sonho que indicasse onde, exceto que havia neve.

Simon estendeu a mão e apagou a luz. — Nesse caso, volte a dormir, Meg. Vamos perseguir essa presa pela manhã.

Ele se estendeu ao lado dela e adormeceu quase imediatamente, exatamente como ele fazia quando estava em forma de Lobo. Exceto que ele não estava em forma de Lobo, e ela não sabia como dizer a ele que tê-lo dormindo ao lado dela parecendo e sentindo como um macho humano tinha mudado algo entre eles.



CAPÍTULO 2

ESTACIONANDO NA FRENTE da casa de Grizzly Man, que era o seu melhor amigo; Wild Dog estava sentado na caminhonete de seu pai com a sua outra melhor amiga, Howler, esperando a diversão começar. Windsday era dia de lixo nesta parte de Walnut Grove e os malditos Corvos do Pátio estariam voando na frente dos caminhões de lixo para pegar o lixo que os seres humanos jogavam fora. Cada semana os malditos voavam ao redor das latas de lixo que os caminhões descarregavam. Eles cutucavam e bicavam e voavam com todos os tipos de porcarias, porque, realmente, isso era tudo que os Corvos eram, catadores de porcarias.

Nada que as pessoas pudessem fazer sobre isso. O homem do governo disse que era assim. Sequer poderiam multar os ladrões de penas negras porque a pena de prisão e as multas podiam arruinar toda a família. Mas Grizzly Man, que sabia como encontrar qualquer merda no computador que você não gostaria que seus pais soubessem, tinha encontrado um excelente jogo chamado *Isca de Corvo e Matança na Estrada*. Os meninos poderiam se inscrever no local e jogar esses jogos no computador, mas se você quisesse experimentar a coisa real, você precisava de duas drogas muito especiais: *Nocaute de Lobo* e *Alto Astral*.

Não foi fácil colocar as mãos nas coisas, e nenhuma droga era barata. Wild Dog, Grizzly Man e Howler levaram dois meses para juntar a maior parte do dinheiro para comprar os frascos que Howler tinha adquirido de um amigo de um amigo, que conhecia um cara, que conhecia outro cara. Agora eles iriam descobrir se as drogas e o jogo valiam a pena.

— Vamos, — Wild Dog murmurou. — Eu tenho que devolver a caminhonete antes que o velho vá para o trabalho.

Howler olhou pela janela do passageiro. — Eu ouço os caminhões de lixo. Eles devem estar no próximo quarteirão. G-Man está pronto?

Wild Dog tirou o celular do bolso e fez a ligação. — Você está pronto? — Ele perguntou quando Grizzly Man atendeu.

— Eu coloquei a dose na carne, — G-Man respondeu. — Tem certeza da dose?

Deuses abaixo, não, ele não tinha certeza sobre a dosagem. Na semana passada, os três tinham dividido metade do frasco de *Lobo*, para experimentá-lo, e ele tinha apenas uma vaga lembrança do que aconteceu depois que eles se encontraram com Priscilla Kees, que estava caminhando sozinha para casa depois de escurecer. Mas ele se lembrou que sentiu algo além do êxtase. Ele se sentiu selvagem e poderoso — e queria sentir isso de novo.

Mas não por um tempo. Não até que as coisas esfriassem. Priscilla não tinha voltado à escola, e ele escutou a sua mãe conversando com a sua avó, dizendo que o ataque vicioso tinha causado algum tipo de dano às entranhas da menina, *lá em baixo e talvez houvesse outros tipos de danos*, e não deixaria *seu* filho caminhar sozinho até a casa de um amigo, mesmo morando poucas casas depois. Não até que os animais que tinham feito *aquilo* com a Priscilla fossem capturados.

Parecia estranho ouvir sua mãe falando dessa maneira, como se ele pudesse se machucar seriamente. Isso o assustou, e foi por isso que ele ficou feliz por usarem o que sobrou da droga no jogo. No momento em que tivessem mais recursos para comprarem outro frasco da droga, tudo estaria de volta ao normal.

— Ei, Wild Dog, — disse G-Man. — Você ainda está aí? Os cães estão agindo de forma engraçada, e eu não gosto do jeito que eles continuam me olhando. Está parecendo estranho.

— Aqui vêm eles, — Howler disse enquanto os Corvos voavam para perto. Inclinando-se para frente, ele descansou uma mão no painel.

— Vamos, seus anormais, — Wild Dog sussurrou. — Comam um pouco de espaguete com uma dose de *Alto Astral*. — Ele riu. — Tome uma dose, e você se sentirá bem e não achará nada estranho.

Howler jurou que a droga era poderosa o suficiente para deixar um Lobo adulto tão desamparado como um filhote recém-nascido — ou manter todos os malditos Corvos desorientados. Então ontem eles fizeram um grande pedido de espaguete. Esta manhã eles deixaram a comida misturada com a droga ao lado de seis latas de lixo na rua.

Os Corvos chegaram, voando na direção das latas que não estavam com as tampas firmemente fechadas ou que tinham itens deixados ao lado delas. Assim que o primeiro Corvo viu o espaguete, os pássaros vieram de todos os lugares, e Wild Dog não conseguia dizer se eram *Corvos* ou corvos normais. Mas todos estavam engolindo o espaguete.

— Vão em frente, suas merdas estúpidas, — sussurrou Wild Dog. — Comam. — Ele falou no telefone celular. — G-Man. Quase na hora.

— Ei, — Howler disse. — Quem é aquela?

Eles observaram uma menina pequena de cabelos negros andando de casa em casa, olhando para as latas de lixo.

— Isso é perfeito, — disse Wild Dog. — Nós temos um dos Outros em forma humana.

— O caminhão de lixo chegará a qualquer momento — disse Howler. — Precisamos ir embora antes que alguém nos veja.

— Sim, sim. — Wild Dog observou os pássaros por mais um momento. Um carro entrou na rua e teve que desviar para evitar atropelar um pássaro que sequer tentava sair do caminho. Perfeito. — G-Man, solte os cães.

Os dois cães de caça que pertenciam ao pai de G-Man correram para fora do quintal, avistaram os pássaros e os rasgaram com uma selvageria que fez Wild Dog se sentir animado e um pouco doente. Alguns pássaros bateram as asas em uma fraca tentativa de escapar, o que atraiu ainda mais a atenção dos cães — e para a garota parada congelada ao lado de uma lata de lixo.

— Oh, merda, — Howler disse. — Eu sei quem ela é! É a garota nova na escola. Sua família se mudou para cá, vinda de Tokhar-Chin. Nós temos que parar os cães!

— Nós não podemos detê-los! — Wild Dog agarrou o casaco de Howler, mas Howler já havia caído da caminhonete e estava gritando: — G-Man! Chame o seu pai! Chame o seu pai!

Nada a fazer senão ir com a sua amiga. Ele não podia ficar apenas sentado na caminhonete, com Howler gritando e a menina gritando e as pessoas saindo de suas casas, alguns vestidos para o trabalho e alguns ainda em seus roupões de banho apesar da neve e do frio.

De repente, alguém o empurrou para o lado e gritou para que todos saíssem do maldito caminho, e...

Bang. Bang.

Esse mesmo alguém estava gritando com as pessoas para chamar a polícia, chamar uma ambulância, e Wild Dog finalmente o reconheceu. Não sabia o nome dele, mas sabia que ele era um amigo de polícia do pai de G-Man.

O policial estava ao lado da menina agora, pressionando sua mão direita contra a ferida em seu pescoço que continuava sangrando. Ele olhou para o pai de G-Man e disse: — Desculpe Stan, mas eu tinha que atirar neles.

— A garota vai ficar bem? — Stan perguntou.

O policial parou um momento, depois ergueu a mão e balançou a cabeça. Depois de limpar as mãos na neve fresca, ele se levantou e olhou friamente para Wild Dog e Howler. — O que vocês estão fazendo aqui?

Stan apenas olhou para a garota, depois para os cachorros. — Deuses acima e abaixo, o que aconteceu com eles? E como eles saíram do canil?

— Vamos ter que levá-los, testar o sangue deles. Descobrir se eles ficaram loucos por alguma razão. — O policial estava falando sobre os cães — claro que ele estava — mas ele continuou olhando para Wild Dog. Depois olhou para os pássaros mortos. — Sim, vamos precisar fazer alguns testes.

Wild Dog tentou contar uma história sobre o fato de ter visto G-Man por um minuto, mas de repente havia vários veículos oficiais entrando na rua, e havia muitos policiais interessados em ouvir sua história, e eles queriam ouvi-lo na estação com o seu pai presente. Foi por isso que ele acabou voltando para casa na traseira de um carro da polícia.

E foi por isso que a polícia estava com ele quando ele entrou na cozinha e descobriu que Priscilla se lembrava muito mais daquela noite, na semana passada, do que ele, e foi por isso que ela estava com a espingarda de seu pai quando ela veio chamar em sua casa esta manhã.



CAPÍTULO 3

NA MANHÃ DE WINDSDAY, o Tenente Crispin James Montgomery estacionou o carro de patrulha no estacionamento de clientes do Pátio, saiu, e respirou o ar que ainda tinha um toque de inverno. Isso não era surpreendente, considerando a tempestade que assolou a cidade de Lakeside no início do mês — uma tempestade que provou a todos os que vivem aqui que os metamorfos e os vampiros eram a face pública do Pátio, mas não eram os *indigenes da terra* mais perigosos residindo. Enfurecidos pelo ataque ao Pátio e pela morte de um de seus corcéis, os Elementais, liderados por Winter, haviam desencadeado sua fúria sobre a cidade e seus moradores, no que os jornais e os noticiários de televisão haviam chamado de tempestade do século.

Alguns edifícios foram danificados ou destruídos naquela tempestade. Algumas pessoas ficaram feridas e outras morreram. Seções inteiras da cidade ficaram sem energia por dias e as pessoas haviam lutado para se manterem aquecidas e alimentadas enquanto Lakeside estava presa por uma queda de neve recorde e placas de gelo que bloqueavam todas as estradas para fora da cidade.

Tendo passado cada momento sobressalente nas últimas duas semanas lendo sobre as cidades que haviam sido destruídas após um conflito com os Outros, Monty sabia que a tempestade e as consequências poderiam ter sido muito, muito piores. Ele não tinha certeza com quem Meg Corbyn tinha falado ou o que ela havia dito, mas ele apostaria um mês de salário que ela foi a razão pela qual os blocos de gelo simplesmente derreteram em uma noite, permitindo o fornecimento necessário para a cidade. Ela havia avisado aos Outros que um veneno foi destinado aos pôneis dos Elementais. Ela salvou o sobrinho de Simon

Wolfgard, Sam, durante o ataque ao Pátio. Ela ganhou a confiança de seres, que raramente, se alguma vez, confiaram em seres humanos.

Por outro lado, por ter sido um alvo dos atacantes, ela foi indiretamente responsável pela tempestade que paralisou Lakeside, bem como pela morte do prefeito de Lakeside e do governador da Região Nordeste. Mas só um punhado de pessoas sabia desse fato. Para todos os outros, a história oficial era que um grupo de pessoas de fora tinha chegado a Lakeside com a intenção de causar problemas e provocar o ataque aos Outros quando explodiram parte do Complexo Utilities do Courtyard, matando vários *indigenes da terra*. Uma vez que todos os noticiários deixaram claro que os seres humanos tinham começado o problema, houve uma trégua tácita entre os cidadãos de Lakeside e os Outros nestas últimas semanas.

Talvez as pessoas estivessem ocupadas demais fazendo reparos em suas casas e empresas e só queriam voltar para suas vidas. Ou talvez estivessem fazendo um esforço para se afastar dos seres que governavam o continente de Thaisia. E não apenas Thaisia. Os *indigenes da terra* governavam a maior parte do mundo. Para eles, os seres humanos eram apenas outro tipo de carne, e a única diferença entre as pessoas e cervos era que as pessoas inventavam e fabricavam produtos, que pelo menos, alguns dos Outros gostavam de ter. Essa foi a única razão pela qual os Outros em Thaisia alugavam áreas de terra onde os seres humanos podiam viver e cultivar alimentos e fornecer às pessoas os recursos necessários para fabricar os produtos. Mas as pessoas ainda eram carne no momento em que fizessem algo a qualquer *indigene da terra* que ele não gostasse.

Essa não era uma verdade fácil de engolir em seu melhor dia, e dada à informação que ele estava prestes a compartilhar com Simon Wolfgard, hoje não seria o melhor dos tempos.

Monty passou pela costureira e pela cafeteria, a Bite, que era uma das poucas lojas no Pátio abertas à população humana em geral de Lakeside. Quando chegou à Howling Boas Leituras, a livraria

administrada por Simon Wolfgard e Vladimir Sanguinati, ele ignorou a placa de *Apenas Residentes* e bateu na porta.

Simon aproximou-se da porta e olhou para Monty por um longo tempo, dando ao policial tempo para considerar o contraste entre os dois. Wolfgard parecia um homem em torno dos 30, tinha um rosto bonito e cabelos escuros cortados para corresponder à personalidade de um empresário. Na maioria das vezes, ele facilmente passava por humano. Exceto pelos olhos dele. Os olhos cor de âmbar nunca o deixavam esquecer que estava olhando para um Lobo *indigene da terra*, um predador, especialmente agora que Wolfgard tinha desistido de usar os óculos de aro de metal, que era apenas uma tentativa de fazê-lo parecer *menos* perigoso. Monty, por outro lado, era um humano de pele escura, de altura média, sem nada de muito interessante para acrescentar. Ainda não chegara aos quarenta, mas seu cabelo cortado curto já mostrava alguns fios cinzas, e havia linhas em seu rosto que não estavam lá há alguns meses.

Finalmente, Simon destrancou a porta e Monty entrou na loja.

— Não abrirá aos clientes humanos hoje? — Monty perguntou enquanto Simon fechava a porta novamente.

— Não, — Simon respondeu secamente. Ele coxeou até um carrinho cheio de livros e começou a refazer a mesa de exibição na frente da loja.

Monty acenou com a cabeça para a moça atrás do balcão, um dos humanos que o Pátio empregava. — Sra. Houghton.

— Tenente — respondeu Heather.

Ela parecia assustada, e quando inclinou a cabeça em direção a Simon, dando atenção a ele, sabia que algo estava acontecendo, — Monty se perguntou se os moradores do Pátio já tinham ouvido a notícia ou se Heather tinha outro motivo para ter medo.

Depois de observar Simon por um momento, ele disse num tom de conversa: — Você feriu a perna?

Simon bateu um livro na mesa e grunhiu.

— Ela me chutou da cama! Ela estava tendo um pesadelo, então eu tentei acordá-la, e *ela me chutou para fora da cama*.

Monty não teve que perguntar quem era *ela*. Ele notou que Heather, que agora olhava para o Lobo com os olhos arregalados, também não perguntou.

— E então ela age e cheira como um coelho, toda estranha sobre eu estar com ela em forma humana. — Simon jogou mais livros sobre a mesa. Um deles escorregou e bateu no chão. O Lobo nem percebeu. — Que diferença faz se eu estou peludo ou não? — Ele apontou para Heather, e o olhar em seus olhos deixou claro que ele esperava uma resposta.

— Aaaaahhhh, — ela disse, olhando para Monty. — Beeeeemm. Quando minha mãe tira uma soneca, nosso gato se enrola com ela, e meu pai não se importa. Mas eu acho que ele não gostaria se o gato de repente se transformasse em um homem.

— Por quê? — Simon perguntou. — Seria apenas o gato em uma forma diferente.

Heather fez um som engraçado e não respondeu.

Monty limpou a garganta antes de dizer: — Estaria em uma forma onde poderia fazer sexo com uma fêmea humana.

— Eu não queria sexo! — Simon gritou. — Eu só queria a minha parte dos lençóis. — Um olhar quente e hostil para Heather. — As fêmeas são peculiares.

Oh, nossa, Monty pensou enquanto observava os olhos de Heather se encherem de lágrimas.

— Eu vou pegar alguns livros do estoque. — Heather fungou, então se apressou em direção ao estoque na parte de trás da loja.

— Se você tentar sair eu irei comê-la! — Simon gritou.

A única resposta foi o som de uma porta batendo.

Simon olhou para a prateleira, que não passava de uma pilha de livros. Depois olhou para Monty e grunhiu: — O que você quer?

Não, este não era o melhor momento para o que ele tinha vindo falar, mas ele precisava de alguma informação que Wolfgard pudesse dar

a ele, e compartilhando o que ele sabia, ele esperava poupar Lakeside de outra exibição de raiva dos *indigenes* da terra.

— Você já escutou o rádio ou a televisão hoje? — Monty perguntou. — Já ouviu falar sobre o que aconteceu em Walnut Grove esta manhã?

Simon não se mexeu, nem pareceu respirar. — Os Corvos assassinados?

— Algumas aves foram mortas, — Monty respondeu com cuidado. — O Capitão Burke não recebeu muitos detalhes de seu contato com a polícia de Walnut Grove, então não posso dizer se os pássaros eram Corvos ou corvos. — Ele hesitou. — A Srta. Corbyn teve um sonho sobre isso? Ou ela teve mais do que um sonho? Talvez tenha usado a navalha e cortado a pele, a fim de dizer uma profecia?

— Ela sonhou com sangue e penas pretas quebradas na neve. — Simon rosnou e deu a Monty um olhar desafiador. — Ela não fez um corte. Eu teria cheirado sangue se ela tivesse feito um corte.

Eram sonhos proféticos normais para uma profetisa de sangue, ou era um sinal de que a estabilidade mental de Meg estava deteriorando? Não era algo que ele pudesse discutir hoje. Pelo menos, não com Simon Wolfgard.

— O seu Capitão Burke ouviu alguma coisa? — Perguntou Simon.

Você está querendo saber algo em particular? Monty pensava. — Parece que dois cães de caça atacaram as aves. Eles poderiam ter saído do quintal por acidente e simplesmente agido por instinto, mas um adolescente também foi morto. — A mãe, o pai e a irmã mais nova de um dos rapazes que estivera presente quando os cães atacaram também foram mortos. Mas ele achava que Wolfgard não estaria interessado em uma menina matando uma família a menos que o assunto estivesse entrelaçado com os pássaros.

Simon olhou para fora das janelas da frente da livraria. — Ainda não vi um Corvo esta manhã, não nenhum Corvo esta manhã. — Foi atrás do balcão de check-out, pegou o telefone e discou. Depois de alguns segundos, ele murmurou — sinal de ocupado, o que é uma surpresa, —

desligou e discou outro número. — Jenni? É Simon. Quero falar com você. *Agora.*

Monty podia ouvir o protesto de Jenni Crowgard de onde ele estava, por isso, Simon tinha certamente ouvido. O Lobo desligou de qualquer maneira.

Elliot Wolfgard fazia parte do consulado e era o rosto público do Pátio, dos *indigenes da terra*, e falava com o prefeito e tratava com o governo do Lakeside. Mas, Simon Wolfgard era o líder real deste Courtyard, e ninguém aqui desafiava o líder. Exceto, talvez, o urso que também morava aqui. E os Elementais, que não respondiam a ninguém.

— Não converse com Meg sobre isso, — disse Simon. — Ainda não.

Monty queria perguntar a Meg sobre o seu sonho antes que ela ficasse embaçada por qualquer imagem que possa ter ouvido ou assistido no noticiário. Mas ele não discutiu, e ele sabia que tinha feito a escolha certa quando assentiu com a cabeça e Simon relaxou um pouco.

— Se qualquer um dos Crowgard souber dessas mortes, eu ligo para você, — disse Simon.

— Obrigado, — Monty respondeu. — A polícia em Walnut Grove está fazendo testes nos cães e nos pássaros. É provável que cada força policial na parte nordeste de Thaisia seja informado dos resultados. Assim que souber de algo, vou dizer. Francamente, Sr. Wolfgard, todos nós estamos esperando que os cães apenas estivessem irritados e os pássaros simplesmente não foram rápidos o suficiente para fugir. — A menina certamente não foi suficientemente rápida. — Mas se não for o caso... — Ele não queria dizer isso.

Simon não foi hesitante para terminar a frase. — Pode ser o primeiro sinal da doença na Região Nordeste. Poderia ser a mesma doença que causou problemas na Região Centro-Oeste e provocou a luta em Jerzy no mês passado.

Não era uma doença, mas uma droga, pensou Monty. E *luta* era uma palavra pequena para o abate de um terço da população daquele povoado. Mas se era uma doença ou uma droga, era um assunto que ele

iria abordar quando a polícia em Walnut Grove obtivesse os resultados dos testes, porque ele tinha certeza de que Simon havia recebido a mesma droga na noite da tempestade. Era a única coisa que poderia explicar a agressividade excessiva do Lobo exibida quando Meg foi levada para o hospital.

— O Oficial Kowalski estava na Run & Thump mais cedo, correndo na esteira e usando alguns dos aparelhos de musculação, mas acho que ele subiu para os apartamentos, — disse Simon.

Como agradecimento por Monty e sua equipe protegerem Meg enquanto ela estava no hospital, os Outros autorizaram o uso pela equipe dele de um dos apartamentos acima da loja da costureira/alfaiate. Como o imposto da água era caro, Karl Kowalski tomava o seu banho fora de casa um par de vezes por semana, pois era um benefício que não poderia ser ignorado.

— Ele não costuma usar o nosso centro de fitness no período da manhã. — Simon deu a Monty um olhar interrogativo, confirmando que o Lobo sabia o horário de trabalho da equipe de Monty quase melhor do que o próprio Monty. Ele também confirmou que os Outros não ignoravam qualquer coisa que mudava a rotina de quem lidava com eles.

— Ele descontou algumas horas extras hoje, — disse Monty. Wolfgard não precisava saber que o Capitão Burke considerava o tempo pessoal gasto no Courtyard como tempo de serviço, já que lidar com os Outros era perigoso, mesmo sob as melhores circunstâncias.

— Dr. Lorenzo está farejando o consultório médico na Praça do Mercado, — acrescentou Simon.

— Então eu vou dar um Olá para o médico antes de pegar o Oficial Kowalski, — disse Monty.

Simon voltou para frente da loja, agindo como se Monty não estivesse mais lá. Mas ele disse: — Saia pela porta traseira. Será mais rápido.

Outra coisa que Wolfgard não teria considerado oferecer algumas semanas atrás, Monty pensou quando atravessou o almoxarifado até a porta traseira do HBL. Ele não tinha ilusões de que os Outros achavam

que os seres humanos eram aliados, e muito menos iguais. Os seres humanos ainda eram apenas carne inteligente. Mas esta foi à primeira vez em Courtyard que os humanos estavam mais acessíveis... Bem, desde que os humanos atravessaram séculos atrás o oceano Atlantik e fizeram seus primeiros negócios com os *indigenes da terra* neste continente.

Ele só esperava que a acessibilidade permanecesse após Simon descobrir que ele sabia da droga conhecida como *Nocaute de Lobo*.

Jenni Crowgard entrou na parte da frente da livraria usando apenas um casaco de inverno que cheirava a Heather, e cobriu as pernas nuas com penas até o meio da coxa.

Simon a estudou. Normalmente ela era alegre e curiosa, mas parecia cautelosa esta manhã.

— Você já ouviu falar alguma coisa, — disse ele.

Não era uma pergunta. Todo tipo de *indigene da terra* tinha suas próprias forças. Enquanto alguns chamavam de fofocas, poucas coisas recebiam informações de um lugar para outro mais rápido que o Crowgard. Mesmo agora, a única coisa mais rápida do que os Corvos era o telefone que os seres humanos tinham inventado algumas décadas atrás. E os computadores, já que Vlad disse que você poderia enviar a mesma mensagem para um monte de gente.

— Walnut Grove, — ele perguntou, olhando para ela.

Jenni colocou os braços em torno de si. — Algo ruim. Não sei o que. Não sei por quê.

Ela sabia coisas sobre o *que* e o *porquê*, coisas que ele tinha certeza de que os humanos ainda não sabiam. Peça por peça, ele conseguiria extrair dela. *Comida fresca na neve, uma tentação nesta época do ano. Corvos jovens, Corvos voando para fazer um lanche. Em seguida, os cães e a morte e muitos seres humanos.*

— Meg teve um sonho sobre Corvos esta manhã, — ele disse depois que Jenni lhe disse o que sabia. — E se assustou muito.

Jenni franziu a testa. — Por que a nossa Meg sonhou com os Corvos de Walnut Grove?

— Não haveria razão para ela sonhar com o Courtyard, a menos que seja um aviso para nós. — Ele olhou para Jenni até que ela se contorceu. — Você e suas irmãs e o resto do Crowgard em Lakeside precisam ter cuidado. Walnut Grove está a cerca de 240 quilômetros ao sul desta cidade. Se a doença que tocou os seres humanos e Outros no Centro-Oeste, e em Jerzy na Costa Oeste atingir esta parte de Thaisia, todos nós precisaremos ter cuidado. É fácil viajar para Walnut Grove de trem. É fácil a doença voltar para Lakeside com alguém.

— Nós vamos ter cuidado.

— Se você perceber que a Meg está esfregando mais os braços, do jeito que ela faz quando as visões formigam sob sua pele, me conte. E você deve prestar atenção a qualquer coisa que ela diz.

— Eu vou prestar atenção, — Jenni prometeu. — Mesmo se a nossa Meg não disser nada sobre os Corvos.

Escolhendo ficar satisfeito com isso, Simon mandou que ela saísse e voltou para organizar a exibição de livros novos. Havia uma notável falta de clientes desde a tempestade, apesar da assistência sem precedentes que os Outros tinham dado a alguns dos seres humanos que haviam ficado presos.

Eles vão voltar ou não vão, Simon pensou enquanto lia as capas de alguns livros. *E hoje nós não queremos macacos estranhos no Pátio de qualquer maneira.*

Ao ouvir o barulho de rodas, ele se virou e viu Heather empurrando um carrinho até o caixa. O Lakeside Courtyard entregava bens a todos os *indigenes da terra* que moravam circundante ao país selvagem. Onde ultimamente na HBL faltava clientes humanos, ultrapassava muito mais a relação de pedidos de livros enviados a todos os assentamentos.

— Você vai trabalhar com os pedidos? — Perguntou. Ela disse que faria isso quando ela entrou no estoque, de modo que ele estava apenas tentando ser educado e compensar o rosnado que deu para ela mais cedo.

Heather não respondeu. Ela apenas lhe deu uma olhada.

Grunhindo, Simon voltou aos livros. *Um coelho tentando intimidar um Lobo? Que ridículo!*

Enquanto esse pensamento tomava conta, ele se moveu para que pudesse vê-la enquanto arrumava os livros. Havia dias como estes em que Heather o lembrava um coelho? A comparação sempre esteve lá, uma avaliação da personalidade, bem como a forma como ela respondia aos Outros. Mas ele percebeu que ele pensava nela dessa maneira com mais frequência desde a tempestade.

Alguma coisa tinha mudado na relação dos seres humanos que trabalhavam no Pátio. Alguns, como Lorne, que dirigia o Três Ps, a loja de papel, impressão, e envio, continuava como antes. Os outros seres humanos, como Merri Lee, foram mostrando para alguns Lobos a sua personalidade, e, ao mesmo tempo de forma sensata e cautelosa, estavam mais decididas a trabalhar com os *indigenes da terra*. E outros, como Heather, tinham se tornado de forma muito consciente de que *nunca* seriam os predadores.

Ele não podia demiti-la por ser um coelho. Bem, ele poderia, mas ele não queria. Por um lado, ele perderia um bom trabalhador. De outro, seria uma dificuldade para ela se não pudesse encontrar outro emprego imediatamente, e isso deixaria Meg infeliz. Ele não queria Meg infeliz.

Abafando um suspiro, Simon forçou sua atenção de volta para a exibição de livros.

Não importava se ele tivesse clientes humanos ou não. Enquanto Meg e seu bando estivessem no Pátio, ele ainda tinha muito do comportamento humano para estudar e montar o quebra-cabeça deles.

Monty descobriu que Dominic Lorenzo estava andando no escritório do primeiro andar na Praça do Mercado.

— Dr. Lorenzo.

— Tenente Montgomery.

— Então você está sério sobre abrir um consultório no Pátio? Eu tive a impressão de que você achava que não seria bom trabalhar com os Outros.

— Eu tenho certeza disso, — Lorenzo respondeu. — Mas não há outro médico em qualquer lugar neste continente que teve a oportunidade de interagir estreitamente com os *indigenes da terra*. Eu verifiquei.

— E ser capaz de interagir com uma Profetisa de Sangue? — Monty perguntou suavemente.

Lorenzo olhou-o nos olhos. — Essa foi em grande parte a razão pela qual eu propus um consultório aqui e quero ser o médico residente, por assim dizer.

— Você vai parar o seu trabalho no hospital?

— Não. Falei com os administradores do hospital depois que os Outros encerraram o pagamento do imposto sobre a água como agradecimento por cuidar de Meg Corbyn. É uma economia substancial.

Monty assentiu. — Eles encerraram o imposto na água da estação de polícia de Chestnut Street também.

— Mesmo havendo muita preocupação sobre ter os Outros perto de pessoas doentes ou feridas, não se pode negar que ter um hospital disposto a prestar assistência a qualquer residente de Courtyard poderia fazer uma grande diferença para todos nós no futuro. Como você apontou para mim durante a tempestade. Agora eu estou propondo manter um horário de expediente aqui pela manhã, alguns dias por semana.

Winter tinha estabelecido que a recuperação de Meg fosse a condição para a tempestade terminar, e Lorenzo, apesar de suas reservas sobre os Outros, tinha dado ao Liaison Human o melhor cuidado possível. Em um sentido real, as ações do médico salvaram todos na cidade.

— Medicina básica, — disse Lorenzo, varrendo uma mão para indicar o escritório. — A Associação Empresarial do Courtyard está disposta a comprar qualquer equipamento adicional que for necessário, embora eu não ache que será exigido muito para o tipo de assistência

médica que tenho em mente. Eles estão sendo teimosos sobre eu ter uma enfermeira para me ajudar ou um administrador para ajudar com a papelada. — Ele deu a Monty um olhar especulativo. — Qualquer coisa que você pode fazer sobre isso?

Monty sacudiu a cabeça, então pensou sobre isso. — Eles já têm algum tipo de curandeiro aqui, não é? Talvez um deles possa ajudá-lo, além de aprender um pouco sobre medicina humana nesse período. E não há um massagista usando parte deste espaço? — Ele tinha visto a placa *Boas Massagens* ao lado da porta.

— Sim, ela usa uma das salas para seu trabalho. Eu acho que ela não tem muitos clientes aqui, ou suas horas são limitadas.

— Você poderia perguntar como ela lida com os compromissos. Talvez a Associação Empresarial possa concordar com a contratação de um assistente administrativo para os dois, alguém para fazer os agendamentos e lidar com a papelada.

— É uma possibilidade, — disse Lorenzo. — Vou acrescentar essa informação nas minhas notas. Vou fazer uma apresentação formal à Associação Empresarial e ao cônsul amanhã.

Monty finalmente abordou o principal motivo de ver Lorenzo. — Você já lidou com uma *Cassandra de Sangue* antes? Pois assim que viu as cicatrizes da Srta. Corbyn, você soube o que ela era.

— Eu já vi meninas como ela antes. — Lorenzo deu a Monty um longo olhar. — Meg Corbyn é a mais saudável das meninas que eu tratei quando era um residente. Onde quer que ela esteve anteriormente, eles sabiam como cuidar de meninas como ela.

— Pelo que me foi dito, esse cuidado incluía aulas forçadas, cortes forçados e sem nenhuma chance ou escolha de experimentar a vida. As meninas foram mantidas em segurança, sim, mas foram usadas para obterem lucro para outra pessoa.

— Me disseram praticamente a mesma coisa quando o Lobo me permitiu fazer algumas perguntas à Srta. Corbyn quando ela esteve no hospital, — Lorenzo respondeu. — Mas as meninas que eu vi estavam em um ambiente controlado, uma casa de gerência privada, que era um

anexo de uma escola. Eu não tenho certeza se uma *Cassandra de Sangue* pode sobreviver sem alguém controlando suas vidas. Mesmo com a supervisão, muitas delas se cortam até a morte ou ficam loucas. — Ele fez uma pausa. — Há um grupo de humanos lá fora que são um perigo para si mesmos, e eu quero ajudar. Com o tipo certo de cuidados, essas meninas precisam de *alguém* que saiba lidar com elas e sua dependência de corte. Mas há muito pouca informação disponível.

— A falta de informação poderia desencorajar as pessoas de criarem essas casas de apoio para lidar com essas meninas, — disse Monty. — Eu imagino que várias instalações bem-intencionadas têm fechado ao longo dos anos por causa dessas mortes causadas pelos cortes. — Isso era algo que ele poderia verificar quando retornasse para a estação.

Lorenzo concordou. — Ter a oportunidade de interagir com Meg Corbyn poderia ser o primeiro passo para encontrar uma maneira para ajudar todas estas meninas a ter vidas mais longas e mais saudáveis.

Depois de desejar a Lorenzo boa sorte com a reunião de amanhã, Monty despediu-se, pegou seu telefone celular, e ligou para Kowalski. Depois de confirmar que o jovem iria encontrá-lo, ele se dirigiu para a loja de café.

Usando a entrada dos fundos, ele entrou e cumprimentou Tess, a *indigene da terra* que dirigia a Bite. Enquanto a observava arrumar as bandejas de biscoitos e doces na vitrine de vidro, ele se perguntou se alguém iria comprá-los.

— O que acontece com a comida que sobra no final do dia? — Perguntou.

— Normalmente, o que não pode ser mantido para o dia seguinte é repassado, — Tess respondeu. — Carne Verde fica com alguns produtos para incluir nas refeições da noite servidas lá. O restante é dividido entre os *gards* e levado de volta aos Complexos para quem quiser comer.

Escutou passos da parte de trás da loja.

Tess baixou a voz. — E em um dia como hoje, só para os residentes, os *indigenes da terra* ficam curiosos e acabam se aventurando para tomar um café.

Por que os Outros que moravam no Pátio não viriam para a cafeteira porque estava aberta para os seres humanos? Eles se ressentiam dos funcionários humanos que trabalhavam na Praça do Mercado e foram autorizados a comprar lá? Ou era apenas um caso de números? Um punhado de seres humanos não representava nenhum perigo e, portanto, poderiam ser tolerados, mas uma loja cheia com seres humanos seria um lugar para evitar?

Os *indigenes da terra* que moravam e trabalhavam nos Pátios sentiam a pressão de estar cercados pelos inimigos diariamente? Ou eles encontravam alívio em saber que pelo menos a espécie deles sempre sobreviveria a um conflito, simplesmente porque eram tão devastadoramente letais?

E o que isso dizia sobre a decisão sem precedentes de Simon Wolfgard para permitir que até mesmo alguns seres humanos, além da Liaison, interagissem com outras pessoas que moravam no Pátio?

Ele os viu passar pela porta principal do café, seis machos e duas fêmeas. Com base em regras gerais de coloração, três machos tinham os olhos cor de âmbar dos Lobos, um macho e uma fêmea tinham o cabelo preto e olhos dos Corvos, e ele não poderia dizer se o resto eram Falcões ou Corujas, ou uma espécie de *indigene da terra* que não tinha visto antes.

— Eu não vou perturbar seus convidados, — Monty disse calmamente. — Vou esperar o Oficial Kowalski do lado de fora.

— Fique, — Tess disse e era mais um comando que um pedido.

Monty hesitou por um momento, então deu um aceno para o grupo ainda amontoadado perto do corredor, ele sentou em uma mesa perto do arco que dividia a Howling Boas Leituras e a cafeteria.

Tess apontou para as outras mesas. — Sentem.

Cautelosos, e sempre o observando, eles se separaram e sentaram nas mesas mais afastadas dele. E todos escolheram cadeiras que o mantinha a vista.

Kowalski abriu a porta da frente e entrou. Ele deu aos demais um olhar assustado, confirmando a suspeita de Monty que estes *indigenes da terra* não eram geralmente vistos pelos seres humanos que eram permitidos no Pátio. Dando-lhes um aceno de cabeça, Kowalski foi até o seu tenente.

Tess trouxe uma bandeja para a mesa. Ela colocou duas canecas de café, juntamente com uma pequena tigela de açúcar e uma jarra de creme. Ela também lhes deu talheres e guardanapos. Em seguida, ela entregou a ambos uma folha de papel pesada com o cardápio impresso.

Sem dúvida, com a intenção de fazer um comentário ao receber o cardápio, Kowalski abriu a boca, deu uma olhada no cabelo de Tess, que de repente tinha listras verdes e começou a encaracolar, e não disse nada.

— Os nossos sanduíches de hoje são de carne ou frango. Eu também tenho quiche de frutas frescas, — Tess disse. — Esse último não consta no nosso cardápio habitual.

Nós somos uma demonstração, Monty percebeu. *Um tipo de treinamento ao vivo, mostrando o que fazer em uma determinada situação. É por isso que Tess queria que nós ficássemos.* — Eu vou aceitar a quiche de frutas frescas.

Quando Tess olhou para Kowalski, Karl disse: — Eu gostaria do sanduíche de carne.

— Gostaria de frutas frescas acompanhando? — Tess perguntou.

— Sim, por favor.

Merri Lee saiu da parte de trás e deslizou atrás do balcão. A mulher humana parecia um pouco machucada ao redor dos olhos. Poderia ser nada mais do que a falta de sono. Como Heather Houghton, Merri Lee era uma estudante na Universidade de Lakeside, e Monty se lembrava de como era estudar de noite para um teste ou fazer um trabalho para o dia seguinte.

Assim, poderia ser nada mais do que a falta de sono. Ou poderia ser outra coisa. Já que Karl estava fazendo um esforço para não notar, ele descobriria mais tarde, se o Oficial tinha ouvido alguma coisa.

Tess entregou os pedidos para outro *indigene da terra*, em seguida, ajudou Merri Lee para preparar os pedidos.

Eles eram observados pelos Lobos, Corvos e os demais. Eles observaram quando ele colocou o guardanapo no colo, então depois de um momento de hesitação, fizeram a mesma coisa. Eles observaram o utensílio que ele usava e que, como o sanduíche de Karl, poderia ser comida com as mãos. Eles observaram Merri Lee andando em torno das mesas, colocando canecas de café e copos de água.

Eles observaram, e enquanto ouvia Karl conversando sobre o equipamento de treino na Run & Thump e o novo livro que a sua noiva Ruth estava à espera, Monty lentamente percebeu que estes *indigenes da terra* não eram do Courtyard. Pelo menos não *deste* Courtyard. Talvez eles tenham feito algumas entregas e decidiram parar no café antes de irem para casa. Talvez estivessem aqui para uma reunião com Simon Wolfgard. Talvez tivessem vindo de um assentamento no país selvagem que tinha pouco ou nenhum contato com os seres humanos.

Quem eles eram e de onde quer que eles tenham vindo; não foi apenas o café que foi uma experiência nova para eles. Estar em torno de um humano era algo que nunca aconteceu antes com eles. Pelo menos, não era algo que tinham feito quando não tinham a intenção de matar e comer um humano. Agora ali estavam, bebendo café e consumindo bolos e sanduíches, respondendo aos comentários amigáveis de Merri Lee com palavras precisas e rígidas, como os viajantes que usavam um livro de frases em uma língua estrangeira para se comunicar.

Será que eles irão para Howling Boas Leituras para comprar livros e aprender como usar o dinheiro humano?

Pela primeira vez desde que começou a frequentar a Bite, Tess deu-lhes um pequeno projeto. Sentindo-se mais e mais como um ator em uma peça, Monty puxou a carteira, recusando a oferta de Kowalski de pagar metade. Tess trouxe a conta, e ele e Karl discutiram a porcentagem

correta. Eles não levantaram suas vozes. Na verdade, ele falou o mais suavemente possível, além do habitual. Mas ele sabia que cada um dos *indigenes da terra* ouviram o que ele disse e arquivaram a informação.

Foi um alívio sair e entrar no carro patrulha. Kowalski ligou o carro, mas não o colocou em marcha.

— Isso foi estranho, — disse Kowalski. — Me lembrou do meu pai nos levando a uma sorveteria quando crianças e fazendo a mesma coisa, dando dicas e nos lembrando do comportamento correto que nós tínhamos discutido a caminho da loja. A única diferença era que nenhuma criança que ele estava ensinando poderia ter mordido seus braços se não gostassem do que ele disse.

— Alguma vez você já se perguntou como os Outros escolhem os seus professores que lhes ensinam como agir como humano? — Perguntou Monty.

Karl deu-lhe um olhar cauteloso. — Eles nunca serão humanos, Tenente. Eles apenas nos imitam para conseguir o que querem.

Monty assentiu. — Sim. Eles imitam. E você está certo. Eles nunca serão humanos. Mas ocorreu-me que quem os Outros escolhem como um modelo determina se eles irão imitar o melhor ou o pior do que significa *ser humano*.

Karl suspirou. — Eu acho que somos modelos.

— Sim, é verdade, — Monty concordou. — E isso me dá esperança para todos nós.

Quando eles saíram do estacionamento, foram em direção a estação de Chestnut Street, e Monty se perguntou se os visitantes do Courtyard estariam de alguma forma associados às mortes em Walnut Grove.

Meg pegou o balde, os panos, a pá, a vassoura, e o pulverizador com o produto de limpeza que precisava para limpar o Gabinete do

Liaison. Os variados produtos de limpeza tinham lhe confundido durante algumas limpezas que tinha feito por conta própria, mas ela gostou do resultado final. Além disso, um escritório limpo era um escritório sem *ratos*.

O Gabinete do Liaison era uma construção retangular, dividida em três grandes salas. A sala dos fundos tinha o banheiro, bem como uma sala de armazenamento com caixas cheias de roupas que os Outros usavam quando mudavam de forma de pêlos ou penas para humano. Também tinha uma área com uma cozinha, com uma pequena mesa redonda e duas cadeiras. A sala do meio era o quarto de classificação, onde havia uma mesa grande e retangular onde classificava e separava o correio, e os pacotes que recebia das empresas para os moradores do Lakeside Courtyard. A sala da frente tinha um balcão com três lados, onde ela falava com os entregadores e aceitava os pacotes, e também havia dois carrinhos de mão parados ao lado da porta de entrega, entre a sala da frente e sala de triagem. E era onde estava Nathan Wolfgard, esparramado na grande cama de cão, agora chamada de *cama de Lobo*, que havia comprado como um gesto amigável para o Lobo que tinha sido designado para protegê-la durante o horário de trabalho.

Meg abriu a porta marcada como privada, o que lhe dava acesso fácil para frente do balcão quando estava trabalhando na sala de triagem. Colocou a vassoura e a pá ao lado da porta, e disse alegremente, — Já que eu não estou esperando quaisquer entregas esta manhã, é um bom momento para arrumar. Talvez você pudesse levar a cama de Lobo para fora para dar-lhe uma boa sacudida.

Nathan levantou a cabeça apenas o suficiente para dar-lhe um olhar *de Lobo*. Então ele bocejou e caiu de volta na cama.

Ele sairia eventualmente. E se ela não o importunasse sobre isso, ele iria pegar alguma calça na área de entrega e levar a cama para fora para sacudi-la longe da vista de alguém caminhando ou dirigindo. Ela não achava que alguém já tenha visto algo na frente da loja, pelo menos, o Tenente Montgomery ainda não tinha perguntado sobre um homem nu, mas já que a frente do escritório tinha duas grandes janelas e uma porta

de vidro, ela já tinha visto uma abundância de nudez na forma humana de Nathan.

Com base nas imagens de formação que eram a sua referência para o mundo fora do complexo, Nathan tinha uma forma humana muito agradável.

E mesmo que só tenha dado uma rápida olhada antes de ele mergulhar sob as cobertas, Simon também tinha uma forma humana muito agradável.

Limpo, Meg disse a si mesma. *Deixe que as mãos trabalhem enquanto a mente pondera. É o que Merri Lee dizia.*

Ela pulverizou o balcão da frente com os produtos e passou o pano.

Talvez ela não devesse ter dito nada sobre Simon estar em sua forma humana esta manhã. Bem, ela não tinha *dito* nada. Apenas balbuciou por um minuto quando correu para a Bite para pegar o seu café da manhã e um muffin. Ela não tinha certeza se foi coerente, mas Merri Lee tinha entendido a essência do assunto. Daí a sugestão de fazer algumas tarefas, enquanto pensamentos e sentimentos eram organizados em sua mente.

Ela esperava que seus sentimentos se organizassem. E esperava que quando isso acontecesse, ela ainda teria Simon como um amigo, mesmo se ela decidisse que não queria um amante.

E ela *não* queria qualquer tipo de amante agora. Ela *queria*?

Ela esfregou o seu nariz e respirou com a dor inesperada. Correndo para o banheiro, ela estudou seu rosto... E a divisão avermelhada na pele do lado de fora de sua narina esquerda.

Uma hora depois, Meg se inclinou contra a mesa da sala de triagem e folheou uma revista. Quando percebeu que estava esfregando os braços, fechou a revista.

Muitas imagens. Muitas coisas novas para pensar e resolver hoje. E ela estava com medo de que esse dano em sua pele fosse um sinal de que algo estava terrivelmente errado. Afinal de contas, ela não tinha nenhuma garantia real de que uma *Cassandra de Sangue* poderia

sobreviver fora de um Composto, como aquele em que ela foi mantida a maior parte de sua vida. Talvez garotas como ela *não pudessem* sobreviver por muito tempo.

Não pense sobre isso, ela repreendeu-se, olhando para a porta privada. Talvez Nathan tenha desconfiado de quando limpou e passou uma pomada antisséptica na base da narina e voltou para a sala de triagem. Se ele sentiu o cheiro da pomada, não teria uivado sobre isso? Não teria invadido a sala de triagem para lhe dar uma fungada e descobrir o que estava errado? Ou ele escolheu ser sutil nesta caçada?

Muitas presas tinham se aperfeiçoado na arte de esconder doença ou lesões para evitar serem alvos frágeis quando os predadores estavam caçando. Os Lobos *indigenes da terra* tinham aperfeiçoado a arte de reconhecer o que a presa tentava esconder. Então Meg não estava realmente surpresa quando Henry Beargard apareceu na porta, entre a sala da frente e a sala de triagem.

Aparentemente, Nathan tinha decidido contar a Henry sobre o cheiro de medicamento em vez de uivar.

— Como vai você, Meg? — Henry perguntou em sua voz grave.

— Eu estou bem, — ela mentiu. Os Lobos poderiam cheirar o medo. Assim como um urso.

Quando ele atravessou a sala de estar e ficou próximo da mesa de triagem, ele passou sua grande mão pelo cabelo castanho desgrenhado. Os olhos castanhos que a estudavam eram um lembrete de que Henry era, entre outras coisas, o guia espiritual do Courtyard.

Ele cheirou o ar, mas não fez nenhum comentário sobre o cheiro da pomada. Em vez disso, ele disse: — Eu ouvi que você chutou Simon da cama.

Ela suspirou. Já que ela tinha conversado com Merri Lee, ela não poderia criticar Simon por comentar também. Mas o que parecia como uma amizade natural um par de dias atrás, agora parecia tão complicado. — Eu tive um sonho ruim. Simon lhe disse sobre o sonho? — Ela esperou pelo aceno de Henry. — Eu estava chutando algo no sonho, mas Simon ficou no caminho e caiu da cama. Mas eu não o chutei *deliberadamente*

para fora da cama. Ou na cama. Que seja. — Ela fez uma pausa. — Ele está bravo sobre isso?

— Ele está mancando, e todos lhe perguntam por que. É embaraçoso para ele porque é divertido para o resto de nós.

— Bem, ele não deve encostar o nariz na minha pele quando eu estou tendo um pesadelo!

A risada de Henry ribombou. — Acho que ele aprendeu essa lição.

Pelo menos Simon não vai ficar por aí falando que eu chuto como um alce; pensou. Pelo menos ainda não de qualquer maneira.

— Agora, — disse Henry. — Por que posso sentir o cheiro de medicina?

Ela virou a cabeça e apontou para o nariz. — Minha pele dividiu aqui. Eu não sei o motivo. Eu não me... Cortei.

— É por isso que teve o sonho?

— Eu não sei. Talvez. É tudo diferente fora do Composto. Há tantas imagens, mas não posso catalogá-las e então elas ficam confusas em minha mente, e não têm rótulos e às vezes eu estou trabalhando, ou não, e cinco ou dez minutos se passam, e eu meio que apago e não vejo nada.

Ela não tinha a intenção de contar a alguém sobre a forma como a sua mente, por vezes, ficava em branco. Os Outros, e especialmente Simon, não a deixariam dirigir seu carro ou deixá-la fazer as coisas por conta própria se soubessem sobre os apagões. E agora que ela tinha dito a Henry, ele só ficava olhando para ela como se ela fosse algo estranho e curioso.

— Simon sabe sobre isso? — Henry finalmente perguntou.

Ela abanou a cabeça. — Nós temos que falar sobre isso agora?

Um longo olhar. — Há muito em que pensar, para que possamos colocar isso de lado. Por agora.

— Obrigada. — A discussão foi adiada, mas não seria esquecida. — Você veio aqui para perguntar sobre Simon? — Ela sabia que Henry tinha usado Simon como desculpa para vir e descobrir por que ela cheirava a medicina.

— O bodywalker humano estava aqui, procurando um escritório na Praça do Mercado, — disse Henry. — Talvez devêssemos chamá-lo para ele dar uma olhada em sua pele.

— Doutor, — disse ela calmamente. — Ele é chamado de médico. — Ela estremeceu incapaz de conter o medo nas memórias de sua antiga vida. — Eu não preciso vê-lo por isso.

— Tê-lo aqui incomoda você. — A voz de Henry soou como um trovão avisando uma tempestade que se aproximava.

Cuidado, ela pensou. — Não, o Dr. Lorenzo não me incomoda. Ele parece ser um bom homem, e ele cuidou muito bem de mim quando eu estava no hospital.

Henry esperou. Meg suspeitou que ele pudesse, e iria esperar por horas.

— Você está deixando outro ser humano aqui por minha causa. É por isso que Simon está considerando deixar o Dr. Lorenzo ter um escritório aqui, não é? Para cuidar de mim? Mas ele teria acesso à Praça do Mercado, poderia observar todos vocês.

Henry sorriu. — Por mais que os seres humanos pensem que aprendem sobre nós, sempre aprendemos mais, Meg.

— Ele tratará os outros funcionários?

— Podemos discutir isso. — Um silêncio. E então — Por que você não quer que ele esteja aqui?

— O jaleco, — ela deixou escapar enquanto tentava arranhar sua pele através de camadas de roupa. — O jaleco branco. Os *Aqueles Com Nome* que cuidavam das meninas no Composto usavam esse tipo de jaleco branco ou uniforme branco.

— Então ele não vai usar um símbolo de medo e dor quando ele está no Pátio Meg!

Ouvir o nome dela rugido por um urso a assustou o suficiente para tropeçar para longe da mesa, o que fez Nathan pular em cima do balcão na sala da frente, pronto para se arremessar contra alguém na entrada privada se ela precisasse dele.

— Ele não vai usar o símbolo de seu inimigo, — disse Henry.

— *Arroooo!*

Nathan estava de acordo. Não importava se ele tivesse prestado atenção a sua conversa ou não. O Lobo não ia discutir com o Grizzly, especialmente quando ele tinha chamado o Grizzly para ajudar com um ser humano.

— Está tudo bem. — Algo relaxou dentro dela. Ou talvez ela estivesse mais focada agora em dizer a coisa certa, pois queria que Nathan saísse do balcão antes que ele caísse e se machucasse. Ela olhou para Henry, então o Lobo. — Estou bem.

Crise resolvida, Nathan pulou do balcão e voltou para a cama. Henry saiu após assegurar que seria proibido usar jalecos brancos.

Meg ficou na sala de triagem tentando bloquear as memórias de sua vida no Composto e se convencer de que ela nunca teria que voltar para lá. Durante sua pausa para o meio-dia, ela iria para HBL encontrar um dos livros de terror escritos por um *indigene da terra*. Essas histórias a assustavam o suficiente para que ela dormisse com a luz acesa, mas ela também achava reconfortante saber como os Lobos poderiam ser aterrorizantes quando lidavam com um humano inimigo.

Henry caminhou até a Bite, agarrou Merri Lee, e a arrastou para o fundo da loja apesar do protesto furioso de Tess.

Demorou um minuto para que ambas as fêmeas se acalmassem o suficiente para ouvi-lo, mas quando falou, Merri Lee entendeu o que ele estava pedindo, ele se sentiu melhor e pior. Aquele machucado na pele de Meg não era por que ela era uma profetisa de sangue; tratava-se de Meg ser humana. Mas os Outros não tinham cuidado de um ser humano antes, e mesmo para os seres humanos seria um desafio cuidar de alguém como Meg.

Como poderia os *indigenes da terra* saber que os humanos tinham tão poucos instintos para cuidar de si mesmos?

Embora, para ser justo, Meg nunca teve a oportunidade de cuidar de si mesma.

Lábios e peles rachados, que poderiam partir por causa do tempo frio, ar seco, e a desidratação. Cutículas ásperas que poderiam se dividir e sangrar. O Inverno era duro para a pele humana, mas havia creme de rosto e mãos, e loções para o corpo que iriam ajudar. Os Outros disponibilizavam os seus produtos para os funcionários em algumas lojas humanas, mas eram muito caros, então eles compravam produtos similares, como loções e cremes que eram vendidas nas lojas da praça do mercado, onde eram mais acessíveis.

Se fosse dada uma escolha, Henry teria abraçado um porco-espinho em vez de ouvir tal entusiasmo sobre loções e cremes para as mãos. Já que ele não tinha uma escolha, e ele *tinha* perguntado, ele suportou as explicações de Merri Lee, até Tess parar a menina.

— Vou pedir o suficiente desses produtos se as meninas prometerem explicar para Meg sobre como cuidar de sua pele, — disse Tess.

— Certo. Podemos conversar depois da aula *mente quieta* desta noite, — Merri Lee respondeu. — Ruthie e Heather vão estar lá também.

— Há outra coisa, — Henry disse olhando para Tess. — Nossa Meg admitiu que às vezes ela é dominada por imagens, e que sua mente fica em branco, a assustando.

— Sobrecarga de informação, — Merri Lee disse instantaneamente. — Quando há excesso de estímulos, o cérebro precisa de um descanso. Acontece com todo mundo.

<Não acontece a nós,> disse Tess.

<Somos mais inteligentes do que os seres humanos em muitos aspectos,> Henry respondeu. Depois disse a Merri Lee, — Isso é outra coisa a mencionar a Meg. Converse com ela, ela teve uma experiência assustadora.

Depois de Merri Lee concordar em dizer para Meg que a sobrecarga era uma ocorrência comum entre os seres humanos, Henry escapou do café e se dirigiu para a calma de seu estúdio. Enquanto

caminhava até a porta do estúdio, olhou por cima do muro de tijolos que separava o seu quintal da área de entrega na frente do Gabinete do Liaison. Então ele parou. A conversa sobre loções e cremes tinha sido uma distração desconcertante, mas agora pensava em todas as outras coisas que tinha percebido naquele dia.

Não havia caminhões fazendo entregas no momento. Isso não era tão incomum. Não havia Corvos na parede, o que *era* incomum. Havia sempre Corvos ao redor do escritório desde que Meg começou a trabalhar para os Outros. Eles observavam e anunciavam a chegada dos entregadores regulares e avisavam quando chegava estranhos. Ele nem sempre prestava atenção neles, já que tendiam a fofocar tanto quanto as fêmeas humanas, mas agora ele sentia a ausência deles.

Inquieto demais para trabalhar nas esculturas de madeira e nos totens, ele fez uma xícara de chá e, em seguida, ligou para Vladimir Sanguinati, o gerente da Howling Boas Leituras. — Vlad? Não, Meg está muito bem. Mas quando Simon estiver se sentindo um pouco mais calmo, diga a ele que ela estava muito perturbada quando falou de médicos e jalecos brancos. É algo que todos nós devemos manter em mente.

E mais tarde, esta noite, ele iria falar com Simon e Vlad sobre a pele sensível dela, que poderia se dividir o suficiente para revelar uma profecia, mesmo não se cortando.



CAPÍTULO 4

O CONTROLADOR ANDAVA pelos corredores do Composto, acenando para sua equipe enquanto caminhava para um dos quartos de profecia. Usando um terno de três peças, camisa de seda, e gravata sutilmente modelada, ele parecia um CEO de uma das principais empresas do continente.

Em certo sentido, ele era. Seu bisavô tinha começado o negócio da família como uma instituição para preservar um ramo ímpar de seres humanos que poderiam prever o futuro quando eram feridos. As meninas poderiam, de qualquer maneira. Os rapazes carregavam as sementes dessa capacidade, mas não a capacidade em si. Assim, pouco a pouco, a instituição se tornou um refúgio para as meninas, que de outra forma seriam evitadas na melhor hipótese, ou, na pior hipótese, apedrejadas ou queimadas por causa do medo do que elas sabiam e do que diriam.

Seu bisavô tinha sido elogiado como um humanitário por uns e condenado como aproveitador por outros. Mas cuidar das meninas custa dinheiro, então o que havia de errado em usar o conhecimento delas, quando elas poderiam se ferir deliberadamente, a fim de experimentar a euforia? Especialmente quando esse conhecimento prévio não prejudicava ninguém?

Naturalmente, as ações das empresas tinham subido ou caído, dependendo se o seu Bisavô comprava ou vendia as ações de uma empresa em particular. E, no entanto, em geral, as peças pouco se moviam no mundo onde os seres humanos tinham algum controle. Sim, houve invenções, inovações, novas habilidades e tecnologias. Mas não importava como a fantasia de que tudo parecia, ou quão grande era

cidade, os seres humanos ainda estavam presos ao equivalente a portas de paliçada à noite, tremendo de medo do que os observava nos bosques e campos.

Seu bisavô foi um humanitário. Seu avô foi um homem de negócios mais interessado no lucro, e ele descobriu que outras famílias que também tinham esse compromisso com esses dependentes também estavam se afastando de suas raízes humanitárias e adquirindo riqueza, do tipo que poderia ter um impacto sobre o mundo.

Com base no apoio da Lei “*proprietário benevolente*”, eles conseguiram encontrar as regiões onde as profetisas residiam. Pessoas foram contratadas para ensinar as meninas, cuidar das meninas, mesmo para se reproduzirem com as meninas e aumentar a prole. A *benevolência* se transformou em um negócio muito rentável, e os Compostos se transformaram em um segredo aberto entre os ricos, seus clientes discretos; e cortar a pele das meninas tornou-se um procedimento regular, controlado.

Mas você não conseguia afastar as tendências indesejáveis sem perder algumas das habilidades, e infelizmente era uma verdade que a inteligência e a tendência ao desafio, foram relacionadas com a capacidade em produzir as melhores profecias, e nenhum esforço de algum programa de criação de animais era capaz de mudar isso. E às vezes, o sangue fresco era necessário para revitalizar o estoque, e era por isso que as jovens eram ocasionalmente adquiridas de pais que estavam assustados com o vício irritante das meninas para se cortarem. Às vezes, os pais entregavam uma menina de boa vontade, às vezes não. Mas mesmo quando não estavam dispostos a entregarem as meninas, eles raramente relatavam a *sequestro*. Afinal, se o governo local descobrisse o motivo de uma menina ser levada, toda a família poderia ser colocada sob o controle de um *proprietário benevolente*, para seu próprio bem, é claro; porque essa tendência de cortar poderia atingir mais alguém na família.

Ele tinha despesas e encargos, como qualquer outro negócio. Mas ele não tinha nenhum problema em *finalizar* meninas difíceis de manusear, ou que não tinham a pele viável, ou o suficiente sem mácula

para valerem a pena a manutenção. Aquelas garotas estavam destinadas a outra fonte, um tipo diferente de produto.

Sempre devemos vender o que temos de melhor, e usarmos as meninas sucatas para um objetivo, seu avô tinha dito. *Seu futuro é tão importante quanto o de seus clientes.*

Era um bom aconselhamento empresarial. E mesmo os bons conselhos poderiam ser pessoais. E era por isso que duas vezes por mês ele selecionava duas meninas para fornecer profecias de seus interesses pessoais. Há um ano, ele começou a ouvir as letras *HPU* nessas profecias. Somente nos últimos meses que ele conseguiu dar sentido quando começou a pesquisar primeiro entre os humanos, e em seu último movimento, acabou incluindo nessas discussões de fundo, os seus clientes mais influentes.

Para um homem que possuía profetisas, não foi um acaso tornar-se consciente que esse movimento coincidiu com a descoberta de que havia muito mais *nadando* no sangue de uma *Cassandra de Sangue* que apenas as profecias.

O Controlador abriu a porta para uma sala de profecia, e tomou o seu lugar quando a sua equipe amarrou a primeira menina na cadeira.

Abriu o caderno, tirou uma caneta do bolso interno do casaco e disse: — Meu novo empreendimento. Qual é o próximo passo?

Ele repetiu as palavras mais e mais enquanto o cortador selecionava um ponto na coxa esquerda e usava a navalha pessoal da menina para cortar a pele exatamente um quarto de polegada a partir da cicatriz feita por um corte anterior.

Seu rosto se torceu com a terrível dor que precedia as primeiras palavras da profecia. Então a garota começou a falar, a dor alterando para a euforia viciante que parece ser similar à excitação sexual e o orgasmo.

— Um homem olhando em um espelho. Pequenos pedaços de papel no rosto, manchados de vermelho. Gato macio agarrando uma almofada na cadeira. Letras H, P, U. — Ela gemeu e sua pélvis levantou em um convite, apesar das correias que a prendiam na cadeira.

Tão pouco para um corte na coxa, ele pensou com raiva. — Leve-a de volta para a sua cela e prepare a segunda menina. Eu voltarei em poucos minutos.

Ele foi para o seu escritório e ligou o computador. Enquanto esperava, ele fez uma lista de palavras que foram associados com essas imagens. “Corte, raspar, apelido” para a primeira imagem. “Garra” e “zero” para a segunda. Depois de alinhar as palavras, ele usou um programa de pesquisa e brincou com as combinações de palavras. Nada e nada. Então ele digitou “apelido”, “garras” e “HPU”.

E lá estava. Nicholas Zero. Recentemente alcançou o controle do Cel-Romano, a Aliança das Nações. E estava hospedado na cidade de Toland para dar várias palestras sobre o movimento: *Humanos, Primeiros e Últimos*. (HPU)

O Controlador sorriu. Nicholas Zero não seria fácil de alcançar, mas ele iria chegar no homem. Não importava o rosto que eles colocavam em ação publicamente, o movimento: *Humanos, Primeiros e Últimos* era a ponta da lança para a luta em arrancar do mundo o controle dos *indigenes da terra*, e ele era a única pessoa que poderia fornecer-lhes as engenhosas armas que poderiam tornar isso possível.

Para experimentos iniciais, o *Alto Astral* e o *Nocaute de Lobo* foram drogas sujas desenvolvidas para as ruas. Mas ele não venderia as drogas a HPU e seus exércitos. Não, ele iria proporcionar-lhes melhorias farmacêuticas que, por um lado, suavizariam o inimigo e, por outro lado, criariam um exército *Berserk* que não hesitaria em enfrentar os *indigenes da terra* para a glória da raça humana.

Sim, entrar em contato com Nicholas era um risco necessário para o próximo passo de seu novo negócio.

Satisfeito, o Controlador voltou para o quarto para a segunda profecia. Embora, tecnicamente ainda fosse uma questão de negócios, parecia pessoal, porque a cadela da cs759, que se chamava Meg Corbyn, ainda estava livre. E mesmo que cada corte as levasse a um passo mais próximo da morte, profetisas de sangue soltas na natureza poderiam ser inimigas poderosas. Ainda mais fazendo profecias para os Outros, o que

a tornava ainda mais perigosa. Especialmente agora. Então ele precisava readquiri-la, ou matá-la, antes que ela dissesse uma profecia que expusesse a ele, seu novo negócio e sua associação com o movimento da HPU.

— Conte-me sobre o Lobo no Lakeside, — ele disse. — O que acontece com o líder do Lakeside Courtyard?

O sangue fluiu, e a profecia fluiu com ela. Mas desta vez, em vez de falar, a menina lutou para libertar-se das correias e cadeira.

— O que acontece com o Lobo? — Disse o Controlador em uma voz de comando. — Conte-me sobre o lobo!

A menina olhou para ele e não parou de gritar.

— Não foi o suficiente. Vamos cortar mais.

— Por que estamos coletando o sangue do nariz dela? Tem melecanele.

Sorriso afiado e duro. — Quem se importa? Os que irão comprar esse sangue e engolir nem vão saber disso. Ele quer tudo, mesmo isso; além disso, ela é a produtora mais potente que temos. Acho que por ser meio louca torna o produto ainda melhor.

Ela estava os ouvindo falarem dela, mas as palavras não importavam mais, ele bombeava dentro dela e estava prestes a ejacular. Às vezes, eles a esbofeteavam e zombavam dela, e a empurravam com a raiva. Outras vezes, eles usavam os punhos para extrair o sangue dos ferimentos, bem como os cortes. Eles estavam cortando-a muito perto de cicatrizes estabelecidas, ou das cicatrizes antigas e transversais. De qualquer forma, quando gritava não tinha nenhum significado para alguém.

Exceto para ela.

Ela não os combateu quando eles selaram os cortes e trataram do seu nariz sangrando. Ela agora estava passiva, drenada de força e profecia.

— Até logo, cs747, — um dos *Aqueles Com Nome* disse, dando-lhe um olhar malicioso. — Você ainda vale algum dinheiro, por isso não vá morrer ainda.

Eu não sou a única que vai morrer, ela pensou quando ouviu a porta de sua cela fechar, e a chave girando na fechadura. *Eu vi... Tantas coisas. Um jaleco branco, que é mais do que um Aquele Com Nome, um homem com o cabelo cor de sal e pimenta. Um homem de pele escura andando em um carro de polícia. E o Lobo. Eu vi o Lobo da Meg.*

Tantas coisas iam acontecer por causa de Meg e seu Lobo.

— Eu não sou cs747, — ela sussurrou desafiadoramente quando se moveu em sua cama, a fim de se inclinar para trás contra a parede. — Meu nome é Jean.



CAPÍTULO 5

NA MANHÃ DE FIRESDAY, Vlad olhou para a pilha de faturas sobre a mesa, viu Heather e Merri Lee paradas na porta do escritório, e silenciosamente amaldiçoou Simon por tirar a manhã de folga por estar de mau humor ou algo com o filhote, ou qualquer maldita coisa que o Lobo estivesse fazendo, e isso o deixou preso com a papelada da livraria e qualquer problema que essas mulheres estivessem prestes a despejar sobre ele. Porque estava claro pelo olhar nos olhos de Merri Lee e a forma como ela agarrava o pulso de Heather e puxava a outra menina para dentro do escritório até a mesa, que pelo menos uma delas tinha algo em sua mente.

Elas eram boas funcionárias. Portanto, não eram comestíveis.

E se fossem consideradas comestíveis, suspeitava que até mesmo um vampiro com fome fosse achar o sangue delas um pouco azedo demais esta manhã.

— O quê? — Disse, tentando soar cauteloso. Há dois meses, não haveria necessidade de ser cauteloso. Elas eram humanas. Se elas se tornassem problemáticas, seriam substituídas. Entretanto, Merri Lee, Heather, e alguns outros tinham amizade com Meg Corbyn e se transformaram no *bloco* humano do Pátio, e a Associação de Empresas ainda estava tentando descobrir exatamente como isso tinha acontecido e o que significava, e como explicar isso para os Outros *indigenes da terra* que moravam no Courtyard, para não mencionar os demais *indigenes da terra*.

O Lakeside Courtyard estava começando a receber visitantes que tinham o único propósito de ver esse estranho *bloco* humano, não

comestível. Ele não queria estar no escritório no dia em que uma dessas meninas recebesse a visita de um *indigene da terra*, com o pensamento de que eram uma espécie de atração turística, não tão impressionante como Talulah Falls, mas mais misteriosa.

— O quê? — Disse novamente quando elas continuaram a olhar para ele.

— Nathan precisa deixar o gabinete do Liaison durante o intervalo do meio-dia de Meg, — disse Merri Lee.

— Ele normalmente não sai durante o intervalo, — Vlad respondeu.

— Não se Meg precisar. E vamos almoçar com Meg. No escritório.

— Então por que ele precisa sair?

— É uma intervenção, — disse Merri Lee, ao mesmo tempo em que Heather murmurou, — É apenas conversa de garotas.

— Sobre...? — Ele perguntou quando elas não disseram mais nada.

— Sexo, — disse Merri Lee.

— Talvez sexo, — disse Heather, dando um passo para longe da mesa e dando-lhe o que Simon chamava de olhar de coelho. — Eu ouvi o Sr. Wolfgard dizer que não era sobre sexo.

— Mas Meg pensa que é, — Merri Lee argumentou. — Ou pode ser. Seja o que for, Meg e Simon estão agindo de forma estranha perto um do outro, e eles precisam resolver o problema antes que outras pessoas fiquem muito chateadas.

Não era um coelho, Vlad pensou quando estudou o fogo nos olhos de Merri Lee. *Ela tem um pouco da atitude de Lobo. Talvez até mesmo um toque de Urso.* — Se eles precisam resolver o problema, por que Meg falaria com você? E quem são essas pessoas? — E por que ele não tinha ouvido falar sobre isso até agora?

— Para descobrir o que ela deveria dizer! — Merri Lee parecia exasperada por sua incapacidade de compreender um conceito simples. — Essas outras pessoas, como alguém chamado Air, entrou na Bite esta manhã com um dos pôneis e disse a Tess que a Spring pensou que Meg

parecia infeliz, e todas as meninas no lago querem saber o porquê. Eu tenho a impressão de que Tess estava preocupada com elas ficando interessadas nesse assunto, com Air trazendo um pônei na Bite, então é hora das meninas conversarem, — ela sacudiu um dedo entre ela e Heather — para ajudar Meg a entender isso.

— Qual pônei? — Perguntou Vlad.

— Eu não sei. Um marrom.

Poderia ter sido Terremoto, Tornado ou Tufão. Winter tinha visitado o escritório da livraria uma vez, então Vlad entendia porque Tess estava *preocupada* sobre uma das meninas fazendo uma visita à loja de café por razões que não envolviam café.

Ele queria falar com Nyx, queria a simplicidade de lidar com uma mulher que era um predador letal e alguém de sua própria espécie, porque estas duas *pelúcias* não comestíveis o estavam deixando nervoso, especialmente aquela que parecia prestes a explodir.

Todos os que moravam no Complexo Verde sabiam que Meg não tinha passado uma parte da noite passada com o seu vizinho Lobo, o que era incomum, além de dirigir e trabalhar sozinha hoje. Também incomum. Mesmo Jester Coyotegard disse que não queria meter o nariz nesse porco-espinho emocional, e que o resto dos moradores decidissem seguir o seu exemplo, e Vlad ficaria feliz se continuassem a fazer exatamente isso.

Por outro lado, tinha chegado ao conhecimento do avô Erebus que a Liaison não estava exatamente falando com o Wolfgard, e seu avô ficou infeliz, porque Meg estava infeliz, e morar no Pátio poderia tornar-se desconfortável. Se os Elementais também estavam prestando atenção agora, uma situação desconfortável poderia se transformar em um perigo para todos eles.

Então talvez as *pelúcias* tivessem uma ideia que pudesse ajudar a corrigir isso... O que quer que isso fosse.

— Desde que ele mantenha a guarda de Meg fora do edifício, eu posso deixar Nathan fora do escritório, sem estar na mesma sala, — disse

Vlad. — Por que ele não pode ficar na sala da frente e vocês na parte de trás?

— Porque os Lobos têm uma excelente audição, — disse Merri Lee.

Então faça isso Sanguinati, ele pensou e enviou uma chamada. <*Nyx? Preciso vê-la na livraria.*> A outra forma de um Sanguinati era fumaça, e fumaça podia escorregar em um quarto pela fresta, debaixo de uma porta, ou através de um buraco da fechadura. Fumaça podia esconder nas sombras de um quarto. A fumaça pode ouvir sem ninguém perceber que alguém estava lá.

— Tudo bem, — ele disse. — Nathan vai ficar de fora. — Ele iria partilhar essa ordem com Blair Wolfgard, que era o executor principal do Courtyard. E se Blair não ajudasse, ele ligaria para Henry.

Ele só esperava que nenhum deles perguntasse o que envolvia uma conversa de intervenção de meninas.

— Vão embora, — disse ele. — Tenho trabalho a fazer.

Elas saíram de uma forma que o deixou pensando que tinha concordado com muito mais do que pretendia.

Heather trouxe pizza para o almoço. Merri Lee trouxe chocolate e um livro chamado *O Guia de encontros para idiotas*.

— Obrigada. — Meg olhou para o livro por um momento antes de colocá-lo de lado para não sujá-lo com molho de pizza. — Você conseguiu isso no HBL?

Merri Lee bufou em uma risada. — Deuses, não. Ontem fui a uma livraria perto da Universidade de Lakeside para conseguir isso para você. Não que eu ache que você seja uma idiota; esse é apenas o nome de uma série de livros sobre vários assuntos. Mas eu percebi que é um assunto totalmente novo para você, por isso essas informações básicas podem ser úteis.

— Mesmo que nós tivéssemos pego o livro na HBL, o que não ocorreu, nós não queríamos que o Sr. Wolfgard soubesse, — disse Heather.

Os braços de Meg começaram a formigar. Ela sentiu como se estivesse ouvindo uma conversa enquanto outra estava acontecendo por baixo, mas não podia ouvir e nem sentir nenhum perigo.

— Tess disse que os pedidos de cremes e loções devem chegar amanhã, — Merri Lee disse enquanto Heather pegava uma fatia de pizza. — E o primeiro pedido é gratuito para todos nós experimentarmos.

— Gratuito? — Disse Heather. — Quando eu comprei um creme para o rosto para um presente no ano passado, me custou metade do pagamento de uma semana! Estamos recebendo *gratuitamente*?

— Período de experiência, — disse Merri Lee. — Como um ensaio.

A pele de Meg zumbia em expectativa — *período de experiência*. Então a sensação desapareceu.

— Por que é tão caro? — Ela perguntou.

— Oferta e demanda, — Merri Lee respondeu. — Os *indigenes da terra* fazem esta linha de produtos principalmente para si mesmos, mas vendem um pouco para as lojas humanas. Como a oferta é limitada, acaba ficando caro. Há uma abundância do mesmo tipo de produtos a venda, mas a maioria não tem o mesmo aroma, e a maioria dos humanos não se importam com que os Outros fazem.

Meg de repente se lembrou de um vídeo de treinamento onde uma pessoa queria entrar em um assunto, mas em seguida, falava e falava sobre algo completamente diferente. Enquanto Merri Lee falava sobre cremes e loções para o corpo, Meg percebeu que não foi por isso que ela e Heather estavam aqui almoçando.

— Você está enrolando, — disse Meg, lembrando do vídeo e identificando esse comportamento.

— Acho que sim, — Merri Lee admitiu. Ela esperou até que Heather separasse mais um segundo pedaço para cada uma. — Então o que aconteceu entre você e Simon?

— Eu não sei o que aconteceu, — Meg respondeu. — Eu nem sei se alguma coisa *aconteceu*.

Merri Lee sorriu. — Então vamos tentar descobrir isso.

Elas conversaram por mais de uma hora, enquanto devoravam as pizzas, antes de mudar para o chocolate.

— Os *indigenes da terra* mudam de forma sem pensar nisso, — disse Merri Lee. — Pelo menos essa é a impressão que eu tenho; mudar de forma para eles não é mais importante do que quando mudamos a nossa roupa de trabalho para mais casuais e confortáveis. Talvez por isso, Simon sequer registrou que tinha mudado, exceto que sentiu frio. Você disse que ele tem dormido com você desde que você voltou do hospital.

— Sim, mas como um Lobo em forma de Lobo, — disse Meg. — Um Lobo peludo é quente e fofinho. Um Lobo em forma de pessoas é... Um homem. — As lembranças do que aconteceu depois de um corte eram vagas, mas seu *corpo* tinha reagido como se houvesse uma razão para ter medo.

— E os homens gostam de sexo, — disse Merri Lee, dando a Meg um olhar de medição. — Se você quer ter sexo ou não, tem que ser escolha sua, o mesmo acontece para nós meninas.

Escolha. Sim. Ela sentiu algo dentro dela relaxar.

— É meio romântico, — disse Heather. — Simon ficando com Meg e tomando conta dela. É como uma das histórias em que um Lobo ou um vampiro se apaixona por uma garota humana.

— Essas histórias são ficção e uma ilusão, — disse Merri Lee.

— Uma abundância de *indigenes da terra* já tentou ter relações sexuais com seres humanos, — Heather insistiu. — Ou pelo menos algumas carícias. Se eles não estivessem interessados em ter uma relação física com a gente, por que a coluna *Senhor Sabe Tudo* no boletim de Courtyard sempre dá conselhos sobre o namoro e a interação pessoal entre os Outros e os seres humanos?

— Só porque um cara humano quer sexo não significa que ele quer um relacionamento completo, ou que vá se comprometer com cada

menina que diz sim, — Merri Lee rebateu. — E quem sabe o que os Outros realmente pensam sobre isso? A sensação é boa para eles quando estão em forma humana da mesma forma que é para gente? Ou eles apenas encaram como uma experiência, equivalente a um de nós lambendo o nosso animal de estimação para ver como é?

— Isso é nojento! — Disse Heather.

— E, possivelmente, nem de longe a verdade, — disse Merri Lee, dando a Meg outro olhar de medição. — Eu acho que a nossa conversa de menina não ajuda muito.

— Não muito, — Meg admitiu. — Mas Simon deitar na cama comigo como humano mudou as coisas. Eu não sei por que isso é verdade, mas é. Eu só não sei o que fazer sobre isso.

Simon estava sentado num banco no estúdio de Henry observando o Urso tocar os totens e outras peças de escultura que estavam em vários estágios de conclusão. Sim, o Beargard tocava a madeira, mas ele não pegava qualquer ferramenta, e isso era um sinal de que Henry estava muito perturbado para trabalhar.

— O que Nyx conseguiu descobrir do que ela ouviu, é que Meg está preocupada com a possibilidade de eu querer sexo, porque um macho humano teria esperado por isso, — disse Simon.

— E você? — Henry perguntou quando desligou a chaleira elétrica, colocou dois saches de chá em duas canecas, e derramou a água fervente sobre eles. — Você queria sexo naquela manhã?

— Não! O quarto estava frio. Eu só queria ficar debaixo das cobertas. Eu pensei que se ficasse na forma humana com pelos, seria perturbador para Meg. Eu estava *tentando* ser atencioso apesar de ser chutado para fora da cama, o que não foi culpa minha! — Tecnicamente, ele tinha caído da cama enquanto estava evitando o segundo chute, mas ninguém tinha que saber isso. — E por que Meg achava que eu estava querendo sexo? Ela nem tinha o cheiro que as fêmeas humanas liberam

quando querem sexo. — Na verdade, o cheiro dela era de nervoso, medo até. Mas ele pensava que era por causa do sonho. Não lhe ocorrera que poderia ser uma reação a *ele*. Ele suspirou. — Estou confuso.

— No que diz respeito à Meg, você sempre esteve confuso, desde que a conheceu. — Henry entregou uma caneca para Simon e sentou-se ao lado dele. — E agora, meu amigo, você é um Lobo em um prado bonito e descobriu que está cheio de cobras e armadilhas de aço.

Ele não achava que era uma descrição lisonjeira de Meg, mas ele engoliu o impulso para defendê-la.

— Ela não é *indigene da terra*, Simon, — Henry disse gentilmente. — Ela não é uma de nós. Ela é humana.

— Ela não é um de nós, mas ela não é um *deles* também, — ele retrucou. — Ela é Meg.

Henry assentiu. — Algo novo para nós e não compreendido. Ela veio aqui sozinha e assustada, com pouca experiência do mundo. Você deu-lhe um emprego, deu-lhe um lugar para viver. Tornou-se o seu amigo.

— Nada de errado em ser um amigo.

— Nada de errado em ter um amigo. Você só esqueceu que ela não é um Lobo.

Simon tomou um gole de chá e não fez comentários. Ele não tinha esquecido, exatamente, mas com o passar dos dias parecia cada vez menos importante. Meg ficou até estranha sobre ele ficar na cama com ela quando ele estava usando sua pele humana.

— Você está isolado de sua própria espécie, — disse Henry.

— Não estar no Complexo Wolfgard é a minha escolha.

— É uma boa escolha para o Pátio ter o líder morando no Complexo com múltiplas espécies, mas isso não significa que é uma boa escolha para você. Os Lobos não ficam felizes sendo solitários por muito tempo.

— Eu corro com alguns Lobos da matilha várias vezes por semana, e moro com o Sam. — Até que ele ficou desconfortável com Meg e Sam juntos por conta própria. Um simples acidente poderia fazer muito

mal a uma mulher e ao filhote, mas isso não era algo que ele poderia explicar a eles ou qualquer outra pessoa. Ainda não.

— Agora você tem o Sam, — disse Henry, balançando a cabeça. — Você usou a curiosidade dele sobre Meg para finalizar o medo que o manteve congelado na forma de Lobo, e incapaz de se comunicar com qualquer um de nós. Você usou a Meg.

Simon se encolheu dessa verdade. Meg foi usada para o benefício de outra pessoa toda a sua vida. Ele nunca quis ser como os seres humanos e, por vezes temia que precisasse ser. — Ele a ajudou também.

— Sim, ajudou. Mas se você tivesse feito todas essas coisas com uma Loba, da mesma forma que tem feito com a Meg, seria considerado um namoro. Você estaria se apresentando como um parceiro em potencial.

— Eu não... Ela não... — Ele não pensava nela dessa forma, mas ela pensava nele assim?

— Ela não é um de nós para ter considerado o jogo e o aliciamento, e que dormindo juntos poderia ser pensado dessa forma, especialmente porque ela interage com outros Lobos. Mas agora que Sam está morando no Complexo Wolfgard, ela só dorme com você, e você teve o cuidado de ficar em sua forma de Lobo. Até ontem.

— Eu só queria falar com ela para saber mais sobre o sonho, — Simon protestou. — Ela não pode se comunicar da forma como fazemos. De que outra forma eu poderia falar com ela? — Quando Henry apenas olhou para ele, ele rosnou. — É culpa daquelas histórias humanas sobre Lobos e humanos se acasalando.

— Nós temos esses tipos de histórias também, — Henry respondeu. — Mas eles são contos de advertência porque raramente acabam bem para os amantes. E sobre os filhos?

— Eu não estava planejando acasalar e ter filhotes enquanto eu fosse o líder do Pátio. — Ele era jovem quando recebeu a atribuição de liderar um Pátio, mas mesmo sendo jovem, não era tolo. Um líder tinha que ficar sempre alerta e consciente do inimigo que morava perto de seu povo, e tinha que fazer cumprir as regras e acordos. Tinha que decidir se

os humanos precisariam ser exterminados. E um líder corria o risco de absorver muita *humanidade*, tornando-se muito parecido com o inimigo.

Por direito, ele deveria passar este verão em um assentamento de *indigenes da terra* em outra parte de Thaisia onde poderia correr e vaguar, e ser um Lobo durante dias a fio sem responsabilidades. Mas isso não ia acontecer. Não quando a doença que tinha tocado os seres humanos e outros similares tinha aparecido em uma cidade muito perto de Lakeside.

— O que devo fazer? — Perguntou.

Henry bebeu chá e não disse nada por um minuto. — Você não pode ter de volta a amizade que já deu sem causar alguma contusão no coração de Meg. Mas você pode optar por não ir além da amizade, como está agora. E você *deve* optar por não ir além do que já fez. Meg está livre de seus captores por apenas dois meses. Ela ainda está aprendendo a descobrir quem ela é. Nesse sentido, ela é uma criança tão jovem quanto Sam, apesar de ter o corpo de uma fêmea adulta. — Ele suspirou. — Tenha cuidado, Simon. Temos contato com os seres humanos de uma forma que nenhum outro Courtyard tem; então o que você fizer com a Meg vai se propagar através das vidas dos seres humanos e dos Outros.

— Pode uma amizade carregar tanto peso e sobreviver?

— Eu não sei. — Henry pegou a caneca da mão de Simon. — Mas é hora de você descobrir.

Pontualmente às quatro horas, Nathan deu a Meg um olhar acusador e se esgueirou pela porta da frente do escritório, abandonando as suas funções como guarda Lobo. No intervalo do meio-dia, Henry tinha vindo e o transportado para fora pela nuca para fazer o Lobo sair. Agora... Bem, ele não estava com o rabo entre as pernas, mas faltava muito pouco.

E isso, Meg pensou, *significava que Simon estava vindo*. Enquanto esperava, ela arrumou a sala de triagem e organizou os lápis para preparar o trabalho de amanhã.

A conversa com Merri Lee e Heather a deixou bem, mas não tinha fornecido respostas. A pessoa que tinha as respostas era o Lobo que entrava agora, e estava parado do outro lado da mesa de classificação. Mas depois de passar uma tarde pensando sobre homens e sexo, e no Courtyard, e se lembrando de algumas coisas ruins que aconteceram no Composto, ela tinha uma resposta. Ela só não tinha certeza de como ele iria responder a ela.

— Eu gosto de você, — ela disse calmamente. — Eu gosto muito de você. E eu quero ser sua amiga.

Ele inclinou a cabeça e a estudou. Ela esperava que ele não mudasse seus ouvidos. Era sempre desconcertante quando Jester Coyotegard fazia isso, porque era difícil lembrar o que queria dizer quando estava observando as orelhas peludas em uma cabeça humana.

— Mas você não quer ter relações sexuais, — disse Simon.

Ela não podia encontrar uma imagem de sua formação que combinava com o olhar no seu rosto. Desapontamento? Pedido de desculpas? Alívio?

Ela abanou a cabeça. — Não, eu não quero ter relações sexuais. Eu ainda estou aprendendo como ser uma pessoa. Eu não estou pronta para... Eu não estou pronta.

— Isso é bom, — ele disse calmamente.

Ele se entregou muito rápido, Meg pensou. *Será que foi tão insignificante para ele? Eu sou a única lutando com isso?* — Você já teve relações sexuais com seres humanos, não é?

Simon deu de ombros, um gesto de desprezo que mordeu seu coração, porque a fez pensar que a opinião de Merri Lee de como os Outros viam o sexo com os seres humanos estava mais perto da verdade do que a de Heather. Mas ela não queria isso de qualquer maneira, então o que Simon pensava não deveria importar.

— As fêmeas *indigenes da terra* entram no cio apenas uma ou duas vezes por ano, — ele disse. — Ter relações sexuais fora desse período é bem agradável. Mas os seres humanos que querem essa relação com o Pátio não moram entre nós. Envolve algumas horas e um pouco de

diversão em satisfazer a curiosidade de ambos os lados. Nada mais. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Ter você como uma amiga é mais agradável.

Ela não tinha certeza se acreditava nele, mas sentia que não era o momento de perguntar. Não agora.

— Bem então. Eu acho que clareia as coisas, — disse Meg, querendo que ele saísse. — Se você me der licença, Simon, tenho algumas entregas para fazer, então vou fechar o escritório agora.

— Certo. Você precisa de alguma ajuda para carregar o carro? — O carro elétrico era um pequeno veículo motorizado que era usado dentro do Pátio.

— Não, obrigado. Os pacotes não são pesados.

Ele acenou uma vez, e depois saiu pela porta dos fundos.

Meg ficou na sala de triagem até que teve certeza que ele tinha ido embora, e se perguntou quando começou a chorar.

Simon se inclinou contra a parede traseira do Gabinete do Liaison.

Feito. Bastante simples. Meg tinha feito a maior parte do trabalho em estabelecer os limites em torno de uma amizade que não estavam estabelecidos antes. Ele deveria sentir-se grato, mas o que ele realmente queria fazer era levantar a cabeça e uivar uma *Canção Solitária*.

Ele não podia fazer isso. Não aqui. Hoje não.

Apenas um mal-entendido. Nada que pudesse agitar o Pátio ou os seus residentes mais perigosos. A partir de agora ele iria manter os limites estabelecidos entre os machos e fêmeas humanas de forma amigável, e ser um amigo.

Mas ele sentiria falta de ficar enrolado com ela na cama à noite. Ele sentiria falta dessa proximidade. Será que ela ainda iria brincar com ele, ou essa amizade seria confinada à forma humana de agora em diante? Se ele fosse confinado à forma humana, ela o deixaria lamber o

sal e a manteiga de seus dedos da pipoca que ela comia em noites de cinema?

Provavelmente não, o que o deixou triste, porque ele realmente gostava do jeito e do sabor dela.



CAPÍTULO 6

NA MANHÃ DE MOONSDAY, Meg fechou a porta do apartamento, então murmurou — dia do lixo, — e voltou para dentro para pegar o saco que tinha deixado na cozinha.

No composto onde viveu a maior parte de sua vida, o lixo era recolhido por pessoas que trabalhavam para o Controlador, e o conhecimento de como os resíduos eram tratados vinham através de fotografias ou desenhos dos equipamentos e das atividades, ou de um vídeo de treinamento. Mesmo agora, ela só tinha uma vaga ideia de como os seres humanos tratavam os detritos do dia-a-dia. Ela sabia que eles reciclavam algumas coisas por necessidade, mas ela achava que eles não eram tão cuidadosos sobre o resto.

Os Outros desperdiçavam quase nada, de modo que morar no Pátio significava que a triagem de lixo não era um exercício apenas de colocar tudo no saco. Frutas e resíduos vegetais ficavam em um recipiente. Pedacos de carne em outro. As garrafas de vidro eram separadas, enquanto as latas e qualquer coisa de metal iam para outro recipiente. Os catálogos tinham de ser devolvidos, a fim de receberem novas cópias para o Gabinete do Liaison, enquanto que outros tipos de papel entravam em uma forma *diferente* de reciclagem.

Se não houvesse algo estragado, pedaços de frutas seriam deixados em alimentadores espalhados por todo o Courtyard como fonte de alimento para as aves. Se estivessem meio estragados, iriam para a compostagem. Pasta de vegetais comestíveis era espalhada no chão, para a alimentação de esquilos e coelhos, ou qualquer outra coisa que gostasse

desse tipo de comida. Pedacos de carne eram distribuídos na área do Hawkgard para alimentar os ratos, que, por sua vez, alimentavam os Falcões com carne saudável, já que os ratos não passeavam nos bairros humanos onde a comida poderia ser misturada com veneno.

Quando terminavam a triagem e a reciclagem do lixo semanal, a parte não aproveitável do Complexo era levada para o Complexo Utilities para a eliminação final.

Quando ela se mudou para o Complexo Verde, ela dividia seu lixo em adubo, lixo e reciclagem. E nessas últimas semanas Simon tinha lhe mostrado as caixas de coleta no andar de baixo, mostrando *todos* os recipientes de coleta que ela poderia utilizar. Na época, ela tinha visto essa expectativa como mais um sinal de aceitação. Agora...

Como você conserta uma amizade? Ela se perguntou quando trancou seu apartamento e desceu as escadas que alguém varreu, para que ela não escorregasse na neve.

Ela depositou o saco de lixo na grande caixa que tinha sido colocada ao lado da estrada, e em seguida, foi para as garagens atrás do Complexo para pegar seu carro para trabalhar.

Passar o tempo com Simon tinha sido tão fácil. Agora era só vê-lo para se sentir estranha. E ontem, Earthday, tinha sido totalmente desconfortável porque ela não foi convidada para alguma traquinagem à tarde com ele e Sam. E quando Simon a convidou para assistir a um filme com eles à noite, ele tinha ficado em sua forma humana, e se sentou na outra extremidade do sofá, em vez de enrolar-se ao lado dela como um Lobo, algo que tinha feito a cada noite de cinema desde o primeiro convite.

Era Simon como líder do Pátio e proprietário da uma empresa sendo amigável com um empregado em vez de Simon sendo amigo.

E isso doía. Surpreendeu-a como os sentimentos poderiam ser traduzidos em mágoa física.

— Você começou isso, — ela murmurou enquanto dirigia para o escritório. — Foi você quem problematizou isso sobre... Alguma coisa.

Mas Simon não tentou duramente convencê-la de que ficar nu em sua cama como um humano tinha sido totalmente inocente. E parecia de

fato, que estava aliviado por ter uma desculpa para se afastar de ser amigo dela.

— Pense em outra coisa. — Ela estacionou o carro na garagem atrás do escritório, verificando a barra de energia do veículo antes de desligá-lo, e constatou que não precisava carregá-lo, de modo que seria uma tarefa a menos para fazer antes que pudesse entrar e abrir o escritório a tempo para as entregas matinais.

Não havia muitas entregas desde a tempestade no início do mês. Muitas lojas estavam *dizendo* que estavam sem estoque para atender as demandas do Pátio, entretanto, esses mesmos itens estavam à venda no *Lakeside Notícias*, e isso não estava ajudando a aliviar a tensão entre os seres humanos e Outros. Se os produtos das empresas humanas reivindicados estavam em falta, e estavam evitando vender aos *indigenes da terra*, quanto tempo levaria para os *indigenes da terra* cortar os recursos que faziam esses itens, transformando a escassez em uma realidade?

Se isso acontecesse, todos estariam pegando no lixo qualquer coisa ainda utilizável.

A sensação de alfinetadas e agulhas encheu seus braços tão de repente que ela deixou cair o saco de transporte e a bolsa, a fim de esfregar sua pele através de todas as camadas de roupas. Esse formigamento sob a pele costumava acontecer um pouco antes de se cortar para uma profecia. Agora que ela estava morando no Pátio, acontecia muito. Às vezes era um formigamento que ia embora depois de um minuto. Às vezes, agia como um detector, atenuando ou desaparecendo completamente quando ela entrava em uma sala diferente ou se afastava de uma pessoa em particular.

E às vezes a sensação de alfinetes e agulhas se tornava um zumbido doloroso que lhe dizia que *algo* estava para acontecer. E a única maneira de descobrir era cortar sua pele para ver as visões e falar a profecia.

Ela ficou parada esperando para ver se a sensação iria desaparecer ou intensificar.

Então ela ouviu os Corvos grasnando nas proximidades. Jenni e suas irmãs, dirigindo-se para...

Ela gritou quando o formigamento se tornou um zumbido doloroso.

— Meg?

Ela olhou para cima e viu Vlad inclinado para fora da janela aberta do escritório de negócios no andar de cima do HBL. Com o canto do olho, ela viu Nathan correndo, virando a esquina do Gabinete do Liaison.

— *Meg?* — Fumaça fluíu para fora da janela do HBL e para baixo do lado do edifício. Vlad em sua outra forma.

Meg fechou os olhos, fazendo o seu melhor para ignorar Vlad, que agora estava fluindo na direção dela, e o Lobo que estava encurralando-a.

Em segundos, eles mudariam suas formas para a humana procurando saber o que estava errado. Antes que ela pudesse dizer-lhes, *ela* tinha que descobrir o que estava errado.

Ela estava pensando sobre o lixo, então ela começou a recordar cada imagem de treinamento que estava relacionado com lixo ou coleta de lixo ou os recipientes de reciclagem. Algo sobre latas de lixo, latas de metal enterradas na neve, brilhantes no sol? Não. Pequenos carros com rodas escuras como as do Pátio? Não, mas... Caminhão de lixo. O som de latas, o som dos freios ou da hidráulica, ou o que quer que faça aquele som distintivo que você pode ouvir a uma quadra de distância. Penas e sangue na neve e...

— *Jenni!* — Meg gritou. Quando Vlad, agora em forma humana, agarrou seus braços, ela segurou em sua camiseta preta. — Esse era o som. No sonho. Os caminhões de lixo. *Esse era o som.* Os corvos têm que ficar longe das latas de lixo, os caminhões, tudo isso. Se eles chegarem perto, eles vão morrer Vlad. *Eles vão morrer!*

Ela se sacudiu quando Nathan de repente uivou. Momentos depois, ele foi respondido pelo Complexo Utilities, pelo Complexo

Wolfgard, e mais além, de onde os Lobos estavam cuidando dos negócios no Pátio.

— Eu vou lidar com isso, — disse Vlad. — Você pode entrar no escritório?

— Sim, eu-

— Nenhum corte, Meg. Prometa que não vai usar a navalha. *Prometa.*

— Eu prometo. Por agora.

Não foi suficiente bom. Ela viu nos olhos escuros dele, mesmo antes que ele apontasse para Nathan e dizer: — Não a deixe fora vista. — Então Vlad correu para porta dos fundos da Bite. Momentos depois, ela viu um Falcão voando para longe do Pátio e percebeu que Vlad devia ter enviado Julia Hawkgard para encontrar Jenni.

Nathan bateu com o focinho contra o seu quadril. Quando ela não se moveu, ele fechou os dentes na manga do seu casaco e começou a puxá-la em direção ao escritório.

— Tudo bem, tudo bem, deixe-me pegar minha bolsa, — ela disse. — Não podemos entrar sem chaves.

Ele a soltou, mas não saiu do seu lado até ela abrir a porta de trás e ambos entrarem. Mesmo assim, ele ficou perto o suficiente para bater em um braço ou na perna dela se ela fizesse alguma coisa que ele considerava suspeito.

O formigamento permaneceu um tormento enquanto abria a porta da frente do escritório e arrumava sua prancheta para as entregas do dia.

Ela tinha dado o aviso. A picada deveria estar desaparecendo. O fato de que não estava desaparecendo a fez se perguntar se o sonho tinha sido uma profecia real. Afinal, a pele que se dividiu ao longo da curva de seu nariz não tinha sangrado, e as profecias aconteciam depois de um sangramento.

E ela se perguntou se, fazendo essa promessa para Vlad de que não iria se cortar, o próximo aviso viria tarde demais.

Depois de brincar com Sam e alguns outros filhotes na escola do Pátio, Simon se dirigiu para a HBL. Quando ouviu o uivo, ele parou o carro elétrico e abriu a janela para ouvir quando outros Lobos assumiram a canção. Aquele primeiro uivo de alerta veio da direção do distrito de negócios. Não era provável ser John, de modo que sobrava o Lobo em guarda no escritório do Liaison.

<Nathan?> Chamou.

<Meg deu aviso! Meg deu aviso!> Nathan uivou. <Corvos em perigo!>

Simon abriu a porta e saiu. Mais inteligente seria permanecer no veículo caso ele precisasse se mover rapidamente, mas ele não poderia estar em um lugar fechado até entender o que estavam enfrentando, especialmente considerando que os Lobos em todo o Courtyard continuavam respondendo ao uivo de Nathan.

<Um ataque?> Ele perguntou.

Antes que Nathan pudesse responder, Vlad cortou. <Meg disse que o Crowgard está em perigo e tem que voltar ao Courtyard agora. Mas é um dia de seleção, e os malditos Corvos não estão ouvindo! Mandeí Julia atrás de Jenni e suas irmãs.>

<Como eles estão em perigo?>

<Algo sobre caminhões de lixo.>

Um arrepio passou por Simon. Os Corvos que foram mortos em Walnut Grove foram pegos em torno do lixo quando os cães atacaram.

<Jenni!> Gritou. <Volte para o Pátio agora!>

<É dia de seleção,> ela respondeu em um tom ganancioso, que dizia que iria ignorá-lo por tanto tempo quanto possível. <Os seres humanos nessa rua jogam fora um monte de coisas boas. E Starr viu algumas coisas brilhantes em uma das latas no meio-fio.>

Não, ele pensou. Não. Todas as semanas os Corvos verificavam as ruas do bairro em torno do Pátio para ver o que os seres humanos tinham deixado no meio-fio, que pudesse aplacar sua fantasia. Qualquer um que

planejasse um ataque saberia onde encontrá-los e o que colocar para fora como *isca*.

Assim como alguém em Walnut Grove sabia o que colocar para fora a fim de atrair os pássaros.

<Jenni...>

<E Cristal encontrou um quadro com uma imagem, e ela pode transportá-lo com Jake, que disse que há uma caixa que pode ter peças do nosso edifício ->

<Jenni!> Simon gritou. <Meg diz que você está em perigo! Todo o Crowgard está em perigo! Você prometeu que iria ouvi-la, Jenni. Você prometeu!> Ela concordou em dar toda atenção, o que não era a mesma coisa. Agora ele estava esperando que ela não se lembrasse disso.

<Nossa Meg disse? Mas... Brilhinhos, Simon.>

<É uma isca.> E ele iria descobrir quem tinha colocado iscas em latas de lixo. <Você entende, Jenni? É uma armadilha!> Ele amaldiçoou em silêncio e cruelmente. Se Jenni não voltasse, ele não iria falar com todo o Crowgard. Então ele parou de tentar argumentar com eles.

<Eu sou o líder deste Pátio,> ele rosnou, enviando suas palavras a cada *indigene da terra* dentro do alcance. <E eu digo que qualquer Corvo que não voltar ao Courtyard nos próximos quinze minutos será expulso de Lakeside para sempre.>

<Simon!> Vários gritos agora, porque os Corvos sabiam que ele falou sério. Abrir mão dos brilhinhos e outros tesouros hoje, ou ser enviados para os assentamentos no país selvagem, onde as colheitas e seleções seriam pequenas. E eles o conheciam bem o suficiente para entender que ele não iria simplesmente bani-los de Lakeside. Se eles desobedeceram a ele, ele iria usar sua influência com cada líder do Courtyard na Região Nordeste para proibir que os Corvos ficassem na margem de *cada* cidade humana nesta parte de Thaisia.

Ele não respondeu aos argumentos ou fundamentos provenientes de vários Corvos. Ele voltou para o carro e dirigiu o mais rápido que pôde para a HBL. Seria lá que os Corvos iriam encontrá-lo.

<Julia?> Chamou.

<A maioria dos Corvos estão voltando para o Pátio,> ela respondeu. <Eles não estão felizes, mas estão voltando. Eu estou no ar, circulando. Não vejo qualquer perigo.>

<Você pode ver Jenni? Ela está voltando com o resto dos Corvos?> Havia brilhos e um brinquedo à vista. Quantos pedidos de brinquedo e blocos de construção que o Crowgard pediu das lojas próximas, no mês passado? Meg sabia, mas ele suspeitava que alguns humanos pudessem adivinhar que, pelo menos, alguns dos Corvos seriam atraídos para caixas de blocos de construção no meio-fio.

Depois que Julia disse a ele que na rua havia mais Corvos do que o habitual, ela acrescentou: <Jake estava bicando algo perto das latas de lixo antes da sua ordem e agora ele está voando meio estranho. Crystal está ajudando-o a voltar. Jenni e Starr querem ficar e observar. Elas prometeram pousar nas árvores. Tudo bem?>

Ele hesitou. Seria um desafio à sua autoridade, uma desculpa para ficar, a fim de arrancar algum item cobiçado, ou a necessidade do Crowgard de ter um relatório de um dos seus próprios? <Desde que fiquem nas árvores, e que você garanta isso, eles podem ficar pousados.>

Além disso, ele iria para lá também.

Assim que chegou a zona empresarial do Pátio, ele estacionou seu carro perto da porta de trás da HBL, quando Vlad saiu. Ele levantou um dedo para indicar que o vampiro deveria esperar, depois disse: <Blair? Eu preciso da van de passageiros.>

<Você precisa de todos os guardas indo com você?> Blair perguntou.

<Apenas você. Vlad virá conosco.> Ciente de que o Executor dominante do Courtyard estava a caminho, Simon voltou-se para o próximo Lobo em sua lista. <Nathan? Como Meg está?>

<Com comichão,> o Lobo respondeu. <Inquieta. Ela tentou pisar no meu pé. De propósito!>

— Você disse a Nathan para ficar perto de Meg? — Ele perguntou a Vlad.

— Disse.

Já que ele achava que Vlad não tinha a intenção de deixar o Lobo sob os pés dela, ele disse: <*Mantenha-se fora do alcance,*> em seguida, acenou para Tess quando ela saiu da Bite, colocando os braços em seu casaco. Momentos depois, Henry abriu o portão de madeira na parte de trás do quintal do seu estúdio e se juntou a eles.

Simon disse-lhes sobre a resistência dos Corvos em desistir deste dia de coleta e repetiu seu ultimato mesmo que já tenham ouvido essa parte.

— Do que você precisa? — Perguntou Henry.

Simon olhou para Vlad. — Eu gostaria que você viesse com Blair e eu. Como o Sanguinati, você pode notar algo a mais.

— Tudo bem, — disse Vlad. — E quanto a Meg?

— Vou fechar a Bite e ajudar Nathan com a Meg, — disse Tess.

Simon balançou a cabeça. — É melhor você deixar a Bite aberta. Se os seres humanos estão observando para ver o que fazemos, é melhor deixá-los pensar que não estamos cientes da isca e da armadilha ainda. — Ele pensou por um momento. Nathan realmente precisava de alguém no Gabinete do Liaison para ajudá-lo com a Meg? Ou Tess e Henry seriam o suficiente?

— Henry, eu preciso de você para lidar com os Corvos e certificar-se do retorno de todos, — disse Simon. — Dei permissão para Jenni e Starr ficarem observando a rua. Algo está errado com Jake. Crystal está ajudando-o a voltar ao Complexo dos Corvos. Fale com o bodywalker. Veja se alguém pode descobrir o que aconteceu com ele. — Ele olhou por cima do ombro quando Blair parou com a van de passageiros que eles usavam quando era necessário viajar pelas estradas humanas.

Blair saiu da van e entrou Gabinete do Liaison. Ele voltou um minuto depois com uma braçada de roupas, que jogou dentro da van.

Boa ideia, Simon pensou. Dessa forma, Jenni, Starr, e Julia poderiam pegar algumas roupas, se precisarem mudar e falar com todos os seres humanos.

E o Tenente Crispin James Montgomery? Por um momento, Simon se perguntou se deveria chamar Montgomery e lhe dizer sobre a isca na rua.

Não. O Tenente não era um macaco sem pêlos como tantos seres humanos eram, e ele *tinha* ajudado a proteger Meg quando ela estava no hospital, mas isso não o tornava parte do Pátio. Além disso, os Corvos tinham seguido suas ordens, portanto, nada tinha acontecido que exigia a polícia.

Ele iria ver essa isca. Se ele encontrasse algo pertinente, ele iria chamar Montgomery.

— Nyx virá até o escritório para ficar com a Meg, — disse Vlad, interrompendo os pensamentos de Simon. — O avô Erebus está preocupado com a nossa Liaison. Se algo está errado, Meg pode dizer para outra fêmea, o que não contaria a Nathan.

Nada a ser dito sobre isso, nem mesmo pelo líder do Pátio. Mas Simon notou que o cabelo de Tess tinha ficado de um verde sólido e bem enrolado, um sinal de que ela estava se sentindo agitada ou inquieta.

Apenas Henry sabia o que Tess era, mas Simon tinha seus próprios pensamentos sobre isso e estava certo que deixá-la desconfortável com o Sanguinati poderia ser perigoso para todos. Um shifter tinha pouca chance de sobreviver a uma luta com um Sanguinati. Um vampiro seria capaz de sobreviver a uma luta com um *indigene* como Tess?

Ele esperava que fosse uma pergunta que nunca seria respondida.

— Nós temos que ir. — Quando ele e Vlad entraram na van, Simon ouviu o grasnar amargo dos corvos voltando.

Um momento depois, Julia Hawkgard gritou, <Simon! Venha rápido!>

Monty bateu no batente da porta antes de entrar no escritório de Douglas Burke.

O Capitão da estação de Chestnut Street era um homem grande, de cabelo escuro bem aparado. Seus olhos azuis, como o seu sorriso, geralmente indicavam um tipo feroz de simpatia. Hoje o sorriso estava ausente e os olhos pareciam tristes quando ele entregou um pedaço de papel para Monty e disse: — Nós temos uma resposta.

Monty leu o parágrafo, em seguida, o leu novamente. — Isso aconteceu em Trickster Night?

— Sim, — respondeu Burke. — Meses antes de nossos amigos no Courtyard darem o aviso secreto.

Não era exatamente tão enigmático assim. Algumas semanas atrás, Meg Corbyn tinha cortado sua pele porque ela sentiu algo de errado no quarto dos fundos do Gabinete do Liaison e não poderia identificar a fonte de seu desconforto. As visões e profecia resultantes tinham revelado veneno nos torrões de açúcar que ela normalmente dava aos pôneis de Courtyard em Moonsday. Entre as imagens da profecia, havia um esqueleto com uma túnica com capuz, distribuindo doces para as crianças, e essas crianças morreram da mesma maneira que os pôneis poderiam ter morrido. Simon Wolfgard disse o que Meg tinha visto, na chance de que a polícia pudesse encontrar o lugar e a pessoa, a tempo de salvar as crianças.

Mas já havia acontecido meses atrás, em outra cidade.

Se a polícia naquela cidade tivesse acesso a uma *Cassandra de Sangue* como Meg Corbyn, essa tragédia poderia ter sido evitada? Ou uma profetisa de sangue diferente teria visto alguma outra profecia, e as mortes das crianças iriam ocorrer de qualquer maneira?

E seria justificado um grupo restrito de seres humanos em benefício próprio usarem a lei de *Propriedade Benevolente* que havia sido aprovada? Com o argumento de que essas meninas iriam se cortar de qualquer maneira, mantendo o controle desses cortes até a morte delas, como justificativa para protegerem suas vidas e usando essa compulsão para o bem do governo ou do lucro?

Talvez fosse melhor para todos que a única profetisa de sangue na cidade de Lakeside ficasse cercada pelos *indigenes da terra*.

— Tenente? — disse Burke.

— Desculpe, capitão. Minha mente vagou. — Monty colocou o papel na mesa de Burke.

Suspirando, Burke sentou-se e entrelaçou os dedos sobre seu abdômen. — Meus antepassados migraram para Thaisia, oriundos da Brittania, algumas gerações atrás, e eu ainda tenho família por lá. Já fiz algumas visitas quando era mais jovem e tenho mantido contato com alguns parentes, especialmente os que trabalham na aplicação da lei. Brittania é cerca de um quarto do tamanho da Brittania Selvagem, por isso as pessoas de lá têm poucas ilusões sobre o que os observa do outro lado dos limites acordados. Aqueles de nós que vivem em cidades como Lakeside tem isso em comum com eles.

Não sabendo onde isto ia, Monty apenas balançou a cabeça.

— De acordo com meu primo Shady Burke... — O sorriso de Burke aqueceu por um momento. — Na verdade é Shamus David Burke, Oficial da lei em Brittania. Mas todo mundo o chama de Shay, mas como já havia um Shay no seu primeiro trabalho, ele agora é chamado de Shady, e rapidamente foi absorvido.

— Nome incomum para um agente da polícia, — disse Monty.

— Ele é rápido com a língua e rápido em seus pés. E tinha que ser um ou outro. — O sorriso de Burke desbotou. — De qualquer forma, Shady é muito bom em se misturar onde pode ouvir coisas interessantes. Ultimamente ele tem ouvido rumores de que em algum lugar da Aliança das Nações, o Cel-Romano, existe uma fábrica aviões e máquinas que podem voar na velocidade do som.

Ainda não tendo certeza de onde a conversa estava indo, Monty disse: — Isso é um problema?

Agora, Burke deu a Monty o seu feroz sorriso típico. — Levando em conta a dificuldade para as pessoas em adquirir a matéria prima, e se uma grande indústria quisesse uma parte maior de metal e combustível disponível para as nações. A possibilidade de escassez e um racionamento mais rigoroso seria apenas o início dos problemas por lá.

Por um momento, Monty considerou a maravilha de viajar através do ar, bem acima do solo. A coisa mais próxima de viagens aéreas em Thaisia eram em balões de ar quente. Na maioria das vezes, os balões eram impedidos de vagar sobre a terra que pertencia aos Outros. Às vezes, fotógrafos ou cineastas eram autorizados a flutuar sobre o país selvagem para tirar fotos e fazer filmes de animais ou lugares no continente que os seres humanos não conseguiam ver de outra maneira. Essas viagens eram rigorosamente supervisionadas, é claro, porque os Outros nunca permitiriam que qualquer coisa ficasse acima de suas terras, pois poderia representar uma ameaça para eles. — Por que os *indigenes da terra* não proibiram tal máquina de ser construída em primeiro lugar?

— O Cel-Romano é a maior área de terra no mundo que pertence aos seres humanos, e esses limites não foram alterados desde o primeiro registro da história humana. Deuses abaixo, os limites foram definidos antes mesmo de seres humanos se espalharem para alcançar o que nós chamamos de lugares selvagens. Os Outros entenderam antes de nós, como era grande a parte do mundo que a raça humana poderia reivindicar, e eles não têm dado aos seres humanos um único acre a mais. Um terço de todos os seres humanos em Namid mora por lá. Os *indigenes terra* não se importam com que os seres humanos fazem dentro dos limites da terra humana, mas quando a atividade humana toca *suas* partes do mundo... — Burke deu a Monty aquele sorriso feroz e amigável novamente. — Talvez os Outros não saibam sobre esses aviões ainda. Talvez eles saibam, mas não se importam; desde que as máquinas voadoras permaneçam dentro dos limites do Cel-Romano. Mas assim como os navios que navegaram pelos mares do Mediterrâneo, podem facilmente fornecer transporte para todas as nações, e é preciso saber como a fabricação de aviões neste momento pode ser associado aos seres humanos, e ao movimento por trás disso, *Humanos, Primeiros e Últimos...* Você se lembra *daquele* slogan, Tenente?

Monty sentiu um arrepio de alarme. — Sim, eu lembro. Nosso prefeito anterior estava tentando esse slogan como plataforma de

campanha. — O prefeito tinha morrido na tempestade que quase havia enterrado Lakeside, mas ele tinha morrido em seu quarto. Winter e outros Elementais lavaram à sua honra. Assim como os Sanguinati.

— *Primeiros e Últimos* tornou-se um grito de guerra em toda Aliança Cel-Romano, — disse Burke. — Alto-falantes agitam multidões fascinadas, e elas ficam excitadas com a ideia de que podem ter mais, serem mais. E uma vez que a Aliança das Nações adquirirem o hábito de expandir as suas cidades, aumentando a terra boa para o cultivo, atualmente, nem os ricos podem sempre comprar comida suficiente. — O sorriso de Burke desbotou, mas o ardor permaneceu. — Não é um mau incentivo se você estiver querendo começar uma guerra.

— Guerra? — Monty procurou a cadeira mais próxima e desabou nela. — Você acha que vai haver uma guerra?

— Shady e alguns de seus contatos acreditam que a Aliança Cel-Romano está caminhando nessa direção, a fim de ocultar da população. Eu acho que seus líderes não percebem o quão ruim seria fazer isso com os *indigenes da terra*, e o que eles *podem* fazer. — Burke fez uma pausa. — Não há nenhuma indicação de que as pessoas em Tokhar-Chin ou as seções humanas de Afrikah estão cientes do que está acontecendo em Cel-Romano... Ou que estivessem dispostos a arriscar o seu próprio povo. E os seres humanos que vivem em Felidae ou Zelande estão muito longe de se envolverem em um confronto com as outras pessoas que moram no país selvagem além do Mediterrân e do mar Negro.

— E nós? — Perguntou Monty. *Nocaut de Lobo* era uma droga que aumentava a agressão, ao ponto em que a preservação pessoal não era levada em consideração. Não seria uma droga ruim se você estivesse querendo começar uma guerra. Seria coincidência que em algumas cidades de Thaisia esse problema estava acontecendo, ou Thaisia era o campo de testes para um conflito maior?

— Por enquanto, a guerra, e a construção desse avião, é apenas um boato flutuante que chega até nós do outro lado do Atlantik. Vamos esperar que seja apenas nada mais do que um rumor. — Burke esfregou a parte de trás do seu pescoço. — Lakeside está em uma posição

extraordinária de realmente ter um diálogo com os Outros que operam o Pátio. Enquanto nós tivermos isso, teremos uma chance de proteger a nossa cidade. Talvez proteger ainda mais do que isso.

Monty sentiu um peso caindo sobre seus ombros. Ele e sua equipe eram os contatos entre os líderes do Courtyard e a polícia. Elliot Wolfgard, o pai de Simon, era o Cônsul que se encontrava com o governo humano, mas era Simon quem tomava as decisões que afetavam os seres humanos, assim como os Outros.

— Eu vou... — começou Monty.

Kowalski apareceu de repente na porta, e toda a cor desapareceu de seu rosto. — Tenente, nós temos problemas.

Sangue e penas pretas na neve. Corpos quebrados.

Ladeado por Blair e Vlad, Simon parou no meio da rua e olhou para cada corvo morto.

Se não fosse pelo aviso de Meg, muitos deles seriam do Crowgard.

<Jenni e Starr estão naquela árvore lá na frente,> disse Vlad. *<Eu não vejo Julia.>*

<Ela está no ar,> disse Blair. *<Com outros Hawkgard.>*

Vigiando. Mantendo potenciais inimigos à vista.

<Há um homem no chão, perto do caminhão de lixo,> disse Vlad. *<Eu vou descobrir o porquê.>* Ele se moveu em direção a uma multidão de seres humanos, enquanto Simon e Blair continuaram no final da quadra, ouvindo as sirenes vindo de várias direções.

— Ele parou aqui, — disse Simon.

Blair olhou para o próximo quarteirão. — A matança terminou nesta parte da rua, mas isso não significa que o quarteirão seguinte não tenha iscas também.

— Como vamos descobrir isso?

— Nós não precisamos descobrir. Não importa se os macacos usaram iscas um quarteirão ou dois a mais; a intenção é a mesma. —

Blair agarrou o braço de Simon e o puxou para uma ambulância que entrava na esquina e deslizou até parar quando o motorista viu os corpos espalhados na rua.

Eles não poderiam alcançar o humano ferido sem atropelar alguns dos corvos, Simon pensou. E eles estão com medo do que vamos fazer se eles fizerem essa escolha.

— Ali está o Tenente Montgomery e o Oficial Kowalski, — ele disse a Blair quando viu os homens saindo de um dos carros do outro lado da rua. — Diga ao Tenente que eu estarei com ele em um minuto.

Quando Blair correu pela rua, Simon olhou para os paramédicos e girou um dedo para indicar que o homem no banco do passageiro deveria baixar sua janela. — Vou tirar esses corpos do caminho para que você possa chegar ao seu ferido.

— Obrigado.

Simon balançou a cabeça, em seguida, começou a mover os corvos mortos, com a ambulância rastejando atrás dele.

Em circunstâncias diferentes, Falcões e Gaviões poderia ter arrebatado os corvos para comerem a carne, e ele não teria passado esse tempo movendo as carcaças para não serem atropeladas por um veículo. Mas os seres humanos, sem saber se eles estavam vendo corvos ou Corvos, tinham parado, sem vontade de passar por cima dos corpos. O mínimo que ele poderia fazer como líder do Courtyard era mostrar o mesmo respeito para a criação de Namid e reforçar o bom comportamento nos seres humanos. Afinal, se não fosse o aviso, ele *poderia* estar removendo alguns dos Crowgard na rua.

Blair e Kowalski vieram correndo para ajudar, enquanto Montgomery se encaminhou para a multidão em torno do homem ferido. Quando Blair passou pela multidão, ele hesitou, atraído pelo cheiro de sangue.

Quando parecia que a ambulância tinha um caminho claro, Simon rosnou: — Chega.

Kowalski olhou para cima, assustado. Então ele se levantou e deu um passo cuidadoso para longe dos Lobos.

— Isso é o suficiente, — Kowalski concordou.

<Temos que sair,> disse Blair. <Eu não posso ficar mais tempo perto de feridos.>

Simon olhou para suas próprias mãos. Ao manusear os corpos de corvos, suas mãos tinham deslocado o suficiente para ficarem peludas e com garras, mas ele ainda estava com a aparência humana, e não achava que qualquer outra coisa havia mudado. Mas duvidava que ele e Blair fossem passar por humanos agora.

<Pegue Jenni e Starr e as coloquem na van.> Ele olhou em volta e não viu seu outro companheiro. <Vlad?>

<Este carro batido na neve,> disse Vlad. <Ele pertence a algum atacante. Mantenha a polícia ocupada mais um minuto.>

Não tenho certeza de que tenho mais um minuto. E não ajudaria se seu controle estalasse agora e ele rasgasse a garganta de Montgomery.

Mas ele se aproximou de Montgomery, que se afastou do homem ferido.

— Tenente.

— Sr. Wolfgard. — A voz de Montgomery mantinha a mesma cortesia calma de costume. — Algum ferido é de seu povo?

— Não. Eles voltaram antes para Courtyard.

— A senhorita Corbyn está bem?

Foi fácil entender a pergunta. Se o Crowgard escapou do ataque que foi semelhante ao de Walnut Grove, foi porque eles foram avisados. E apenas uma pessoa em Lakeside poderia dar esse tipo de aviso.

— Ela está bem. — Ele precisava voltar para o Pátio e confirmar isso.

— Um dos veículos bateu nas latas de lixo e, como você pode ver, acabou preso no banco de neve. Os homens dentro do carro fugiram, mas vamos encontrar eles e os homens que estavam no segundo carro. Vamos encontrá-los, Sr. Wolfgard.

— Eles não feriram nenhum *indigene da terra*, por isso é estritamente um problema humano.

Ele disse essas palavras. Ele sabia que não eram verdadeiras. Assim como Montgomery sabia.

— Se qualquer um dos Crowgard viu o que aconteceu, eu apreciaria a oportunidade de falar com eles.

— Venha para a livraria em uma hora, — disse Simon. E os pelos de repente cobriram seu peito, roçando a camiseta que ele usava sob uma camisa de flanela.

Presas, feridos. Sangue fresco. Ele não queria estar nessa pele de macaco mais um minuto, mas se ele se transformasse para Lobo...

— Eu tenho que ir. — Ele se afastou de Montgomery e entrou no furgão. <Vlad?>

O Sanguinati não respondeu e não havia sinal dele na rua.

Meg ouviu os Corvos grasnarem e sentiu o formigamento terrível sob a pele começar a desaparecer. Ela suspirou de alívio, em seguida, deu a Nathan um sorriso hesitante. — Me desculpe, eu tentei pisar no seu pé. Você estava apenas tomando conta de para mim, e eu não estava colaborando.

Ele olhou para ela com aqueles olhos cor de âmbar de Lobo.

— Gostaria de um biscoito? — Alguns Lobos tinham decidido que gostavam dos biscoitos produzidos para os cães. Eles também alegavam que os biscoitos que compravam não tinham o gosto tão bom como os biscoitos que ela comprava. Ela suspeitava que o sabor fosse o mesmo, mas a diversão de obter os biscoitos e o importuno que causavam ao abrir as diferentes caixas de sabores para escolherem apenas dois biscoitos fazia parte do jogo.

Nathan olhou para ela.

— Dois biscoitos?

Ele olhou para ela.

— Três, e é a minha oferta final.

— *Arrroooo.*

Ela pegou um biscoito de cada caixa. Não. Muito fácil. Então eles deram voltas e voltas até que ela decifrou corretamente os sons que ele fazia e a maneira como ele batia nas caixas com uma pata, e acabou dando-lhe três biscoitos de sabor de carne. Mas ele não os levou para a *cama de Lobo* na sala da frente como sempre fazia. Não, ele se esparramou no lugar mais inconveniente na sala de triagem para que ela pudesse passar a manhã toda passando por cima dele ou andando ao redor dele. E, oh! Como ele uivava se ela acidentalmente pisasse nele.

Lobos, ela estava aprendendo, eram furtivos quando se tratava do retorno.

Ela fez uma xícara de chá de hortelã e, finalmente, se sentiu tranquila novamente com o formigamento nos braços completamente desaparecido.

Então Nyx entrou na sala de triagem.

Vlad fluiu um pouco acima da neve, em busca de sinais dos homens que estiveram no carro. Em forma de fumaça, os Sanguinati eram predadores rápidos. Mas apenas quando tinham alguma ideia de onde encontrar suas presas.

Parando perto de uma árvore, ele mudou para a forma humana e olhou em volta. Se alguém o notasse, veria um homem bonito com a pele morena clara, cabelos e olhos escuros, usando uma camiseta preta, calça jeans preta e sapatos robustos que servia de botas. Quanto ao que *ele* estava vendo...

Ruas desconhecidas. Lakeside era uma cidade de tamanho moderado, e lhe ocorreu agora como tão pouco os Outros realmente conheciam a cidade. Ele tinha conseguido um endereço no registro do carro que tinha encontrado no porta-luvas do veículo abandonado, e estava indo na mesma direção que as marcas de pneus deixaram, supondo que eles tinham vindo em outro carro, o mesmo que havia matado os corvos. Mas a perseguição o levou para uma rua que não se

encontrava nos bairros que cercavam o Pátio ou ao longo de uma rota que os Outros usavam para ir até os lugares na cidade que eram de interesse para eles, como a praça nas proximidades, ou a estação ferroviária.

Seria tolo perseguir cegamente os homens que tentaram matar os corvos. Ele voltaria para a HBL e estudaria o mapa da cidade, encontraria a rua, e, *em seguida*, faria alguma caça esta noite.

<Vladimir.>

Vlad ficou tenso ao ouvir o som da voz de Erebus Sanguinati. *<Avô?>*

<Volte para o Courtyard agora.>

<Tem algo mais acontecendo?>

<Nossa Meg está chateada. Você deve retornar.>

<Meg já estava chateada quando saí com Simon e Blair. Por que->

<Todo mundo será contabilizado, de modo que você é a razão do sangue doce ainda pedir a navalha apesar de ter sangrado.>

Ela me prometeu que não iria se cortar, Vlad pensou sombriamente quando voltou à fumaça e se dirigiu de volta para o Pátio. Meg tinha prometido não se cortar, e estava sendo guardada por Nathan e... *<Nyx?>*

Hesitação antes que ela respondesse. *<Venha para casa o mais rápido que puder. Há algo que o Sanguinati precisa discutir. Henry convocou o Wolfgang. Ele é necessário aqui também.>*

Um arrepio passou por Vlad. Que tipo de perigo Meg viu que ameaçaria o Sanguinati? Ou, já que Simon também foi chamado de volta para o Pátio, era um tipo de perigo para mais de um tipo de *indigenes da terra*?

Considerando que a resposta estava no Pátio, ele usou toda a velocidade que tinha nessa forma para alcançar o seu povo.

<Simon, volte para o Pátio. Há um potencial conflito entre os indigenes da terra.>

Simon rosnou. Quando Blair olhou para ele, ele disse: — É Henry.
—<Problemas por causa dos Corvos?> Pediu ao urso.

<Conflito entre Lobos e o Sanguinati.>

Com os problemas fermentando entre os seres humanos, este não era o momento para dois dos grupos mais fortes de predadores ficarem rosnando um para o outro.

— Leve-nos de volta para casa, — disse a Blair com a voz sombria. Ele olhou por cima do ombro para Jenni, Starr, e Julia, que ainda não tinham voltado à forma humana.

Quando pararam na entrada da Main Street que servia de entrada para o Gabinete do Liaison, o consulado e a Praça do Mercado, Simon olhou na janela do escritório e viu John Wolfgard em forma humana, encostado no balcão da frente conversando com Meg.

<Por que não está na livraria?> Simon perguntou ao outro Lobo.

<Henry me disse para ficar com a Meg,> John respondeu.

<Onde está Nathan?>

Nenhuma resposta.

Blair estacionou a van perto da entrada de trás da livraria. Deixando o seu Aplicador lidar com Julia, Starr e Jenni; Simon entrou correndo na loja, e subiu as escadas para a sala de reuniões da Associação de Negócios. A sala de reuniões preenchia quase a metade do segundo andar da HBL, havia uma grande mesa com um círculo de cadeiras de madeira ao redor, e eles geralmente usavam a mesa redonda, onde conversavam sobre os negócios do Courtyard. Ele também tinha uma mesa para secretária, armários, e uma estação de trabalho com os computadores que eles usavam para enviar e-mails ou fazer encomendas para as empresas humanas.

Todos os *indigenes da terra* que estavam presentes estavam em forma humana, e não havia muitos deles, como não havia, por vezes, para uma reunião de negócios. Mas todo mundo estava de pé e a sala parecia lotada, especialmente com Erebus presente e ladeado por dois Sanguinatis do sexo masculino, bem como Nyx. Tess estava entre os Sanguinati e Nathan, e seu cabelo estava completamente vermelho e

enrolado, um sinal claro de raiva. Pior ainda, Henry não estava ajustando suas mãos para eliminar as garras de urso.

Preso no pequeno espaço atrás de Henry e Tess, Nathan zanzava ofegante, apesar de estar em forma humana.

— O que está acontecendo? — Simon perguntou, movendo-se em torno da mesa baixa e as cadeiras ao redor até que ele ficou mais perto de Henry do que Erebus.

— É o que estamos tentando descobrir, — Tess respondeu, observando o Sanguinati.

— Ele mordeu a sangue doce. — Erebus apontou um dedo para Nathan.

— Eu *não* queria morder a Meg! — Nathan deu a Simon um olhar suplicante. — Eu estava apenas tentando segurá-la enquanto ela estava lutando com Nyx, e meus dentes arranharam a pele dela.

Antes que Simon pudesse exigir uma explicação de Nyx, Vlad chegou seguido por Blair. Blair imediatamente tomou uma posição onde poderia ajudar a defender Simon e Nathan. Vlad tomou cuidadosamente uma posição entre os dois grupos, não se comprometendo com nenhum lado. Isso lhe rendeu um olhar frio de Erebus, mas Simon se sentiu aliviado. Não só ele e Vlad trabalhavam juntos no HBL; como eram vizinhos no Complexo Verde.

— Nyx? — Vlad disse calmamente. — Você estava no escritório do Liaison ajudando Nathan com a guarda de Meg. Ele tentou mordê-la?

Depois de dar a Vlad um longo olhar, Nyx suspirou e olhou para Erebus. — Não foi culpa de Nathan. Quando entrei na sala de triagem, Meg começou a gritar. Não houve qualquer aviso ou sinal de perigo. Quando ela puxou a navalha do bolso, eu agarrei seus pulsos, para ela não se cortar. Mas ela continuou gritando e lutando...

— O que ela estava gritando? — Blair perguntou.

— Isso não é importante ainda, — Simon disse. — É, Nyx?

— Não, não é. Não agora, quando... — Ela olhou para Vlad antes de continuar. — Nathan agarrou um dos tornozelos de Meg para segurá-la, e ela puxou a perna. E foi quando seu dente - *um* dente - raspou

através de sua meia. Nós não percebemos que algo havia mudado até que ela parou de lutar e... — Nyx hesitou.

— Ela começou a cheirar a excitação, — disse Nathan.

Simon rosnou, e seus caninos se alongaram quando ele se virou na direção do Lobo que ele tinha confiado a guarda de Meg.

— Eu não estava *tentando* cheirá-la, — Nathan protestou.

— Ela parou de lutar e começou a dizer as mesmas coisas, mais e mais, — disse Nyx. — Jarra de vidro. Fumaça. Pickles. Mão.

Erebus assobiou. A raiva súbita que preenchia o rosto do velho homem se tornou terrível de se ver. Como um aviso amigável, Vlad tinha insinuado algumas vezes ao longo dos anos, que Erebus era muito mais que o governante dos Sanguinatis em Lakeside Courtyard. Era, na verdade, o vampiro mais dominante da Região Nordeste.

Por tudo que Simon sabia, Erebus poderia ser o único a dar ordens a todos os Sanguinati no continente de Thaisia.

— Isso foi tudo o que Meg viu? — Vlad perguntou parecendo intrigado.

— Ela viu o suficiente, — Erebus rosnou.

— Espere um minuto, — Tess disse. — Eu li isso. É uma história de horror escrita por um dos *indigenes da terra*, eu acho. O Sanguinati sai à caça em uma noite em sua forma de fumaça. Quando ele se aproxima de sua presa, o ser humano furta à fumaça, e retém uma parte dele em um frasco de vidro, e consegue fugir. Quando o Sanguinati desloca de volta à sua forma humana, a fumaça na jarra se transforma em uma mão, a mesma que fica faltando no corpo do Sanguinati.

— A verdade é um aviso escondido como uma história, — disse Erebus.

Todo mundo congelou.

— Isso é possível? — Simon disse, voltando-se para Vlad, que parecia chocado.

Vlad engoliu em seco. — Um romance de horror publicado no mês passado e escrito por um ser humano teve um enredo semelhante. Eu

não mencionei o livro para qualquer um de vocês, porque eu não achei que tal coisa seria possível.

— É possível. — Erebus olhou para Vlad. — Você vai me dar o nome desse humano.

— Se o ser humano morrer de repente, vai dar peso à história, — disse Simon.

— Você vai me dar o nome desse humano, — Erebus disse novamente.

Simon olhou para Vlad e assentiu. Os *indigenes da terra* que moravam nos Pátios estavam sempre em risco com os seres humanos que os observavam. Se o ser humano que escreveu a história *sabia que* esta era uma maneira eficaz para prejudicar um Sanguinati, ele tinha chegado a essa informação de algum lugar ou de alguém. Mesmo tendo inventado isso, não haveria seres humanos tolos o bastante para tentar capturar um vampiro em um frasco só para ver se isso poderia ser feito. E, se mesmo um humano fosse bem-sucedido... — Vlad e eu vamos procurar outros livros com histórias semelhantes, especialmente qualquer coisa escrita por seres humanos.

— Por que agora? — Perguntou Tess. — Por que histórias sobre Sanguinatis estão sendo publicadas agora?

— Sempre houve tais histórias, — disse Erebus. — Vamos lidar com isso como fizemos no passado.

— E como foi? — Perguntou Simon.

— Vamos dar aos seres humanos uma razão para contar um tipo diferente de história. — Erebus olhou para Nathan. — Quanto ao Lobo...

— Será a minha decisão, — disse Simon. — E da Meg. Se ela quiser que Nathan permaneça como guarda no escritório, ele vai permanecer. — Ele encontrou os olhos de Erebus, recusando-se a recuar. Erebus poderia ser o líder de todos os Sanguinatis nesta parte do Thaisia, mas *ele* era o líder *deste* Courtyard.

— Sim, — Erebus disse finalmente. — Vou aceitar sua decisão.

A verdadeira razão era que Erebus sentia um misto de desconfiança e carinho pela Meg, então ele iria respeitar a decisão *dela*.

— Nesse caso, o Tenente Montgomery estará aqui em breve para conversar com Jenni, Starr, e Julia sobre o que viram quando os seres humanos atropelaram os corvos na rua. Vou falar com Meg. — Simon deu um passo em direção à porta, depois parou. — E todo mundo nesta sala vai pensar por que Meg ficou louca duas vezes em um dia!

— Ela não enlouqueceu Simon, — Henry rosnou.

— Ela estava tentando pegar na navalha quando já estava fora de controle, — Simon grunhiu em troca. — Do que *você* chama isso?

Sem esperar por uma resposta, ele saiu da sala, em seguida, correu para o gabinete do Liaison. John e Meg estavam na sala de triagem. Quando Simon entrou, ela se irritou e disse: — Não foi culpa de Nathan.

— Volte para o trabalho, — Simon disse a John. Ele esperou que o outro Lobo saísse, em seguida, ficou ao lado oposto da mesa de triagem de Meg. Ocorreu-lhe que muitas vezes esta mesma mesa estava entre eles quando tinham algo a discutir.

Como muitos outros *indigenes da terra* instintivamente faziam a mesma coisa, a fim de evitar mudar sua pele durante uma discussão em potencial?

Quando Simon teve certeza de que estavam sozinhos, ele disse: — Vamos ver essa ferida.

— Não é uma ferida. É apenas um arranhão. — Meg soou irritada, como muitas criaturas pequenas ficavam quando eram encurraladas e tentavam parecer ameaçadoras.

— Você sangrou, — ele falou em resposta, mostrando os dentes que estavam um pouco longos demais para um ser humano. — Sangrou o suficiente para falar uma profecia, *então me deixe ver a ferida*.

— Bem, você não pode saber quando não estive lá para saber. — Irritada. Defensiva. Assustada.

Medo? Ele não iria machucá-la. Ok, ele costumava ameaçar comê-la porque ela o irritava e o deixava confuso, mas isso foi antes que ela quase morresse por levar o inimigo para longe de Sam. Além disso,

ele tinha percebido desde o início que ela não era presa, e, portanto, não era comestível.

Enquanto caminhava ao redor da mesa, ela colocou o pé direito no degrau mais alto da escadinha que usava para alcançar as prateleiras mais altas na sala de triagem, e abaixou a meia.

Ele agachou-se para dar uma olhada. Ela tinha colocado no tornozelo uma pomada fedida que os humanos usavam quando se machucavam. Para ele, esse cheiro de medicina significava *ferida*. Mas e o arranhão acima do osso do seu tornozelo? Ela poderia ter se arranhado contra uma parede ou uma pedra. Definitivamente não era uma mordida. Apenas uma ou duas camadas de pele arrancadas por um dente. Apenas o suficiente para o sangue sair.

Ela é realmente tão frágil? Simon pensou quando estudou o arranhão. *Um arranhão tão pequeno poderia prejudicar tanto assim?* Então novamente, sua pele havia se dividido apenas porque o ar de inverno estava muito seco.

Como ela poderia viver entre eles? Como ela poderia brincar com Sam, ou com ele? Não importava o quão cuidadoso eles fossem, não poderia haver colisões, arranhões e cortes. Quanto tempo ela poderia sobreviver? Diziam que uma *Cassandra de Sangue* tinha no corpo mil cortes. Seriam apenas os cortes com a navalha, ou cada pequeno arranhão contava também?

Assim que ele terminou de verificar o arranhão, ela puxou a meia e afastou-se da escadinha.

— Não foi culpa de Nathan, — ela disse. — Se alguém teve culpa, fui eu. Eu precisava me cortar. Algo ia explodir dentro de mim se eu não tirasse isso de dentro — Ela colocou os braços em torno de si. — Aconteceu alguma coisa com um dos Sanguinati?

— Não, — mas poderia acontecer. Vlad saiu sozinho, sem dizer nada a ninguém, nem mesmo a direção que estava tomando. Se ele não tivesse sido chamado de volta... — Não, todos os Sanguinatis estão de volta ao Pátio. — Ele deu um passo em direção a ela, imediatamente parando quando ela ficou tensa. — Meg, isso não é bom para você. Duas

vezes em um dia? Tem que haver algo que você possa fazer; o que possamos fazer.

— O que? Me colocar em uma gaiola?

Ele se encolheu. — Eu já tive o suficiente de gaiolas. — Ele tinha mantido seu sobrinho Sam em uma gaiola por dois anos após Daphne ser assassinada. Tinha sido a única maneira de manter o filhote seguro. Essa questão manteve uma pressão sobre todos os moradores Wolfgard no Pátio. Ele não ia fazer isso de novo, mesmo se isso significasse deixar Meg morrer jovem. — Se você se cortar quando está fora de controle, você pode morrer. — Ele até poderia ter que deixar que isso acontecesse, mas isso não significa que ele não iria lutar contra ela.

— Eu sei. — Ela hesitou. — Eu quero pensar sobre isso um pouco.

Ela não parecia querer compartilhar, e o ressentimento inchou dentro dele.

— Por que você está me excluindo? — Gritou.

Ela se sacudiu, parecendo tão arisca quanto um coelho coxo. Em seguida, seus olhos cinza se iluminaram com raiva. — *Eu estou excluindo você?* Eu te digo que não estou pronta para ter relações sexuais, e você me trata como se eu fosse uma doente!

— *O quê?* — Merda, merda, merda! Fêmeas! — Eu pensei que nós resolvemos isso. E eu *não estava* te tratando como se você fosse uma doente. Isso é ridículo.

— Em Earthday, você *não* me convidou para fazer uma caminhada com você e Sam. E quando eu fui para a noite de cinema, você estava tão distante, parecia que você não queria ser incomodado por mim. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Você não está sendo justa, Meg! Assim não é justo! — Eu não estava sendo *distante*. Eu estava tentando ser educado! — Ele começou a andar, rosnando baixinho. — Sempre há regras e mais regras quando se trata de lidar com seres humanos. Mas eu não conheço as regras para isso, porque eu nunca tive um amigo humano. Gosto de passar tempo com você e jogar com você. Gosto da maneira como nós três ficamos

abraçados no sofá quando assistimos a um filme. Essas coisas são importantes para mim.

— São importantes para mim também, — disse Meg, fungando enquanto enxugava uma lágrima de sua bochecha.

— Então por que não podemos fazer isso? — Ele perguntou, tentando não lamentar.

Ela desviou o olhar, com a sobrancelha franzida como se ela estivesse pensando muito. — Na outra manhã, por que você mudou para humano e foi para a cama comigo?

Eles estavam de volta a isso? Sêrio? — Para *falar* com você! Para descobrir o que tinha te assustado tanto que você me chutou para fora da cama. — Ele grunhiu de frustração. — Tudo o *que eu* queria era a minha parte dos lençóis.

— Mas você tem os pelos.

— Não nesta forma. — Ele acenou com a mão para indicar o seu corpo. — Os seres humanos ficam chateados quando veem os *indigenes da terra* entre as formas, e você já estava chateada. Eu continuo tentando ser educado, e você continua batendo a minha cauda na porta. Não minha cauda real, mas... Você entendeu. — Ela entendia? Com Meg era difícil dizer.

Ele deixou escapar um suspiro. — Eu só queria conversar. — As fêmeas humanas deveriam gostar de falar. Mas Meg não era como uma fêmea típica humana, então talvez essa conversa não fosse mais natural para ela do que era para ele.

— Você não pode se comunicar da maneira que os *indigenes da terra* podem com o outro, então eu não poderia falar com você na forma de Lobo, — continuou ele. — Essa foi a razão pela qual eu mudei. E eu achei que não seria um problema quando você estava bem comigo na forma de Lobo.

Ele esperou, dando-lhe tempo para absorver o que ele disse. Isso era o que Meg fazia. Ela absorvia as imagens, os sons, as experiências, e essas coisas se tornavam materiais ao toque, o que ela usava para transmitir o que ela via nas profecias. Mas mais do que isso, agora ele

queria que ela entendesse por si mesma, que a sua amizade era importante para ele.

— Um líder precisa cuidar de todos, além de sua própria espécie, e precisa também da obediência de todos no Pátio, porque estamos cercados pelo inimigo.

— Que estão, por sua vez, rodeados pelos *indigenes da terra*, — Meg respondeu, pensativa.

Simon assentiu. — Estamos aqui para observar os seres humanos e adquirir as coisas que os humanos fazem; os produtos que desejamos. Todos somos *indigenes da terra*, mas nem todos *indigenes da terra* agem igual. E embora tenhamos um inimigo em comum, nem todos os Pátios são agradáveis... Não são lugares bons para se viver. Quando um líder passa muito tempo com a sua própria espécie, ele nem sempre será confiável para os demais *indigenes da terra* que moram naquele Pátio.

Meg não disse nada. Então — Você não está sozinho, não é? Você tem amigos aqui, Simon.

— Eu não quero os cuidados de Henry. Ou Vlad.

Ele podia ver que ela estava entendendo. Líder. Solitário. Mas não tão solitário desde que Meg tinha chegado ao Pátio.

— Você quer ser meu amigo de novo? — Ela perguntou, estudando-o.

— Ser amigo não é uma coisa pequena, Meg.

— Não, não é uma coisa pequena. — Ela lhe deu um sorriso hesitante. — Mas talvez pudéssemos ter uma *regra de amigo* para evitar confusão se você precisar falar comigo.

Ele não se sentiu tão confuso desde que ela começou a agir estranha sobre sua mudança na manhã que sonhou com os Corvos, mas ele disse: — Tudo bem, como seria?

Um sorriso genuíno neste momento. — Eu não sei. Vou pensar sobre isso também. — O sorriso desapareceu. — Nathan pode voltar como guarda Lobo?

— É o que você quer?

— Sim.

— Então eu vou dizer que ele pode voltar. Mas Meg? Quero algumas regras quando você estiver muito chateada para pensar direito e quiser usar a navalha.

Ela hesitou. — É importante para mim ficar com a navalha, de ser aquela que escolhe.

— Eu sei disso. — Ele não tinha se esquecido dela dizendo que poderia usar qualquer coisa para cortar sua pele. No passado, ele *confiscou* sua navalha - um instrumento que tinha a sua designação “cs759” gravada de um lado. Agora ele percebia que havia muitas coisas que ela poderia usar para violar sua pele, e entendeu que a navalha era um *mal* necessário, pois sua lâmina era muito fina, e precisa quando necessária, e tão afiada que causava a menor quantidade de danos.

Mas cada corte a trazia para mais perto do corte que a mataria.

<Simon, o Tenente Montgomery está aqui,> Vlad disse.

— Eu tenho que ir. A polícia quer falar com Jenni, Starr e Julia. Vou mandar Nathan de volta.

Quando ele se virou para sair, Meg disse, — Simon? Nyx não queria me machucar. Só para você saber agora e não ficar louco com isso mais tarde.

Simon voltou e a viu levantando as mangas da camisa. Ele olhou para as contusões escuras em ambos os pulsos. Os Sanguinati eram fortes. Como os Lobos. Mas Nyx não poderia ter feito mais força do que o necessário. Será que isso mostrava duramente o quão Meg havia lutado para obter esses tipos de contusões?

— Você já pensou muito sobre o porquê as coisas saíram do controle hoje, — ela disse suavemente. — E eu já lidei com as coisas realmente difíceis.

Assim como eu.



CAPÍTULO 7

— VOCÊ CONSEGUE PENSAR em outra coisa? — Perguntou Monty, mantendo os olhos focados em suas anotações para evitar olhar para as três fêmeas sentadas do outro lado da mesa na sala de reuniões do Courtyard. Ele inicialmente tinha se confundido com o penacho de pequenas penas que formavam uma coroa na parte superior de cada uma, que por vezes se levantava e se achatava em resposta às suas perguntas.

Se alguém precisava de uma prova que os Outros não eram humanos, essa estranha mistura de penas e cabelos seria a prova. E era uma indicação de como uma perda de compostura poderia afetar a capacidade dos *indigenes da terra* de manterem a forma humana.

As dois Corvos, Jenni e Starr, estavam com as mãos amontoadas, tão próximas quanto às cadeiras permitiam. A Falcão, Julia, parecia que precisava de um abraço, mas não iria pedir a qualquer um na sala.

Simon Wolfgard, Blair Wolfgard, Vladimir Sanguinati, e Henry Beargard estavam na sala como observadores. Assim como o parceiro de Monty, o Oficial Kowalski.

Ele anotou a movimentação dos Corvos, adicionou à informação que ele recebeu dos coletores de lixo e dos moradores naquela rua, e formou uma imagem mental que lhe deu uma sensação de enjôo. O Crowgard saía regularmente nos dias de coleta de lixo, dando especial atenção para o bairro de luxo perto de Lakeside Park. O recipiente de plástico escuro usado para os restos de comida não era geralmente de interesse para eles, porque eles tinham muita comida no Pátio, embora muitas vezes permitissem que os Corvos na vizinhança soubessem sobre

qualquer alimento disponível que avistassem e que fosse interessante. Não, o Crowgard estava principalmente interessado nas latas de metal abertas que continham todos os tipos de potenciais *tesouros*, coisas que os humanos descartavam quando usavam muito ou quebravam. Se um terço dos Corvos encontrasse um item de interesse, todos eles consideravam que foi uma *caça* bem-sucedida.

Esta manhã eles encontraram várias latas com pequenos tesouros e bugigangas, que era certo para os Corvos se sentirem interessados. Muito mais do que o habitual, Jenni disse, mesmo para aquela rua. Na verdade, as colheitas foram tão boas, que Jenni e suas irmãs foram chamadas, junto com os demais do Crowgard para vir e ajudá-los com a recompensa. Corvos comuns também estavam migrando para essa rua por causa da quantidade de comida derramada em torno das latas.

Jake Crowgard tinha encontrado um pedaço de pizza entre as latas de uma casa. Depois de dar algumas mordidas, ele viu uma caixa de um conjunto de construção que gostou e deixou o alimento para os corvos comuns.

E então Meg Corbyn ficou histérica e Simon ameaçou todos os Corvos com a expulsão do Courtyard se eles não retornassem imediatamente. Então eles abandonaram seus prêmios e estavam voltando para casa quando o caminhão de lixo virou a esquina.

Quando o caminhão desceu a rua, os corvos que estavam comendo a comida despejadas em torno das latas tentaram voar. Mas eles continuavam vibrando e se lançando para frente, incapazes de voar. Foi quando Jenni e Starr, que tinham ficado para observar a rua, perceberam que havia um perigo real. E, em seguida, dois carros vieram rugindo pela rua. Um dos carros bateu no caminhão de lixo e continuou desviando a fim de passar por cima da maioria dos corvos e dos pássaros que sequer tentaram sair do caminho.

— Poderíamos ter sido nós, — Jenni disse tremendo. — Se a nossa Meg não desse o alerta, teria sido nós.

Sim, teria sido. Monty pensou severamente. — E Jake? Ele está bem?

— Ele vai ficar. — disse Simon.

Os olhos cor de âmbar do Wolfgang estavam com lampejos de vermelho, um sinal de seu temperamento.

— As pessoas que moram naquela rua não fizeram isso, — disse Monty. — Quando nós a questionamos, todos eles acharam que a comida despejada em torno das latas foi causada por adolescentes fazendo um pouco de malícia. Mas quando viram os itens que haviam sido deixados em suas latas como isca, eles insistiram que não foram os itens que tinham posto para fora.

— Bem, eles acham que foi o que então? — Disse Blair.

— Eles estão com medo de represálias; eu não vou negar isso, — Monty respondeu. — E muitos admitiram que às vezes colocam itens quase utilizáveis em cima das latas, porque algumas pessoas que trabalham no mercado de pulgas durante a noite procuram itens que possam revender. Mas os itens que foram deixados como iscas não têm valor suficiente para valer à pena o esforço de limpá-los ou para reparar a fim de vender novamente.

Jenni chiou. — Havia brilhinhos.

E isso provava que quem tinha planejado isso sabia o que iria animar os Corvos e mantê-los ao redor, tempo suficiente para bicar perto das latas e comer alguns dos alimentos tão convenientemente disponíveis.

— Eu acho que já fiz todas as perguntas para as Srta.s, — Monty disse quando fechou seu caderno e o colocou no bolso. — Mas eu gostaria de falar com você, Sr. Wolfgang, se puder poupar um tempo para mim.

— Tudo bem, — disse Simon. — Eu tenho algo para discutir com você também.

Henry Beargard olhou para Simon e assentiu. Em seguida, o Grizzly levou os demais *indigenes da terra* para fora da sala. Quando Monty fez um gesto sutil, Kowalski disse: — Eu vou aquecer o carro, — e saiu.

Sozinho com o Lobo, Monty recostou-se na cadeira. — Por que alguém iria mirar nos Corvos?

Simon inclinou a cabeça, parecendo surpreso com a pergunta. — O que?

— De todos os diferentes tipos de *indigenes da terra*, por que ir atrás dos Corvos? Em Jerzy, o ataque ocorreu em uma noite quando o Crowgard estava usando a casa dos Outros na aldeia. Em Walnut Grove, a comida foi usada para atrair os pássaros para serem atacados pelos cães, e o alvo principal foi os Corvos. E agora aqui, uma rua com isca. — Monty se inclinou para frente. — Então eu estou perguntando a você: O que há sobre o Crowgard que faria alguém sentir a necessidade de tirá-los do caminho?

Ele teve a atenção do Lobo. Os *indigenes da terra* deveriam conhecer os Corvos que morreram em cada um dos ataques, mas ele se perguntou por que outros tipos mais formidáveis de *indigenes da terra* não foram considerados alvos, e por que os Corvos eram o alvo nesse momento.

— Eles são curiosos, — Simon disse finalmente. — Eles prestam atenção a tudo e a todos no seu território. Eles se lembram de rostos que são familiares e sabem quando um estranho aparece. Eles alertam o resto de nós quando algo não parece certo ou alguém age de forma estranha. E eles se comunicam com os corvos regulares.

— O resto de vocês não pode fazer isso? — Monty o interrompeu. — Se comunicar com os animais que compartilham a sua forma?

— Quantos lobos você vê em uma cidade? — Simon perguntou secamente. — Ou ursos?

— Entendido.

— Mas os Corvos estão em toda parte, e Crowgard acaba sabendo sobre as outras partes da cidade por causa deles. — Simon parou.

Sim, pensou Monty. *Você acabou de dizer porque alguém quer vê-los mortos.* — Eles observam muito, — ele disse calmamente. — Eles escolhem itens do lixo, procuram coisas que, para eles, são pequenos tesouros. O que significa que eles podem encontrar coisas, perceber

quem são as pessoas que compram ou vendem drogas, como *Nocaute de Lobo*, algo que mais ninguém pode encontrar.

— Eles notariam um padrão de atividade, — Simon disse.

Ele assentiu. — Mas se você matar Corvos suficientes, eles vão parar de remexer o lixo e os segredos permaneceram segredos.

Simon não respondeu.

— Havia algo que você queria me perguntar? — Monty perguntou.

— O Dr. Lorenzo, você confia nele?

A questão deixou Monty surpreso. — Eu acho que ele é um bom homem, — ele respondeu com cautela.

— Ele quer estudar uma *Cassandra de sangue*. Ele quer estudar a Meg. É por isso que ele concordou em fornecer a cura humana e a medicina.

— Eu pensei que você queria um curador em medicina humana disponível no Pátio, — Monty respondeu.

Simon olhou para longe.

O líder de um Courtyard desviando o olhar primeiro? Isso não poderia ser bom. — Aconteceu alguma coisa com a Srta. Corbyn?

— Um arranhão. Nada mais do que um arranhão, que nem sangrou. Mas foi o suficiente. — Agora Simon olhou para ele. — Se isso for tudo o que ela precisa para ver uma profecia, por que ela precisa se cortar e correr o risco de fazer um corte muito mais profundo?

— Eu não sei. — Mas ele iria ligar para Dominic Lorenzo e descobrir. — O que Meg viu?

Hesitação. A relutância que Monty poderia sentir como uma barreira entre eles.

— Os seres humanos que fugiram do carro danificado. Você sabe onde encontrá-los? — Simon perguntou.

Ele assentiu. — Os funcionários da delegacia de Lakeside estão procurando o registro. — Ele estudou o Lobo. — O que eles deveriam estar procurando, Sr. Wolfgard?

Outra hesitação. Então — Frascos. Fumaça em um frasco. Uma mão... Ou qualquer outra coisa.

Deuses acima e abaixo. — Alguém está desaparecido no Courtyard?

— Não. Vlad estava longe do Courtyard quando Meg... Assustou-se... Mesmo antes de falar profecia. — Simon puxou um pedaço de papel dobrado do bolso e entregou a Monty. — Você pode achar essas histórias interessantes. Mas você deve ter cuidado com quem vai falar sobre isso.

Os títulos não eram do seu conhecimento, mas ele tinha lido outros livros de um dos autores. — Você tem qualquer um desses livros em estoque?

— Alguns.

Os Outros não admitiam vulnerabilidades. Eles não iriam voluntariamente compartilhar informações que poderiam ser usadas contra eles. Para Simon estar apontando em uma determinada direção, indicava a profundidade da preocupação do Lobo.

— Lakeside vai sobreviver ao que quer que venha por aí? — Perguntou.

— Espero que sim, — Simon respondeu. — Mas se os seres humanos declararem guerra aos Sanguinatis...

— Eu, e o resto da força policial de Lakeside, faremos tudo o que pudermos para evitar esse tipo de conflito. — Suprimindo um tremor, Monty falou. — Obrigado pelo seu tempo. Eu vou descer e pegar os livros antes de sair.

Monty colocou dois sacos de livros sobre o banco de trás do carro patrulha. Então ele entrou e disse a Kowalski, — Trabalho extra. Escolha metade desses livros. Vou pegar o resto. Por agora, vamos para o Lakeside Hospital. Eu gostaria de encontrar o Dr. Lorenzo antes de o seu turno começar.

Kowalski olhou para os sacos de livros, em seguida, colocou o carro em marcha e saiu do Pátio. — Se você precisar de informações com pressa, Ruthie poderia ler um terço desses livros.

— Não. Você não precisa manter o material de leitura como um segredo para ela, mas eu acho que é melhor se Ruth não estiver envolvida no recolhimento desta informação.

— Deuses abaixo, Tenente! Que tipo de informações nós estamos procurando?

— Qualquer coisa nessas histórias que informe como prender ou matar um Sanguinati.

Kowalski não disse mais nada durante o trajeto para o hospital.

Monty encontrou o Dr. Lorenzo com bastante facilidade e observou que o médico não parecia satisfeito em vê-lo.

— Eu não faço parte do Departamento de Polícia de Lakeside, — disse Lorenzo. — E mesmo eu querendo estabelecer um consultório na Praça do Mercado, não estou de plantão vinte e quatro horas por sete para os Outros.

— Não, senhor, você não está, — Monty respondeu com sua cortesia habitual. — Mas você é o médico que está à procura de algum tipo de acesso para o interior do Pátio e de conseguir uma maneira de estudar uma profetisa de sangue.

Lorenzo se encolheu. — É uma ameaça, Tenente? Se eu não estou disponível para responder as perguntas que você fará, você vai tentar influenciar a decisão do Wolfgard contra mim em ter um escritório no Pátio?

Monty sacudiu a cabeça. — Os Outros, especialmente Simon Wolfgard, ainda não decidiram se vão confiar em você. E a menos que não tenham uma escolha, eles não irão ligar para você aqui. Mas eu acho que eles me deram algumas informações que sabiam que eu iria passá-las para você.

Agora ele tinha a atenção do médico.

— Aconteceu alguma coisa com Meg Corbyn? — Perguntou Lorenzo.

Monty repetiu o que Simon lhe contou sobre o arranhão no tornozelo de Meg. Ele não lhe deu qualquer conforto quando sentiu que Lorenzo parecia perturbado.

— Eles têm câmeras no Courtyard? Ou algum tipo de capacidade de fazer um registro desse arranhão para que eu possa colocar no arquivo médico da Srta. Corbyn?

— Foi apenas um arranhão, — Monty protestou.

— Para você e para mim seria. Mas você disse que ela viu coisas, falou uma profecia. Isso significa muito sobre a pele que foi usada. Há especulações de que o corte muito perto de um corte anterior pode causar complicações mentais ou emocionais, talvez até mesmo a loucura.

Eles olharam um para o outro, lembrando das cicatrizes que cruzavam a parte superior do braço esquerdo de Meg Corbyn.

Lorenzo suspirou. — Se esse arranhão não foi profundo o suficiente para deixar uma cicatriz, eu gostaria que Simon Wolfgard mantivesse um registro da pele que foi arranhada. Será importante saber, especialmente se outro corte for feito em torno da mesma área em algum momento no futuro. — Ele hesitou. — Você já ouviu o slogan: *Humanos, Primeiros e Últimos*?

— Doutor, se você faz parte desse movimento, fique longe do Pátio. Para o bem de todos nós.

— Eu não faço parte desse movimento. Mas fui abordado em uma conferência recentemente por alguém que estava pescando para ver se eu estava interessado em me juntar às fileiras dos crentes. As pessoas falam, Tenente. Quando souberem que eu estou dando qualquer tipo de assistência no Courtyard... Poderia haver repercussões.

— Poderia haver, — Monty concordou. — Especialmente se as pessoas não perceberem que se ajudassem os Outros poderiam prevenir que os conflitos menores se transformem em uma guerra. Se você receber qualquer telefonema estranho, ou cartas ameaçadoras, você me chama.

Lorenzo concordou. — Se isso for tudo, eu preciso começar o meu turno.

Quando Monty voltou para o carro patrulha, Kowalski deu-lhe um olhar estranho. — Ligue o seu celular, Tenente. Os agentes que estão investigando e rastreando o carro que atingiu o trabalhador na cidade querem falar com você.

Monty entrou no escritório do Capitão Burke e sentou-se na cadeira de visitantes, sem convite.

Burke cruzou as mãos, e as apoiou na mesa, inclinando-se para frente. — Você ouviu o que oficiais descobriram dos homens que dirigiam aquele carro?

— Eles encontraram a casa... E dois rapazes universitários, que ainda estavam pulando sobre o que eles tinham feito para servir de iscas na rua, e para os Corvos, — Monty disse, lutando contra a sensação de mal que tinha sentido depois de fazer essa chamada. — Quando os Oficiais revistaram a casa, eles encontraram uma mão em um vidro, provavelmente na conserva em algum tipo de salmoura. Supostamente era a mão de um Sanguinati. Eles encontraram olhos. O rótulo afirmava que eram os olhos de um lobo, mas não eram âmbar ou cinza, de modo que seja improvável. Quando os rapazes foram levados sob custódia, eles continuavam gritando: '*Nós vamos ser os Lobos agora.*'

— Onde eles conseguiram a mão e os olhos? — Perguntou Burke.

— Em uma loja esotérica perto da universidade. A parte da frente da loja tinha o tipo de mercadoria que deixaria qualquer universitário nervoso, e onde se esperaria encontrar um monte desses jovens reunidos. Mas a sala de trás... — Monty limpou a garganta. — Já que eu poderia confirmar que nenhum morador do Lakeside Courtyard está desaparecido, podemos assumir que os *pedaços* que os agentes de investigação encontraram na sala de trás foram trazidos de outro lugar. Provavelmente de Toland. — A cidade é um importante porto para os navios que transportam passageiros e carga para o Cel-Romano, a Aliança das Nações e outros portos humanos em todo o mundo. Seria fácil esconder uma caixa com mercadorias *emocionalmente instáveis* entre uma carga legítima em uma bagagem de um trem viajando entre Toland e Lakeside.

Burke se sentou de volta. — Então os olhos podem ser humanos ou de algum animal, mas não pertencem a qualquer um dos nossos *indigenes da terra*.

— Isso é correto, — disse Monty.

— E a mão? Poderia pertencer a um Sanguinati?

— De nenhum deste Pátio. — Ele hesitou. — A Srta. Corbyn teve uma visão esta manhã. Sobre frascos e mãos... E o Sanguinati. Capitão, se essa mercadoria veio de Toland... — Ele pensou em sua filha, Lizzy, que morava na cidade grande com a mãe, e o medo de repente o deixou tonto.

— Os Sanguinatis são os *indigenes da terra* dominantes em Toland Courtyard, apoiados pelos Lobos e os outros moradores de lá. Se qualquer um *deles* desapareceu... — Burke soltou um suspiro. — Isso só fica melhor e melhor. Tudo bem, Tenente. Acompanhe pessoalmente essa investigação. Vou ver se posso encontrar alguém no Departamento de Polícia de Toland que não use seu cérebro apenas para limpar seu traseiro. — Ele deu a Monty um sorriso feroz. — Eu não esqueci que você veio de lá, mas você não é mais um deles.

— Bom saber. — Monty se levantou da cadeira. Então ele parou. — Devo dizer a Simon Wolfgard o que foi encontrado naquela casa e na loja?

— Se houvesse quaisquer aves em torno desse lugar, ele provavelmente já sabe, por isso, uma visita de cortesia seria prudente. — Burke parecia desconfortável. — Não é o melhor momento para isso, mas eu gostaria que você marcasse um encontro comigo e o Sr. Wolfgard à sua conveniência.

— Por quê?

Burke levou tanto tempo para responder, que Monty não tinha certeza se ele iria. — Eu quero pedir um favor a ele.



CAPÍTULO 8

STEVE FERRYMAN se apressou para chegar à balsa de passageiros antes que ela saísse. Ele não estava escalado para trabalhar hoje, não tinha planejado fazer nada, apenas assistir um filme, lavar roupa, e, mais tarde, circular pela livraria da ilha para encontrar novos romances. Mas ele olhou para fora da janela quando acordou e sentiu algo familiar, e nem sempre bem-vindo, lhe apertando entre as omoplatas, e teve a sensação de que precisava estar na balsa quando fazia sua primeira caminhada do dia entre a Ilha grande e a doca, na metade continental da aldeia chamada de Ferryman Landing.

Vários Corvos estavam amontoados no convés, com suas penas pretas flutuando contra o frio.

— Você quer ir para dentro da cabine? — Perguntou Steve.

Depois de um momento, um Corvo sacudiu a cabeça.

— Avise se você mudar de ideia.

Uma rápida olhada na cabine de passageiros confirmou que estava vazio. Totalmente vazio. Absolutamente, completamente vazio, sem vestígios de que alguém tinha estado lá naquela manhã. O que significava que sua tia, Lucinda Fish, não estava planejando abrir o bar da balsa para o café e ele teria que ficar sem a sua dose matinal de cafeína.

Suspirando, Steve foi até a casa do leme para ver se seu irmão mais novo, Will, era o capitão hoje.

— Bom dia, Yer Honor — Will disse, puxando seu topete. — Estou surpreso em vê-lo de pé tão cedo em seu dia de folga. Diga-me senhor, é uma viagem pessoal, ou você está viajando a negócios do governo?

— Cale a boca, — Steve murmurou.

Na aparência, eles eram noite e dia. Steve herdou de seu pai, Charles, os cabelos e olhos escuros, características nítidas, e uma construção forte, mas esguia. Will tinha o cabelo loiro e os olhos azuis que tinha herdado da mãe deles, Rachel, juntamente com a graça esbelta que era comum a todos os membros do clã Fish.

— Isso é jeito de falar com um de seus comandados? — Will perguntou.

— Você não votou em mim, — Steve disse. — E nem podia, já que você não está no conselho da aldeia.

— E não teria votado, mesmo se eu pudesse, pois eu sei o quanto você *queria* o trabalho, — Will respondeu alegremente. — Que não é de todo ruim.

Quando se trata de ser selecionado para um trabalho ingrato, o homem que sai da sala pouco antes da votação é o tolo que começa o trabalho, seu pai disse muitas vezes.

E foi assim que, ao deixar a sala para aliviar a bexiga, porque ele pensou que o conselho iria permitir que Jabber ficasse por mais um longo tempo, Steve Ferryman foi escolhido e votado como o novo prefeito de Porto Ferryman com a tenra idade de trinta anos. Os membros do conselho devem ter começado a votação no momento que a porta do banheiro se fechou atrás dele.

Nós tivemos a sensação de que você é o que a vila precisa agora, disseram a ele quando tentou argumentar.

Quando alguém em Porto Ferryman tinha um pressentimento, você prestava atenção. A intuição deles os manteve sobreviventes e prósperos, bem o suficiente, porque eles *davam* atenção quando alguém tinha uma intuição.

Ele não queria ser prefeito, mesmo que isso não fosse um trabalho muito exigente em uma pequena vila como a deles. Ele era um barqueiro por herança de nascimento, e do comércio, e preferia estar na água, que em qualquer outro lugar. Mas agora ele estava no comando do governo humano da ilha, para melhor ou pior.

— Acho que é bom que você não esteja no leme hoje, — Will disse.
— Você não ouviu nada que eu disse nos últimos minutos.

— Dá um tempo, — Steve rosnou. — Eu mal tive tempo para tomar um banho. Tive que desistir de meu café da manhã para chegar aqui.

Will deu-lhe um olhar estranho. — Alguma razão para você precisar chegar até aqui?

— Eu tive um pressentimento.

Will não disse nada por um momento. Então — Eu acho que a tia Lu teve um pressentimento também. Você não me ouviu quando eu disse que ela trouxe uma garrafa térmica extra de café e disse que você está convidado a tomar o que quiser.

Steve viu a garrafa térmica, e apenas a visão dela disparou suas células cerebrais, o suficiente para criar pensamentos *reais*.

— Que o rio abençoe, Tia Lu, — disse ele, enchendo uma caneca.
— Você quer também?

— Eu quero.

Steve encheu outra caneca e a levou para seu irmão. Então suspirou. — Céu limpo, ventos fracos.

— Sim. Vai ser um dia bonito, — Will disse. — Por que você parece desapontado?

— Eu não estou desapontado. Eu só... — Ainda estava lá; a tensão entre as omoplatas que era o seu *signal de alerta* pessoal para precisar prestar atenção em *algo*. — Parece que uma tempestade está chegando.

— Papai não disse nada. — Será que ele não estudou o céu e o rio? — Nem a mãe ou a Tia Lu.

— Estes pressentimentos nem sempre são claros, ou lógicos.

— Os seus geralmente não dão errados.

Não, ele geralmente acertava. Pelo menos quando era sobre previsões em relação ao rio e o clima. Sua intuição não englobava uma gama de sentimentos, apenas as coisas que importava para ele, como indivíduo. Então sua família tinha mais conhecimentos sobre a água e o clima, enquanto as famílias como Sledgeman e Liveryman sabiam sobre os transportes e a pecuária, respectivamente.

A travessia foi tranquila. E assim que a balsa ancorou, os Corvos voaram, dividindo-se em um punhado de pequenos grupos voando em diferentes direções. Eles iriam passar o dia observando tudo e todos dentro do alcance, em seguida, retornariam a tempo para dar um passeio pela ilha.

Depois de ajudar a atracar a balsa, Steve se encaminhou para a rua principal quando o caminhão do correio entrou no cais. Os sacos contendo as entregas seriam descarregados e correio dos residentes da ilha seria carregado. Não havia muitos passageiros nesta época do ano e a taxa cobrada para a passagem ajudava a desencorajar os turistas.

O céu estava claro, com ventos leves. Nada para se preocupar. Mesmo assim, Steve continuou olhando para o rio.

O que ele estava fazendo no lado continental da aldeia? Era seu dia de folga. Ele poderia passar na livraria para passar tempo até a balsa voltar, mas a livraria da ilha tinha os mesmos acervos. Na verdade, já que os Outros compravam os livros da livraria da ilha, os romances de autores *indigenes da terra* não estavam disponíveis nas lojas do continente; o que poderia atrair mais turistas que estavam visitando a área.

Mas um livro não explicava a urgência de pegar a balsa esta manhã.

Então ele viu Jerry Sledgeman saindo da farmácia segurando um jornal.

— Jerry! — Ele chamou.

Jerry parou e levantou a mão em saudação. — O que você está fazendo aqui hoje?

Jerry era uma década mais velho, e tinha uma esposa, uma filha adolescente, bem como dois filhos. Apesar da diferença de anos e das circunstâncias, eles eram amigos.

— Eu não tenho certeza. — Steve olhou para o rio. — Eu simplesmente não consigo afastar a sensação de que uma tempestade se aproxima.

Quando Steve olhou para ele, Jerry estendeu o jornal e apontou para uma história no *Lakeside News*. Algo sobre aves sendo atropeladas e um trabalhador da cidade sendo atingido por um dos veículos.

Não eram qualquer tipo de aves, Steve percebeu quando continuou lendo. Corvos. Alguém tinha colocado iscas na rua e esperou que o Crowgard aparecesse, mas apenas corvos comuns foram mortos.

Jerry esperou que ele terminasse a leitura, em seguida, disse: — Agora que você é o prefeito, talvez você esteja desenvolvendo pressentimentos de um tipo diferente de tempestade.

Era final da manhã de Sunday, o Sr. Smith levou o seu primeiro cliente do dia para a sala de entrevistas, onde Daisy esperava por eles. Ao contrário de alguns de seus associados, ele preferia dar *nomes* as suas meninas, em vez de dar a elas designações estéreis, como números. Era verdade que as designações e seus números criavam uma distância entre as meninas e os seus manipuladores, e lembrava aos clientes que as meninas não eram humanas, da mesma forma *que eles* eram humanos, tornando mais fácil para muitos clientes conseguirem ficar assistindo uma menina sangrar com a demanda que tinham para que eles recebessem uma profecia.

Ele, por outro lado, preferia uma abordagem mais suave. E os clientes que queriam o lucrativo serviço especial muitas vezes pediam pelos serviços adicionais, pois eles achavam algo gratificante, quando depois de sussurrar seus pedidos, poderiam apreciar a emoção de alcançar um lugar mais exótico. As meninas não eram boas parceiras sexuais. Elas entravam em um êxtase muito grande por conta própria, que nem se lembravam se tinha um pênis dentro delas. Mas obter relações sexuais com uma profetisa de sangue dava um tipo de entrada em alguns círculos sociais. Afinal, precisava de mais dinheiro para convencer alguém como o Sr. Smith para conceder a um cliente esse *tipo*

de tempo extra com uma menina. Aumentava a ambição e o potencial para se tornar um *motor* mais agitado, nos círculos mais altos humanos.

O cliente que estava prestes a enfrentar Daisy poderia ser um homem desses. E dependendo do que a menina dissesse, ele poderia concordar que a menina fosse desfrutar de uma sessão privada, desde que o cliente indicasse um desejo para *ter essa* experiência.

Depois de encaixar o cliente na cadeira em frente à menina, o Sr. Smith sentou-se na cadeira ao lado, onde poderia observar o cliente e a profetisa. A menina estava coberta com um cobertor, que ia do pescoço aos joelhos. Sob esse cobertor, ela usava apenas uma tanga de material transparente, que não esconderia os sucos provocados pela euforia.

— Daisy, — o Sr. Smith disse calmamente. — Este homem está concorrendo para o cargo de prefeito em sua cidade. Ele quer saber se ele usar o slogan *Humanos, Primeiros e Últimos* como plataforma irá ajudá-lo a vencer. O que será que a eleição trará?

Ele repetiu as mesmas palavras uma e outra vez, enquanto os manipuladores removiam o cobertor. Ele já tinha uma boa ideia do que esse cliente iria pedir e já tinha escolhido a pele. Um corte ao longo do lado esquerdo da barriga. O sangue que escorreria do corte iria deixá-lo com os olhos na tanga, e adicionar outra camada de desejo para o serviço extra.

— O que a eleição trará? — Ele perguntou quando o manipulador terminou o corte.

Daisy olhou para o cliente, com o rosto cheio com a agonia que vinha antes das primeiras palavras da profecia, liberando a euforia viciante. A necessidade de falar suas intuições era o sentimento que motivava uma *Cassandra de sangue* a se cortar duas ou três vezes por dia, se elas não fossem monitoradas, e cortadas em uma programação regular.

— Tornado, — disse Daisy, olhando para o cliente. — Edifícios com janelas quebradas. Flores crescendo pelas rachaduras nos pavimentos. Trepadeiras nas paredes. Seu rosto em um pedaço de papel, e a palavra 'eleito' acima do rosto. Papel sendo soprado em uma rua vazia.

Fechando os olhos, ela gemeu e inclinou a pelve em um convite quando a profecia terminou.

— O que isso significa? — O cliente gaguejou. — O que essas imagens têm a ver com a minha eleição ou a minha chance de ganhar?

Esperemos que nada, pensou o Sr. Smith. — Parece que Daisy está passando por algum tipo de transição, e desse modo ela fica incapaz de oferecer uma profecia precisa. — Ele se levantou. Dando um aperto firme no braço do cliente, ele acompanhou o homem para fora do quarto.

— E a minha profecia? — O cliente exigiu. — Eu paguei -

— Você não vai ser cobrado pela sessão de hoje, — Sr. Smith interrompeu. — Nós vamos chamá-lo na próxima semana para outra garota.

— Semana que vem? Mas eu tenho que tomar uma decisão antes disso!

Sr. Smith parou e olhou dentro dos olhos homem. — Nenhuma das minhas meninas está disponível até a próxima semana. Ou seja, ou pode voltar, ou tentar encontrar outro estabelecimento. Não é tão fácil como você acha que é. Todos os homens que cuidam de uma *Cassandra de Sangue* e vendem suas habilidades reconhecem a necessidade de manter algum segredo.

Depois de entregar o cliente para um dos funcionários que iria escoltá-lo para fora do complexo, o Sr. Smith voltou à sala de entrevista e estudou Daisy. Seus olhos ainda estavam vidrados, mas a euforia se desvaneceu e ela estava começando a voltar.

— Você quer que ela continue? — Um dos manipuladores perguntou.

— Não, — disse o Sr. Smith. — Dê-lhe um pouco de água e algo para comer, em seguida, deixe-a dormir.

Uma hora mais tarde, o Sr. Smith se sentou em outra sala de entrevista, com o representante de uma associação agrícola que fornecia alimentos para várias cidades da Região do Centro-Oeste de Thaisia, uma associação que queria aumentar a produção e evitar a escassez, a fim de vender tranquilamente grãos para o Cel-Romano.

Ele tinha escolhido Peaches para este corte. Ela era a garota mais receptiva que ele tinha para falar as profecias.

— O que vai crescer melhor em nossas terras este ano? — Disse o representante. — E quais culturas não irão bem?

Sr. Smith repetiu as perguntas quando o manipulador fez um corte acima de um dos seios maduros de Peaches.

— Fogo. — Ela suspirou a palavra. — Fogo come e come. Andorinhas de água. Pratos vazios. Falta de comida.

Sr. Smith foi até o seu escritório e fechou a porta. Então cedendo ao medo que estremeceu seu corpo, ele encostou a testa contra a porta e fechou os olhos. Seus manipuladores eram profissionais experientes e conheciam as meninas. Era possível que eles perderam algum sinal de que Daisy não deveria ter sido colocada na lista hoje, mas por que Daisy e Peaches *falaram* profecias que não tinha nada a ver com as perguntas?

Nada de errado com as minhas meninas, pensou o Sr. Smith. *E isso significa que elas de fato, responderam às perguntas.*

Destruição de uma cidade causada por uma eleição. Incêndios e inundações seriam as únicas culturas que a associação agrícola que o Centro-Oeste iria colher este ano.

As meninas poderiam estar erradas. Uma decisão diferente, uma escolha diferente; e o que Daisy e Peaches viram hoje não iria acontecer.

Mas as pessoas cujas escolhas poderiam fazer a diferença provavelmente não estavam em sua lista de clientes. Por mais que ele quisesse acreditar em seus clientes, esses homens e mulheres importantes, eles eram apenas grandes peixes na pequena lagoa conhecida como Região Centro-Oeste.

Se ele queria entender por que as profecias de suas meninas foram preenchidas com tantas imagens de destruição, ele ia ter que procurar o aconselhamento de alguém cuja lista de clientes era mais... Expansiva.

Ele detestava aquele filho da puta, mas ele não sabia a quem mais recorrer.

Sr. Smith se serviu de uma bebida forte, então se sentou em sua mesa e fez a ligação para o homem que era conhecido como o Controlador.



CAPÍTULO 9

MEG PAROU EM FRENTE do Pony Barn. Não havia Corvos ou Falcões ou Corujas ao redor para informar que ela estava lá. E não havia razão para ela estar ali, nenhuma entrega extra ou pacotes para entregar. Na verdade, ela terminou parando aqui porque não havia mais nada para entregar, e ela ainda não queria ir para casa.

Normalmente em Windsday ela passava o seu tempo na *classe Mente Quieta*, com Merri Lee, Ruth e Heather. Mas *todas* as lojas estavam fechando às cinco horas por causa de alguma reunião especial, e Simon tinha lhe dito para não voltar para a área da Praça do Mercado depois que ela fechasse o escritório. Bem, agora que eles eram amigos novamente, ele *tinha* feito um esforço para soar como se estivesse lhe *pedindo* para ficar longe.

É claro, a palavra *favor* parecia muito diferente quando era rosnada. Mas Simon era assim, e os amigos aceitavam os amigos do jeito que eram. Ela tinha lido isso em uma revista recentemente.

Pedindo ou ordenando, o peso era o mesmo: a área de negócios do Courtyard estava fechada para todos, menos para os membros da Associação de Empresas, e quem mais estivesse presente na reunião. Mesmo os apartamentos de funcionários estavam fora dos limites esta noite. Claramente os Outros queriam que esta reunião permanecesse *privada*.

Assim, nenhuma sessão na *Mente Quieta*, sem amigos, e ninguém no Complexo Verde até que esta reunião acabasse e os Outros voltassem para seus apartamentos.

Ela não ficava sozinha no Complexo Verde desde que os homens naquela noite entraram no Pátio e tentaram capturar ela e Sam.

Imagens de treinamento. Casa vazia com uma porta pendurada de suas dobradiças. Janelas quebradas. Detritos jogados nos cantos das salas.

Meg sacudiu a cabeça. Ela não foi abandonada. Estar sozinha não precipitaria um ataque. Iria?

Seria fácil obter uma resposta. Uma corte iria lhe tranquilizar até que estivesse segura com Simon, e o resto dos moradores do Complexo Verde voltasse para casa. Apenas um pequeno corte.

Ela analisou a forma como suas mãos tremiam quando agarrou sua navalha. Quando ela estava no hospital, o Dr. Lorenzo tinha dito algo sobre reações de estresse pós-traumático, mas ela não tinha prestado atenção e não conseguia se lembrar de suas palavras.

Não importava se ela se lembrava das palavras dele ou não. Ela teve o bom senso de não abrir a navalha quando percebeu que suas mãos não estavam firmes e não haveria ninguém por perto para ajudá-la se algo desse errado quando se cortasse.

Mas eu não posso hesitar, ela pensou. Poderia ser tarde demais.

Jester Coyotegard saiu do celeiro e foi até o lado do motorista do seu carro elétrico.

— Eu não estava esperando uma entrega, — Jester disse, delicadamente farejando o ar quando ela abriu a janela para falar com ele.

— Eu não tenho uma para você, — Meg admitiu.

Uma pausa de espera. — Algo errado com o carro?

— Não. — Ela sabia que *ele* sabia que não havia nada de errado com ela e com o carro elétrico. Se houvesse ela teria saído para pedir ajuda. — É apenas embaraçoso.

— Nesse caso, me diga tudo.

Ele parecia tão alegre, que ela teve que rir. Mas a diversão desapareceu rapidamente. — Ninguém mais vai estar em casa até a reunião terminar, e eu estou... Nervosa... Ficando no Complexo Verde sozinha. — O danado do Coyote deveria imaginar, depois de sua primeira cheirada, e estava jogando com ela para saber o motivo de seu

nervosismo. — Eu realmente não posso visitar o Sam no Complexo Wolfgard, e eu não quero que ele fique longe dos Lobos adultos se algo está acontecendo...

Jester apenas a estudou. E se ele sabia do que se tratava a reunião, ele não estava compartilhando.

— Você já viu o interior de um celeiro? — Perguntou.

— Por fotos.

Ele abriu a porta do carro e levantou a janela dela. — Venha para dentro e veja a coisa real.

Se ela ficasse com Jester e os pôneis, ela não estaria sozinha.

Ela desligou o carro e seguiu o Coyote.

— Você pode conhecer o nosso mais novo residente se ele decide se mostrar, — Jester disse quando chegaram à porta do celeiro. — Ele ainda não foi até o gabinete do Liaison com os outros pôneis, por isso que você ainda não o viu. É incomum para um de sua linhagem ser atribuído para a região dos Grandes Lagos, especialmente alguém tão jovem, mas as Elementais o queriam aqui. E eu tenho que dizer, ele está se estabelecendo muito bem.

Na noite do ataque, os homens haviam incendiado o Pony Barn e deram um tiro no velho Furacão enquanto ele estava em sua forma de cavalo. Os Outros consertaram o Pony Barn antes de fazer quaisquer outros reparos em outros edifícios e cercas que foram danificados durante o ataque. Enquanto os moradores de Lakeside lutaram para fazer reparos em suas próprias construções no tempo frio cortante, a área em torno do Pony Barn tinha apreciado o toque delicado da Spring, tornando mais fácil para os trabalhadores.

Apesar do nome, as imagens de treinamento que tinha de um estábulo não condiziam completamente com o que ela viu. Era uma construção ampla, com espaços que normalmente poderiam ser identificado como um celeiro. Quando olhou em volta, Meg absorveu o que ela viu quando uma memória de um vídeo surgiu, em vez de uma série de imagens isoladas e dispostas em ordem. Muitas baias estavam vazias porque os pôneis estavam no Pátio fazendo o que quer pôneis

faziam. Depois de olhar em volta, ela sentou em um fardo de feno e observou Jester cuidar da Névoa. Em seguida, ela ajudou a cuidar de Cyclone, aproveitando a experiência tátil, tanto quanto o pônei parecia desfrutar.

E então, um pônei branco saiu da última baia, e Meg sentiu um arrepio correr sob a pele, desde a sola dos seus pés ao topo da cabeça. A sensação desapareceu rapidamente. Quase rapidamente demais, já que ela estava tentando observá-lo tentar, sem ser muito bem-sucedido, manter a forma peludo-rolíça-com-pernas-gordinhas igual aos outros pôneis. Como um Lobo que não conseguia esconder que *não* era humano, este cavalo não conseguia esconder o fato de que ele não era realmente um pônei.

Aquamarine, Meg pensou, identificando o verde azulado da crina e a cauda do recém-chegado. Não era uma cor muito comum em um pônei.

— Meg, — Jester disse. — Este é o Redemoinho.

Às 17h15min em Windsday, o Capitão Burke virou o sedan preto na entrada da rua principal do Courtyard.

— Sr. Wolfgard disse para estacionar atrás do Gabinete da Liaison, — Monty disse. Ele tinha feito à chamada e pediu esta reunião, mas ele não esperava que Simon concordasse; especialmente desde que ele não poderia dizer ao Lobo porque Burke queria se encontrar com ele. O que significava que o líder do Lakeside Courtyard tinha suas próprias razões para querer se encontrar com um Capitão da polícia.

— Eu pensei que nós iríamos nos reunir no consulado, — Burke disse, enquanto estacionava o carro.

— Nós vamos.

— Eles querem que o carro fique fora de vista? — Burke observava os edifícios, especialmente as portas e as janelas.

— O mais provável é que eles queiram o caminho livre. Mas acho que a Associação Empresarial usa esse estacionamento como uma maneira de indicar confiança.

— Isso significa que somos confiáveis, Tenente?

— Sim, senhor, acho que sim. — *Até certo ponto*, ele acrescentou silenciosamente.

Eles caminharam até a via de acesso ao consulado. Enquanto esperavam para alguém atender a porta, Monty estudou o Gabinete do Liaison. Já estava fechado, com apenas uma luz acesa durante a noite na sala da frente. Pena que Meg Corbyn já tinha ido embora. Ele gostaria de ter uma oportunidade de verificá-la, se certificar que ela tinha se recuperado das profecias que tinha visto em Moonsday.

A porta do consulado abriu. Blair Wolfgard olhou para eles. Ele usava um macacão de mecânico, o que parecia ser seu traje preferido quando estava na forma humana. Atrás de Blair estava um homem com o cabelo cortado com estilo, e os olhos cor de âmbar de um Lobo. Ele usava um terno de excelente corte e qualidade que gritava *dinheiro*.

Tinha que ser Elliot Wolfgard. Monty imaginava que deveria ser perturbador para os funcionários humanos do consulado e do governo trabalhar com o Lobo, compreendendo que ele era o símbolo do poder, e que sabia *enviar* uma mensagem intimidante antes mesmo de dizer alguma palavra.

— Vocês podem pendurar seus casacos e deixar suas botas ali, — disse Elliot, apontando para um cabideiro e o tapete embaixo. Depois que tiraram os casacos e botas, eles foram levados a uma sala de reuniões que parecia mais uma sala de uma grande corporação. Sala grande. Mesa grande. Duas grandes janelas cobertas com cortinas.

E três *indigenes da terra* já estavam parados perto da mesa: Simon Wolfgard, Henry Beargard e Vladimir Sanguinati.

Elliot saiu da sala e fechou a porta. Monty se perguntou se Tess tinha optado por não comparecer a esta reunião ou apenas não foi

convidada. De qualquer maneira, ele pensou que Burke já tinha agora a confirmação de quem realmente dava as ordens aqui em Lakeside.

— Eu agradeço a oportunidade de estar aqui, — disse Burke.

Simon puxou uma cadeira e sentou-se, um sinal de que a reunião tinha começado. — Você já encontrou os homens que tentaram matar os corvos?

Após um momento de hesitação, Burke sentou-se na cadeira em frente à de Simon. Monty sentou ao lado de Burke, em frente à Vlad. Mesmo com a mesa entre eles, ele não estava confortável estando tão perto do vampiro, não quando ele ainda se lembrava da sensação de formigamento que sentiu quando apertou a mão de Vlad. Foi assim que ele descobriu que o Sanguinati poderia se alimentar de sangue apenas tocando na pele de uma pessoa.

Henry Beargard sentou-se do outro lado de Simon, e sua cadeira estava ligeiramente empurrada para trás da mesa, e angulada de uma forma que Monty achava que ele estava lá apenas como um observador e não um participante.

— Nós encontramos dois deles, — disse Burke. — E descobrimos algumas coisas na casa deles que estamos investigando.

— Que coisas? — Perguntou Vlad.

— Frascos de vidro? — Simon perguntou, olhando para Monty.

— Sim, frascos, — Monty respondeu. Ele manteve os olhos em Simon, mas ele podia ver a mão direita de Vlad se fechando em um punho. Este não era o momento certo para perguntar se uma mão decepada poderia ser perigosa. Os romances que ele e Kowalski tinham lido ao longo dos últimos dias fez soar que uma parte do corpo poderia sobreviver à separação por um longo tempo, se o resto do corpo do vampiro ainda estivesse vivo, mas não havia maneira de saber se a ficção foi baseada em fatos verídicos. Os técnicos do laboratório estavam compreensivelmente relutantes em abrir os frascos a fim de testar se a mão ou os olhos pertenciam a um ser humano ou se era de um *indigene da terra*, até que alguém indicasse que *havia* alguns fatos.

— Eu acho que o Capitão não está aqui para falar sobre a investigação, — disse Henry, com a voz estrondosa, mas tranquila.

— Eu não estou aqui sobre a investigação, — Burke concordou. Ele entrelaçou os dedos e apoiou as mãos na mesa. — O filho de um grande amigo meu foi ferido em Jerzy no mês passado. Roger foi um dos policiais que responderam ao chamado dos Corvos de ajuda. Ele foi baleado pelos humanos que iniciaram o ataque, mas ele sobreviveu.

Simon não disse nada, e Monty desejou que Burke tivesse lhe dado alguma ideia de onde isso ia.

— Roger é um bom policial, e ele é um bom homem, — disse Burke. — Ele estará pronto para voltar ao trabalho em breve, mas as indicações são de que seria prudente para ele se mudar.

Simon inclinou a cabeça. — Por quê?

Vlad deu a Burke um sorriso frio. — Os macacos o estão culpando, não é? Eles pensam que ele deveria ter deixado os Corvos naquela maldita casa para morrer.

Burke mal se contraiu em resposta, mas Monty não duvidava que os Outros pudessem observar a contração.

— Nem todos os sobreviventes em Jerzy acham que Roger tenha culpa da luta que veio depois, mas o suficiente deles pensa que sim, — Burke respondeu. — Eles querem culpar alguém, e agora Roger precisa estar em algum lugar onde as pessoas que ele está tentando proteger não pensem que ele seja um traidor.

— O que você acha que teria acontecido se este Roger tivesse deixado os Corvos morrerem? — Perguntou Henry.

Burke olhou o Grizzly nos olhos. — Eu acho que se ele e os outros Oficiais não tivessem respondido a esse pedido de ajuda, não teria sobrado nenhum sobrevivente em Jerzy.

Henry baixou a cabeça, reconhecendo a verdade. — Sim. Aqueles seres humanos ainda estão vivos por causa dele.

— Pelo menos por uma ou duas semanas, — acrescentou Vlad.

Monty endureceu. — O que isso significa?

Simon ignorou a pergunta e focou em Burke. — Então você quer que o seu amigo se mude para o Lakeside? — Ele deu de ombros. — Você não precisa de nosso consentimento. Isso é um negócio humano.

Agora Burke parecia desconfortável. — Roger prefere viver em uma aldeia, trabalhar para uma força policial menor.

Olhares confusos.

— O que você está nos pedindo? — Simon disse finalmente.

— Eu estou perguntando se você poderia encontrar um lugar para Roger na Ilha Grande, — disse Burke. — Eu sei que a ilha é controlada pelos *indigenes da terra*, mas há uma comunidade de pessoas *Simple Life* que moram lá, assim como os seres humanos que dirigem a balsa e gerenciam as lojas e os serviços na extremidade sul da ilha. Eu não sei que arranjos a Ilha Grande já tem, mas certamente há uma quantidade suficiente de humanos morando na ilha para justificar um oficial policial ou dois.

Monty ficou tenso quando o silêncio encheu a sala.

Finalmente, Henry disse: — Não há força policial na Ilha Grande. Não como há em Lakeside. Os *Intui* que moram em Porto Ferryman não são o mesmo tipo de seres humanos como o povo *Simple Life*. Ou como vocês.

Burke estudou os três *indigenes da terra*. — Eu nunca ouvi falar de uma raça de seres humanos chamada *Intui*.

Henry estudou Burke. — Em Thaisia, é como eles chamam. Eles podem ter nomes diferentes em outras partes do mundo. Eles são seres humanos que têm um sentido diferente do mundo, diferente do resto de vocês, eles têm a capacidade de sentir o que está ao seu redor e de reconhecer o perigo ou uma boa oportunidade antes que seja óbvio. Eles muitas vezes foram mortos e perseguidos, porque outros humanos acreditavam que tal capacidade deveria ser algo do mal. Mesmo agora, eles guardam para si mesmos seus talentos e se sentem mais seguros morando em um assentamento humano controlado pelos *indigenes da terra*, do que morar em uma cidade controlada pelo seu tipo. — Ele sorriu

de uma maneira que parecia uma ameaça. — Seria melhor se você esquecer que já ouviu sobre eles.

Depois de um momento, Burke assentiu para indicar que entendeu.

— Deixar outro humano morar na Ilha Grande não é a minha decisão, — disse Simon. — Eu não sei se os *Intui* do assentamento Ferryman vão acolher um ser humano que não é um dos seus próprios. Mas vou falar com os líderes da aldeia sobre esse filhote do seu amigo, e eles podem decidir.

— Obrigado.

E agora um Capitão da polícia está em dívida com o líder do Courtyard, pensou Monty. *Porque Simon irá certificar-se que Roger será permitido morar na Ilha Grande.* Ele só esperava que, quando o Wolfgard cobrasse o favor devido, Burke não o sufocasse.

— É melhor que Roger não more mais em Jerzy, — Simon disse e seu tom saiu com um pouco de improviso. — Não vai ser um lugar humano por muito mais tempo.

Monty olhou para Burke, que continuou perfeitamente imóvel. Então ele olhou para Simon. *É por isso que ele concordou em se encontrar com a gente. Para entregar esta mensagem.*

— O contrato de arrendamento das terras em Jerzy expira no final do mês que vem, — disse Simon. — Os líderes da Costa Oeste decidiram que a concessão não será renovada, e a terra vai voltar aos *indigenes da terra*. O arrendamento de terras da aldeia expira ao mesmo tempo. E também não será renovado.

Burke respirou, mas não disse nada.

Quantas pessoas moravam em Jerzy? Monty pensava. *Umas centenas? Mais? Menos?* Atordoado, ele falou sem pensar. — Você irá despejar uma cidade inteira? Bem desse jeito?

— Sim, Tenente. — Simon respondeu. — Bem desse jeito. Podemos permitir que você construa nela e use o seu solo, mas a terra não é sua. Nunca será sua. Os seres humanos quebraram a

confiança dos *indigenes da terra* de Jerzy. Então de uma forma ou de outra, os seres humanos devem partir.

— Mas aquela cidade fornece alimentos para outras cidades da Costa Oeste. Como as pessoas nessas cidades poderão adquirir sua comida?

— Os seres humanos podem produzir alimentos na terra que alugaram, — Simon disse, encolhendo os ombros.

— Mas...

— Tenente, — Burke disse calmamente, um aviso de que discutir sobre uma decisão já tomada para o outro lado do continente poderia ser caro para a sua cidade, bem como perigoso para eles.

Quando Monty recuperou o controle, ele pegou Vlad olhando para ele.

O vampiro sorriu e disse: — Como é que os fortes sobrevivem?

Tremendo, ele desviou o olhar, com medo pelo lembrete. Vlad tinha lhe perguntado uma vez se os seres humanos mais fortes poderiam se justificar comendo os mais fracos, se outros alimentos não estivessem disponíveis. Ele não pensaria mais nisso, mas ele suspeitava que muitas pessoas em toda Thaisia estariam tentando fazer uma horta este verão. Já houve tempos difíceis antes, e parecia que haveria tempos de vacas magras novamente. Mesmo agora, havia falta de um monte de alimentos, como manteiga e ovos.

— Onde as pessoas em Jerzy deveriam ir? — Perguntou Burke, soando levemente interessado. — Como eles poderão transportar o gado? Eles serão *autorizados* a transportar gado?

— Eles podem levar os animais, — Simon respondeu. — Eles podem levar tudo o que foi feito por humanos. Mas devem tomar cuidado durante a migração. Se a terra ou a água for envenenada, se um dos postos de gasolina explodir, as casas podem acabar pegando fogo quando as pessoas ainda estiverem indo embora.

— Eu entendo. — Os dedos de Burke estavam brancos. — E se as pessoas se recusarem a sair? Algumas dessas famílias moram nas fazendas por gerações.

— Eles deveriam saber o que aconteceria quando atacaram os Corvos, — Simon rosnou.

— Onde então essas pessoas deveriam ir? — Perguntou Monty, repetindo a pergunta de Burke.

— Os líderes *indigenes da terra* na Costa Oeste e Noroeste estão muito zangados, — disse Henry. — Eles não se importam para onde os humanos de Jerzy vão.

— Há uma crescente inquietação em partes da Thaisia, bem como alguns outros lugares do mundo. Expulsar uma população de uma aldeia inteira vai dar combustível para os seres humanos do movimento *Humanos, Primeiros e Últimos*, — disse Burke.

Simon entrelaçou os dedos, colocou as mãos cruzadas sobre a mesa, e se inclinou para frente, um espelho exato da posição de Burke.

— Namid não fez terra e água só em Thaisia. Você veio a esta terra, a partir de Afrikah e Cel-Romano e Tokhar-Chin e Felidae e os outros lugares onde o mundo fez o seu *tipo*. O que você faz no seu pedaço do mundo é preocupação sua, o que você faz e toca em nossa terra, nós resolvemos. Mas aqui? O quanto de Thaisia que nós vamos compartilhar com vocês é escolha *nossa*. Aprendemos com outros predadores. Estamos sempre aprendendo. E aprendemos o bastante de vocês para entender que os *indigenes da terra* em Thaisia não precisam mais de vocês. Vocês não devem esquecer isso.

O rosto de Burke estava branco, mas sua voz permaneceu estável. — Eu não vim aqui para lutar, Sr. Wolfgard.

Simon sentou-se e soltou os dedos. — Nem eu

Monty olhou para as mãos de Simon. Ele realmente viu os dedos retornarem para a forma mais humana?

Ninguém falou. Então Vlad se agitou. — Você sabia que as ilhas que compõem a parte ocidental das Ilhas costumavam ser um único pedaço de terra que ligava Thaisia e Felidae?

— Não, eu não sabia disso, — disse Monty. — O que aconteceu?

— Os seres humanos que moravam lá começaram uma guerra com os *indigenes da terra*. Eles haviam determinado que *aquela* terra

fosse o *berço* humano. Eles queriam tudo. Agora eles têm menos. E todos os anos, tempestades varrem aquelas Ilhas para lembrá-los do por que eles têm menos.

— Avise o seu amigo, — Simon disse, observando Burke. — Jerzy não é mais um lugar humano, e será recuperada pelos *indigenes da terra*. Não será a última. Se os seres humanos na Costa Oeste tentarem se agitar e arrumar mais problemas, o seu amigo pode querer encontrar outro lugar para viver. — Ele hesitou, depois acrescentou: — Não há nada que eu possa fazer sobre a Costa Oeste. Mas eu gostaria que Lakeside pudesse sobreviver a tudo o que está por vir.

— Você acha que haverá uma luta? — Perguntou Burke.

— Não vai?

— Hoje não. — Burke empurrou sua cadeira para trás e se levantou. — E não aqui. Agradeço a todos por seu tempo.

Monty levantou-se e esperava que suas pernas ficassem firmes. Os Outros também levantaram.

— Diga a esse Roger para viajar para Lakeside assim que possível, — disse Simon.

Burke assentiu e saiu da sala.

Monty hesitou. — A Srta. Corbyn se recuperou de Moonsday?

Simon grunhiu. Vlad riu. Henry disse: — Ela está bem. Amanhã ela e as outras meninas vão comparecer à sessão na *Mente Quieta* que foi cancelada esta noite, devido à reunião.

— Como podem participar de uma sessão mais tranquila com a forma como as fêmeas tagarelam? — Simon murmurou.

A raiva e a tensão que tinha estado na sala foram sacudidas pelos Outros, como a água sacudida pela pele.

Não era a sua luta, pensou Monty. *Ainda não*. Os Outros não esqueceriam os homens que tinham tentado matar os Corvos. Eles tinham o conhecimento, ou Meg tinha lhes dado a informação das partes do corpo nos frascos, e eles não esqueceriam uma coisa dessas.

Ele deu aos Outros uma boa noite e se juntou a Burke, que estava vestindo rapidamente seu sobretudo e botas, e os dois homens

correram para o carro. Aliviado que as janelas estavam sem neve, Monty entrou e esperou que Burke ligasse o carro. Mas Burke colocou a chave na ignição e, em seguida, apenas olhou para fora da janela.

— A sua opinião, Tenente?

— Senhor?

— Se a palavra 'Intui' foi subitamente cogitada, por qualquer motivo, o que você acha que aconteceria?

Monty pensou por um momento, selecionando as palavras com cuidado. — Eu acho que um tornado anormal apareceria logo depois e destruiria a Delegacia de Polícia na Rua Chestnut com todos lá dentro.

Burke ligou o carro. — Sim. Foi o que eu pensei também.

Vlad deixou o consulado após Burke e Montgomery saírem do Courtyard. Ele alegou que voltaria para a Howling Boas Leituras para garantir que a loja estava fechada corretamente. Simon pensou que era mais provável que Vlad quisesse conferir alguns novos livros antes de colocá-los em exibição amanhã.

Simon, por outro lado, não fez nenhum movimento para sair da sala de reunião. Ele ainda estava mastigando as informações que tinham chegado da Costa Oeste quando ele entrou nesta reunião. Agora ele estudou Henry. — Por que você disse a polícia sobre os *Intui*? Eles se escondem entre os *indigenes da terra* para escapar dos humanos que os odeiam.

Henry assentiu. — Há muito tempo, eles eram odiados por suas habilidades. Seria bom saber se eles ainda são.

Ele pensou sobre isso. — Os líderes da Costa Oeste vão oferecer a terra de Jerzy aos *Intui*?

Henry assentiu. — Beneficia ambos os lados ter alguns seres humanos morando em Jerzy. Alguns *Intuis* de vários assentamentos queriam uma oportunidade de mudar, e os *indigenes da terra* concordaram em deixá-los tentar executar os negócios e lidar com

humanos de outros assentamentos. Eles não vão ficar escondidos da mesma forma como os assentamentos localizados profundamente no país selvagem, mas os Intui na Ilha Grande estão escondidos com sucesso à vista por muitas gerações.

Os *Intui* poderiam ser humanos, mas seus instintos eram, em alguns aspectos, mais próximos aos dos *indigenes da terra*. E sua capacidade de sentir as coisas antes que algo acontecesse? Será que se compara com a capacidade de Meg para falar uma profecia? — Eu me pergunto se os *Intui* sabem alguma coisa sobre uma *Cassandra de Sangue*.

— Quando você acompanhar o Roger para a Ilha Grande, você deve perguntar a eles.



CAPÍTULO 10

— PHINEAS Jones está aqui para vê-lo.

O Controlador recolheu os papéis em sua mesa, colocou-os em uma pasta, e guardou a pasta na gaveta antes de dizer: — Mande-o entrar.

Phineas Jones era um homem baixo, de cabelos cor de areia, olhos azuis desbotados, e um sorriso doce. Ele usava um terno de três peças, com um colete que estava um pouco apertado sobre sua barriga arredondada e um dos laços atados, que era sua marca registrada. Parecia que ele pertencia a uma época passada, uma fotografia de alguém que viveu algumas gerações atrás. E isso era um dos seus principais ativos: Phineas Jones parecia pitoresco e inofensivo. Suas habilidades como hipnotizador fazia dele o localizador de maior sucesso de Profetisas de Sangue em toda Thaisia.

Por mais de vinte anos, Jones falava para os pais desistirem de uma garota problemática para seu próprio bem, e quando a família percebia que as informações de contato que receberam eram falsas, quando já não tinham mais ideia de onde sua filha tinha ido, Jones já tinha embalado e seguido em frente. E a menina acabava em um Composto em alguma outra parte de Thaisia.

Mesmo que uma família não estivesse disposta a desistir de uma criança, Jones vendia as informações sobre a localização da família e os hábitos, permitindo um sequestro simples, e muito mais fácil.

O Controlador não gostava de Jones e certamente não confiava nele. Mas eles tinham feito vários negócios. Afinal de contas, as famílias que tinham uma *Cassandra de Sangue* em sua linhagem poderiam se sentir incomodadas em trazer o caso à tona, até que a menina começava a se cortar e chamar muita atenção para si mesma.

— Fiquei surpreso com sua ligação, — disse Jones enquanto se acomodava na cadeira do visitante. — É do meu entendimento que você está mantendo um programa de reprodução bem-sucedido e que teria pouca utilidade para os meus serviços.

— Mesmo com o excelente benefício do programa de criação, posso contar com novas ações e aquisições de vez em quando, — o Controlador respondeu.

— É isso o que você está procurando? Estoque novo? Ou talvez uma reaquisição de sua antiga propriedade?

Então Jones tinha ouvido falar sobre a fuga da cs759 e a sua falha em readquiri-la. — Estoque novo nem sempre tem a ver com qualidade.

— Concordo, mas não era o que eu esperava. Vários outros colegas estão procurando adquirir novas ações. Parece que um número de meninas se tornou não confiáveis de repente. Mas esses homens estão procurando o melhor lá fora.

— Eu já tenho o melhor, — o Controlador respondeu. — O que eu estou procurando é variedade.

Jones pensou por um momento. — Acho que eu vou dar uma olhada na parte Oriental de Thaisia. Não fui lá já tem algum tempo. Eu fiz algumas excelentes descobertas em algumas aldeias escondidas da Região Sudeste. — Então ele sorriu, e foi um sorriso doce. — Com a primavera tão perto, o Nordeste vai florescer, entretanto, eu me lembro que houve um incidente perto do Lago Etu no verão passado. Algo sobre uma menina se afogando no rio? — Ele deu ao Controlador um olhar expectante.

— Não me lembro de ouvir qualquer coisa.

— Pode não ser nada, e afogamentos acidentais acontecem o tempo todo.

É claro que, se não fosse um acidente, se a menina tinha pulado no rio para escapar das visões que não entendia... Uma família com uma Profetisa de Sangue se escondia entre os seres humanos normais, com medo de ficarem isoladas. Então uma Profetisa de Sangue em uma

família poderia atrair outras meninas que moravam na mesma área, que também eram *Cassandras de Sangue*.

— Tudo bem, — disse o Controlador. — Vá para o Leste. Veja o que você pode encontrar. Suponho que você está dividindo suas despesas entre todos os seus potenciais compradores?

— A maior parte, — Jones respondeu. — A despesa será maior para a obtenção de uma garota em particular, uma aquisição privada que será paga pelo Comprador.

— Claro. — Ele considerou um momento. — Alguns problemas poderão agitar em torno do Lago Etu. Apenas algo para estar ciente quando você estiver viajando.

— O problema tende a agitar uma panela, e o que está oculto à superfície. — Jones levantou-se e colocou o colete no lugar. — Bem. Eu devo ligar quando tiver uma entrega em potencial.

O Controlador viu o homem sair do escritório. Ele tinha enviado combatentes treinados para o Lakeside Courtyard para readquirir Meg Corbyn. Eles tinham falhado. Mais do que falhado. Talvez os olhares curiosos de Phineas Jones e suas habilidades hipnóticas poderiam ter sucesso onde as armas e explosivos não tiveram.

Jean puxou a agulha quebrada para fora da costura de seu chinelo. Não era muito para se trabalhar, mas foi o que ela conseguiu esconder enquanto os *Aqueles Com Nomes* estavam distraídos com outra menina que teve um ataque de histeria.

Sem água nas celas das meninas. Nada além de uma comadre se uma menina não poderia esperar sua vez de ser levada para o vaso sanitário. E, com os *Aqueles Com Nomes* preocupados com o que poderia estar acontecendo fora do Complexo, eles não estavam seguindo o cronograma tão diligentemente como de costume, especialmente agora, que algumas das meninas tinham visto coisas tão terríveis, e mesmo a euforia não tinha blindado completamente o horror.

Ela sabia coisas terríveis e horríveis. As feridas que lhe foram infligidas para colher o seu sangue também produziram visões. Mas eles a amordaçaram porque eles queriam a sua dor, então ela viu as cenas terríveis sem nada para proteger sua mente.

Ela não sabia se estava meio louca ou totalmente louca agora. Sua mente trabalhava. O que ela ouviu, ela entendeu, e ela ouviu muito porque os *Aqueles Com Nomes* não prestavam atenção nela, e eles falavam sobre as outras meninas que estavam lidando, que estavam se quebrando mentalmente por causa do que tinham visto.

Meninas falavam sobre cidades em ruínas, sobre campos em chamas, sobre pessoas matando uns aos outros para pegar os últimos sacos de comida em uma loja, cerca de cadáveres represando uma corrente que fornecia a água potável para uma aldeia. Eles falaram sobre frascos de vidro cheios de fumaça e uma piscina cheia de cabeças cortadas. Nos últimos dias não importava o que o cliente perguntava, se era negócios ou política, ou o melhor momento para plantar. As perguntas não importam, porque *todas* as meninas estavam vendo coisas muito terríveis para esquecer.

Ela tinha visto essas coisas também, mas as ruas e os edifícios que ela viu não correspondiam a nenhuma das imagens de treinamento, não era nenhuma cidade ou vila em Thaisia, e as placas de rua estavam em uma língua que ela não conhecia.

O Controlador e outros homens como ele tinham colocado algo em movimento. Eles pensavam que as profecias iriam ajudá-los a controlar o mundo e tudo o que nele há. Eles não tinham considerado que não seriam capazes de controlar a forma como as pessoas se sentiam.

Os Outros não eram nada como os humanos, mas eles tinham sentimentos também. Eles tinham muitos sentimentos.

Jean molhou com saliva um ponto na bainha de sua camisola, em seguida, esfregou a agulha para limpar o melhor que pode. Deveria picar a pele em uma profundidade suficiente para tirar sangue, mas sem dar-lhe o suficiente, apenas um arranhão feito por uma agulha chamaria a

atenção, porque os *Aqueles Com Nomes* saberiam que não foi causado por uma navalha ou uma surra.

Havia um lugar que não pensariam olhar.

Passando o dedo em sua boca, ela colocou a agulha na boca e arrastou a ponta ao longo da parte inferior esquerda da bochecha. Quando o sangue brotou, ela limpou a agulha e a colocou cuidadosamente de volta no chinelo, lutando contra a dor e a necessidade de falar. Enquanto ela não falasse, ela se lembraria das visões, lembraria da profecia. Mas sem palavras faladas, haveria uma terrível dor em vez de euforia.

O que os Aqueles Com Nomes aprontam. Os que me tocaram hoje. O que vai acontecer com eles?

Ela engoliu o sangue e a dor... E viu as primeiras visões da profecia.

Demais. Muito terrível.

Ela pegou seu travesseiro e cobriu o rosto. Em seguida, ela sussurrou, descrevendo as imagens para ninguém. Euforia rolou pelo seu corpo enquanto ela falava, substituindo a dor e nublando as imagens quando descreveu.

Quando a profecia terminou, Jean abaixou o travesseiro.

O que ela tinha visto. Estava vindo até aqui. Talvez não tudo, mas o suficiente.

Tremendo, ela se deitou em sua cama estreita e puxou as cobertas.

Ela tentou não pensar sobre como os *Aqueles Com Nomes* pareceriam um dia. Em vez disso, centrou-se na última imagem que veio a ela quando a profecia terminou. Ela tinha parado de falar em voz alta no momento, então a imagem ficou clara em sua memória.

Pelo resto da tarde, ela ponderou a importância de ver sua própria mão segurando um pote de mel.



CAPÍTULO 11

NA MANHÃ DE EARTHDAY, Monty saiu do Templo Religioso e caminhou pela Market Street em direção a casa. Como fazia todas as Earthday, ele parou na Nadine Bakery & Café e pegou comida suficiente para o dia. Kowalski o tinha convidado para a refeição do meio-dia, e ele pretendia ir, mas se algo acontecesse e ele não pudesse ir, ele queria um pouco de comida fresca em casa.

Além disso, parar no Nadine era uma maneira de se sentir conectado com as pessoas em seu bairro e ouvir as fofocas na rua.

Na noite de Windsday, ele e Capitão Burke eram as únicas pessoas em Lakeside que sabiam que os moradores de Jerzy seriam expulsos. E em Thaisday, o noticiário da televisão transmitiu a decisão dos *indigenes da terra*. Em Firesday, as agências de notícias e de rádio e talk shows estavam cheios de indignação pelos seres humanos que poderiam ser despejados de suas casas, e isso fez Elliot Wolfgard comentar.

O único comentário que Elliot Wolfgard fez foi, que como qualquer pessoa que alugava um imóvel para um inquilino, os *indigenes da terra* estavam no seu direito de recusar a renovação de um contrato de arrendamento se os inquilinos provaram ser inadequados. E isso causou confusões o suficiente para que o Capitão Burke colocasse todos os seus homens em estado de espera no caso de uma multidão se formasse contra o Courtyard.

Sua preocupação se mostrou desnecessária. Assim que o sol se pôs e a noite surgiu em Firesday, uma tempestade varreu a cidade. Ventos fortes e granizo encorajaram a todos a ficar em casa. Um raio atingiu com tal precisão que *quase* apagou todas as estações de rádio

e televisão. No dia seguinte, não houve menção no noticiário de TV de qualquer coisa acontecendo fora da Região Nordeste do Thaisia, e todos os programas de rádio foram substituídos com música.

Aviso dado. Aviso atendido.

Então hoje no Templo Religioso e na rua onde se tornou um rosto familiar, várias pessoas o observavam porque sabiam que ele era um policial, mas ninguém se aproximou e lhe fez a pergunta que estava na mente de todos: se provocados, os Outros realmente expulsariam as duzentos mil pessoas que moravam em Lakeside?

Ninguém tinha feito a pergunta. Provavelmente porque todo mundo já sabia a resposta e a temia.

Ele deixou o Nadine com um sanduíche de carne bovina, um recipiente de sopa, e um pequeno pão em forma de trança, o alimento que a sua ex, Elayne, dizia que avolumava a barriga. A comida provavelmente era um pouco massuda, mas ele desejava algum conforto físico.

A decisão dos *indigenes da terra* era definitiva, e não havia nada que o governo humano na região da Costa Oeste pudesse fazer. De uma forma ou de outra, os seres humanos em Jerzy teriam até o final do mês para sair.

Monty entrou em seu apartamento, tirou as botas, em seguida, guardou a comida, antes de tirar seu casaco. Enquanto esperava na fila, ele tinha ouvido dois homens falando sobre alugar um apartamento na Costa Oeste e Noroeste, e como o valor e a procura havia dobrado nos últimos dias. Isso confirmou o que o Capitão Burke tinha ouvido através de seus contados na polícia.

Quando pendurou o casaco, Monty se sentiu grato por ter um apartamento de um quarto, seu próprio banheiro, e sem precisar ter que compartilhar com ninguém.

Planos para novos prédios de apartamentos de vários andares estavam sendo apresentados em muitas cidades, onde funcionários do governo de repente tiveram que considerar se a terra deveria ser utilizada para a agricultura ou para as pastagens, a fim de alimentar as pessoas

que já estavam dentro dos limites da cidade. Os esforços para arrendar mais terras dos *indigenes da terra* para novas fazendas ou cidades haviam sido infrutíferos. E, de acordo com o Capitão Burke, as negociações para perfurar novos poços de petróleo e poços de gás tinham terminado abruptamente no dia depois do ataque em Jerzy. Portanto, não havia novas terras para alimentos e nem novas fontes de combustível para aquecer as casas ou fornecer energia para as indústrias.

Muito provavelmente, os pequenos assentamentos humanos dentro das vastas extensões do país selvagem controlados pelos Outros eram de aldeias *Intui*. A maioria das pessoas não conhecia as verdadeiras habilidades dos habitantes desses assentamentos, e não havia muita conversa sobre esses lugares. Embora houvesse um pouco de tecnologia, mesmo que deficiente, nessas comunidades *Simple Life*, não eram considerados lugares *civilizados* para se viver, porque eles eram completamente controlados pelos *indigenes da terra*. Nenhum governo humano falava daquela população humana!

A última aldeia construída e controlada pelos humanos foi construída há mais de cem anos. Os outros não tinham desistido de um único acre de terra para os seres humanos desde então. Monty suspeitava agora, que com os acontecimentos em Jerzy, e as drogas que estavam prejudicando os seus próprios, os *indigenes da terra* estavam com a desculpa perfeita para atacar cada desculpa para livrar Thaisia das *pragas* de duas pernas. Infelizmente, as terras controladas pelos humanos no mundo que tinham o mesmo nível de tecnologia como as cidades de maior porte de Thaisia, mal podiam suportar o seu próprio povo e não tinha excedente para estrangeiros.

Suspirando, Monty rapidamente abriu a *Lakeside News*. A seção de casa estava com uma série de artigos sobre vasos, jardins e canteiros de hortaliças. Ele tomou isso como uma confirmação de que, pelo menos para o próximo verão, os alimentos que não poderiam ser cultivados no Nordeste seriam caros, e não estariam disponíveis a todos.

Nada a ser feito sobre isso hoje, ele pensou enquanto colocava o jornal de lado e discou o número de telefone de Elayne. Se ligou no

horário certo, ela e Lizzy deveriam estar de voltar em casa depois de saírem do Templo.

O telefone tocou quatro vezes antes de ouvir sua menina dizer: — Residência dos Borden. Quem está chamando?

Ele sorriu apesar da dor em seu coração. — Sua voz parece tão crescida.

— Papai!

O guincho de Lizzy aliviou a dor um pouco até que ele ouviu Elayne dizendo algo no fundo, seguido por uma resposta que era definitivamente uma voz masculina.

— Posso visitá-lo, papai? — Perguntou Lizzy.

— Claro que você pode, Lizzy — ele respondeu.

— Me dê o telefone, — ele ouviu Elayne dizer duramente. Então Lizzy, agora em segundo plano, dizendo: — Papai disse que eu posso visitá-lo.

O que ele estava ouvindo na voz de sua filha? Infelicidade? Ou algo mais próximo ao desespero? O que faria uma jovem desesperada para fugir?

— O que está acontecendo? — Ele perguntou assim que Elayne atendeu ao telefone.

— Não torne isso mais difícil, — disse Elayne, com a voz baixa e feroz. — Ela já está agindo difícil sobre os nossos planos de verão, e pensar que ela pode correr para você a qualquer momento não vai ajudar.

— Agindo difícil? Que planos de verão? — A raiva começou com um lento queimar em seu peito.

— Não é preocupação sua, — disse ela, usando o mesmo tom desdenhoso de voz de quando ele perguntava sobre Lizzy.

— Ela é minha filha, por isso é a minha preocupação, — Monty respondeu. — Eu não posso enviar os cheques da pensão se eu não sei onde Lizzy está.

— Você pode enviá-los aqui, como de costume, e eles serão encaminhados.

— Não, eles não vão. Eu vou enviá-los para onde minha filha está residindo ou eu não enviá-los.

— Você quer ir para ao tribunal por negar pensão à criança?

— Se isso for necessário para obter uma resposta. E então eu, o juiz e os advogados saberemos sobre os seus planos de verão.

Um silêncio de espanto. Então Elayne bufou, — Não é como se eu estivesse fazendo alguma coisa imprópria.

Monty não disse nada.

Outro bufo. E talvez um pouco de desconforto no som?

— Eu conheci alguém, e nosso relacionamento é sério.

Essa foi rápida, pensou Monty. — Então ele está morando com você e Lizzy? É isso é sério?

— Você não é parte de nossas vidas-

— Não faço parte de *sua* vida, mas eu sou, e sempre serei, parte da vida de Lizzy, — Monty estalou. — O que você não está me dizendo, Elayne? A sua especialidade é essa, você sempre faz as pessoas concordarem com algo, omitindo detalhes que mudariam um acordo e a recusa.

Outro silêncio. — Nicholas é um palestrante motivacional e é muito influente no movimento HPU.

HPU? Monty ponderou as letras por um momento antes do choque fazer com que agarrasse o braço da cadeira. — *Humanos, Primeiros e Últimos?* Você me chuta de casa, e em seguida fica com alguém que tem um alvo em suas costas? Você percebe o que as pessoas desse movimento: Humanos, Primeiros e Últimos estão fazendo?

— Eles são os líderes que irão nos ajudar a conquistar o que merecemos, — ela respondeu com veemência.

Será que não ocorreu a ela que “o que merecemos” poderia ter mais de um significado?

— Nicholas já percorreu todo o caminho, desde o Cel-Romano a Aliança das Nações, para dar uma série de palestras aqui em Toland, — disse Elayne, tendo recuperado sua dignidade fria e típica. — Quando ele

voltar para casa de sua família, Lizzy e eu vamos com ele, pelo menos durante o verão.

— Qual é o nome completo dele? — Perguntou Monty.

Uma pausa estranha. — Nicholas Zero. Claro, esse é o apelido que ele usa para suas palestras. É uma precaução necessária, já que o seu nome de família é bem conhecido e tem vários parentes que são ricos, bem como influentes. Assim como Nicholas.

Sua raiva se transformou em cinzas. A raiva não iria levá-lo a qualquer lugar com ela, então ele tentaria apelar para o seu próprio interesse. — Você entende o que está acontecendo no Cel-Romano? A escassez de alimentos, o racionamento? As coisas não estão boas por lá, Elayne.

— Não seja ridículo. Nicholas não nos teria convidado se fosse esse o caso. Você está apenas tentando estragar as coisas para mim novamente.

Foi um lembrete de que Elayne estava atualmente com o tipo de influência social que deveria ter atraído um homem influente de uma família influente, e por isso ele tinha que pensar como um policial em vez de um pai. Uma mulher desesperada para subir a escada social seria um alvo fácil para um homem que não queria ter a despesa de morar em um hotel para a duração de suas palestras. Nicholas Zero veio para Toland a convite de alguém, ou talvez tivesse atravessado o Atlantik na esperança de fazer algum dinheiro? Fácil dizer que você vem de uma família rica se ninguém poderia verificar esse fato.

— Tudo bem, — disse Monty. — Se você quer ir para o Cel-Romano com o Sr. Zero, é problema seu. Lizzy pode ficar aqui comigo até você voltar.

— Eu não vou deixar minha filha em um lugar como *Lakeside*, — disse Elayne. — Além disso, você estará trabalhando o tempo todo. Onde ela poderia ficar?

— Eu resolvo isso, — Monty insistiu.

Um tipo diferente de silêncio. Em seguida, — Não há nada para resolver. Lizzy e eu iremos para Cel-Romano com Nicholas. E de repente

nem voltaremos a Toland ou mesmo Thaisia. Eu quero que a minha filha more em uma cidade que não tenha shifters e vampiros observando-a de todos os cantos. Até que possamos civilizar o mundo, nós nunca seremos realmente capazes de desfrutar da civilização.

Isso tinha que ser retórica HPU.

Nenhum ponto em continuar a falar com ela. Amanhã ele procuraria um advogado para ver o que ele precisava fazer para ganhar a custódia de sua filha, ou pelo menos impedir Elayne de levar Lizzy para outro continente.

— Cuide de si mesma, pelo amor de Lizzy, — disse ele.

— Por que você diz isso? — Ela perguntou.

— Por que, Elayne, se seu amigo realmente está tentando agitar esse movimento “Humanos, Primeiros e Últimos” em Toland, haverá shifters e vampiros observando cada movimento seu, e ouvindo tudo o que ele diz de agora em diante.

— Você só está dizendo isso para me assustar.

— Não, eu estou dizendo isso porque é verdade.

Ele soube que a enervou quando ela deixou Lizzy voltar no telefone e falar com ele por um minuto antes de pegar o receptor da sua menina e desligar sem falar.

Ele não sabia o que ele faria com Lizzy durante o verão, mas ele seria condenado se ele a deixasse entrar em um navio e cruzar o Atlantik sem entrar em uma luta.

— Mas *por que* eu tenho que ficar aqui? — Perguntou Sam, baixando sua voz para um gemido.

Simon rangeu os dentes e continuou andando de volta para o Complexo Wolfgard. Gemidos soavam muito mais irritantes quando vinham na forma humana. Especialmente o lamento do filhote. — Você gosta de ficar com Elliot, porque você pode brincar com os outros filhotes.

— Mas eu quero morar com você e com a Meg!

Especialmente com Meg, Simon reconheceu silenciosamente. Agora que a novidade de dormir em uma pilha de filhotes havia desaparecido, Sam estava fazendo uma difícil campanha para voltar a morar com Simon, que morava ao lado de Meg no Complexo Verde. Ele queria brincar com a sua amiga de aventuras. Ele queria contar a ela sobre a escola. Ele queria fazer todas as coisas que tinha feito antes de Simon começar a perceber que a falta de jeito do filhote era perigoso, o entusiasmo que Sam tinha com a Meg.

Não era essa a razão pela qual ele e o filhote estavam dando esta caminhada em forma humana? Para que eles pudessem falar? Assim ele poderia explicar?

— Sam. — Simon parou de andar. Sua irmã Daphne tinha olhos cinzentos, como Elliot. Sam tinha olhos cinzentos também, mas os olhos do filhote o faziam pensar mais em Meg do que em Daphne. — Este não é um bom momento para você ficar comigo.

Sam baixou os olhos. — Meg está doente de novo?

Tanto medo na voz do filhote. Sam tinha visto sua mãe morrer, a viu sangrar de uma ferida de bala. Ele tinha tomado uma forma incomum até Meg trazer o filhote traumatizado de volta para eles.

Simon se agachou, e foi o ato de um tio em vez do lobo dominante. — Meg está muito bem. Mas nós descobrimos algumas coisas sobre ela. A pele dela... — Como explicar a estranha e frágil pele de Meg?

— Cheira bem, — Sam ofereceu.

Bom, sim. Intrigante por causa de seu cheiro que não era de presa, definitivamente.

— Sim, cheira bem. Mas é fácil machucá-la.

Sam deu um passo para trás, ofendido. — Eu não faria mal a Meg!

— Não de propósito, não, — Simon concordou. — Mas mesmo um pequeno arranhão é perigoso para ela.

— Mas não foi antes!

— Sim, foi. Nós apenas não sabíamos o quão perigoso era. Isso é o que Meg e eu estamos tentando descobrir. E há coisas ruins

acontecendo, então eu não quero que você fique sozinho. É por isso que eu quero você com o resto do Wolfgard.

Um tipo diferente de lamentar agora. Mais suave. Infeliz. O tipo de som que parecia dentes fechando em torno de seu coração.

— Olha, — disse Simon. — Nós não podemos levá-lo esta semana, mas na próxima Earthday, por que você não escolhe alguns filmes, e eu vou pedir para Meg se juntar a nós para uma noite de cinema. Tudo certo?

— Ok. — Uma pausa. — Posso escolher novos filmes?

Simon levantou dois dedos. — Dois novos filmes.

O filhote teria concordado até com um, mas até algumas semanas atrás, Sam estava escondido em uma gaiola, com medo de tudo. Um pouco de indulgência não faria mal a nenhum deles.

Um uivo que rapidamente tornou-se um coro.

— Vamos, — Simon disse, dirigindo-se para o Complexo Wolfgard rapidamente, o suficiente para que Sam tivesse que correr para acompanhá-lo. — É hora de se juntar aos outros para uma caçada.

Simon trotou de volta para o Complexo Verde. Os caçadores haviam derrubado uma caça, e antes de comer, uivaram a Canção da Caça para avisar o resto do Wolfgard que havia carne fresca. Sam rasgou a matança com o mesmo entusiasmo dos outros filhotes, e todos os Lobos consideravam a atitude como um bom sinal.

Tendo socializado suficientemente com a sua própria espécie, Simon sentiu uma coceira. Ele continuava pensando em Meg passando a Earthday sozinha. Talvez ela quisesse alguma solidão. Talvez ela tenha feito planos com a sua matilha humana que ele não sabia. Mas talvez não mudava o simples fato de que ele queria passar algum tempo com a sua amiga, agora que eles eram amigos novamente. Além disso, Jester tinha lhe dito que Meg estava nervosa sobre ficar sozinha. Algo típico de um Lobo nela, não querer ficar sozinha demais. Ele aprovou.

Quando ele chegou ao seu apartamento, Simon fez uma pausa e considerou. Pele humana ou Lobo? Que forma iria conseguir o que ele queria?

Já que a resposta foi fácil, ele subiu as escadas para o pórtico de Meg, pressionou a campainha de uma forma que fez soar como um esquilo mecânico demente, em seguida, deu a sua pele uma boa sacudida enquanto esperava.

Meg abriu a porta. Ele lhe deu um sorriso bem lupino. Quando ela não o convidou, estudou seu rosto, desejando que ele pudesse dar um passo para dar uma boa cheirada sem ela bater a porta no seu nariz.

Ela parecia envergonhada, desconfortável. Já que ele não entendia por que ela parecia dessa forma, ele passou por ela, depois parou para que ele não levasse a neve por todo o chão.

— Simon? — Meg finalmente disse enquanto fechava a porta. — Por que você está aqui?

Ela era a sua amiga, e ele queria estar com a sua amiga.

— Você quer alguma coisa?

Uma toalha para secar as patas seria útil.

Ela não conseguia se comunicar da forma como os *indigenes da terra* faziam, mas ela deve ter descoberto por que ele estava esperando perto da porta, e ela desapareceu por um momento e voltou com uma toalha que ela colocou no chão para que ele pudesse pressionar suas patas contra ela.

Deve ter saído do banheiro, já que cheirava a ela.

Ele pressionou suas patas mais algumas vezes antes de ir para o seu sofá e ficar confortável. Ok, ela não tinha, na verdade, o convidado a entrar e ficar confortável, mas ela não estava gritando para ele sair também.

Meg estava perto do sofá, em vez de sentar-se nele como ela deveria.

Ela disse: — Eu sei que você prefere ficar em forma de lobo em Earthday, mas talvez você pudesse mudar por alguns minutos para que possa me dizer o que você quer?

Ah, não. Ele estava peludo, e não era estúpido. A última vez que ele tinha mudado de Lobo para a pele humana, a fim de falar com ela, ela

tinha deixado as coisas confusas e estranhas entre eles. Ele não ia entrar *nessa* armadilha novamente.

Assim, ele apenas olhou para ela com expectativa.

— Se você pudesse apenas me dizer o que quer... — Seu rosto ficou colorido quando ela olhou para o pequeno relógio sobre a mesa e, em seguida, para a televisão. — É só que... Eu assisti a um programa de televisão no Earthday passado, e a continuação começará em poucos minutos.

Ele não estava impedindo-a de ligar a TV. Na verdade, ele gostava dessa ideia. Ela iria ficar sentada o acariciando.

Ele bateu com a ponta de sua cauda um par de vezes para indicar aprovação.

Meg suspirou, ligou a televisão, e selecionou o canal. Em seguida, ela se sentou em uma extremidade do sofá, o rosto ainda cheio de cor.

Uma vez que o show começou, Simon se reposicionou para que ele pudesse descansar a cabeça em sua coxa, da maneira que ele ficava na noite de cinema. Antes que ele pudesse fazer isso, Meg abriu um pote cheio de creme espesso que cheirava a sabonete e xampu que os *indigenes da terra* vendiam em suas lojas. Apoiando um pé no joelho, ela espalhou creme por todo o pé, gastando o tempo extra sobre a pele ao redor de seus dedos enquanto ela assistia o programa de TV. Então ela puxou uma meia grossa antes de fazer a mesma coisa com o outro pé.

Sentindo um tremor de excitação, Simon pensou, *Oh. Novo jogo!*

A primeira vez que Simon empurrou sua coxa com sua pata, ela o ignorou porque a história na TV tinha chegado a um momento tenso. E ela ignorou o segundo puxão um minuto depois. Mas ela gritou quando uma pata grande de repente apareceu na frente de seu rosto.

Ela virou a cabeça para o lado e gritou, — O quê?

Ele olhou para o pote de creme, em seguida, levantou a pata novamente.

Não, ele não poderia dizer... — Você está brincando.

A heroína gritou, puxando a atenção de Meg de volta à história. Mas ela não podia ver o que estava acontecendo, porque a pata grande apareceu na frente de seu rosto novamente.

— Tudo bem! — Escavando mais creme do frasco, ela esfregou cuidadosamente as almofadas de uma pata e depois a outra, massageando as patas muito mais duramente do que pretendia, porque ela estava atraída pela história.

Depois que ela terminou as patas dianteiras, Simon descansou a cabeça em sua coxa e fechou os olhos.

— Lobo mal, — ela murmurou quando enterrou os dedos em seu pelo, ela acrescentou: — Espero que as suas patas dianteiras não deslizem pelo chão.

Sua resposta foi um suspiro de satisfação.

O jogo de deslizar e perseguir em pisos de madeira do apartamento poderia até ser divertido, mas este foi muito bom também. E ele gostava do quão cuidadosa ela era com as suas patas.

Simon ouviu o suficiente da história para decidir que não tinha nenhum interesse nela. Na verdade, ele não tinha certeza se era de muito interesse para qualquer tipo de macho, e se ele estivesse em sua pele humana, teria sido difícil não parecer entediado. O que teria deixado Meg infeliz. Mas um Lobo poderia fazer-lhe companhia e tirar uma soneca enquanto se aconchegava muito mais perto do que ela permitiria fazer se ele parecesse humano. Um Lobo peludo era um amigo. Um macho em forma humana era uma confusão.

Contentamento o encheu quando sentiu o cheiro dela.

Ele levantou a cabeça e lambeu a mão dela algumas vezes, sentindo um fluxo de felicidade tranquila através dele quando voltou a dormir.

Mesmo com o creme sobre a pele, ele realmente gostava do gosto dela.



CAPÍTULO 12

MONTY PERCEBEU que estava em algum tipo de problema quando o Capitão Burke o chamou na primeira hora em Windsday. Em seguida, ele entrou e viu o fax sobre a mesa antes de Burke cruzar as mãos sobre ele e lhe dar um sorriso que era mais feroz do que amigável.

— Nicholas Zero, — disse Burke. — Quem é ele, e qual o interesse dele para a polícia?

Pego. — Eu ainda não tenho certeza se ele é de interesse para a polícia. — Monty respondeu com cautela.

— Isso ainda deixa a primeira pergunta. Quem é ele?

Enquanto considerava sua resposta, ele lembrou que Burke entendia que, por vezes, não havia uma linha clara entre o trabalho e sua vida pessoal. — Ele é o novo amante de Elayne Borden. Ele é um homem cuja identidade não pode ser confirmada. E ele é o homem que vive no mesmo apartamento que a minha filha, Lizzy.

Burke levantou o queixo para indicar a cadeira em frente. — Sente.

Monty sentou.

— Esse fax não diz muito. Você descobriu mais alguma coisa?

— Só que há muito mais coisas, mas eu não consegui descobrir mais sobre este homem. Elayne disse que ele vem do Cel-Romano, a Aliança das Nações, que ele é rico e vem de uma família influente, usa um codinome para proteger os outros integrantes da família, e que está em Toland como palestrante motivacional do movimento *Humanos, Primeiros e Últimos*.

Monty cerrou os dentes para impedir-se de dizer mais nada. Dois dias batendo em paredes, onde Nicholas Zero era o assunto, o deixou frustrado e irritado.

— Você pode verificar isso? — Perguntou Burke.

— Zero está agendado para várias palestras em Toland. — Ele não tinha sido capaz de confirmar isso pessoalmente. Ele não tinha aliados no Departamento de Polícia de Toland, pela mesma razão que foi transferido para Lakeside, ele havia matado um ser humano para salvar uma jovem Loba. Então ele pediu para Kowalski fazer a pergunta. — Ou ninguém sabia mais nada sobre ele, ou ninguém queria compartilhar o que sabia.

— Compreensível se ele tem algum apoio do governo e está por aqui para agitar o movimento HPU, — Burke disse pensativo. — A Sra. Borden é mãe de Lizzy?

— Sim.

— Ela entende o risco que está passando por associação?

Monty sorriu amargamente. — Ela está esfregando os cotovelos com pessoas socialmente importantes. Ela está muito feliz com essa associação. — Já que Burke não tinha o mastigado ainda por usar tempo e recursos para algo que não estava relacionado com trabalho, ele baixou a guarda. — Ela quer levar Lizzy para o Cel-Romano neste verão. Ela está falando sobre não voltar para Toland, ou até mesmo retornar para Thaisia. Eu não tenho certeza se existe algo que eu possa fazer para impedi-la.

— Estamos apenas alguns dias em Viridus. O verão está uma estação inteira de distância, por isso vamos trabalhar neste problema imediato, que é descobrir sobre o Zero, — disse Burke. — Vou pedir ao meu primo Shady para descobrir o que ele puder, e ele vai chegar aos outros parentes em Brittania. É um tiro longo, mas os que trabalham na aplicação da lei têm mantido um olho afiado sobre o Cel-Romano, para que eles possam ter ouvido um rumor ou dois.

— Obrigado, senhor. Eu aprecio isso. — Monty levantou, em seguida, lembrou-se do e-mail que tinha recebido aquela manhã do Pátio.

— Simon Wolfgard e Henry Beargard irão para a Ilha Grande amanhã. Ele vai perguntar para o responsável pela ilha se o filho de seu amigo pode se mudar lá.

— Eu agradeço.

Não tendo mais nada a dizer, Monty deu a seu Capitão um aceno de cabeça e voltou para a sua própria mesa para continuar a procurar informações sobre o homem que agora estava enroscado na vida de sua filha.

Até que ele, ou alguém, descobrisse uma informação real, Zero ainda estava se segurando, mantendo a sua origem em segredo. Ele se escondia devido ao risco do confronto com os Outros, ou ele tinha uma razão para se esconder dos humanos também?



CAPÍTULO 13

— EU APRECIO O CONVITE, — Burke disse após Simon Wolfgard dirigir para o norte na estrada ao longo do rio por alguns minutos. — Não era necessário ter me chamado para esta reunião.

Simon olhou no espelho retrovisor, em seguida, fixou os olhos na estrada. — Você pretende visitar o filhote do seu amigo se ele se instalar na Ilha Grande?

— Eu gostaria, sim.

— Então sua apresentação é necessária.

Monty olhou para Burke. Nada se mostrava no rosto do outro homem, mas a tensão no veículo aumentou um pouco mais. Burke fez uma pesquisa, e tudo o que acontecia no Lakeside ele sabia para quem ligar quando precisava de informações sobre alguma cidade ou vilarejos humanos nas proximidades. Mas ele recebeu apenas um espaço em branco quando tentou descobrir mais sobre Porto Ferryman, além do que foi dito na reunião da semana passada com Simon Wolfgard.

A comunidade *Simple Life* era o único grupo reconhecido de seres humanos na Ilha Grande. Sim, havia alguns seres humanos que possuíam algumas lojas e a balsa da ilha, mas sua aldeia, tal como era, não estava sob o controle humano. Como o resto da ilha, pertencia aos *indigenes da terra*. População, desconhecida. Nível de tecnologia, desconhecido. Praticamente tudo desconhecido. O que significava que os governos humanos de Lakeside e Talulah Falls, que eram os lugares humanos mais próximos, não sabiam nada de Ferryman, e nem que era uma aldeia *Intui*.

Então Burke tinha que estar se perguntando onde tinha envolvido o filho de seu amigo.

Simon e Henry não eram de jogar conversa fiada. Eles também não eram fãs de explicações. A ligação do Wolfgard naquela manhã tinha sido inesperada, foi um convite ou uma demanda? Apenas que Monty e Burke deveriam ir com ele e Henry para discutir se Roger Czerneda seria aceito como um Oficial policial para Ilha Grande.

Monty não tinha certeza quanto ao curto prazo que tiveram quando o carro do Wolfgard chegou ao Courtyard, na Polícia de Chestnut Street, se isso mostrava uma falta de cortesia ou uma decisão de última hora para incluir dois membros da Força Policial do Lakeside, desse modo haveria alguém disponível para responder a quaisquer perguntas que os moradores da Ilha Grande poderiam ter. De qualquer maneira, todos os esforços que Burke tinha feito para descobrir por que ambos foram convidados foram recebidos com silêncio.

Sentado no lado direito da van por trás de Henry, Monty não podia ver muito do Rio Talulah, então ele se concentrou no lado da terra. No momento em que passou a placa que dizia DEIXANDO Lakeside, não viu nada além de campos verdes e árvores nuas. Viridus era um mês agradável, mas nada estava florescendo ainda. Em seguida, ele avistou um Complexo Industrial que parecia abandonado e casas amontoadas passando pela estrada. Ele mal teve tempo de piscar quando estava olhando para a terra verde e novas árvores novamente. A diferença de visual era tão grande, que ele sentiu como um golpe nos sentidos.

— Que tipo de empresas estava nos edifícios abandonados que acabamos de passar? — Perguntou.

— Esses edifícios estão fechados, — Henry respondeu.

Isso não respondeu a sua pergunta. — Fechados? Por quê?

— Eles foram avisados duas vezes que não deveriam praticar maldade na terra e na água. Eles foram orientados a encontrar outra maneira de despejar os seus produtos. Eles não nos ouviram, e os Outros que cuidam deste pedaço de Namid disseram, 'Não mais', e as empresas tiveram que sair.

— E ir para onde?

Henry deu de ombros. — Para uma cidade onde eles podem despejar sua maldade na terra e na água, a mesma que os seres humanos usam, ou para outra parte do Thaisia que ainda não recebeu a maldade dos que os seres humanos fizeram. De qualquer maneira, eles estão longe daqui, e a água e a terra não gostam mais deles.

Burke colocou sua mão no assento entre eles e sacudiu um dedo em advertência, mas Monty não poderia deixar isso passar. — E as pessoas?

— Eu acho que algumas encontraram outro trabalho e ainda moram nas casas. A maioria se afastou, — Henry respondeu.

Somente esta pequena quantidade de terra e nem um acre a mais, não importa o quão difícil as condições de vida dessas pessoas esteja, a mudança é custosa, pensou Monty. Esta quantidade de resíduos, um subproduto, ou até mesmo o pouco que foi concedido, ainda não é o suficiente, eles estarão perdidos.

Monty tinha lido a versão humana da história de Thaisia. Ele sabia que uma cidade em ascensão poderia tornar-se uma cidade-fantasma. Mesmo aldeias não sobreviviam. Olhe para Jerzy.

Será que algum morador de Jerzy acabaria morando em uma dessas casas vazias? Será que as autoridades e os tomadores de decisões na Ilha Grande poderiam considerar abrir mais um espaço para um novo morador?

Então Monty viu uma pequena placa: BARCA PARA ORCHARDS. SIGA EM FRENTE.

— Estamos quase lá, — disse Simon.

Henry virou a cabeça para o banco de trás e disse. — Os *Intui* têm a utilização partilhada de toda esta terra.

Monty viu o olhar de surpresa de Burke antes que o homem recuperasse o controle.

A terra ampla era alterada por pastos cercados. Celeiros e fazendas. Rebanhos de vacas e cavalos. Algumas ovelhas. Um silo. Uma

placa quase desvanecida sobre a escolha de suas próprias bagas. Área rural, se Monty compreendeu bem a palavra.

Então tudo mudou novamente, e eles foram descendo pela rua principal de uma pequena vila rústica. Postes de linhas elétricas e luzes nas janelas eram indícios de que essa não era uma comunidade *Simple Life*. As lojas, mesmo básicas, também eram abundantes: supermercado, loja de departamento, lojas variadas, posto de gasolina; alguns lugares para comer; um centro médico e um consultório dentário; salão de cabeleireiro, livraria, e um teatro que projetava filmes. E enquanto passavam por uma das ruas laterais, ele teve um vislumbre de placas indicando uma agência bancária.

Nem tudo era diferente da Praça do Mercado do Lakeside Courtyard, mas construído como um distrito de negócios humano.

— O território de Ferryman é dividido pelo rio. Esta é a metade do continente dele, — disse Simon enquanto dirigia em direção à água, que em seguida, se transformou em uma área de estacionamento. Ele desligou a van e saiu, deixando os outros três para alcançá-lo enquanto caminhava em direção ao cais.

— É uma marina? — Perguntou Monty, notando o edifício que indicava que era para a reparação de barcos e armazenamento.

— Sim, — disse Henry. — Alguns dos barcos que atracam aqui pertencem a famílias que pescam para viver. Alguns levarão os visitantes para um passeio ao longo do rio. — O Grizzly apontou para uma embarcação. — E, como você pode ver, a balsa funciona também fora daqui.

Mais como uma balsa em miniatura, pensou Monty. As balsas que tinha visto quando ele morava em Toland eram três vezes o tamanho do barco que ele estava vendo agora.

Uma placa perto da doca da balsa mostrava os horários. Outra placa mostrava as taxas para o bilhete de ida e volta: U\$ 10 por pessoa.

Não era uma viagem que alguém gostaria de fazer para se divertir, pensou Monty. *Especialmente com a família.*

Burke puxou a carteira e disse: — Permita-me. — Ele entregou ao homem do quiosque duas notas de vinte dólares.

O homem no quiosque estudou Simon e Henry. — Disseram-me para esperar o Wolfgard do Lakeside. Seria você?

Simon assentiu.

O homem dobrou as notas e devolveu a Burke, juntamente com quatro ingressos. — Se passar o dia ou no caso de precisar atravessar mais de uma vez durante a sua visita.

Após um momento de hesitação, Burke pegou as notas de vinte e as enfiou-o no bolso do casaco, antes de entregar os ingressos para Monty, Simon e Henry.

Apenas um preço alto o suficiente para desencorajar os visitantes, pensou Monty. — O que acontece se você quiser trazer um carro para a ilha? — Perguntou uma vez que eles embarcaram na Balsa. Simon os levou para a cabine, e ele estava grato. Apesar da luz do sol, a primavera ainda não estava plena, especialmente sobre a água.

— Tem que esperar a barcaça se você quiser levar carros ou caminhões para a Ilha, — Henry respondeu, sentando-se. — Se você precisar de algo que precise ser arrastado na água, você chama o Ferryman. Em terra, você chama o frete do Sledgeman. Essa é a distribuição de afazeres por lá.

Monty olhou pela janela da cabine e estudou a placa pintada em um dos edifícios. — Eles usam cavalos para transportar as mercadorias?

Henry assentiu. — Eles usam caminhões também, mas eles ainda têm equipes de cavalos de trabalho em ambos os lados do rio.

Monty olhou para Burke e se perguntou se o homem ainda queria que o filho de seu amigo se mudasse para a ilha.

— Ontem, de manhã bem cedo. — Um homem usando o uniforme cinza da estação de correios fez uma pausa quando estava na frente deles, — Vi algumas dançarinas azuis.

— Dançarinas azuis? — Perguntou Burke.

— Flores silvestres, — Henry respondeu. — Quando você vê dançarinas azuis, sabe que a Spring está acordando e Winter está se preparando para dormir.

O carteiro sorriu. — Mas ela nunca se rende e nos dá um ou dois lembretes de *quem* ela é antes de se instalar para dormir. — Com um aceno casual, ele se moveu para frente da cabine e sentou-se.

— Eles não têm uma equipe completa hoje, — Simon disse, apontando para o que parecia ser um pequeno bar. — Normalmente eles têm alguém aqui vendendo café e sanduíches. No verão, são bebidas frias e sorvetes.

Poderia ser uma viagem agradável no verão se você pudesse pagar, pensou Monty. Fazer um passeio de balsa em uma tarde, visitar a aldeia na Ilha, e estar em casa a tempo para o jantar. Será que ele poderia pegar uma balsa dessas em Earthday para levar Lizzy, ou ele precisaria organizar um dia de folga?

Assumindo que ele poderia manter o suficiente de dinheiro depois de uma batalha de custódia para manter sua filha neste continente. E supondo que os visitantes fossem tolerados na aldeia. Isso era algo que ele poderia relatar a Kowalski, já que Ruth fazia questão de visitar uma comunidade *Simple Life* na Ilha, mas não conseguia encontrar qualquer informação sobre um possível lugar para eles ficarem se quisessem passar a noite.

O comitê de recepção que os esperava na doca era composto de dois homens e uma mulher. Monty reconheceu a qualidade feral na mulher e um dos homens, mas ele não podia dizer que tipos de *indigenes da terra* tinham escolhido encontrá-los.

— Sr. Barqueiro, — Simon disse quando ficou na frente do Grande Ilhéus.

— Sr. Wolfgard. Você trouxe convidados.

— Este é o Capitão Burke e o Tenente Montgomery. Eles precisam estar aqui para essa discussão. — Ele olhou para Burke. — Steve Ferryman é o prefeito de Porto Ferryman.

— E isso me ensinou a não deixar uma reunião um pouco antes de uma votação ser prestes a ser tomada pelo conselho da aldeia. — Steve deu-lhes um sorriso fácil. — Bem-vindos à Ilha Grande e ao Porto Ferryman. Como você pode adivinhar pelo nome, minha família tem trabalhado no rio desde quando meus antepassados vieram para esta parte dos Grandes Lagos. Esta é Ming Beargard e Flash Foxgard. Eles fazem parte da força de paz da ilha. Já que o Sr. Wolfgard indicou no telefone que queria falar sobre a polícia na Ilha, então pedi para Ming e Flash se juntarem a nós. Eu também reservei uma das salas do prédio do governo para nós.

Steve acenou com a mão. Um momento depois, uma carruagem aberta puxada por um cavalo chegou à doca. — Um dos nossos táxis na aldeia.

— Nós vamos encontrá-lo lá, — disse Ming, indicando a si mesma e a Flash. — Henry? Quer esticar as pernas? — Quando Henry concordou, ela e os *indigenes da terra* da Ilha Grande se afastaram.

Monty e Burke subiram no assento voltado para frente. Simon e Steve se sentaram atrás do motorista, a quem Steve apresentou como Jerry Sledgeman. Assim que estavam sentados, Jerry estalou para o cavalo e a carruagem saiu da doca.

— Vocês não têm carros? — Perguntou Monty.

— Claro que temos. Mas nós não os usamos muito em torno da aldeia, — Steve respondeu.

— Nós temos um táxi regular e um carro pequeno para fazer as visitas nas aldeias, — disse Jerry por cima do ombro. — E também há um ônibus que leva as pessoas das aldeias *Simple Life* e os *indigenes da terra* para os Complexos todos os dias. Ele também fornece transporte especial para os centros esportivos e as comunidades da Ilha.

— Já que as aldeias ficam apenas a poucos quarteirões em qualquer direção, os mais jovens e em forma tendem a usar os próprios pés para se locomoverem, — disse Steve. — Ou andamos de bicicleta no verão. E basta colocar os trenós para fora para fazer parte do nosso transporte no inverno.

Esta parte da aldeia do Ferryman era quase idêntica à área de negócios do outro lado do rio. A maior parte das mesmas empresas e lojas. Monty tinha a impressão que deste lado era um pouco maior, tinha um pouco mais de tudo, o que o fez se perguntar se os moradores da Ilha se dividiam entre o continente entre partes do ano.

— O edifício do Governo é aqui, — Steve disse que quando Jerry parou em frente a um longo edifício de pedra de dois andares. — A polícia e o tribunal naquele lado, administrações públicas no meio, e os correios do outro lado.

— É bem útil, — Burke disse educadamente.

— É, — Steve concordou. — Especialmente considerando que a estação de correios é a parte do edifício que recebe o maior uso.

Quando eles entraram no prédio, Ming, Flash, e Henry estavam esperando por eles. Eles subiram até uma sala que tinha uma placa de *reservado* pendurada em um gancho na porta de madeira. Steve removeu a placa e o substituiu com uma placa de *Não Perturbe* que tirou de uma estante na parede.

Quando todos estavam sentados em torno de uma mesa, Steve olhou para Simon e disse: — É a sua reunião.

— Você ouviu o que aconteceu em Jerzy? — Perguntou Simon.

— Todo mundo já ouviu o que aconteceu em Jerzy, — Ming rosnou. — Recebemos seu aviso sobre a doença e os sinais para observar se ela viria para a Ilha.

— Isso é bom, — disse Simon.

Algo não estava bem entre eles, Monty pensou quando estudou Simon e Steve.

— Um policial de Jerzy que veio em auxílio do Crowgard tem que se mudar, — disse Simon.

— Todos em Jerzy tem que se mudar, — Steve respondeu. — Pelo menos é o que ouvimos no noticiário.

— Esse policial é conhecido do Capitão Burke, ele disse que o homem gostaria de se mudar para a Ilha.

— É este o policial que quer viver aqui entre nós? — Steve perguntou suavemente.

— Não, — respondeu Simon.

Steve inclinou a cabeça para indicar Burke. — *Ele* sabe o que somos?

— Ele sabe que você é um Intui. Eu não acho que ele realmente aprecia o que isso significa.

Steve estudou Burke, em seguida, olhou para Simon. — Ele pode ser confiável?

— Esses dois podem ser confiáveis, — disse Simon.

Monty soltou a respiração que não tinha percebido que estava segurando.

Steve deu um sorriso afiado para Burke. — Fomos perseguidos pelo seu tipo de seres humanos, expulsos dos assentamentos que ajudamos a construir quando nós não morríamos imediatamente. Muitas gerações atrás, nós fugimos para o país selvagem para fazer os nossos próprios negócios com os *indigenes da terra* e construir nossas próprias comunidades. Aprendemos em suas universidades e escolas técnicas para termos o conhecimento, e corremos um grande risco trabalhando em algumas das suas empresas alguns anos atrás, a fim de adquirir experiência e habilidades necessárias para trazemos de volta para o nosso próprio povo. Mas a maior parte de nós se manteve longe de vocês, a fim de sobrevivermos. Essa ainda é uma escolha prudente. Então você vê; ter um não *Intui* morando entre nós seria... Sem precedentes.

— Você tem o povo *Simple Life* morando na Ilha, — Burke respondeu. — Como é que diferente ter alguém morando no meio de vocês na aldeia?

— *Simple Life* é uma forma de vida escolhida, — Steve respondeu. — Ela não se encaixa nas suas cidades, mas se adaptaram bem em nossas pequenas aldeias. Os povos *Simple Life* toleram nossos caminhos, e nós toleramos os deles. E os *indigenes da terra* toleraram a presença de todos nós.

— Você ganha o seu lugar aqui, — disse Ming.

Para Monty, isso soou como um grande elogio vindo de um Urso *indigene da terra*.

— Em Brittainia, de onde os meus ancestrais vieram, eu acredito que sua capacidade seria chamada de segunda visão, — Burke disse para Steve. — Não saber o que não pode ser explicado. Você pode ser preciso?

— Perto o suficiente, — disse Steve.

— Profecia? — Perguntou Monty.

— Não.

A negação enérgica assustou Monty. Mas parecia confirmar algo, pois Simon Wolfgard ficou tenso.

— Os *Intui* não têm visões; não vemos imagens do futuro, — disse Steve, parecendo um pouco demasiado insistente. — Nós apenas temos uma sensação para bem, ou para o mal, quando algo está acontecendo ao nosso redor.

— E agora? — Perguntou Simon. — O que você está sentindo agora?

Lobo e Intui se entreolharam.

Em seguida, Steve olhou para Burke e Monty. Depois de um momento, ele disse: — Eu tenho uma sensação de que há uma tempestade chegando, e talvez fosse bom ter um policial oficial vivendo entre nós, mesmo que não seja um de nós. — hesitação. — O Intui faz uso da tecnologia, mas também faz escolhas que nos mantêm em harmonia com os *indigenes da terra*. E são escolhas que a maioria dos seres humanos não faria. Esse policial poderá lidar com isso? Conosco?

— Eu acho que Roger seria capaz de se ajustar, — Burke disse cuidadosamente.

Steve se apurou. — Roger sabe como montar um cavalo?

— Eu não sei. Ele precisa?

— Seria útil. E esportes?

— Ele jogou hóquei quando estava na escola.

— Beisebol? Voleibol? Qualquer coisa assim?

— Eu não sei.

— Ele deveria ser um policial, não preencher as vagas em seus times, — disse Henry.

— Não há razão dele não fazer as duas coisas, — Steve respondeu. Ele trocou um olhar com Ming e Flash, depois assentiu. — Tudo certo. Nós não seremos capazes de pagar-lhe muito, mas vamos dar a Roger a chance de fazer um lugar para si mesmo aqui.

— Obrigado, — disse Burke. — Se há algo que eu possa fazer para ajudar, me avise.

— Algumas sugestões de como comprar um carro da polícia oficial seriam úteis. Não temos um. — Sorrindo, Steve empurrou a cadeira para trás.

Simon o olhou com os olhos afiados.

Steve se acomodou em sua cadeira, o sorriso desaparecendo. — Por que vocês não dão uma olhada ao redor da aldeia? Sr. Wolfgard e eu vamos alcançar vocês.

Monty e Burke, seguidos de Henry e Ming, saíram da sala, com Flash na retaguarda. Ele olhou para trás quando Flash fechou a porta e se perguntou por que ver Steve e Simon se inclinando um para o outro o deixava inquieto.

— Quando você ligou no outro dia para dizer que estava vindo para a Ilha, eu me perguntei se você queria ficar longe do Pátio por alguns dias, — disse Steve. — Estar aqui seria uma boa escolha, é perto, mas não sua responsabilidade. E você não está em oposição ao nosso modo de vida, que é mais do que pode ser dito de Talulah e Courtyard.

— Não foi por isso que eu liguei, — Simon respondeu. Tinha passado pela Ilha pensando sobre o que queria saber e como faria as perguntas. Os *Intui* tinham sobrevivido por serem muito cuidadosos. Eles mantinham negócios com os *indigenes da terra*, razão pela qual os Outros os ajudavam a frequentar as faculdades nas cidades humanas, ou para aprenderem ofícios úteis para que eles obtivessem o

funcionamento das empresas humanas. Com esse conhecimento, eles eram os consultores dos *indigenes da terra* quando queriam fazer negócios com outros seres humanos, e sua lealdade era bem recompensada com terra e proteção.

— Não, não foi por isso que você ligou, — Steve concordou. — Você apareceu com a polícia e este pedido de trazer uma pessoa de fora. Mas não é por isso *que você está* aqui.

<Simon,> disse Henry. <Todo mundo está longe da sala. Ming, Flash, e eu vamos mostrar a aldeia à Burke e Montgomery.>

<Vou te encontrar quando eu terminar,> Simon disse. Ele não sabia quanto tempo levaria para fazer a pergunta certa, para descobrir o que precisava; então ele não perdeu tempo. — Você disse ao Tenente Montgomery que não vê uma profecia. Mas acho que os *Intui* conhecem uma *Cassandra de Sangue*.

Steve se empurrou para trás, parecendo um pouco assustado. — Não vá lá.

Interessante. E não o que esperava. Mas essa resposta lhe dizia como precisava prosseguir com esta caça. — Eu tenho que *ir lá*. Meg é a minha amiga.

— Quem é Meg?

— A nossa Liaison Humana. Ela é uma Profetisa de Sangue. E como está fora do ambiente controlado, está causando algumas... Reações.

— Você deve levá-la de volta para os seus cuidadores.

Ignorando o tom triste de Steve e a voz estranha, Simon rosnou e deixou seus caninos se alongarem o suficiente para que não fosse confundido com um humano. — Guardas e gaiolas. Ela disse que prefere morrer a voltar para aquele lugar, e ela falou sério. — Ele esperou um momento. — O que você sabe?

Steve esfregou o rosto com as mãos. — Foi um período negro da nossa história, e os *Intui* ainda carregam essa vergonha. — Ele suspirou. — Tudo o que eu posso oferecer são velhas histórias que foram passadas

adiante. Mas eu quero sua palavra de que não vai dizer nada sobre isso para Jerry Sledgeman ou qualquer outro de sua família.

— Por quê?

— Porque sua sobrinha começou a se cortar quando ela chegou à puberdade. No momento em que a família percebeu que os cortes eram deliberados e que ela estava escondendo muito mais do que tinha visto, ela começou a enlouquecer e eles começaram a suspeitar que ela pudesse ser uma *Cassandra de Sangue*. Mas poderia ter passado talvez cinco ou até sete gerações desde que uma Profetisa de Sangue nasceu em qualquer uma das famílias da Ilha. Ninguém sabia como ajudá-la. Disseram que havia lugares que cuidavam dessas meninas, mas Penny, a esposa de Jerry, foi contra essa ideia, por causa do que tinha acontecido anteriormente. Ela é a historiadora da Ilha e tem estudado a história Intui em Thaisia, por isso sua opinião tem peso.

— Onde está a menina? — Perguntou Simon. Meg estava aprendendo a viver fora do Complexo onde ela foi mantida. Ele pensou que ela estava indo muito bem na maioria dos dias, mas ela era constantemente atormentada pelo sentimento de alfinetes e agulhas, como se as profecias ficassem sempre fervilhando e mordendo. Ainda assim, ela poderia explicar algumas coisas para uma menina que não tinha conhecimento de como as visões funcionavam.

— Morta, — Steve respondeu com tristeza. — Ela pulou no rio no verão passado e foi jogada contra as quedas d'água antes que alguém pudesse tentar salvá-la.

— Eu sinto muito. — Ele não sentia nenhuma tristeza ou arrependimento por um estranho, mas ele entendia a perda de parentes. Então ele sabia que prestar condolências era a coisa certa a fazer.

— A irmã de Penny não falou com ela desde aquele dia.

Palavras, palavras, palavras. E nada ainda foi dito que iria ajudá-lo.

— Meg disse que as meninas foram mantidas em gaiolas. Em celas com portas trancadas. Elas são amarradas e cortadas quando alguém paga por uma profecia. A sua designação era cs759.

Steve olhou para ele. — Designação?

— Eles não davam nomes. Não se dá nome a uma propriedade. — Simon observou a raiva nos olhos de Steve, e usou essa raiva para estabelecer uma fuga para esta caça e obter informações. — Meg tem uma lâmina de prata. A largura da lâmina é a medida precisa do quão distante os cortes têm que ser. Sua designação foi gravada num dos lados da lâmina.

— Sete cinco nove. *Setecentos e cinquenta e nove*? Havia setecentos e cinquenta e nove meninas em um só lugar? — Steve passou a mão pelo cabelo. — Quando os seres humanos encontraram pela primeira vez os *indigenes da terra* em outras partes do mundo, eles ignoraram as fronteiras que foram estabelecidas por Namid, e houve grandes batalhas. Quando parecia que eles seriam removidos do mundo, Namid deu a alguns deles o dom do *saber*, o que os humanos chamam de intuição. E o mundo mudou, e apenas alguns humanos recebiam em seu sangue uma janela para o futuro. Mais do que apenas o conhecimento. Mas tal dom sempre vem a um custo. As mulheres, porque os Profetas eram sempre mulheres, enlouqueciam depois de alguns anos.

— Em seguida, se descobriu que o sangue de uma *Cassandra de Sangue* poderia acalmar a raiva, poderia tirar a dor.

— Poderia deixar alguém tão passivo que não iria lutar, mesmo sendo atacado? — Perguntou Simon.

Steve deu de ombros. — Isso não foi mencionado nas histórias, mas existem várias referências históricas dos anos quando os primeiros colonos chegaram a Thaisia, e a presença de algo que os *indigenes da terra* chamaram de sangue doce terminando um conflito, sem luta. E também houve algumas menções de *indigenes da terra* lambendo sangue e, em seguida, ficando loucos. Lendo nas entrelinhas, e dado ao fato de

que o sangue é mencionado em ambos os casos, eu acho que as duas coisas tinham algo a ver com as meninas que eram profetisas.

Portanto, esta não é a primeira vez que isso acontece, Simon pensou. Será que alguém poderia encontrar essas referências históricas? Será que veio daí a ideia para fazer as drogas que estão causando as doenças? — O que isso tem a ver com os Intui?

— A *Cassandra de Sangue* veio de nós. As meninas especiais. As profetisas. Mas quando você está tentando se esconder em uma aldeia humana, quando você está tentando evitar ser marcado como tendo algum tipo de feitiçaria ou a canalização de poder que pertence aos deuses, ter uma menina na família que tem visões do futuro e que recebe alerta de desastres sempre que se corta, pode ser uma desculpa para mandar matar uma família inteira. E foi isso o que aconteceu, Sr. Wolfgard. Foi o que aconteceu.

Ele acenou com a cabeça para indicar que estava ouvindo.

— Algumas gerações atrás, os homens começaram a aparecer quando as histórias começaram a se espalhar sobre uma menina especial. Eles falaram sobre uma casa especial, um lugar secreto onde as meninas ficariam seguras, seriam cuidadas, sem colocar suas famílias em risco. Segurança para todos. As histórias de família sempre enfatizavam que os pais desistiram de suas filhas para manter as meninas seguras, para manter o resto de suas crianças seguras.

— Talvez fosse mais seguro no começo, — disse Simon.

— Talvez. Mas os caçadores aprenderam a encontrar sua presa preferida, e logo as meninas especiais, as *Cassandras de Sangue*, acabaram desaparecendo das gerações de famílias Intui.

— Elas não desapareceram de todas as gerações de família, — Simon disse, pensando na amiga de Meg, Jean, que tinha nascido fora do Complexo.

— O potencial não desapareceu completamente, de qualquer modo. Mas... — A mão de Steve se fechou rapidamente - aqueles homens. Eles reproduzem as meninas agora, não é? Como gado. Eles

estão selecionando as características específicas que eles querem na prole.

— Eu acho que sim. Meg não fala muito sobre isso, então eu não sei ao certo. Mas eu acho que sim.

Nenhum dos dois falou por alguns minutos. Simon se sentiu decepcionado. Ele não tinha aprendido nada que pudesse ajudar Meg.

— Eu não quero agitar as coisas na aldeia por fazer muitas perguntas, — disse Steve. — Existe algo específico que você queira saber sobre as Profetisas de Sangue?

Simon pensou por um momento. — Comichão. A Meg sente comichão muitas vezes. Sempre é assim para um *Cassandra de Sangue* que não está em confinamento? É essa sensação que começa a vontade de se cortar em primeiro lugar?

— Eu não sei. Vou falar com Penny, calmamente. Eu acho que vai ajudá-la, e incluir a sua irmã, saber qual poderia ser a escolha mais gentil. E vou entrar em contato com outras aldeias *Intui* e ver o que posso descobrir.

— Seja cuidadoso. O homem que mantinha Meg ainda está tentando recuperá-la. Ele enviou homens atrás dela. Eles mataram alguns *indigenes da terra* no Pátio, antes de conseguirmos matá-los. E eles quase mataram a Meg.

— Isso foi o que provocou a tempestade que fechou o Lakeside?

Simon assentiu.

Colocando as mãos sobre a mesa, Steve levantou-se. — Tudo certo. Vou descobrir o que puder sobre as Profetisas de Sangue, e nós vamos fazer o que pudermos para o amigo do seu policial. Como eu disse antes, não podemos pagar-lhe muito, mas posso prometer alimentos, roupas e um teto sobre sua cabeça.

— Acho que por agora isso será suficiente. — Simon levantou-se.

Steve o estudou por um momento, em seguida, deu-lhe um sorriso estranho. — Você a chamou de uma amiga.

— O que?

— Sua Meg. Você disse que ela era uma amiga. Um Lobo realmente faz amizade com um ser humano?

Ele rosnou. Ele não podia evitar. — O Lakeside tem agora uma matilha humana por causa dela. É uma matilha incômoda, de fêmeas não-comestíveis. — Tudo bem, a matilha era composta de três fêmeas além de Meg, mas quando elas o encurralavam, parecia que era muito maior.

Steve apertou os lábios e tentou não piscar como se houvesse algo em seus olhos.

— O que?

Steve esfregou os olhos e suspirou. — Os *Intui* levam uma vida simples com as pessoas, e os *indigenes da terra* têm tarefas diferentes, mas quando em conjunto, essas tarefas e habilidades trazem um grande benefício para todos nós. E eu acho que nós trabalhamos bem juntos nesses anos todos. Mas eu não acho que Ming ou Flash ou qualquer outro *indigene da terra* que mora aqui, nunca pensou em qualquer *Intui* como um amigo. Tenho a sensação de que a sua Meg mudou as coisas entre o seu tipo e os meus, mais do que alguém ainda pode perceber.

Simon inclinou a cabeça e estudou o homem. — Você teve uma sensação?

— Sim. Um sentimento.

Os *Intui* não usavam as palavras sem considerar o seu peso.

— Vou lhe informar quando Roger Czerneda estará pronto para vir para a Ilha.

Steve chegou para trás e passou a mão entre os ombros. — Talvez seja por parte sua. O formigamento que você disse que a sua Meg sente. Com os *Intui* acontece com um número limitado de pessoas. Você se acostuma com a forma como as pessoas se encaixam no todo, e desse modo você acaba sabendo quando alguma coisa mudou. Essa é uma das razões pela qual nós não acolhemos as pessoas que encontram nossa aldeia quando estão visitando Talulah Falls.

Simon esperou.

— Cada escolha pode mudar o futuro.

— Então toda vez que eu escolho se quero ou não um muffin no café da manhã, eu sou o motivo do comichão sob a pele de Meg?

— Não. Se isso fosse verdade, todas aquelas meninas ficariam completamente loucas, independente do pouco contato com as pessoas. Mas já que elas descendem de nós, uma vez que uma Profetisa se acostumar com o seu entorno e as pessoas que ela vê geralmente, as escolhas do dia-a-dia não deverão afetá-la mais.

Steve parecia mais animado. Mas ele não conhecia Meg. Simon não compartilhava essa emoção.

— Ela está conosco há uns dois meses agora. Se ela ainda sente esse formigamento várias vezes ao dia...?

O entusiasmo desapareceu do rosto de Steve, e ele parecia sombrio. — Se for esse o caso, eu tenho a sensação de que a sua Profetisa esteja recebendo muitas previsões ruins vindo em sua direção.

Sim. Isso era o que o preocupava. — Eu estarei em contato.

Steve hesitou. — Você tem alguma objeção em uma visita minha para o Lakeside Courtyard?

Ele pensou por um momento e o porquê do Ferryman estar fazendo esse pedido agora. — Você quer dar uma olhada em Meg?

— Sim, eu gostaria de conhecê-la. Mais do que isso, eu gostaria que ela desse uma olhada em mim.

Ele pensou sobre isso também e decidiu que rasgar a garganta de Steve era uma resposta honesta, mas não a mais adequada. E já que ele tinha o suficiente para pensar, ele não iria refletir sobre o porquê *de sua* resposta, pelo menos não agora.

Ele saiu da sala e continuou andando. Ele encontrou Henry, Burke e Montgomery na balsa, carregando potes de geleia e mel para levar para o Pátio.

Steve não se juntou a eles. Simon achava que era o melhor.

Na viagem de volta para Lakeside, ele esperava que Burke fizesse algumas perguntas sobre como o filhote de seu amigo poderia viver na Ilha. Mas os dois humanos estavam quietos, e ele suspeitava que os

pensamentos de Henry estivessem mais focados no mel e na geleia que estavam levando com eles.

Isso era bom. Ele não precisa de ninguém jogando conversa com ele. Mas de sua conversa com Steve ele decidiu uma coisa: da próxima vez que Meg precisasse se cortar, ele ia estar lá para confirmar ou negar suas suspeitas sobre os seres humanos que Namid fez ser ao mesmo tempo maravilhosos e terríveis.



CAPÍTULO 14

NA MANHÃ DE EARTHDAY, como tinha prometido, Simon pegou Sam no final da tarde e se preparou para uma noite de cinema com Meg. Apesar de seus apartamentos terem acesso por um corredor em comum pelos fundos, o que tornaria mais fácil visitar uns aos outros, Meg persistia em usar a porta da frente como uma convidada, mesmo que isso significasse ter que colocar casaco de inverno e botas.

Hoje isso lhe convinha. Enquanto ela tirava as roupas de inverno e tentava evitar os saltos de Sam, que rondava ao redor dela tagarelando sobre a escola, os novos filmes, os outros filhotes, e tudo o mais que conseguiu dizer antes que ele tivesse que tomar um fôlego, Simon fez a pipoca e o suco para Sam e Meg. E se a pipoca tivesse um pouco mais de manteiga e sal do que o habitual, e se ele se esquecesse de levar os guardanapos extras antes de ir para fora da sala de estar e mudar, então ele só tinha que ser educado e ajudar Meg a limpar os dedos, não é?

Meg e Sam tinham começado o primeiro filme e cada um tinha uma porção de pipoca quando ele voltou, então ele tomou o seu lugar no sofá e aconchegou-se ao lado de Meg.

O filme era de aventura. Ainda voltado para a idade de Sam, mas muito mais interessante do que os filmes que o filhote queria assistir algumas semanas atrás. Ele estava maior, tanto mentalmente e fisicamente desde que Meg o persuadiu a sair da gaiola, o que não tinha acontecido durante os dois anos que ele tinha *congelado* pelo trauma da morte de sua mãe.

Mesmo com o bom conteúdo, Simon se esticou. O filme era interessante, mas descansar a cabeça no colo de Meg e cochilar era muito melhor.

Ele não tinha certeza de quando as coisas mudaram. Ele deve ter cochilado mais profundamente do que pretendia. Em um momento ele estava vagamente consciente das mãos de Meg em seu pêlo, fazendo-o querer se sentar. No momento seguinte ele estava sendo sufocado.

Totalmente acordado agora, ele lutou contra os braços que o apertava. Ele mostrou os dentes, preparado para morder, mas o único cheiro que o rodeava era o de Meg.

<Meg? Solte-me Meg! Eu não consigo respirar.> Não que ela pudesse ouvi-lo. Ele começou a colocar uma pata entre seus braços e sua garganta, então se lembrou do que um arranhão de sua unha poderia fazer com ela. <Meg? Meg, Meg, Meg! Ack!>

— Ei, Meg, — Sam disse, olhando e rindo para ela. — Você está sufocando o tio Simon.

— Oh! Desculpe. — Soltando o seu aperto, ela deu a Simon um par de pancadinhas desajeitadas e um beijo entre as orelhas dele.

Ele teria preferido menos batidinhas e mais beijos, mas ele estava feliz por respirar novamente. A próxima vez que ela se fechou em torno dele, ele conseguiu colocar uma pata entre seus braços e sua garganta para ter um espaço para respirar antes que ela o apertasse novamente.

Sam olhou para ele. <Você parece engraçado.>

Ele rosnou. <Coma sua pipoca.>

É claro que ele parecia engraçado. Meg tinha se transportado a meio caminho em seu colo e estava usando-o como um escudo peludo, espiando entre as orelhas dele quando ela não estava apertando-o, o deixando quase sem fôlego durante as partes assustadoras do filme. O problema era que Sam não estava lhe dando nenhuma pista sobre quais seriam as partes assustadoras. O filhote estava pulando e gritando e aplaudindo e uivando como um Lobo da matilha cumprindo sua missão. Fosse o que fosse. A segunda vez que ele quase teve seus olhos esmagados quando Meg o apertou, ele decidiu prestar mais atenção à história. Sua respiração errática em sua pele era um indício dos momentos de tensão no filme, e ele começou a reconhecer os sinais e antecipar os movimentos dela, para dar uma respiração mais profunda.

No momento em que terminou o primeiro filme, Sam estava saltando ao redor da sala e Simon estava com um torcicolo nas costas. Depois de colocar seu traseiro no chão, ele conseguiu se soltar dos braços de Meg.

Parecia que ela tinha esfregado o rosto com farinha, apagando todos os tons corados.

— Você viu como o Lobo da equipe rasgou os bandidos? — Sam disse agitando os braços. — Eles o seguiram e os encontrou e -

— Isso foi tão assustador!

— Sim, foi assustador quando o Lobo da equipe quase foi pego. Mas eles encontraram os bandidos e -

<Sam.>

Sam parou de saltar e olhou para Meg.

O filhote a ama, Simon pensou, enquanto observava Sam absorver a reação de Meg para o filme. Não como ele amava Daphne, mas como uma irmã. Como matilha. Como... Família.

— Bem, — Sam disse: — Eu acho que foi mais assustador para você, porque você é uma menina.

Simon não achava que Meg estava agindo assim por ser uma *menina*, mas como ser humano, mas ele não corrigiu o filhote. <Eu acho que já viram filmes suficientes esta noite.>

— Quer jogar um jogo de cartas, Meg? — Sam perguntou.

— O-ok. — Ela pegou a tigela de pipoca. — Deixe-me colocar isso na cozinha e lavar as mãos.

Suspirando com a oportunidade perdida em dar algumas lambidas, Simon correu para fora da sala para mudar antes de Meg chegar à cozinha. Ele pegou seus jeans e colocou a camisa por cima da cabeça quando ela entrou. Sua marcha não era firme. Nem as mãos quando ela colocou a tigela na mesa da cozinha.

— Simon?

— Meg?

— Posso ficar aqui esta noite?

Esse filme realmente a assustou. — Certo. Mas... Sam iria enrolar-se comigo esta noite. Tudo bem se ele e eu ficarmos em forma de Lobo?

Ela assentiu com a cabeça. Então ela olhou para suas mãos. — Tem muito pêlo em minhas mãos.

Ele não tinha certeza da quantidade de pêlos que tinha sido soltado quando a noite começou, e na verdade, mesmo sob a forma, sua pele estava um pouco dolorida, do jeito que você sentiria se alguém tentasse arrancá-los.

Manter os dedos nervosos ocupados. Ele teria que se lembrar disso.

— Por que você e Sam não começam o jogo de cartas? — Sugeriu.
— Eu quero dar uma última caminhada em torno do Complexo.

— Por quê? — Meg guinchou. — Algo está errado?

— Nada está errado. Eu faço isso todas as noites; lembra?

— Oh. Sim. Você faz.

Meg não era um coelho, mas esta noite ela queria um cobertor seguro e peludo, com tamanho de Lobo. O que, considerando da onde *vinha* o medo dela, era meio engraçado.

— Eu não vou demorar, — disse Simon.

Ele parou na sala de estar para farejar Sam, que tinha se escondido atrás do sofá para que ele pudesse saltar e rosnar. O medo de Meg por causa do filme já tinha saído da cabeça do filhote. Depois de lembrar a Sam que Meg não gostaria de assistir filmes com eles se o filhote a assustasse de propósito, ele deixou o jovem estabelecido e à espera de sua companheira de aventura.

Simon saiu. Ele engoliu um par de vezes para se certificar que a sua garganta estava operante, então respirou fundo. Ele esticou as costas, encolhendo-se um pouco. Definitivamente um torcicolo. Os *indigenes da terra* tinham dado à Elizabeth Bennefeld um escritório na Praça do Mercado, mas ele não achava que qualquer um dos Outros tinha realmente tentado fazer uma massagem. No entanto, Meg e a sua matilha humana gostavam, e elas diziam que ajudava os músculos doloridos, talvez por isso ele fosse marcar um horário. Se as noites de

cinema iam ser assim a partir de agora, seus músculos precisariam de alguma ajuda.

Ele caminhou ao redor do interior do Complexo, notando que ainda tinham luzes acesas e algumas casas estavam às escuras. Então viu Henry de pé no arco que dava acesso às garagens do Complexo Verde.

— Vocês já assistiram aos filmes? — Henry perguntou.

— Um filme foi tudo com o que Meg pode lidar, — Simon respondeu.

Henry fez uma careta. — Eu pensei que vocês iriam assistir algo que Sam tinha selecionado. Algo apropriado para um jovem.

— Nós assistimos. Mas era um filme *indigene da terra*.

Henry riu por tanto tempo e tão alto, que todos os residentes no Complexo olharam para fora das janelas ou abriram suas portas.

<Henry? Simon?> Vlad chamou. <O que está acontecendo?>

Ele ouviu a mesma pergunta de Jester Coyotegard, Marie Hawkgard, Jenni Crowgard e Tess.

Não vou ser eu que vou falar, Simon pensou quando ignorou as perguntas e correu de volta para o seu apartamento. Mas quando ele balançou a cabeça para Vlad e Jester antes de entrar em seu apartamento e trancar a porta, ele sabia que, pela manhã, todos no Courtyard teriam ouvido esse novo boato sobre a sua Meg.



CAPÍTULO 15

EM THAISDAY, Simon abriu a porta da frente da Howling Boas Leituras para os negócios. Não que houvesse muitos negócios. Não havia muitos clientes humanos parando na HBL, ou na Bite. Havia ainda menos desde o incidente na semana passada, quando duas meninas tentaram vandalizar a livraria manchando os livros com fezes de cachorro.

O perfume fedorento das meninas quase tinha mascarado o cheiro das fezes. Elas foram descobertas por John, que era o guarda naquele dia, e em seguida, elas tentaram passar por Blair e Nathan. Os dois Aplicadores prenderam as meninas contra as prateleiras e uivaram para Simon e Vlad.

A lei humana não se aplicava no Pátio. Há alguns meses atrás, Blair e Nathan teriam matado aquelas meninas apenas por tentar danificar os livros. Mas naquele dia, Simon tinha ligado para o Tenente Montgomery e exigiu que as meninas fossem presas.

Quando dois carros de patrulha apareceram com luzes e sirenes na livraria, as meninas ficaram atordoadas. Elas iriam ser presas? Elas iriam ter um *registro policial*? Elas iriam pagar multas ou iriam para a cadeia? *Mas elas não fizeram nada!*

Foi quando Blair perdeu a pouca tolerância que tinha daquela lamentação toda com os macacos idiotas e rosnou que os Lobos estavam com fome e quais dos braços das vândalas malditas eles poderiam arrancar para o almoço?

Não surpreendeu a ninguém que as meninas ficaram subitamente emocionadas em ser presas e foram caminhando algemadas para fora da loja por policiais armados.

Elas não tiveram tempo para danificar nada na loja, por isso não houve qualquer prova de vandalismo, além dos sacos de fezes de cachorro encontrados nas mochilas das meninas, e os policiais dos programas de TV sempre rosnavam sobre a necessidade de provas. Portanto, era provável que a lei humana não daria mais do que umas alfinetadas nas meninas. O que não combinava com a política de conduta *indigene da terra* no Pátio. A maioria teria preferido que Simon entregasse a Montgomery apenas os pedaços das meninas, para que a polícia pudesse preencher um formulário de falecimento. Então Boone Hawkgard poderia colocar uma placa no açougue Praça do Mercado, indicando a disponibilidade de carne especial.

As meninas não compreenderam ou não apreciaram a decisão que Simon tinha dado, mas Montgomery compreendia. O tranquilo Tenente disse — Obrigado — quando Kowalski e outros dois oficiais escoltaram as meninas para fora da loja, o que confirmava que ele reconheceu que a chamada foi um esforço para manter a paz e como um reconhecimento dos esforços que a polícia estava fazendo para defender os acordos entre a cidade de Lakeside e os *indigenes da terra*.

Fazia apenas algumas semanas desde que Winter havia fechado a cidade em uma tempestade de raiva. Todos os dias as notícias no rádio reclamavam sobre as dificuldades que as pessoas estavam tendo com a obtenção dos materiais de construção necessários para reparar os danos causados às casas e empresas durante a tempestade.

Os seres humanos não tinham ideia de quão perto estiveram de serem varridos completamente do mapa. Se Meg tivesse morrido naquela noite, Winter não teria mostrado nenhuma piedade, e Lakeside seria outra cidade humana desaparecida.

Como não tinha passado muito tempo desde a tempestade, e porque ele estava esperando que o calor de Spring fosse aliviar a tensão na cidade, ele estava dando aos humanos algum tempo para usarem seus cérebros, e dando tempo e oportunidade para polícia, para agitar as coisas em seu próprio caminho. Além disso, ele tinha outras coisas em que pensar.

Na semana passada, ele tinha ido para a Ilha Grande conversar com Steve Ferryman. Agora Ferryman estava vindo para o Pátio para se encontrar com o Capitão Burke e Roger Czerneda. Era sensato sediar a reunião, já que significava que ele e Vlad poderiam sentar e ouvir. Mas havia dois problemas com a reunião aqui: um era Roger Czerneda e o outro era Steve Ferryman. Ambos do sexo masculinos e *não* acoplados, e Ferryman já havia manifestado interesse em farejar *sua* Meg!

Não era minha Meg, Simon pensou, e se perguntou por que abriu a gaveta de dinheiro. *Não exatamente. Os indigenes da terra* em sua forma humana poderiam ter relações sexuais com os seres humanos, mas eles não *acasalavam* com os seres humanos.

Mas um *Intui* poderia ser um companheiro para uma *Cassandra de Sangue*. Assim como um ser humano normal.

Pelos de repente cobriram seu peito e ombros. Suas mãos mudaram o suficiente para ter pelos e garras. Ele não percebeu que estava rosnando ou que suas presas tinham aumentado até que ouviu um guincho ofegante.

Heather, a *única* empregada humana no HBL, olhava para ele.

— Quer que eu saia? — Ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. Droga! Ele tinha mudado o suficiente para não conseguir falar. Quando apontou para o registro, perguntou-se o que mais tinha mudado, mas ele achava que acariciar o rosto para descobrir o quanto ainda tinha de aparência humana, e o quanto já tinha de Lobo, seria uma boa coisa a fazer.

Não pense em machos humanos, ou fêmeas, ou em acasalamento, ou... Qualquer coisa. Apenas levante-se e vá para o escritório antes de assustar o coelho. Ugh. Merda, merda, merda!

Ela ficou tensa quando o caixa não estava mais entre eles, mas ele continuou se movendo em direção ao almoxarifado e as escadas. Só que ele não podia suportar a ideia de ficar confinado no escritório. Ele precisava correr!

Ele tirou suas roupas, deixando-as no chão, perto da porta traseira do HBL. Então ele saiu, mudou para o Lobo, e soltou um uivo que falava de frustração.

<Simon?> Nathan chamou.

<Fique de guarda da Meg,> ele disse e saiu correndo. Ele fugiu da área de negócios do Courtyard, ignorou Elliot e Tess, que perguntavam o que estava errado. Correu em estradas claras e que não exigia o suficiente, correu em terreno aberto e por entre as árvores, abrindo caminho através de alguns montes de neve. Era o reinado oficial da Spring agora, mas ainda havia lembretes de Winter.

Ele correu até que estava cansado o suficiente para que o seu primeiro pensamento não fosse rasgar a garganta de Steve Ferryman apenas por ser do sexo masculino. Ele não deveria se sentir assim, não entendia *por que* se sentia assim.

Meg era uma fonte de confusão desde que ele a contratou para ser o Liaison do Courtyard. Sua resposta a Ferryman era apenas mais um exemplo de como ela o deixava confuso.

Ele não se surpreendeu quando Blair se juntou a ele enquanto trotava de volta para a área de negócios.

<Você está bem?> Blair perguntou.

<Bem,> resmungou.

<Estava pensando sobre a reunião?>

<Não sobre a reunião.>

Eles trotaram em silêncio por alguns minutos. Em seguida, Blair disse: <Cuidado, Simon. Você não quer se tornar humano demais. Vemos alguns deles de forma diferente agora, mas a maioria deles ainda é apenas carne.>

<Eu sei.> Uma coisa era um *indigene da terra* ser capaz de passar por humano. Outra coisa era começar a *pensar* como um ser humano.

Blair voltou para o Complexo Utilities enquanto Simon continuou trotando em direção ao distrito de negócios.

Tornar-se demasiado humano era sempre um perigo para os *indigenes da terra* que trabalhavam nos Pátios, pois deveriam estar

atentos na *carne inteligente*. Ele deveria ir para o país selvagem e tirar algumas semanas neste verão. Ele poderia ficar em sua forma de Lobo e recuperar o seu senso de quem ele era, e *o que* ele era.

Mas ele já sabia que não iria para o país selvagem. Muita agitação ondulava ao longo de Thaisia, bem como aqui no Lakeside. Até que descobrisse quem estava fazendo as drogas que tinha atingido o seu pedaço do mundo, havia muita incerteza.

E havia muita necessidade de ficar perto de Meg.

Tentar descobrir isso o confundia, e ficar confuso o deixava bravo.

E foi lamentando como um coelho de quatro patas que ele escolheu aquele momento para sair de seu esconderijo.

Quatro jovens estavam em frente à Bite. Tess observava o grupo que fitava Merri Lee quando ela ainda estava na esquina, passaram por ela e a empurraram até que ela quase tropeçou na frente de um carro. Quando ela atravessou a rua e correu para a loja de café, os homens ficaram do outro lado, o lado *humano*. Tess não ouviu o que eles disseram para a garota, mas ela viu a expressão triste no rosto de Merri Lee que foi rapidamente escondida atrás de uma máscara alegre.

Uma hora depois, eles ainda estavam lá, observando. Vendo Merri Lee enquanto ela estava trabalhando.

E Tess, sendo um dos predadores mais ferozes de Namid, sabia a diferença entre um caçador observando e de uma presa assistindo.

— Você os conhece? — Tess perguntou inclinando a cabeça para indicar os homens outro lado da rua.

— Não realmente, — Merri Lee respondeu. — Eles vão para a Universidade Lakeside. Eu acho que eu tive uma classe com alguns deles. — Quando ela limpou as mesas perto das janelas, os homens gritaram alguma coisa.

<O que eles disseram?> Tess perguntou aos Corvos que estavam empoleirados no telhado. Eles também estavam observando.

<Eles dizem que Merri Lee é amante de Lobo e que ela vai receber o que merece,> Jake respondeu. <Ela está tendo relações sexuais com um Lobo?>

<Não seria Simon,> disse Jenni. <Simon gosta da nossa Meg.>
Uma pausa. <Simon e Meg têm relações sexuais depois que jogam?>

<Não,> Tess disse com firmeza. O relacionamento de Simon com Meg era complexo demais para qualquer coisa tão simples como o sexo. <E perguntar sobre isso vai perturbar Meg.>

Nenhuma resposta dos Corvos. Ela não esperava por uma. Eles poderiam estar dispostos a cutucar um Lobo e dizer algo para obter uma reação, mas não diriam nada para perturbar a Profetisa de Sangue que salvou suas vidas.

Tess voltou sua atenção para Merri Lee. — Aqueles homens. Você sabe seus nomes?

Merri Lee balançou a cabeça. — Não é nada.

Tess deixou passar. Exceto por Meg, Merri Lee e Heather eram os únicos humanos que trabalhavam nas lojas abertas ao público. Lorne Kates trabalhava no três Ps, mas a loja de impressão era apenas para os residentes de Courtyard; Elizabeth Bennefeld, a massagista, era uma contratada independente que trabalhava em seu escritório na Praça do Mercado dois dias por semana; e apesar de algumas preocupações expressas pelos administradores do Lakeside Hospital, Dominic Lorenzo estava indo em frente com os seus planos de prestação de cuidados médicos para os residentes do Pátio e funcionários. Outras lojas com empregados humanos que trabalhavam para as empresas na Praça do Mercado tinham perdido muitos funcionários para as *doenças* ao longo dessas duas últimas semanas, e alguns deles tinham apenas parado de ir trabalhar. Até o consulado tinha perdido seus empregados humanos.

Tudo isso foi uma reação contra a tempestade no início de Febros e não foi inesperada. Mas isso só provava a natureza fugaz da memória humana. Os seres humanos que pararam de trabalhar no Pátio tinham esquecido que era a única coisa que os tornava não comestíveis.

— Por que você não vai verificar a dispensa? — Disse Tess para Merri Lee. — Veja se estamos ficando com falta de alguma coisa.

Ela esperou até que a menina estivesse na parte de trás antes de sair pela porta da frente. Nada entre ela e esses quatro homens, exceto o

pavimento. Mas ainda uma distância muito grande para revelar sua verdadeira natureza. Também havia muita chance de outras pessoas saberem algo sobre ela. Se muitas pessoas ficassem doentes durante uma tarde no Courtyard, haveria perguntas que ela não queria responder, porque ela não tinha nenhuma intenção de deixar qualquer um com respostas vivo.

Pelo menos não esses humanos. Ela tinha revelado sua verdadeira natureza quando matou Ásia Crane, a fêmea humana que havia participado da tentativa de sequestro de Sam e Meg. Depois, ela perguntou se Henry ou Simon suspeitavam que tipo de *indigene da terra* ela fosse, mas nenhum deles disse nada. Ela valorizava a sua aceitação tácita deles, o suficiente para que ela não fosse deliberadamente trazer problemas para o Pátio sem uma boa razão.

— Vê algo que gosta? — Nyx se juntou a ela.

Tess olhou para o estacionamento de clientes do Pátio. Quantos Sanguinatis estavam observando das sombras? — Eu vejo um pacote de perturbações de duas pernas.

— Hmm. Eu vejo algo para viagem.

Tess riu; o que pareceu enfurecer os homens. Um deles puxou um pequeno recipiente do bolso do casaco e acenou para elas.

— Vamos, então! — Gritou. — Cadela em um frasco!

O sorriso de Nyx não se alterou, mas os cabelos de Tess ficaram vermelhos com listras pretas. Preto. A cor da morte. Tão tentador deixar sua verdadeira natureza dar um show, quando ela podia sentir o esforço que Nyx estava fazendo para não atacar.

Mas no final, os homens não foram tentadores o suficiente. Não ainda.

Ela voltou para a loja. Um momento depois, ainda sorrindo para os homens, Nyx entrou na Howling Boas Leituras.

Teria que tomar uma decisão em breve. Ela já verificou seu almoxarifado e sabia o que tinha que pedir. Não ia deixar Merri Lee assim muito mais tempo.

Não era função dos *indigenes da terra* proteger os seres humanos, pelo menos não quando eles estavam além dos limites do Pátio. Mas ela conhecia um ser humano que estaria interessado em manter Merri Lee longe de danos.

Ela discou o número do escritório da HBL. — Vlad? Diga a Simon que eu quero estar na reunião quando ele falar com a polícia.

— Você não tem o sabor de carne? E o sabor de galinha? — Meg ouviu o gerente do Palácio Pet se atrapalhar e mostrou os dentes em um sorriso. Tinha lido em um artigo de revista no outro dia que manter uma atitude positiva produzia melhores resultados quando se trata de alguém que esquecia o que era *serviço de atendimento ao cliente*.

Infelizmente, os Lobos eram muito melhores em atitude de discernimento do que os humanos. Assim que ela mostrou os dentes, Nathan correu, bateu suas patas dianteiras sobre o balcão, e esticou seus ouvidos para ouvir o outro lado da conversa.

Já que ela estava tentando pedir mais caixas de biscoitos de cão, ela ficou surpresa que ele estava resistindo ao se intrometer, já que sempre fazia isso.

— E os outros biscoitos de cachorro? — Meg perguntou. — Eles já foram completamente vendidos também. Entendo. Quando você espera...? Oh. Já não estão sendo feitos? Sim, tenho certeza que você sente muito.

— *Arrooo?* — Nathan perguntou em voz baixa.

Ela desligou com um pouco mais de força do que o necessário, assim que a porta do escritório se abriu e Nathan se virou para ver quem estava chegando.

Harry, de todos os entregadores, hesitou na porta. Em seguida, ele entrou e amontoou seus pacotes no final do balcão, mais afastados deles.

— Eu acho que não tenho que perguntar se vocês dois estão tendo um bom dia, — ele disse.

— *Arrooo!*

Meg soltou um suspiro e pegou a caneta e prancheta. Harry era um querido que falava sobre sua esposa e lhe mostrava fotos de seus netos. Não era justo ser mal-humorada com ele.

— Desculpe, Harry. Eu estou tendo alguns problemas para fazer os pedidos. — Ela começou a preencher as informações sobre os pacotes que ele havia trazido.

— Oh? Que tipo de problema? — Quando ela não respondeu, ele olhou para Nathan. — Acho que você não pode me dizer?

O Lobo saltou sobre o balcão e passou pela porta privada para a sala de triagem.

— Não mude a menos que você coloque suas roupas! — Meg gritou quando ouviu Nathan remexendo alguma coisa.

Ele voltou com uma caixa de biscoitos para cães e a colocou no balcão com a sua boca.

Harry olhou para o pacote, então ergueu as sobrancelhas para Meg.

Ela suspirou. — Eu liguei para o Palácio Pet para pedir mais caixas de biscoitos. O gerente me informou que eles estavam sem estoque, sem nenhum sabor, de nenhum tamanho.

— Isso pode acontecer, Miss Meg, — disse Harry. — Você entra nas lojas um dia antes da próxima entrega, e você vai encontrar uma abundância de prateleiras vazias. E com os itens sazonais, as lojas simplesmente ficam sem o estoque, pois acabam muito rápido.

— Eu entendo isso, — Meg disse. — Mas isso não explica por que ontem quando eu liguei para o Crust Hot para pedir uma pizza, eles me disseram que não estavam mais fazendo entregas, e poucos minutos depois eu vi o carro de entrega deles *fazendo* uma entrega! — Já que Nathan estava colado nela, a ponto de pisar em seu pé, ela colocou as mãos sobre os ouvidos dele e sussurrou: — e Julia Hawkgard me disse que quando o ônibus Courtyard foi para a Praça em Firesday, havia

placas em algumas vitrines informando que o atendimento era somente para humanos.

Ela soltou ouvidos de Nathan, a fim de passar os seus dedos sob o tecido de sua camisa e arranhar a sensação de alfinetes e agulhas que, de repente encheram seu braço direito.

— Que droga, esses tolos! — Harry murmurou. Ele pegou a caixa de biscoitos de cão. — Isto é o que você quer?

— Sim, mas -

— Não crie muitas expectativas, mas eu posso dar uma passada nesta loja durante o meu horário de almoço e pegar uma caixa ou duas, a menos que eles estejam dizendo a verdade sobre não ter estoque.

— Eu tenho o dinheiro, — Simon disse, dando um passo até o balcão.

Ela não tinha o ouvido entrar. Nathan se imprensou ao lado dela, de modo que ela ficou entre um Lobo em forma de Lobo e um Lobo em forma humana. Isso a deixou muito consciente de sua altura, e ficou ciente de que a sensação de alfinetes e agulhas foi desaparecendo rapidamente.

Simon colocou duas notas de vinte dólares no balcão. — As pessoas podem fazer perguntas se você comprar muitas caixas, então, uma caixa de cada sabor será o suficiente.

— É justo. — Harry embolsou as notas. — Vou ver o que posso fazer. — Ele bateu um dedo na aba do seu boné e saiu.

— Cuide das entregas, — Simon disse, em seguida, levou Meg pelo braço, e a arrastou para a sala de triagem, fechando a porta privada.

— Nathan não pode assinar os pacotes a menos que ele mude, — Meg protestou. — E um Lobo *nu* não vai deixar um entregador a vontade.

— Isso só vai levar um minuto. Por que você está arranhando seu braço?

— Ele ficou arrepiado. — Quando ela estendeu a mão para o seu braço direito novamente, ele agarrou ambos os pulsos dela e manteve suas mãos afastadas. — Simon!

— Sua pele não foi picada a semana toda. Não aqui, e nem em casa. E você não precisava se cortar.

Ele estava tomando cuidado para não machucá-la, para que ela não se debatesse, especialmente quando ela percebeu que ele estava certo sobre a sensação de alfinetes e agulhas. E ele estava certo sobre o corte, até certo ponto. Alguns dias, ela *queria* se cortar, e queria sentir desesperadamente a euforia, mas ela não *precisou e nem conseguiu* se cortar. Enquanto as atividades diárias não coincidiam com a sensação de euforia que vinha depois do corte, elas *desbotavam* a necessidade. E estar cercada por vizinhos que tinham um sentido de cheiro perversamente afiado significava que você não conseguia esconder nem mesmo o menor corte.

— Eu não entendo, — Meg disse.

— Quando eu fui para o encontro na Ilha Grande, Steve Ferryman disse que os Intui vivem em pequenas comunidades, a fim de entrar em sintonia com o lugar onde vivem e as pessoas ao seu redor.

— Eu nunca ouvi falar dos Intui.

Ele parecia desconfortável. — Eles são um tipo diferente de humanos.

— Tipo o quê?

— Entre um ser humano como o Tenente Montgomery e um humano como você. A maioria dos Intui não pode ver profecias, mas eles têm sensações e premonições sobre as coisas, para o bem ou o mal.

— A maioria deles? — O coração de Meg saltou. — Mas alguns deles falam visões e profecias?

Pelos cresceram no rosto e nas mãos de Simon, em seguida, se retraíram. Uma mudança involuntária era um sinal claro de fortes emoções nos Outros.

— As *Cassandras de Sangue* descendem originalmente dos Intui, — Simon admitiu. — Pelo menos é o que me foi dito.

Ele não queria me dizer, Meg pensava. Então por que ele está me dizendo agora?

Mas que maravilha! Sua amiga Jean tinha insistido que meninas como elas poderiam viver livres no mundo. Jean veio de uma família que morava fora do controle de pessoas que se tornavam mais ricas, com cada cicatriz que uma menina adquiria.

Jean.

Meg gritou e tentou arrancar os braços, mas Simon ainda segurava os pulsos dela.

— Meg!

Ela não podia se cortar agora. Não com Simon a segurando, e Nathan uivando na sala da frente em resposta a tudo o que ele estava sentindo. E se Nathan não calasse a boca, haveria Lobos e Ursos e Sanguinati se aglomerando aqui dentro querendo saber o que estava errado.

— Eu estou bem, — ela engasgou. — Estou bem.

— Vou mandá-lo embora, — Simon rosnou. — Eu não me importo se ele quer conhecê-la. Eu não vou permitir que ele entre no Pátio.

— Quem? O quê? — Ela tinha que recuperar o controle. Não podia pensar em Jean ou no Composto. Concentre-se em algo novo. *Intui*. Eles poderiam ajudá-la a compreender como viver no mundo exterior?

— Steve Ferryman, — Simon retrucou. — Ele não vai entrar aqui, e ainda te chatear!

— Não, ele não vai. Eu estava pensando na minha amiga, Jean. Você não pode culpar o Sr. Ferryman por isso. E eu gostaria de conhecê-lo.

— Por quê? Você o viu?

Ela não sabia que ele existia até Simon mencionar o nome dele, e de que modo ela iria vê-lo...?

Claro. Ela poderia ter visto este homem em uma visão, exatamente como ela tinha visto Simon pela primeira vez. Mas ela não tinha visto Steve Ferryman, não sabia nada sobre ele ou os seres humanos que eram chamados de *Intui*.

Será que o Controlador conhecia essas pessoas?

Concentre-se em Simon. — Você disse que os *Intui* vivem em pequenas comunidades. Se as Profetisas de sangue descenderam dos *Intui*, talvez seja uma coisa importante saber mais sobre essas pessoas.

O pelo recuou das bochechas de Simon. As unhas estavam ainda eram garras, mas ele estava tomando cuidado para não danificar a pele dela.

— Eu me pergunto se ele pode ser o mesmo para você, — Simon disse. — Talvez sua pele não esteja picando o tempo todo porque você já se acostumou com a gente.

Ela pensou sobre a rotina de seus dias. Ela abria o Gabinete do Liaison e ficava principalmente com Nathan, e às vezes com Jake Crowgard, cochilando na sala da frente entre as entregas. Todos os entregadores eram pessoas que ela via um par de vezes por semana. Ela frequentava a *Mente Quieta* com Merri Lee, Heather, e Ruth Stuart. No Complexo Verde, ela entrava em contato diário com Henry, Tess, Vlad, Julia Hawkgard, Jester Coyotegard e Jenni Crowgard e suas irmãs. E Simon.

Havia pequenos contratempos, como no dia em que Ruth extraviou suas chaves depois da aula, mas ela estava aprendendo que pequenas coisas podem ser tratadas de maneiras mundanas, e com os seus amigos a ajudando a enfrentar as situações, as coisas pequenas podiam ser ignoradas.

— Eu vou ter que pensar sobre isso um pouco mais, prestar mais atenção, — ela disse.

— Você não esteve arranhando sua pele até hoje.

— Aconteceu algo hoje?

Ele rosnou, e ela viu seus caninos se alongarem.

— Talvez você precise sair e correr por um tempo.

— Não preciso.

Meg suspirou. Quando ela tentou puxar seus pulsos do seu domínio, ele a soltou. — Simon, você tem que ir ao seu encontro. Tente não morder ninguém. E depois do trabalho, você, Sam e eu podemos dar uma caminhada.

— OK. Sim. Tudo certo.

Ele parecia infeliz. Ele organizou esta reunião, então por que estava infeliz? A menos que tivesse algo a ver com ela?

— Se isso realmente incomoda você, eu não preciso conhecer o Sr. Ferryman, — ela disse, tentando interpretar a sua linguagem corporal e expressão.

— Você deve conhecê-lo. Apenas... Não gosto muito dele. — Ele olhou para a sala da frente. — Nathan disse que a polícia está aqui para a reunião, e outro carro já parou.

— Então você deve ir.

Ele hesitou, então deu uma lambida rápida na bochecha dela antes de correr para a sala de trás e sair.

Meg ficou lá tentando entender tudo enquanto recordava as imagens no treinamento, os rostos de homens mostrando várias expressões e emoções. Em seguida, ela balançou a cabeça e abriu a porta privada para impedir que Nathan se preocupasse.

Ela pegou o *Guia de namoro para idiotas* que tinha deixado no balcão, fechou os olhos e tentou imaginar uma série de imagens que poderiam se encaixar.

Simon entrando no escritório, preocupado com esta reunião e tendo um homem estranho, Steve Ferryman, no Pátio. Simon não viu o livro que ela escondeu até agora porque ela não queria explicar que estava lendo um livro sobre encontros com seres humanos, em um esforço para *compreendê-lo*. Simon, que perguntou sobre o seu interesse por Steve Ferryman e o interesse de Ferryman nela. E por último, Meg e Simon tendo essa conversa estranha.

Ela devia estar enganada, tinha interpretado os últimos minutos incorretamente. Afinal, este era *Simon*, que era um Lobo *indigene da terra*.

Mas se ele fosse humano, ela teria dito que ele estava com *ciúmes*.

Simon parou do lado de fora da sala de reuniões da Associação de Empresas e fez um balanço de si mesmo.

Mãos? Humanas. Orelhas? Na forma humana e sem pêlos. Dentes? Ele rosnou, — Perto o suficiente, — e entrou na sala.

Ele esperava que Vlad e Henry assistissem a esta reunião, mesmo que não tivessem nada a ver com o Lakeside Courtyard. Mas Tess estar lá, com o seu cabelo vermelho e cacheado, foi uma surpresa desagradável.

<Por que você está aqui?> Ele perguntou a ela.

<Há algo que a polícia precisa saber,> ela respondeu.

Steve Ferryman estava lá, é claro. Ele poderia saber coisas que Meg queria aprender, mas *ele* nunca faria uma limpeza tão completa de sal e manteiga de suas mãos após uma noite de cinema.

Imaginar Ferryman lambendo as mãos de Meg o fez soltar um rosnado. Isso fez com que todos se sentassem, exceto Ferryman, que fez um esforço para parecer menor.

<Simon?> Henry perguntou. Ou avisou.

Simon soltou um suspiro e se voltou para os outros humanos na sala. Sentado entre o capitão Burke e o tenente Montgomery estava um homem que ele não conhecia.

Roger Czerneda era de altura mediana, com cabelos loiros e olhos azuis. Nada desafiador ou agressivo em seu comportamento, o que iria diminuir o atrito quando ele tivesse que lidar com os Outros na Ilha Grande. E ainda estava se curando do ferimento em Jerzy. Se uma matilha estivesse caçando e Roger estivesse em uma multidão de seres humanos, eles tentariam separá-lo do resto, porque ele estaria vulnerável e mais fácil de derrubar.

Um convidado não é comestível, Simon lembrou a si mesmo quando tomou um assento. O olhar que Henry lhe deu o fez correr a língua sobre os dentes para confirmar que ainda estavam perto o suficiente do tamanho humano.

— Nós apreciamos o anfitrião por esta reunião, — Capitão Burke disse, dirigindo-se a Simon, mas fazendo questão de incluir os outros

três *indigenes da terra* na sala. — E apreciamos que o Sr. Ferryman veio até Lakeside para atender Roger.

— Estou contente por ter a oportunidade de visitar o Lakeside Courtyard, — disse Steve Ferryman. — E o Oficial Czerneda deve conhecer algumas coisas sobre Porto Ferryman antes que ele tome uma decisão. — Não havia necessidade do líder do Courtyard emitir um desafio, então ele se recostou na cadeira e cruzou as pernas na altura dos tornozelos. — A forma como as coisas funcionam na Ilha Grande não é única em Thaisia, mas é uma das comunidades mais visíveis de *indigenes da terra*, pessoas de vida simples, e nós dividimos as tarefas, os Intui e os demais grupos que compõem o todo. Ninguém tem muito em termos de bens de riqueza e materiais, mas todos têm o suficiente.

Já que o resultado não afetava o Courtyard de uma forma ou de outra, Simon não prestou muita atenção no blá, blá, blá sobre como os diferentes grupos trabalhavam juntos. Landing não era a única aldeia “humana” que pertencia aos *indigenes da terra*. Havia outros grupos de *Intui* e comunidades *Simple Life* nas montanhas Addirondak, onde os produtos de interesse em comum eram trocados pelo uso da terra e dos recursos naturais. Não era muito diferente de outras cidades humanas, onde os Pátios eram cercados pela cidade e os seres humanos que moravam ali, enquanto os pequenos assentamentos humanos eram cercados pelo país selvagem e pelos *indigenes da terra* que moravam lá. Isso significava que os *Intui* não se esqueciam de que sua sobrevivência era dependente do que os Outros consideravam uma troca justa.

E os Outros no país selvagem não se esqueciam de que os seres humanos não eram *indigenes da terra*, mesmo quando se enroscavam em uma amizade e cuidados.

<Você pode querer prestar atenção agora,> disse Vlad. <Parece que eles estão terminando.>

<O que eu perdi?>

<Roger vai ser o policial Oficial na Ilha Grande. Burke vai ajudar Steve Ferryman para adquirir um carro oficial de patrulha, já que a vila

não tem um. Flash Foxgard vai ser o parceiro de Roger enquanto ele vai se familiarizando com a Ilha e ambos os lados da vila.>

<Alguém vai dizer a ele para olhar para o outro lado, se um agricultor relatar que alguns ovos estão em falta no galinheiro?>

<Tenho certeza que o Foxgard pode ser responsável por todos e quaisquer ovos.>

— Bem, — Burke disse, se deslocando em sua cadeira. — Eu acho que terminamos...

— Não, — Tess disse. — Há algo que todos precisam saber. — Ela olhou para Vlad. — A menos que você queira dizer a eles?

— Dizer o que? — Vlad parecia confuso.

Enquanto ouvia de Tess sobre os homens que estavam observando Merri Lee, Simon estudou Burke e Montgomery. Raiva e preocupação, respectivamente. A observação de *amante de Lobo* não foi uma surpresa para Burke. A questão era qual grupo, polícia ou *indigenes da terra*, iria conter o problema antes que se transformasse em uma luta. Vendo a expressão nos olhos de Vlad quando Tess mencionou “*cadela em um frasco*” ele achava que a polícia não teria muito tempo para agir, uma vez que Erebus Sanguinati decidisse que o seu povo iria responder.

— Eu vou ter uma conversa com o Capitão da patrulha no distrito da Universidade, — disse Burke.

— Não é apenas Lakeside, — disse o barqueiro. — Nós ouvimos rumores sobre problemas fervilhando em Talulah Falls. Um par de manifestações perto do Courtyard de lá, alguns discursos nas faculdades. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — E nós tivemos um incidente algumas noites atrás. Foi à razão pela qual decidimos ajustar o orçamento da aldeia para contratar um policial Oficial.

— O que aconteceu? — Perguntou Roger, parecendo pálido.

— Um barco atracou no extremo norte da Ilha, onde a maioria das pessoas *Simple Life* tem suas fazendas. Alguém tentou atear fogo em um celeiro.

— Tentaram? — Disse Simon.

— Tivemos um aguaceiro repentino que durou algumas de horas. A chuva apagou o fogo antes que o agricultor pudesse denunciar o incêndio. Ao mesmo tempo em que a chuva começou, um forte nevoeiro cobriu o rio. Você não conseguia ver sua própria mão na sua frente.

Ah, Simon pensou. Water deve ter montado Nevoeiro naquela noite. Nem mesmo os demais indigenes da terra sabiam como os Elementais dividiam o mundo em territórios ou mesmo quantos deles havia. Mas ele estava bastante certo de que os Elementais responsáveis pela Ilha Grande e Talulah eram as mesmas damas que moravam no Lakeside Courtyard.

— A polícia teve alguma sorte em encontrar a pessoa responsável?
— Perguntou Burke.

O Barqueiro deu ao Capitão um sorriso estranho. — A névoa e as corredeiras do rio estavam fortes naquele dia; e na manhã após o incêndio, um barco quebrado e dois corpos foram retirados do rio.

— Estavam sem sangue? — Vlad perguntou. — Eu sei que os Sanguinati que moram na Ilha têm se interessado pela costa nesses últimos dias. Tal incursão desse tipo de humanos pode causar problemas para os moradores da Ilha.

O barqueiro deu de ombros. — Esses homens caíram contra as quedas. Se eles já estavam mortos quando caíram, o Sanguinati fez-lhes um favor.

— Mais alguma coisa? — Perguntou Simon. Quando sua única resposta foram vários acenos de cabeça, ele terminou a reunião.

— Faça contato com a aldeia quando estiver pronto e vamos fazer com que você se estabeleça, — Ferryman disse a Roger.

— Sr. Wolfgard, — disse Montgomery. — Eu poderia ter um minuto?

— Um minuto, — Simon concordou.

— Vou esperar lá fora, — disse o barqueiro.

— Por que eu não levo os nossos convidados para um rápido passeio na Praça do Mercado? — Vlad disse.

Quando todo mundo saiu da sala, Simon estudou Montgomery. Não estava doente, mas a pele escura não parecia tão saudável como de costume.

— Algo errado com você? — Perguntou Simon.

Montgomery sorriu. — Muitas noites sem dormir recentemente.

Um Lobo poderia enrolar-se e tirar uma soneca, mas os seres humanos raramente eram tão sensíveis.

— Eu percebi que alguns de seus funcionários humanos deixaram recentemente os postos de trabalho, — Montgomery disse.

— A maioria, na verdade. Por quê?

— Uma prima do oficial MacDonald está à procura de trabalho. Ela tem habilidades de secretariado e de negócios que podem ser úteis ao Dr. Lorenzo, se ele já não tenha contratado alguém para o escritório aqui.

— Por que ela quer trabalhar no Pátio?

Montgomery parecia desconfortável. — Theral saiu de um relacionamento abusivo há alguns meses. Ela teve dois empregos desde então e foi demitida de ambos, porque seu ex-parceiro apareceu em seu local de trabalho fazendo ameaças e causando problemas. Ela se mudou de volta para Lakeside, porque ela tem família aqui. O Diretor de MacDonald mencionou que Theral estava procurando trabalho, e eu me ofereci para abordar o assunto com você, caso você estivesse procurando novos empregados. Se você estiver interessado, ela pode ligar e marcar uma entrevista.

Simon coçou atrás de uma orelha para se dar um momento para descobrir o que Montgomery estava realmente tentando dizer a ele. — Você acha que este homem vai segui-la para Lakeside e causar problemas?

— Espero que não.

— Mas você quer que ele seja comido se aparecer?

— Não, não, nada disso.

Apesar das palavras, Simon pensou que Montgomery não ficaria muito chateado se ele tivesse que preencher um formulário de *corpo*

ausente para este homem que ameaçou um membro da família de MacDonald. — Eu vou falar com os outros membros da Associação de Empresas.

— Obrigado.

Ele saiu com Montgomery e desejou que Ferryman, que estava parado perto da parte traseira do Gabinete do Liaison, desse alguma desculpa esfarrapada sobre a necessidade de chegar em casa e não ter tempo para ver a Meg.

Eles não falaram até que a polícia foi embora, Henry voltou ao seu estúdio, e Vlad e Tess voltaram para suas lojas. Então Ferryman o estudou por um momento. — Quando você entrou na reunião, eu tive a sensação de que você realmente não me queria em seu Pátio. Mas não em todo o Courtyard, não é? Apenas no escritório.

Simon não respondeu.

— Você quer que eu dê uma desculpa e vá embora?

— Não. — Isso era exatamente o que ele queria, mas ele não conseguia descobrir como explicar a saída de Ferryman para Meg. Além disso, era possível que Ferryman pudesse ajudá-la.

— Todos os *indigenes da terra* reagem desta maneira a uma *Cassandra de Sangue*? — Steve perguntou.

Simon apenas abriu a porta traseira e entrou. Ao ouvir o rosnado de Nathan, ele correu para a sala de triagem com Ferryman em seus calcanhares.

— Me devolva, — Meg disse puxando a extremidade de um catálogo tão forte quanto podia, enquanto Nathan puxava na outra extremidade. — Devolva!

— Pare, — Simon disse. <O que você está fazendo?>

<Isso deixa ela com raiva,> Nathan respondeu. Ele parou de puxar, mas não soltou a ponta do catálogo. <Eu tentei tirá-lo dela, mas Henry disse para não puxar rápido demais, porque poderia cortar as mãos de Meg.>

Meg olhou e viu os dois homens. Corando, ela soltou o catálogo, e Nathan caiu no chão.

— Problemas? — Simon perguntou.

— Eu estou tentando fazer alguns pedidos, e as lojas têm as mercadorias até descobrirem que os pedidos são para o Pátio, e então, de repente eles estão sem estoque!

— Isso é um problema do governo, não seu. Faça uma lista das lojas que se recusam a fazer as entregas e dê a Elliot. E pode incluir a loja de animais e a Hot Crust nessa lista.

— Por que Elliot tem que lidar com isso?

— Porque há penalidades para aqueles que se recusam a fazer entregas para o Pátio, e é responsabilidade do governo fazer cumprir os acordos feitos entre os seres humanos e nós.

— Há penalidades? — Meg disse. — Boa!

Vê? Simon pensou, inclinando a cabeça e dando uma olhada em Ferryman. *Ela não é um coelho doce e macio. Há um traço de Lobo nela.*
— Meg, este é Steve Ferryman, o prefeito de Porto Ferryman. E esta é Meg Corbyn.

Ferryman estendeu a mão para apertar a dela, e foi apenas o perigo de acidentalmente beliscar um dos dedos de Meg que o impediu de morder Steve.

Eles mal se tocaram antes de soltar as mãos. Para seu crédito, Steve parecia preocupado quando Meg começou a coçar o braço dela. Mas ele olhou para a caixa sobre a mesa de triagem e disse: — O que é isto?

— Biscoitos de cão, — Meg disse ao mesmo tempo em que Simon disse, — Biscoitos de Lobo.

— Um dos itens que de repente não estão mais disponíveis para os residentes de Courtyard, — Meg disse com uma amargura que surpreendeu e preocupou Simon, especialmente quando seus dedos estavam apertando seu braço. Se ela se arranhasse mais duramente, até mesmo sua camisa não protegeria sua pele.

Steve pegou a caixa e puxou um biscoito. Depois de examiná-lo, ele disse: — Eles têm que ser exatamente como estes?

Meg parou de se coçar. — Como o quê?

Steve ergueu um biscoito. — Como isso. Estamos sempre à procura de maneiras para ajudar a nossa comunidade a prosperar na Ilha Grande e garantir que todos tenham trabalho, quer se trate de *Intui* ou *Simple Life* ou *indigenes da terra*. Eu posso pensar em algumas mulheres que possam estar interessadas em desenvolver um tipo semelhante de biscoito.

— Biscoitos recém-assados para Lobos?

— Por que não?

Simon se afastou do Ferryman. Meg parecia muito interessada no homem, e foi ficando mais difícil de lembrar que Steve não *era* comestível.

— Eu gostaria que você olhasse algo, — Meg disse, e ela o levou para a sala da frente e apontou para a cama Lobo.

Depois de olhar para Simon pedindo permissão, Steve se agachou ao lado da cama e a examinou. — Você tem uma extra, para levar comigo?

— Eu acho que há uma deixada na loja da frente, — Simon respondeu. — Você pode pegá-la.

— Obrigado. — Steve se levantou e sorriu para Meg. Em seguida, o sorriso desapareceu. — Quando um *Intui* recebe uma premonição, sempre vem acompanhada por algum sinal físico de vibração na barriga, ou um determinado grupo de músculos ficam apertados. Mas é muito mais difícil para você, não é?

Simon se aproximou de Meg, uma postura protetora.

— Você conhece alguma Profetisa de Sangue? — Meg perguntou.
— Existe alguma menina na Ilha?

Steve sacudiu a cabeça. — Nós não conseguimos descobrir como ajudá-la a tempo de salvá-la.

— Oh! Eu sinto muito.

— Eu também — Steve parecia desconfortável. — É melhor eu ir andando.

— Vou levá-lo até a loja da frente, — Simon disse.

— Obrigado por sua ajuda, Sr. Ferryman, — Meg disse.

— Steve. Não há necessidade de sermos tão formais.

Ela sorriu e Simon engoliu um grunhido.

Ele e Steve caminharam até a Praça do Mercado, em silêncio. Na verdade, Ferryman não disse nada até que pegou a cama Lobo e a embalou na parte traseira de seu carro. Depois se virou para Simon.

— Enquanto eu gostaria de ter a Srta. Corbyn como amiga, eu não estou perseguindo a sua menina, Sr. Wolfgard.

— Ela não é minha. — Já que Meg era um excelente brinquedo sibilante, por que Ferryman não queria persegui-la se era tão divertido?

Steve sorriu. — Ela é a Liaison do Pátio e você é o líder do Courtyard. De certa forma, isso a torna sua.

Ele inclinou a cabeça para reconhecer o argumento, e percebeu que Steve não iria farejar Meg. Simon não era um Intui ou um Profeta de Sangue, mas ele tinha bons instintos. — Você quer laços com o Lakeside. É por isso que você está procurando uma maneira de fazer os biscoitos e as camas. O que os *indigenes da terra* na Ilha Grande vão dizer sobre isso?

— Algo está errado em Talulah Falls. Nós sentimos que o mesmo acontece com os *indigenes da terra* que moram na Ilha. Ming Beargard tentou falar com os Outros que estão a cargo do Courtyard de Talulah Falls, mas eles não falaram com ele porque acham que os *indigenes da terra* da Ilha são muito amigáveis com os humanos. Disseram a Ming que os Outros podem receber as mercadorias feitas pelos seres humanos, mas não *ajudar* os seres humanos com o trabalho. Eu acho que nem sempre foi essa a atitude deles, mas os governantes atuais do Courtyard de Talulah Falls querem pouca interação com os seres humanos, o quanto menos possível.

— Então Ming quer um vínculo com o Lakeside Courtyard também?

Steve assentiu. — Nós vendemos alguns dos nossos itens especiais nas lojas em Talulah Falls, coisas que os turistas que visitam as Cataratas do Amor podem levar para casa. Quando a nossa equipe de representantes de vendas foi até as Cataratas para falar com as lojas e fazer os pedidos para a temporada turística de verão, *nenhuma* loja fez pedidos conosco, e alguns deles murmuraram que não iriam comprar

nada de qualquer ser humano, por causa do slogan: *Humanos, Primeiros e Últimos*. Nossa equipe sentiu essa hostilidade sempre que um *indigene da terra* e um humano ficavam à vista um do outro. — Ele fez uma pausa, considerando as palavras com cuidado. — As coisas estão dando errado em Talulah Falls, e eu acho que é uma questão de *quando* e não *se* - os *indigenes da terra* que governam o Courtyard de lá não vão falar com a polícia ou dar ao governo humano uma chance de consertar as coisas. Então se possível, eu preferiria fazer negócios com você.

Simon não tinha certeza se seria mais misericordioso que os *indigenes da terra* de lá, mas pelo menos e por enquanto, ele poderia tirar proveito de um negócio que beneficiaria ambos os lados.

Quando Ferryman partiu, Meg já tinha fechado o Gabinete do Liaison para a sua pausa do meio-dia, e saiu para almoçar com Heather e Merri Lee. Ele teria rosnado sobre Meg deixar o Pátio com duas fêmeas que não tinham presas, mas quando ele entrou na Howling Boas Leituras, John lhe informou que as meninas tinham ido para a Bandeja Picante almoçar, e que Henry e Vlad foram para a Hot Crust pegar as pizzas. Já que os dois lugares estavam na mesma Praça, as meninas seriam guardadas. E, mesmo que os humanos na Hot Crust dificultassem para Meg sobre as entregas para o Pátio, ninguém seria tolo o suficiente para negar alimento a um Urso.

Muito em que pensar, e não havia muito o que pudesse fazer agora.

Mas havia uma coisa que ele poderia fazer. Pegando o telefone, Simon ligou para o Dr. Lorenzo, contando sobre a prima do Oficial MacDonald.



CAPÍTULO 16

JÁ ESTAVAM SE ENCAMINHANDO para o final de Viridus, e os Corvos do Courtyard de Talulah Falls voavam para o lado da cidade onde a maioria dos turistas andava, comia e comprava lembranças nos quiosques. Durante três dias, eles observaram os seres humanos jogarem brinquedos brilhantes nas latas de lixo, brinquedos que estavam apenas um pouco quebrados, mas para os Corvos, não diminuía seu apelo. Eles observaram os humanos deixar metade de um hambúrguer ainda na embalagem de papel fino, que não estava contaminado com outros detritos. Eles observaram pequenos tesouros sendo jogados nas latas e observaram quando os trabalhadores da cidade esvaziaram as latas e levavam os alimentos e esses pequenos tesouros embora.

E havia pequenas moedas brilhantes nas proximidades, que tinham caído do bolso de alguém, um chamariz reluzente.

Durante três dias, os Corvos resistiram, ficando apenas observando. Mas no quarto dia, alguns Corvos adolescentes se atreveram a descer das árvores para pegar algo brilhante ou arrancar um pedaço de comida ou voar com um dos brinquedos brilhantes.

E nada aconteceu. Os seres humanos, que estavam encantados com o barulho das águas no rio abaixo, mal os notaram. Assim, no quinto dia, mais Corvos saíram das árvores para apanhar um bocado de comida, pegar alguma moeda brilhante ou um pequeno tesouro. No sexto dia, mais Corvos se reuniram em torno das latas, apreciando a caça de itens descartados que brilhavam.

No sétimo dia, as latas de lixo onde estavam os melhores pedaços de comida e os pequenos tesouros explodiram, matando Corvos e turistas.

Naquela noite, um dos Sanguinati que estava à caça dos seres humanos responsáveis por assassinar os Corvos não retornou ao Courtyard de Talulah Fall.

E cedo, na manhã seguinte, em Lakeside, Meg Corbyn acordou gritando.

— Meg! — Simon entrou no corredor em comum, bateu na porta da cozinha de Meg, depois parou para puxar a calça jeans quando a ouviu gritar. — Meg! — Ele rosnou para a porta quando não abriu, e quando não ouviu nada.

Tateando a mão no bolso da calça, ele tirou as chaves do apartamento de Meg, a virou na fechadura, e ainda assim não pode entrar.

Por que ela tem que usar aquela maldita tranca, além de fechar com a chave? Não era como se qualquer um usasse a porta da cozinha para fazer uma visita. Exceto ele. E Sam, quando o filhote estava com ele. A porta exterior estava trancada, e ele verificava todas as noites antes de mudar, para que ela não precisasse se preocupar com um intruso entrando pela frente. Ele sabia que ela não tinha companhia, já que ela calmamente lhe informou que queria dormir sozinha esta noite.

— E essa é a última vez que eu vou ouvi-la sobre quem dorme onde, — ele resmungou quando bateu novamente na porta. — Droga, Meg! O que você está fazendo que não quer eu saiba?

A resposta a essa pergunta o fez arranhar a porta antes de se lembrar que estava em forma humana.

— *Meg!*

Pelos de repente cobriram os ombros e o peito de Simon quando ele jogou seu peso contra a porta, quebrando a madeira e a fechadura. Ele correu para o quarto de Meg, mas o aroma fresco de sangue o levou para o banheiro. Ele empurrou a porta e Meg gritou, então ele passou pela abertura estreita para evitar que batesse nas pernas dela.

Ela estava no chão, sangrando. O corte percorria o seu torso e terminava logo sob os seios. Um corte grande. Muito fundo para um corte simples. Muito sangue.

— Meg. — Caiu de joelhos em um espaço suficiente para escarranchar suas pernas para chegar até ela.

— Simon, — ela engasgou. — Você tem que me ouvir.

— Sim. Certo.

Sua amiga estava sangrando. Não importava se ela fosse humana. Sua amiga Meg estava sangrando muito.

Ele abaixou a cabeça, em seguida, fez uma pausa.

Ele ficaria irritado. Como na última vez quando ela caiu no riacho e cortou o queixo e ele teve que levá-la ao *bodywalker* humano.

Eu não me importo. Ela é uma de nós agora. Limpar a ferida. Se livrar do cheiro de sangue e ocultar o fato de que ela está vulnerável.

Ele rapidamente lambeu o sangue que fluía do corte. Lambia e lambia para impedir o gotejamento sobre a toalha que Meg tinha colocado no chão.

— Simon, — Meg gemeu. — Simon. Entenda... É demais. Eu tenho que falar. Você tem que ouvir.

Por um momento ele ficou muito irritado, e agora ele não estava. Ele ouviu a voz de Meg e algo mudou e ele não estava com raiva.

Lamber, lamber.

Ela sempre teve um gosto bom. Mas isso era *maravilhoso*.

Lamber, lamber.

Ele gostava do som de sua voz. Mesmo quando ela estava gritando com ele. O que ela não estava fazendo agora. Ela estava...

O cheiro de excitação, tão atraente como o cheiro de sangue.

Ele sentou-se nos calcanhares para trazer o rosto mais perto desse novo perfume delicioso. Seu corpo humano respondeu com prazer, respondeu com uma vontade que foi difícil de ignorar.

— *Simon!*

Algo não agradável em sua voz agora. Algo... Que deveria incomodá-lo.

— Você tem que se lembrar, — ela implorou.

Lembrar? Sim. Lamber, lamber. O sabor maravilhoso de Meg. Mas não morder. Não rasgar a carne, por que... Por quê? Ele se sentia tão bem saboreando carne. Era muito bom. Mas não a carne de Meg. Ele não faria mal a Meg. Nunca faria mal a Meg.

Algo que ele deveria lembrar. Algo sobre Meg falando quando havia um corte e sangue.

— Tem que escrever, — ele murmurou.

— Sim, — ela disse. — Rápido.

Ele tentou se levantar, e tentou sair do banheiro e buscar papel e lápis para escrever... Palavras! Anote as palavras! Ela cheirava *tão* bem. O sabor ainda era melhor. Mesmo o cabelo dela, ainda em tons estranhos de laranja e vermelho, não fedia mais tanto assim.

Palavras. Importante escrever as palavras de Meg.

Usando a pia como apoio, Simon lutou para ficar de pé. Talvez seus pés. Não foi possível sentir seus pés. Será que ele ainda tinha pés?

— Escrever, — ele rosnou. Ele deveria estar com raiva. Por que ele não estava com raiva? Não estava doente, mas não estava bem também.

Medo surgiu através dele, limpando a cabeça por um momento.

Uma cesta no balcão cheio de pequenos pincéis e potes de cor. Brinquedos do sexo feminino. Ele pegou um lápis e escreveu as palavras que derramavam da boca dela agora.

Algo de errado com ele. Algo muito errado. Mas ele escreveu as palavras até que a voz dela parou. Em seguida, ele soltou o lápis e escorregou para o chão.

— Meg? — Ele lambeu o sangue que continuava fluindo de sua ferida e choramingou. — Meg?

Seus olhos estavam vidrados. Quando ela tentou levantar a mão e tocá-lo, não conseguiu fazê-lo.

— Seus ouvidos estão peludos, — ela disse.

Eles precisavam de ajuda. Ele... Precisava... Ajuda.

<Henry!>

<Simon? O que há de errado?>

<Doente. Meg... Ferida. Pressa.>

Meg sangrando. Tinha que fazer algo sobre Meg sangrando. Im... Por... Tante.

Simon se estendeu em cima de Meg, com o rosto pressionado em sua barriga doce, onde ele podia respirar todos os deliciosos aromas.

Aromas familiares e sons, mas nada que dizia que Meg estava com ele.

Meg cheirava bem. O sabor era ainda melhor.

— Eu acho que ele está finalmente voltando. — Aquela voz pertencia a Blair, o Executor principal do Courtyard.

Por que ouvir a voz de Blair o deixou com medo?

— Simon? — Essa voz era de Vlad, parecendo irritado. Por raiva? Será que Vlad também lambeu...?

— Meg! — Simon tentou mover-se, sentar, mas seu corpo parecia confuso e nada funcionava muito bem.

Até que Vlad agarrou seus braços e o arrastou, o suficiente para que tudo o que podia ver era a fúria nos olhos escuros do Sanguinati.

— O Que. Você. Fez? — Vlad rosnou.

Fez? Ele lembrou.

— Meg estava sangrando, — Simon disse e sua voz não soava bem. Sua mandíbula não se movia totalmente para a fala humana. O que...?

Tess apareceu ao lado de Vlad. O cabelo que emoldurava seu rosto estava preto, preto, preto, mas o rosto estava vermelho de raiva. E tudo isso em espiral e se mudava de uma forma que era fascinante e aterrorizante.

— Nós sabemos sobre a Meg, — ela disse. — Nós estamos perguntando sobre *você*.

Para evitar os olhos de Vlad, ele olhou para o seu arredor. Estava na sala de estar em seu apartamento. Como ele chegou lá? Então ele olhou para o seu corpo nu e o choque do que viu autorizou qualquer outra impressão em sua mente.

Uma perna estava meio humana, a outra em forma de Lobo a partir do meio da coxa até o pé. Quando processou os aromas na sala, percebeu que os Outros estavam olhando para ele; sua cauda estava enrolada protetoramente sobre sua genitália humana. Pelos na maior parte de seu torso. Mãos entre formas. E não tinha certeza se queria saber como a sua cabeça e rosto se parecia.

Estava entre uma forma que não era nem Lobo e nem humano. Muitos *indigenes da terra* que moravam no país selvagem poderiam tomar a forma aproximada de um ser humano, mas nunca poderiam passar por humanos, nunca poderia alcançar uma forma que não era nem uma nem outra. Histórias de terror de Lobisomem. Os Outros que moravam em um Pátio faziam um esforço para não ficar *entre* formas em torno dos seres humanos, mas todos eles mudavam partes quando precisavam de algum aspecto de sua outra forma. Como as orelhas que podem ouvir melhor. Ou garras e presas. Havia uma simetria para esse tipo de mudança, mesmo quando ela parecia mais instintivamente, do que uma escolha deliberada. Mas isso? Este era um corpo fora de controle.

Ele olhou para Blair, que o observava com simpatia misturada com raiva.

Em seguida, Henry deu um passo ao lado de Blair. Não havia qualquer simpatia nos olhos do Urso, mas não havia muita raiva.

Rodeado por Sanguinati, Lobo, Urso, e Tess.

Tenho que escolher uma forma. Ele queria mudar para Lobo completo e se enrolar em algum lugar até que tivesse tempo para pensar sobre isso, resolver o problema. Mas ele era o líder do Courtyard, e o líder não poderia se esconder.

Levou esforço para fazer a mudança completa humana, o que o surpreendeu. Ele sentiu como se tivesse caído em algo pegajoso, algo que diminuiu seus reflexos e prejudicou sua capacidade de mudar.

Tão difícil não demonstrar medo. Impossível não sentir medo.

Ele deve ter mudado o suficiente para humano, porque Vlad indicou e Tess jogou um cobertor no seu colo.

— Onde está Meg? — Perguntou Simon. Ele precisava de água. Ele queria comida. Mais do que qualquer uma dessas coisas, ele queria respostas.

— Meg está na minha casa, — disse Henry. — Ela está lá desde esta manhã. Nathan, Jester, e Jake estão com ela agora, assistindo filmes.

— Esta manhã? — Ele não podia ver as janelas com os vários corpos em seu caminho, mas a luz não estava muito diferente de quando ele tinha quebrado a porta da cozinha de Meg.

— Está entardecendo, — disse Henry. — Eu achei você e Meg no banheiro esta manhã. Lembra?

— Não me lembro de você entrar, mas eu pedi... — Simon lutou para se lembrar. — Meg, sangrando. Corte longo. Muito fundo. Muito sangue. Palavras. Tinha que escrever as palavras.

— Quando Henry o encontrou, ele chamou Blair e eu, — disse Vlad. — Nós o arrastamos para fora do banheiro para que Henry pudesse lidar com Meg. — Ele se inclinou para que seus olhos estivessem no nível de Simon. — Você estava acordado. Por horas você esteve acordado, mas não se importou. Sobre *qualquer coisa*. Poderíamos ter cortado suas mãos e pés, e você não teria feito *nada* para nos parar. *Não poderia* ter feito nada para nos impedir. Poderíamos ter cortado em pedaços ou retalhado até você sangrar, e você não teria feito nada além de nos assistir. A droga que foi colocada na comida que os humanos tinham usado como isca para os Corvos entrou no Pátio, entrou em *você*. Precisamos saber como isso aconteceu.

Ele manteve os olhos em Vlad. — Não é culpa da Meg. Eu pensei que isso me deixaria com raiva, como da última vez. Pensei que iria me tornar mais forte para que eu pudesse ajudá-la.

Vlad o estudou. — O que não é culpa da Meg?

— O Sanguinati não bebe o sangue doce de uma *Cassandra de Sangue*. Não por causa das profecias que nadam em seu sangue. Erebus estava errado sobre isso. É porque as profetisas de sangue são a criação de Namid, e são maravilhosas e terríveis.

Vlad se levantou e deu um passo para trás. — Do que você está falando?

— A droga. É o sangue de uma *Cassandra de Sangue*.

— Que droga? — Perguntou Henry. — Há duas afetando os *indigenes da terra* e os seres humanos.

Simon engoliu em seco. Ele realmente queria um pouco de água.
— Afeta a ambos.

Circulando perto do Bird Park Plaza, o Capitão Burke olhou para Monty. — Você já ouviu mais alguma coisa do Dr. Lorenzo sobre a condição de Meg Corbyn?

— Não, senhor. Nada desde esta manhã. — Monty já havia relatado sua conversa com Dominic Lorenzo. Meg Corbyn teve um corte demasiado atípico, longo e muito profundo, mas não havia nenhuma indicação de que não foi auto infligido. Depois de fechar a ferida, a recomendação de Lorenzo foi descanso e abundância de alimentos ricos em ferro para ajudar a repor o sangue que Meg tinha perdido. — Ele está planejando dar uma olhada na Srta. Corbyn amanhã de manhã depois de seu turno no hospital.

Burke fez um som entre um grunhido e um gemido quando entrou em uma vaga de estacionamento. — Então vamos cuidar *deste* problema.

Monty saiu do sedan preto, aliviado que as lojas ficavam perto da delegacia de Chestnut Street. Burke era um homem grande, e ficar confinado com ele em um pequeno espaço, quando os olhos azuis dele eram iluminados com fúria controlada, não era nada agradável.

Claro, havia uma boa razão para a fúria de Burke. Com a informação que veio de Talulah Falls, o governo de Lakeside e a força policial começaram a perceber que estavam lidando com uma situação que poderia varrer do mapa ainda mais cidades humanas, se todos não agissem com muito, muito cuidado.

A cidade de Talulah Falls era um barril de pólvora. Não era mais uma questão de *se* os humanos perderiam outro pedaço de Thaisia; era mais uma questão de *quanto* iriam perder.

Os moradores e os turistas presos nas Cataratas poderia ser apenas o começo do que seria perdido.

E essa era a razão pela qual o Capitão Douglas Burke e o Tenente Crispin James Montgomery estavam parados no estacionamento da Praça, perto do pôr do sol, esperando que todos os carros de patrulha encontrassem um lugar no estacionamento e seus oficiais saíssem para encontrá-los.

Burke deve ter convocado todos os oficiais sob o seu comando, pensou Monty. Então viu Louis Gresh e se perguntou se o Comandante do Esquadrão de Bombas foi convocado ou se Gresh entendeu que havia algo muito importante sobre a reunião de Burke com a Estação naquela tarde e decidiu levar sua equipe a este encontro.

— Senhores... — Burke começou quando os homens se reuniram em torno dele.

Só então o celular de Michael Debany tocou.

— Perdão, Capitão — disse Debany. Em vez de desligar o telefone, ele se afastou e falou com alguém por alguns minutos. Quando ele voltou ao seu local original, ao lado de seu parceiro, Lawrence MacDonald, ele parecia um lençol branco.

— Debany? — Perguntou Monty.

— Essa ligação foi da Srta. Lee, que trabalha na Bite.

Monty assentiu. Ele não precisava do esclarecimento, mas alguns dos outros homens poderiam precisar. — E?

— Ela foi atacada. Estudantes universitários. Ela voltou para o apartamento dela, mas ela não se sente segura lá.

— Você sabe onde ela mora? — Perguntou Burke. Quando Debany disse que sim, Burke apontou para MacDonald. — Vá com ele, e a leve para a emergência. Use o Lakeside Hospital, onde o Dr. Lorenzo trabalha, a menos que a situação seja muito crítica. Vá.

Debany e MacDonald correram para seu veículo.

— O resto de vocês. — Burke parecia ainda mais feroz do que um momento atrás. Ele passou uma mão para indicar toda a Praça. — Quero os proprietários, ou os gerentes de cada uma dessas lojas, e podem levá-los para o Hot Crust em cinco minutos. Qualquer um que se recusar sair, pode prender e levar até a delegacia de polícia.

Monty piscou. — Qual a acusação, senhor?

— Com a acusação de ser uma dor na minha bunda, — Burke resmungou. — E no momento, isso é bom o suficiente para um pernoite em nossas instalações.

Deuses acima e abaixo, pensou Monty. Ele está falando sério.

Ninguém questionou a ordem. Os homens simplesmente se dirigiram para as lojas.

— Se importa se eu for junto? — Perguntou Gresh, se aproximando de Monty e Burke.

— Não, eu não me importo, — Burke respondeu. — Dê-me um minuto. — Ele pegou seu telefone celular e deu alguns passos para longe deles.

— Os ataques aos humanos empregados pelo Courtyard não são nada bons, — Gresh disse calmamente, seus olhos esquadrinhando as pessoas que estavam observando todos os carros de patrulha e hesitavam. Alguns voltaram para os seus carros, deixando a praça. A maioria agia normalmente, ignorando a evidência de que algo estava acontecendo.

— As pessoas estão com medo e raiva. Elas nem sempre pensam racionalmente sob essas condições, — Monty respondeu. Ele não discordava. Assédio e ataques não eram bons em qualquer momento. Agora era como puxar para baixo suas calças e ficar ainda mais vulnerável para os seres que já queriam ver você morto, para não mencionar a quebra das leis acordadas entre as partes.

— Eu não sei como era quando você trabalhava na força policial em Toland, mas por aqui, a cantina e a cafeteria são excelentes lugares para ouvir um monte de coisas. E a última fofoca é que o Capitão agora

tem uma conexão com o departamento de polícia na Ilha Grande. — Gresh deu a Monty um olhar indagador.

Monty olhou para Burke, que ainda estava ao telefone. Em seguida, ele assentiu. O Capitão não tinha dito que o novo posto de Roger Czerneda era para ser mantida em sigilo. E além do mais, essa notícia já estava retransmitida e sendo escutada por aí, ou qualquer pessoa sem cérebro o suficiente para dirigir para a Ilha poderia comprovar. — A névoa no rio é tão espessa que você não pode ver sua própria mão. Mas o canal onde a balsa trafega é clara o suficiente para fazer a travessia de ida e volta para o lado da Ilha de Porto Ferryman. Agora a ilha está completamente fechada. — Ele hesitou, depois acrescentou: — E parece que há algo que o nevoeiro está *caçando*, alguém desesperado o suficiente ou suicida o suficiente para tentar sair de Talulah Falls de barco.

— Sanguinati?

— Talvez. Pode cair a culpa sobre eles, mas ninguém vai encontrar os corpos até o nevoeiro dissipar. — Não é uma mentira, mas parte do relatório *foi* confidencial, sobre a parte do Sanguinati dizendo para Steve Ferryman e Czerneda que no rio havia outro tipo de caçador, um que não morava na ilha, e que deve ter sido atraído para Talulah Falls pela escassez de presas.

O que estava lá fora que poderia assustar os vampiros?

— Nada extravagante como explosivos nas latas de lixo, — disse Louis depois de um momento. — Quem fez isso não têm qualquer respeito pela vida humana. Os bastardos só queriam matar alguns Corvos... E talvez começar uma guerra. — Um olhar sobre Burke, que parecia estar terminando a chamada. — Você acha que é para onde estamos indo? Uma guerra?

Talvez, pensou Monty. — Espero que não.

Burke se juntou a eles, assim que os Oficiais da polícia começaram a liderar o primeiro grupo de gerentes das lojas na direção do Hot Crust.

— Mark Wheatley é o Capitão de Patrulha da Estação de Polícia na universidade, — disse Burke. — Quando Debany e MacDonald

chegarem, ele vai disponibilizar homens para ficar de guarda no apartamento da Srta. Lee para evitar quaisquer problemas. Agora vamos conseguir este feito.

Ele se encaminhou para a pizzaria, então parou quando um jovem com várias sacolas saiu e foi em direção a um carro com um adesivo HOT ENTREGA! Na lateral.

— Você! — Burke estalou. — Vire-se e volte para dentro.

— Mas -

— Filho, se você entrar neste carro, a pena para você é uma multa de quinhentos dólares e cinco dias de prisão. E seu chefe sabe disso.

O entregador, que mal parecia ter idade suficiente para dirigir, olhou para Burke, em seguida, correu de volta para a Hot Crust.

Burke entrou em seguida, puxando o seu distintivo, e empurrou o casaco de lado para *todos* verem a arma.

Pessoalmente, vendo a expressão no rosto de Burke, Monty não achava que ninguém ia notar a arma, mas ele e Louis seguiram o Capitão para dentro. Havia uma abundância de clientes que enchiam as mesas para um lanche rápido depois do trabalho ou à espera de seus pedidos para que pudessem levar para casa, os jantares de família.

— Posso ter a atenção de vocês? — A voz de Burke cresceu, cortando a conversa. — E alguém desligue essa maldita música!

Silêncio.

Ele levantou seu distintivo em uma mão e apontou para os clientes com a outra. — Todos vocês. Fora. Agora. Hot Crust está fechado pela próxima hora. Vocês podem pegar sua comida ou pedir para entregá-la. Vocês têm quatro minutos. E você. — Agora ele apontou para o entregador. — Você se senta lá.

— Você não pode fazer isso. — Um homem com um crachá com o nome e a palavra gerente saiu de trás do balcão de serviço. — Ele tem entregas para fazer.

— Foi-me dito que a Hot Crust já não faz entregas. Portanto, você não estará fazendo nenhuma entrega. Três minutos, pessoas. Com ou sem alimentos.

Alguns correram até o balcão para pegar as caixas. A maioria simplesmente fugiu.

Burke esperou até que os clientes saíssem e todos os proprietários ou gerentes das outras lojas no Bird Park Plaza estivessem sentado entre as mesas.

— Se vocês não sabem por que estão aqui, eu acho que deveriam, — disse Burke. — Eu sei que várias empresas nesta Praça receberam um aviso sobre penalidades por não fazer as entregas, por não fornecer, ou prestar algum serviço, e por se recusar a vender alguma mercadoria aos *indigenes da terra*. Vocês foram notificados a remover as *placas* informando que só vendem ou entregam para humanos, o que vai contra com os acordos feitos entre a cidade de Lakeside e os *indigenes da terra*. Muitos de vocês estão violando esses acordos. A partir deste momento, todos vocês estão sendo responsabilizados. Se você está obedecendo às ordens e intencionalmente não violou a lei, você deverá fornecer o nome do proprietário da loja, e ele ou ela será o indivíduo que vai passar um tempo na prisão, além de receber uma multa pesada.

— Nós também temos direitos, — disse um homem usando uma camisa com um logotipo *Palace Pet* no bolso. — Nós temos o direito de recusar o serviço.

— Qualquer um de vocês está prestando atenção ao que está acontecendo em Talulah Falls? — Perguntou Burke, dando-lhes todo o seu sorriso amigável/feroz. — Eu estive conversando com os policiais nas Cataratas durante todo o dia, então eu posso falar algumas coisas que o noticiário na TV não está contando.

Monty sentiu seu estômago dar uma guinada. Ele tinha ouvido muito nas últimas horas. Ele não tinha certeza se queria ouvir o que mais Burke, com todas as suas várias fontes, poderia ter descoberto.

— O Courtyard de Talulah Falls foi abandonado. — Burke ignorou os poucos aplausos desafiantes. — Isso significa que, ao contrário de nós, não há ninguém do governo ou da polícia para conversar, ninguém que vai sentar-se com eles agora para tentar resolver as coisas. Vocês entendem o que isso significa? A cidade de Talulah Falls foi isolada. As

estradas estão com barricadas ou destruídas. Centenas de veículos estão obstruindo todas as rotas antes de as pessoas perceberem o que estava acontecendo. Portanto, nada sai e nada entra. Estão sem carvão, sem madeira, sem gasolina, sem comida, sem medicamentos, sem suprimentos de qualquer tipo. Seja o for o que tinha na cidade antes da explosão na manhã de ontem, é tudo o que eles têm.

— E os turistas? — Um dos gerentes perguntou. — Mesmo neste início do ano, há turistas.

— Agora que a cidade está inacessível, quem entrou não saiu.

Murmúrios e deslocamento inquieto de pés.

— Vocês acham que é uma coincidência que as linhas de telefone ainda estejam funcionando e as estações de rádio e televisão ainda são capazes de transmitir? — Perguntou Burke. — *Vocês estão ouvindo a mensagem?* Porque esta é a mensagem: *alguns seres humanos mataram indígenas da terra, e agora vocês irão pagar.*

— Matar um vampiro é um favor para todos nós, — disse outro homem.

— Diga isso para as famílias que perderam seus entes, — Burke disse friamente. — Diga isso para as famílias das quatro pessoas, os quatro *seres humanos* que foram picados pelo maníaco que conseguiu matar um dos Sanguinati. Pense sobre ficar trancado em uma cidade com um louco correndo solto, que já retalhou uma mulher de sessenta anos de idade e um menino de onze, e que foram colocados em jarras de vidro enchidos com os pedaços.

Uma mulher e dois dos homens correram através da multidão para chegar aos banheiros. O resto das pessoas parecia que não iria segurar seus estômagos por muito mais tempo.

— Vocês querem mais? — Perguntou Burke. Todos eles balançaram a cabeça, mas continuaram de qualquer maneira. — Um tornado varreu a Universidade de Talulah Falls esta tarde durante o discurso do movimento: Humanos, Primeiros e Últimos. Os dormitórios não foram tocados. Todo o resto? Pilhas de escombros. Para todos os efeitos, a Universidade está desaparecida. Incêndios varreram a outra

faculdade. Mais uma vez, os dormitórios não foram tocados, mas o resto dos edifícios está eviscerado.

Burke olhou para todos eles. De repente, ele parecia cansado. — Senhoras e senhores, todas as estradas levam e recebem mercadorias, e o que está acontecendo em Talulah Falls é uma dura lição, e que precisamos aprender. Coisas ruins estão acontecendo agora em um monte de cidades e vilas em todo Thaisia, e essas coisas ruins têm deixado os *indigenes da terra* se perguntando se eles ainda querem tolerar nossa existência. Nossos ancestrais negociaram mercadorias com eles por terras e recursos, e essa troca não é diferente agora do que era a séculos atrás. Então se os comerciantes pararem de fornecer bens que são de interesse para os Outros, não se surpreenda se os recursos que precisamos para sobreviver também secarem.

Olhares inquietos.

— Qualquer empresa que ainda tiver alguma placa discriminatória na janela amanhã vai ser multada. O proprietário vai para a cadeia. Se a placa ainda estiver lá no dia seguinte, a próxima placa na porta vai tirá-lo do negócio, e o proprietário vai ser colocado na parte de trás de um carro de patrulha e levado para uma *longa viagem*.

Monty olhou para Louis, que olhava para Burke em estado de choque.

— O governo de Lakeside não vai fazer isso, — disse o gerente do Palace Pet nervosamente.

— Não, não vai, — Burke concordou com simpatia assustadora. Monty sentiu o mergulho no chão e a ascensão. As pessoas que cometiam crimes hediondos eram levadas para uma *longa viagem* no país selvagem e deixadas sem comida, água ou sapatos. Era uma sentença de morte.

Olhando para Burke, Monty se perguntou sobre os primeiros anos do homem como um policial. O que ele tinha visto que o fez tão empenhado em manter a paz, para fazer o seu próprio tipo de lei, onde levaria um proprietário de uma empresa para uma *longa viagem*? O que

Burke tinha que os seus superiores acatavam quando ele queria algo que de alguma forma afetava aos Outros?

— Terminamos aqui, — disse Burke. — Voltem para suas lojas.

Os primeiros passos foram hesitantes, como se os proprietários e gerentes não achassem que ele realmente iria deixá-los ir. Em seguida, deram uma corrida para a porta.

— Tenente. — Burke abriu a carteira e tirou duas notas de cinquenta.

— Senhor?

— Leve quatro pizzas para o pátio. Você e Kowalski podem levá-las. Tenho certeza de que elas estarão prontas, a tempo para você fazer a sua reunião com a Associação de Empresas do Pátio.

— Claro, — O gerente da Hot Crust gaguejou. — O que você gostaria de levar?

Monty fez o pedido.

— Podemos fazer as nossas entregas? — Perguntou o gerente.

— Eu não sei, — Burke respondeu com um sorriso feroz. — Você pode?

— Sim. Não haverá qualquer problema com as entregas a partir de agora.

Burke sacudiu um dedo para Monty e Louis. — Outro momento de seu tempo, senhores.

Eles foram lá fora. Monty respirou fundo o ar que continha uma pitada de fumaça de escape, mas era muito mais limpo do que o ar carregado de medo na pizzaria.

— Estamos terminando aqui, — Burke disse com um aceno para os Oficiais ainda à espera de novas ordens.

Os policiais retornaram aos seus carros de patrulha e partiram. Monty notou Kowalski esperando por ele ao lado de seu carro.

— Outra coisa em sua mente, Capitão? — Perguntou Louis.

— Quatro pessoas foram massacradas juntamente com um Sanguinati, —Burke disse calmamente.

— A mulher mais velha e o menino, — disse Monty.

— E duas mulheres, no final da adolescência ou início dos vinte anos. Junto com o tornado e os incêndios, houve vários terremotos muito localizados, tremores de terra violentos o suficiente para agitar os frascos das prateleiras de uma despensa.

Monty sentiu seu estômago subir.

— O bastardo doente que os matou estava apenas começando com as mulheres. Temos que descobrir para onde ele correu quando seus frascos de espécimes começaram a quebrar.

Havia um olhar estranho nos olhos de Burke agora.

— E as mulheres? — Monty perguntou.

— Uma delas morava em Talulah Falls e estudava na Universidade. A outra era uma *Cassandra de Sangue*. Um oficial da área de investigação em Falls mandou um e-mail com uma foto dela. Está no meu carro. Se surgir a oportunidade, Tenente, descubra se a Srta. Corbyn conhece a menina.

Meg deu uma mordida no seu segundo pedaço de pizza e mastigou devagar, saboreando os sabores e a textura. Ela não estava realmente com fome suficiente para outro pedaço, mas a combinação de molho, queijo e crosta grossa aliviou o vazio na sua barriga de uma forma que um bife e espinafre e salada não podiam.

Não que ela não estivesse grata pelos pedaços de carne que foram preparados para ela durante todo o dia ou as saladas que foram feitas. E ela estava grata pelas vitaminas que o Dr. Lorenzo lhe dera e da maneira cuidadosa que ele tinha usado as ataduras borboleta para fechar o corte longo depois que ele examinou a ferida e colocou a pomada que iria fechar e impedir de infectar.

Quando ele comentou sobre a limpeza da ferida e olhou para ela com uma pergunta em seus olhos, ela afirmou que não sabia por que a ferida foi feita.

Ela tinha mentido, e ele sabia disso. Todos eles sabiam disso.

Ela tinha cometido um erro no desespero. Ela deveria ter percebido que o vício e a euforia iriam deixá-la abalada facilmente.

Não admira que tantas meninas morressem quando o corte não era controlado por outra pessoa. Uma Profetisa de Sangue não *queria* apenas um corte; ela *precisava de* um corte. E se você tentava ignorar essa verdade essencial sobre uma *Cassandra de Sangue*, mais cedo ou mais tarde algo agiria como um gatilho que transformava a necessidade em uma irracional compulsão, e nesse momento uma menina iria pegar qualquer coisa afiada o suficiente para cortar a pele.

Era quando as meninas cometiam os erros fatais.

Ela deveria ter criado um cronograma para se cortar, deveria ter providenciado para que alguém pudesse monitorá-la corretamente e fazer um registro de tudo o que ela via. Se ela tivesse feito isso...

Nenhum dos Outros contou a ela o que aconteceu com Simon. Ele estava bem? Algo estava errado. Ela tinha cortado o dobro da pele, mesmo para um corte longo, e tinha cortado muito profundamente. As profecias se alastravam através da água, correndo para abraçar o vazio antes da queda. Ela tentou segurar as profecias, tentou não falar para que pudesse ver as visões, já que não havia ninguém para ouvir. Mas ela viu vislumbres de coisas tão terríveis e terríveis, ela *tinha* que falar, mas acabou *experimentando* a euforia que encobria o que foi revelado.

Então Simon apareceu, empurrando a porta do banheiro, batendo-a contra suas pernas com força suficiente para machucá-la. Ela não sabia sobre as contusões e não teria se importado. Tudo o que importava era ter um ouvinte.

Mas ele lambeu o corte, limpou um pouco do sangue, e algo aconteceu. Simon não era realmente mais o Simon. Ele não era o líder; ele não era o Lobo com rosnado e inteligência. Ele era... Um caramelo. Todo macio e pegajoso.

Mas a sensação de sua língua em sua pele, lambendo-a como se fosse à coisa mais maravilhosa do mundo. Combinado com a euforia que fluiu com as suas palavras, sua língua lhe agradava, lhe deu prazer, e a fez querer...

— Meg? — Jester sussurrou urgentemente em seu ouvido. — Meg? Por favor, pare de pensar sobre o que você está pensando.

Piscando, ela puxou seus pensamentos de volta a seus arredores.

O Coyote se afastou dela, ao mesmo tempo inclinando-se para cheirá-la. Quando Nathan rosnou um aviso, Jester se moveu para longe dela, o quanto podia sem cair no sofá.

Intrigada, Meg olhou para Nathan, que *corou* e gemia baixinho antes de olhar para longe. Ele mudou de posição na cadeira, como se não pudesse ficar confortável.

Jake Crowgard a olhava com intensidade em seus olhos brilhantes.

Sua calcinha estava úmida. Ela estava pensando em Simon, e agora sua calcinha estava úmida.

E pelo menos dois dos homens na sala podiam cheirar a excitação e a necessidade.

— Desculpe, — ela murmurou.

— Está tudo bem. — Jester deu de ombros, um pouco cauteloso. — É só que... É confuso.

Seu apetite acabou, e Meg colocou o resto da fatia da pizza em seu prato e limpou os dedos num guardanapo. Em forma de Lobo, Simon teria lambido seus dedos.

Não posso pensar em Simon.

Não havia nada mais que *poderia* pensar agora. Ele estava muito bem quando entrou em seu banheiro. Então ele não estava bem. Não era Simon. Simon teria entendido a importância de recordar a profecia. Simon teria ouvido, não ficaria distraído.

Ela tinha visto as palavras escritas no espelho do banheiro quando Henry a levou para fora. Será que foi tudo o que ela tinha dito? Tão pouco para a quantidade de usada? Ou houve mais, mas agora se perdeu?

Tess, Henry, e Vlad tinham lhe dito que Simon estava bem, mas ela não acreditava neles. Eles *queriam* que Simon estivesse bem. Não era a mesma coisa.

— Jester? — Ela escolheu as perguntas com cuidado. O Coyote estava amigável, mas inclinado para um pouco de malícia. — Onde está Simon?

— Ele está em reunião com o Tenente Montgomery, — Jester respondeu, olhando para Nathan. — A polícia veio para a reunião. Eles trouxeram a pizza.

— Simon não foi a nenhuma reunião durante todo o dia. — E mesmo se ele tivesse ido, por que não passou para saber como ela estava, ou ligou? Sam, que era ainda um filhote, tinha ligado, principalmente para lamentar um pouco sobre ter que ficar no Complexo Wolfgard esta noite, embora todos eles soubessem que ele gostava de brincar com os outros filhotes e que estava dormindo com os outros Lobos em dias da semana.

Meg estudou o Coyote. — Você poderia me contar? Se houvesse algo de errado, você me diria?

Jester suspirou. — Sim, Meg. Se algo estivesse errado com Simon, eu diria a você.

Simon não gostava de sentir medo. Ele não gostava de se sentir doente ou instável. E ele queria que esta ânsia que o fazia sentir-se distraído e oco por dentro fosse embora.

Porque ele *sabia* o que iria preencher o vazio.

E ele desejava que o Tenente Crispin James Montgomery não fosse tão útil ao longo dos últimos meses, e que não tivesse demonstrado preocupação com as coisas que importavam aos *indigenes da terra*. Não tivesse se tornado algo mais do que um ser humano *não-comestível*.

Se Montgomery tivesse mantido a distância, Simon não iria sentir alguma obrigação de compartilhar informações.

Mas eles estavam reunidos na sala de reuniões da Associação de Negócios, no segundo andar da Howling Boas Leituras porque havia decisões a serem tomadas e nem todas essas decisões eram sobre os

Outros. Mesmo assim, ele não achava que Montgomery estava confortável sendo o único humano em uma sala com ele, Vlad, Henry, Blair, Elliot e Tess.

Henry, Blair e Vlad tinham bloqueado o Pátio depois que perceberam que algo inexplicável tinha acontecido com ele. Henry tinha convocado o Dr. Lorenzo e escoltado o médico para o Complexo Verde para atender Meg. Vlad tinha ligado para Heather e Lorne para dizer-lhes que as lojas iriam fechar, mas ambos escolheram ir para o trabalho. Elizabeth Bennefeld não estava escalada para trabalhar no escritório da Market Square naquele dia, mas ela ligou para ver se alguém precisava de suas habilidades como massagista. Merri Lee...

— Eu aprecio você deixar a Srta. Lee ficar em um de seus apartamentos no momento, — disse Montgomery.

Sempre calmo, e sempre cortês. Sem desafios ou jogos de dominância.

— Nós reservamos um desses apartamentos para os nossos empregados do sexo feminino, — disse Simon. — Não há razão para ela não usá-lo.

Claro, Outros tinham dado acesso dos apartamentos aos funcionários como um lugar temporário para ficarem durante o mau tempo. Mas Tess e Vlad tinham visto a jovem quando o Diretor Debany a trouxe da sala de emergência, e eles concordaram que seria melhor ela ficar lá, até que essa agitação fosse resolvida. De uma forma ou de outra, Merri Lee estava muito vulnerável em seu apartamento perto da universidade. E, de acordo com Debany, as duas mulheres com quem Merri Lee dividia o apartamento ficaram aliviadas ao vê-la sair, porque elas não queriam ser associadas por morarem com uma amante de Lobo.

— Isto é o que o Capitão Burke e eu sabemos sobre Talulah Falls, — disse Montgomery.

Simon ouviu, e ficou um pouco surpreso que a situação havia se intensificado tão rápido. Então novamente, quando Meg foi ferida e o Lakeside Courtyard esteve sob ataque, os Elementais e seus corcéis retalharam com uma tempestade que poderia ter destruído a cidade se

os humanos como Montgomery, Kowalski e Lorenzo não tivessem feito um esforço para ajudar.

Ele ficou surpreso, mas os demais Outros assentiram, indicando que eles já estavam cientes da situação de Falls, bem como a Ilha Grande estava fechada no momento, mas eles estavam preparados para esperar pela névoa no rio baixar. Não havia nenhum problema entre os humanos *Intui* e os *indigenes da terra*.

Talvez tenha sido uma das razões pela qual a tensão em Talulah Falls tenha atingido o ponto de ruptura tão rapidamente. Algumas pessoas do Courtyard de Falls tinham manifestado algum ressentimento ultimamente sobre a forma como a comunidade humana na Ilha Grande cooperava com os *indigenes da terra*. E o sucesso mais recente do Courtyard de Lakeside em receber a cooperação de pelo menos alguns humanos foi abordado, adicionado mais ao ressentimento.

Se os humanos não estavam cooperando com a sua parte dos acordos que permitiam que as suas cidades existissem, os *indigenes da terra* não viam nenhuma razão para essas cidades não continuarem mais a existir.

Ele concordava com os líderes do Courtyard de Talulah Falls, que essa suposição onde os seres humanos tivessem direito a tudo o que quisesse tinha que ser esmagada de forma rápida e definitiva, mas Simon sinceramente esperava que os humanos em Lakeside fossem continuar a ajudá-lo a evitar tomar essa mesma decisão.

— O Senhor Ferryman me pediu para transmitir os seus agradecimentos pelo aviso nesta manhã, — disse Montgomery, dando a Simon um olhar que perguntava claramente o *que há de errado com você?* — Mas ele também não tinha certeza de quanto tinha sido dito a ele em confiança e indicou que eu deveria falar com você sobre isso, no caso de você pensar que qualquer um poderia ser relevante para Lakeside.

Simon desdobrou o pedaço de papel e o colocou na mesa redonda baixa no centro do círculo de cadeiras. — Você sabe que Meg se feriu esta manhã? — Ele esperou por um aceno de Montgomery. — Eu acho que

algumas das profecias foram perdidas. Talvez algumas visões não foram escritas do modo certo. Eu estava... — Ele balançou a cabeça. — Isto é o que nós dissemos ao Ferryman.

Ele observou Montgomery dar uma inclinada para frente, para ler a lista do pouco que foi escrito no espelho do banheiro.

Barbatana
Sorriso de tubarão
Queda d'água
Esconda as crianças
Fumo e potes quebrados
Cicatrices
Porão tremendo
Frascos
Tubarão
Esconda as crianças

— Eu acho que isso explica os terremotos, — Montgomery disse suavemente. Depois franziu o cenho. — Mas... Tubarão? Há tubarões no Rio Talulah?

— Não, — respondeu Simon. — O Sharkgard não fica em qualquer um dos lagos de água doce ou rios.

— Talvez as palavras sejam um símbolo para dizer outra coisa?

Henry assentiu. — Pelo menos sobre o tubarão. Mas a água caindo indica Talulah Falls. Isso é bastante claro.

Montgomery estudou as palavras. — Esconda as crianças. Ela disse essas palavras e 'tubarão' duas vezes.

— Talvez signifique que um predador poderia ameaçar as crianças na Ilha Grande, — Tess disse. — Mas poderia estar se referindo às quedas de Falls ou o próprio Lakeside. Achamos que Meg estava se referindo a si mesma com a referência da cicatriz.

— Não, eu não acho que seja ela. — Montgomery tirou uma foto colorida de dentro de um envelope e a colocou gentilmente sobre a mesa. — Eu acho que a Srta. Corbyn poderia estar se referindo a essa menina.

Simon não via nada notável sobre a menina, a não ser... As cicatrizes uniformemente espaçadas ao lado esquerdo de seu rosto?

— A polícia de Falls encontrou os restos de quatro humanos no mesmo porão onde eles encontraram o Sanguinati que foi morto, — Montgomery disse. — Uma das meninas era uma *Cassandra de Sangue*.

Simon sentiu os seus caninos se alongando. — Você não vai mostrar isso para Meg.

— Se ela conhece esta menina... — Montgomery começou.

— Hoje não, — Henry disse com firmeza quando Simon e Blair rosnaram para o Tenente. — Meg precisa ficar quieta hoje. E há algo mais que Simon precisa dizer. Não sabemos se o conhecimento vai ajudar alguém em Talulah Falls neste momento, mas o problema está muito perto de Lakeside agora, e nós concordamos que a polícia precisa saber sobre isso.

Simon olhou para a foto. Uma Profetisa de Sangue como Meg, morta.

Ele era o líder. Hoje ele poderia estar doente e com medo, mas ele era o líder do Lakeside Courtyard, e não importa o que a polícia ou outro *indigene da terra* pensava, Meg *não* estaria em uma imagem assim.

— Sr. Wolfgard? — Disse Montgomery.

Então com cuidado, como o homem que tinha sido cuidadoso após a tempestade. Suspeitando a verdade sobre a agressividade excessiva de Simon quando Meg foi ferida, mas inteligente o suficiente para não falar abertamente sobre o motivo.

— Quando eu descobri Meg no banheiro, sangrando muito, eu... Lambi um pouco do sangue para limpar a ferida. — Simon lambeu algo delicioso. Algo muito mais rico do que a água. — Eu pensei que isso me deixaria com raiva, para que pudesse ajudá-la, protegê-la. — Ele olhou nos olhos de Montgomery. — Como já fiz antes.

Montgomery acenou com a compreensão. — Mas isso não o deixou irritado?

— Não. Bem, por apenas um momento, mas então me fez sentir tão bem, tão relaxado, que eu não conseguia me concentrar em ajudar Meg ou... Ela queria que eu escrevesse as palavras, e eu tentei. Mas tudo que eu queria era ficar lá e me sentir bem. — Ele se lembrou da ereção, o desejo de sua forma humana por sexo e algo mais do que sexo. Mas ele não conseguia se lembrar de fazer nada, estava apenas se sentindo bem.

— Está tudo bem agora?

Algo na voz de Montgomery. Simon forçou-se a concentrar-se.

— Não. Eu... Ainda não está certo.

— Você está descrevendo uma experiência que corresponde a uma droga chamada *Alto astral*, por isso não é surpreendente que você reagiu dessa maneira. É tão viciante como um opiáceo. — Montgomery fez uma pausa e olhou para os outros. — É viciante, e houve pelo menos uma morte relatada de uma overdose. A pessoa simplesmente parou de fazer um esforço para sobreviver.

Um silêncio desconfortável. Em seguida, Henry disse: — Simon tem estado nessa névoa passiva a maior parte do dia, incapaz de cuidar de si mesmo ou de se defender.

— Entendo. — Montgomery respirou com cuidado antes de perguntar: — Tem certeza de que não ingeriu qualquer outra coisa. Tem certeza?

— Tenho certeza de que a droga que você chama de *Nocaute de Lobo* vem do sangue de uma *Cassandra de Sangue*, — disse Simon. — E eu tenho certeza que este *Alto astral* também vem de uma *Cassandra de Sangue*.

Viciante? Será que este vazio e esse desejo iriam embora? Ou ele iria até a Meg para mordê-la e obter outro sabor? E como poderia duas coisas tão diferentes virem da mesma fonte? Porque sua reação ao sangue de Meg tinha mudado. Como? Por quê?

Montgomery sentou-se. — Eu gostaria de discutir estas informações com o Dr. Lorenzo na mais estrita confiança.

— Se alguém descobrir... — Simon avisou.

— Eu entendo o perigo, o Sr. Wolfgard. Eu entendo. E também sei que o Dr. Lorenzo vai verificar a Srta. Corbyn amanhã de manhã. Eu gostaria de encontrar com todos vocês depois.

— Meg não. — Simon sentiu todo mundo olhar para ele. Ele pegou o papel que continha as palavras da profecia, e pegou a foto da outra Profetisa de Sangue.

Será que era Jean, a amiga que Meg frequentemente mencionava? A amiga que havia desafiado as pessoas que controlavam as meninas, insistindo que ela tinha um nome e não apenas uma designação?

— Vamos ouvir o que você e o Dr. Lorenzo têm a dizer sobre essas drogas, e então eu vou falar com Meg.

— Muito bem. — Montgomery concordou. — A menos que haja outra coisa, eu preciso voltar para a estação.

— Não há mais nada, — disse Simon.

Ele esperou até Montgomery descer as escadas, em seguida, pôs-se de pé. Ou tentou. Ainda trêmulo, ainda...

Ele choramingou quando viu o pelo em suas mãos, os dedos estavam mudando de forma, apesar de seu esforço para impedi-los de mudar.

— Está tudo bem. Você ficou humano até que ele saiu da sala, — Vlad disse, e sua voz estava cheia de simpatia. — Simon, você precisa descansar.

Ele não precisava de descanso. Ele precisava de Meg.

— Eu vou para casa. — Ele entregou a foto e o papel para Vlad. — Fique com isso. Guarde com você. Eu não quero essa foto no Complexo Verde.

— Vou te levar para casa, — Blair disse.

Ele não discutiu. Claramente ele precisava mudar para Lobo, e ele não podia manter o suficiente da forma humana para ir para casa.

Vlad pediu licença e atravessou o corredor para o escritório do HBL. Elliot disse que precisava passar no consulado. Sem dúvida, o

prefeito tinha deixado várias outras mensagens, determinado a manter as linhas de comunicação abertas e evitar ter a sua parte da cidade com o mesmo destino de Talulah Falls.

Simon seguiu Blair até a porta. Ao ouvir um grunhido assustado, olhou para trás e perguntou o que Tess queria com Henry.

O verdadeiro rosto de Tess se mostrou apenas o suficiente para que ela não pudesse passar por humana. E seu cabelo preto estava com algumas manchas vermelhas, quando há um momento atrás estava vermelho com mechas verdes enroladas, e contorceu-se de uma forma que fez Henry pensar que isso estava chegando para ele, esperando apenas pela oportunidade de envolver as mãos em torno de sua garganta e apertar.

— Mesmo você não conseguiu ficar ileso, Beargard. — Mesmo sua voz era mais áspera, mais selvagem. — Eu não sou a única tendo problemas para manter o controle hoje.

Henry assentiu. — Simon.

— E você. — Ela apontou para a sua mão.

Ele sentiu um choque de surpresa, em vez de mãos havia garras de Urso nas extremidades dos dedos humanos curtos e grossos. Quando tinha mudado?

— Meg trouxe alguns problemas com ela, mas ela também trouxe coisas boas, — ele disse. — *Ela* tem sido boa para todos nós.

— Eu concordo. Nós a protegemos dos humanos que queriam prejudicá-la. Agora precisamos fazer o mesmo para a matilha humana dela.

Ele não sabia de qualquer outro Courtyard em toda a Thaisia que tinha um *bloco* humano. Eles eram considerados parte do Courtyard agora e com direito à mesma proteção que os *indigenes da terra* que ali moravam.

Mas Merri Lee não era Meg. Meg tinha fugido de captores e não tinha qualquer ligação com o mundo humano para além do que ela estava construindo agora. Merri Lee tinha amigos e familiares, não tinha?

De repente, ele percebeu o quão pouco sabia sobre os humanos que trabalhavam para eles.

— O que você está sugerindo? — Perguntou.

— Vamos para o lugar onde ela morava, — Tess respondeu. — Arrumar suas coisas. Eu acho que Merri Lee não tem muitas posses, por que ela valoriza o que ela tem.

Algo que a menina tinha em comum com os *indigenes da terra*. O que os humanos da matilha de Meg tinham em comum? Ele iria pensar sobre isso em outro dia. — E sobre a sua escolaridade?

— Uma coisa de cada vez. — Os cabelos de Tess pararam de se contorcer.

— Blair pode dirigir uma das nossas vans. Eu vou conduzir a outra.

— Um dos policiais deve ir com a gente para evitar mal-entendidos.

Henry assentiu. — Eu vou falar com o Diretor Debany e Merri Lee enquanto você chamar Blair e mandar trazer as vans.

Quando Tess levantou-se, ergueu a mão para detê-la, mas não a tocou.

— Você sabe o que eu sou, — ela disse virando o rosto para longe dele.

— Eu cresci no Oeste, perto da fronteira do Alto Norte. Eu nunca liguei você com as histórias que ouvi por lá, até que eu vi o jeito como Ásia Crane morreu. Então eu imaginei.

— E não disse nada.

— Você eliminou um inimigo. O que havia para dizer? — Ele hesitou. — Mas agora que há um predador no rio, o mesmo que caçou um Sanguinati, eu me pergunto se pode haver outro Ceifeiro perto de Talulah Falls.

— Possível. Não vai haver um excesso de presas por lá ao longo dos próximos dias. Um grande número de predadores que mora perto do Lago Etu e Tahki será atraída para as Cataratas.

Ele suspeitava de tantos, e se fosse outro momento em sua vida, ele teria sido um deles.

Ele se levantou, elevando-se sobre Tess, o mesmo que acontecia sobre todos os Outros neste Courtyard.

— É tudo o que nós iremos fazer, Tess? Buscar as posses de Merri Lee?

Seu cabelo começou a se contorcer novamente. — Isso é tudo o que *você vai* fazer.

Ela saiu da sala, mantendo a cabeça para baixo para evitar que alguém olhasse o seu rosto, olhar em seus olhos.

Ceifeiros poderiam sugar um pouco da energia vital das pessoas, ou eles poderiam levar tudo. Eles eram os predadores mais ferozes de Namid, a arma mais eficaz de Namid quando o mundo precisava que uma espécie fosse dizimada.

Feroz e eficaz, sim. E, felizmente, uma forma rara de *indigene da terra*. Mas talvez os Ceifeiros não fossem a arma mais perigosa de Namid afinal de contas.

Sacudindo tais pensamentos, Henry foi até os apartamentos acima da loja de costura/alfaiate para falar com Merri Lee e fazer alguns arranjos com Michael Debany.

Simon bateu na porta da cozinha de Meg. Ele sabia que ela estava em casa. Ele ouviu Jake agitado e rindo e depois o grito de Jester, quando ele veio do apartamento de Henry no outro lado do Complexo Verde para porta da frente de Meg.

Ela estava em casa, mas será que ela iria deixá-lo entrar?

A porta abriu. Meg o estudou.

— Me desculpe, eu quebrei a sua porta. — Não era grande coisa, mas era a coisa humana correta para dizer.

Ela deu um passo para trás. — Entre.

Tentando não parecer muito ansioso ou revelar o alívio que sentiu ao ouvir essas palavras, ele deu um passo em sua cozinha.

— Quer um pouco de pizza? — Ela perguntou. — Eu não tenho certeza de quantas pessoas o Tenente Montgomery achava que iria participar da noite de cinema, mas há uma abundância de sobras.

— Não. Obrigado. — Apenas o cheiro dela estava o deixando instável, com uma necessidade que não sabia como cumprir sem fazer algo imperdoável.

— Você vai me dizer o que há de errado com você? Porque havia algo de errado com você esta manhã, Simon, e... — Ela começou a massagear seu braço esquerdo. Provavelmente tentando aliviar a sensação de alfinetes e agulhas. — E você ainda não está certo.

— Eu não quero falar sobre isso esta noite. Por favor?

— Então o que você quer?

As palavras saíram, fazendo-o soar como um cachorro assustado, choroso, o que foi humilhante. — Posso ficar com você esta noite? Sam vai ficar com Elliot, e eu... Parece que vou estar sozinho esta noite.

Ela o olhou com desconfiança. — Você quer dormir comigo?

— Sim.

Sua mão se moveu em um gesto vago. — Como aquilo?

— Não. Como Lobo. Eu não vou mudar para humano. Eu prometo. — Ele não tinha certeza se conseguiria manter essa promessa, mas sabia que se o fizesse seria a última vez que ela o deixaria chegar perto o suficiente para abraçar.

Ele não tinha certeza do que ela viu em seu rosto, em seus olhos. Não foi o Lobo forte e dominante, encarregado do Pátio. Ele não se *sentia* forte ou dominante.

— Tudo bem. — Ela agitou o dedo para ele. — Mas se você vai usar seus pêlos, não rosne sobre eu estar monopolizando os lençóis.

Ele baixou os olhos. — OK.

— *Simon*. Eu estava brincando.

Ele não sabia como responder a isso, então ele fechou a porta da cozinha, tanto quanto poderia fechar, e a seguiu para o quarto. Enquanto

Meg estava no banheiro, ele tirou seu jeans, camisa e meias grossas que estava usando. Ele se mexeu, aliviado ao sentir o fluxo do seu corpo em sua forma familiar. E então ele se esticou e rolou e fez tudo o que podia pensar para confirmar que *tudo* nele havia mudado.

Finalmente satisfeito, e ainda com tempo, porque o lavabo estava a toda velocidade e Meg estava com a bica da pia aberta e voltaria logo, Simon saltou sobre a cama e ficou em sua metade, sem monopolizar toda a cama. Ele nunca *quis* tomar mais do que sua parte. Ele era apenas maior do que ela.

Meg foi para a cama e puxou as cobertas, os braços para fora dos cobertores.

— Eu tenho que dormir de costas porque o corte é longo, — ela disse. — Como é que eu vou me lembrar de dormir de costas quando estiver dormindo? E eu não posso molhar o corte por um dia ou dois, o que significa apenas um banho de esponja, e sem lavar o cabelo. E eu me sinto realmente mal-humorada sobre essas coisas, e eu não sei por quê.

Ele não sabia também, mas ele reclamou em simpatia.

Suspirando, Meg estendeu a mão e enterrou os dedos em seu pêlo. — Acho que não fizemos as coisas direito hoje, foi?

Ele não podia discordar disso, e como não havia nada que pudesse fazer sobre os erros que ele fez esta manhã, ele não ia pensar em como as peças que faltavam da profecia de Meg poderia ter mudado o destino de Talulah Falls.

Ele respirou o cheiro dela e sentiu seu desejo recuar. Calor e conforto e amizade. Se ele pudesse parar de cometer os erros que deixava Meg preocupada, ele seria capaz de manter as coisas assim.

Ele sentiu seu corpo relaxar no sono, os dedos dela ainda estavam enterrados em seu pêlo. Esticando o pescoço, ele deu uma lambida suave em sua bochecha.

O sabor dela o acalmava, mesmo quando ela esteve no hospital e ele tinha ficado tão irritado.

Ele deu em sua bochecha mais uma lambida, em seguida, fechou os olhos e adormeceu.



CAPÍTULO 17

SIMON CORRIA *debaixo de uma lua cheia, deleitando-se com a sua velocidade e poder, quando ele fechou a distância entre ele e o mais delicioso cheiro de carne, uma succulenta degustação que ainda não tinha provado. Sua em breve. Toda dele.*

Ele a perseguiu até que ela começou a se cansar. As pernas tremendo, os braços tremendo. Eles não tinham velocidade suficiente para escapar de um Lobo.

Ele a alcançou, e sentiu o ritmo de seus membros em movimento, fechou os dentes sobre seu cotovelo, quando ele virou para trás e puxou-a para baixo.

O perfume inebriante de sangue. E a carne tão deliciosa porque era...

<Meg!>

Simon acordou com um grito e atirou-se para fora da cama. Em pânico e ofegante, ele espiou por cima da borda. O quarto estava em um tom cinza pálido da manhã, mas havia luz suficiente para um Lobo. Ele não podia ver Meg sobre a cama, mas...

Ele começou a mudar. Lembrando de sua promessa de ficar na forma de Lobo, ele enfiou a cabeça debaixo das cobertas e cheirou.

Sangue.

Lutando para se afastar da cama, ele uivou, preenchendo o som com sua infelicidade e medo.

<Simon?> A resposta assustada de Vlad, cujo apartamento era apenas a duas portas. Tess e Henry tinham apartamentos no outro lado do Complexo, mas iriam exigir respostas em breve.

Ele não tinha respostas. Ele tinha apenas a memória de seus dentes...

Simon uivou de novo, e Meg apareceu na porta. Ela acendeu a luz do teto, momentaneamente cegando a ambos.

— Simon, o que está errado?

<Meg!> Ele saltou em direção a ela, sentiu o cheiro de sangue, e se afastou, lamentando-se. O delicioso cheiro dela estava certo, mas o sabor na sua boca estava errado, confundindo-o.

— O que está errado com você? — Ela parecia cansada. — Você está machucado? Você está doente?

Isso não era justo! Ela o fez prometer não mudar, mas agora ela estava fazendo perguntas que ele não poderia responder por que *ela* não conseguia se comunicar como um *indigene da terra*.

Ele balançou sua cabeça. Era o melhor que podia fazer, dadas as circunstâncias.

Meg caiu contra a porta por um momento. — OK. Já que tudo está bem, eu... Tenho que ajeitar algumas coisas e lavar as mãos. Eu pensei que algo estava errado, e eu não terminei algumas coisas.

Ela correu de volta para o banheiro e fechou a porta com mais firmeza do que precisava.

A porta da frente de seu apartamento abriu totalmente.

— Meg! — Vlad gritou.

Simon se moveu, agarrou o jeans que tinha deixado no chão ao lado da cama, e o colocou antes de Vlad aparecer na porta do quarto.

— O que está acontecendo? — Vlad perguntou quando entrou no quarto.

— Não tenho certeza.

— Você ainda está doente?

— Não. — Na verdade, agora que estava totalmente acordado, ele se sentia bem. Confuso sim, mas descansado, e energizado.

Meg voltou para o quarto e olhou para os dois. — O que está errado com todos vocês esta manhã?

— Eu senti cheiro de sangue, — Simon disse. — Foi... Perturbador. — Ele olhou para o corpo dela, logo abaixo dos seios. Será que o corte abriu? E se abriu e sangrou novamente, Meg precisaria falar a Profecia? Ou ela tinha um corte fresco? Seria essa a razão pela qual ela estava no banheiro? — Existe algo que eu deveria escrever?

— Não, — Meg respondeu firmemente. — Não é um corte, de modo que não existem quaisquer visões ou profecias com este tipo de sangue.

Ele inclinou a cabeça. — Há diferentes tipos de sangue?

Vlad, que estava mais perto dela, olhou para o rosto dela e deu um passo para trás. Simon desejou que não tivesse colocado o jeans, para que pudesse crescer sua cauda e colocá-la sobre a sua virilidade.

— Eu sou uma menina! — Ela gritou. — Acontece!

Simon olhou para Vlad, que parecia igualmente confuso.

— Vocês dois são tão rápidos para pensar que é '*essa época do mês*', sempre que uma menina está mais agitada e irritada, mas não lhe ocorreu quando ela realmente *está* nessa época do mês?

Provavelmente era melhor não mencionar que ela estava morando no Courtyard por três meses agora, e esta foi a primeira vez que teve essa coisa do sexo feminino. Talvez as Profetisas de Sangue entravam em seu período poucas vezes por temporada? Como os Outros deveriam saber? As trabalhadoras humanas geralmente ficavam afastadas do trabalho para evitar ficar perto dos predadores que poderiam ficar animados com o cheiro de sangue. Portanto, esta foi sua primeira experiência estando perto de uma fêmea em seu período que não era *indigene da terra*, e maioria das fêmeas *indigenes da terra* só entravam no período uma vez ou duas por ano.

— Meg, — Vlad disse finalmente.

Ela deu a Vlad um olhar escaldante. — Já que eu não vou mais dormir, eu vou colocar a chaleira no fogo e fazer um pouco de chá de camomila.

Mesmo com sua pouca altura, e com peso adequado para sua altura, ela poderia soar como um Bisão.

Vlad virou-se para olhar para ele. — O que está acontecendo?

— Eu acho que Meg está no cio. — Não era como os humanos chamavam, mas ele estava agitado e não conseguia lembrar-se da palavra certa. — Eu estava sonhando. Eu devo ter cheirado o sangue e...

Vlad puxou as cobertas. Eles olharam para a mancha vermelha acastanhada no lençol. — Eu não quero Meg brava comigo por cutucar coisas particulares, então eu não vi isso. — Ele pegou um dos travesseiros e franziu a testa. — Por que é que um canto desta almofada está babada e mastigada?

Isso explicava o gosto na boca. Em vez de responder, Simon pegou sua camisa e a colocou. — Você lida com Henry e Tess. Eu vou lidar com Meg. — Ele parou na porta. — As fêmeas humanas não ficam meio loucas durante este período?

— Se você escolher acreditar nas histórias escritas por autores masculinos, — Vlad respondeu.

Eles ouviram um estrondo e barulho na cozinha, seguido por Meg gritando para alguma coisa.

Simon suspirou. — Muitos homens não podem estar errados.

— As melhores notícias desta manhã. Ontem à tarde as estações de rádio e de televisão em Talulah Falls deixaram de transmitir. Um pouco depois da meia-noite, as linhas telefônicas caíram. Um porta-voz do gabinete do prefeito de Lakeside disse que todo esforço está sendo feito para restabelecer o contato. Em nossa cidade, terror e tragédia aconteceram ontem à noite na Universidade de Lakeside quando mais de duzentos estudantes que moram dentro ou perto do campus contraíram uma doença misteriosa. Até agora, quatro mortes foram relatadas, e os investigadores oficiais e os médicos estão trabalhando para identificar a doença e combater seus efeitos. Quando nós perguntamos se isso era um novo tipo de praga, os médicos se recusaram a comentar. No entanto, todas as aulas na Universidade foram canceladas até novo aviso. Esta é Ann

Hergott transmitindo para a WZAS, trazendo-lhes notícias de hora a hora. E agora...

O homem sentado na frente de Monty no ônibus ido para Whitetail desligou o rádio portátil e deu aos seus companheiros de viagem um sorriso autoconsciente. — Desculpa. Eu esperava que os investigadores tivessem identificado a causa daquela doença.

Os policiais que investigam sabem o suficiente sobre a doença para não perguntar o que causou isso, pensou Monty, dando ao homem um sorriso distraído, antes de voltar a olhar para fora da janela. Eles vão se lembrar da conversa sobre pessoas que morreram com queixas semelhantes há algumas semanas. Eles vão olhar para os estudantes que morreram e se lembrar que uma mulher chamada Asia Crane também tinha morrido de uma forma que fez com que policiais experientes e os examinadores tivessem pesadelos com o que encontraram.

A causa dessas doenças e mortes vinha do Courtyard de Lakeside, e não havia nada que a polícia pudesse fazer sobre isso.

— Capitão Burke está procurando você, — Kowalski disse assim que Monty chegou à sua mesa.

— Já? Eu tenho um encontro com o Dr. Lorenzo e já tive um encontro com Simon Wolfgard esta manhã.

— Bem, acho que o Capitão já está aqui por um tempo. — Kowalski hesitou. — Debany ouviu a notícia no rádio e me chamou. Ele está um pouco assustado.

— Eu imagino que ele esteja. — Debany foi um dos Oficiais que tinha encontrado Ásia Crane. — Onde ele está agora?

— Nos apartamentos de Lakeside. Ele não queria que a Srta. Lee ficasse sozinha na noite passada. Mas ele vai trabalhar em seu turno.

Monty estudou o seu parceiro. — Ruthie está bem?

Kowalski lhe deu um sorriso tenso. — O Diretor da escola onde ela ensina sugeriu que ela tirasse uma licença sem vencimentos.

— Por quê? Porque os demais do corpo docente não querem estar perto de alguém que é uma 'amante de Lobo'?

— Algo parecido. Faltam apenas algumas semanas para terminar o ano escolar. Ruthie quer terminar se ela conseguir. E, francamente, vai ser difícil manter nosso novo apartamento sem ambos os rendimentos. — Kowalski inclinou a cabeça em direção ao escritório do Capitão. — Não é um bom dia para deixá-lo esperando.

Assim que Monty entrou no escritório do Capitão, Burke disse: — Feche a porta e tome um assento, Tenente. Já terminou sua reunião com a Associação Empresarial do Courtyard?

— Sim senhor, cerca de 30 minutos atrás.

— Então vou ser breve. Você já ouviu falar sobre a Universidade?

— E sobre a perda de comunicação com Talulah Falls.

— Não podemos fazer nada sobre Falls, então vamos fazer o que pudermos para ajudar o Capitão Wheatley conter a situação na Universidade.

— Sim, senhor. — O que eles deveriam fazer? *Como impedir nosso próprio povo de arrumar problemas? Isso é o que deveriam fazer.*

Burke empurrou um pedaço de papel sobre a mesa.

Monty pegou e o leu: — *A próxima vez que tocar no que é nosso, isso vai acontecer com todos vocês.* — Ele sentiu-se tonto. — O que é isso?

— Essa mensagem foi encontrada com um dos corpos, escrita no caderno que o estudante carregava na mochila. Eu acho que a mensagem é clara o suficiente.

— Simon Wolfgard não permitiria isso. — Pelo menos Monty esperava que Wolfgard não concordasse com esse abate sem sentido.

— Lembra quando esta estranha doença apareceu a algumas semanas, no mesmo período em que Darrell Adams morreu? Nós suspeitamos, então, que há algo no Pátio que pode matar com apenas um olhar. Se aquela criatura quisesse acabar com todo o corpo discente da Universidade de Lakeside, eu acho que Simon Wolfgard não ficaria em seu caminho. — O sorriso de Burke era feroz e amigável e fez uma pequena pausa. — Você é um pouco inocente, não é, Tenente?

— Senhor?

— Você nasceu e cresceu em Toland?

— Sim. A família do meu pai emigrou para Thaisia de Afrikah algumas gerações atrás e se estabeleceram em Toland. A maior parte da família da minha mãe ainda mora nas ilhas Tempest.

— Mas você nunca teve qualquer contato real com os Outros até agora?

Monty sacudiu a cabeça. — Eu nem sabia que Sanguinati era nome de Vampiros ou que governavam o Courtyard de Toland até que eu vim para cá.

— E é por isso que você é inocente. Os Sanguinatis têm governado o Courtyard de Toland por duzentos anos ou mais. — Burke soltou um suspiro. — Deuses acima e abaixo, como tantos Oficiais na cidade grande não sabem algo tão básico?

Mesmo recebendo a reprimenda, Monty queria responder a altura, mas tentou manter a voz cortês. — Nós fomos acusados de manter a paz entre a nossa própria espécie. A maioria dos policiais nunca teve contato com os *indigenes da terra*. Não é tão diferente daqui. Esta estação e o seu pessoal são os únicos que têm de lidar com os Outros em uma base regular. Não é como se houvesse algum *status* para lidar com presas e pêlos.

— Presas e pêlos? — Burke entrelaçou os dedos e descansou suas mãos em sua barriga. — Isso foi uma explosão de sua parte. Por que eu acho que este lapso não tem nada a ver com Talulah Falls ou os estudantes na Universidade?

— Eu tenho que chegar ao meu encontro. — Monty não queria admitir que a ligação que tinha recebido de Elayne ontem à noite estava por trás da explosão dele. Suas palavras estavam arrastadas, o que o fez suspeitar que ela estivesse bebendo de forma constante durante algumas horas antes de ligar, além de ter ligado tarde, para não haver risco de ele exigir falar com Lizzy aquela hora. Mas ele acabou escutando sobre o seu novo amante e como Nicholas Zero iria deixar as coisas acontecerem e o quanto ela estava ansiosa para passar o verão com ele na propriedade de sua família em Cel-Romano.

De repente, ele percebeu que estava pensando em voz alta.

— Você encontrou alguma coisa sobre o Senhor Zero ou os seus planos atuais enquanto está em Thaisia? — Burke perguntou.

Monty sacudiu a cabeça. — Eu seria acusado de ser um ex-ciumento se Elayne descobrisse que eu estou investigando, e já está ficando difícil obter qualquer informação dela sobre o bem-estar da minha filha.

— Eu não sou um ex, e considerando a sua linha de trabalho e a tensão atual nas cidades ao redor dos Grandes Lagos, tenho uma excelente razão para querer saber mais sobre Nicholas Zero e seus compromissos, especialmente quando ele está planejando visitar a minha área em breve. E se eu optar por compartilhar essas informações com alguns dos meus Oficiais, isso é apenas mais um assunto de polícia.

Monty sentiu-se tão aliviado. Ele aceitaria qualquer ajuda que pudesse para manter o controle em sua menina.

Mas pensar em Lizzy o fez pensar em outra coisa. — Capitão? Por que ninguém está tentando ajudar as pessoas em Talulah Falls?

Burke deu-lhe um longo olhar. — O governador da Região Nordeste ordenou que cada cidade, vila e aldeia enviassem uma porcentagem de sua força policial para Falls libertar os cidadãos que estão presos por lá, e estamos assumindo que algumas pessoas ainda estejam vivas. Mas como essa força armada pode alcançar Falls?

— Eles podem ir de trem, — Monty respondeu, com a estranha sensação de que estava prestes a provar sua inocência mais uma vez. — Ou os homens podem embalar suprimentos... — Ele entendeu várias coisas naquele momento. Por que as cidades controladas pelos humanos em Thaisia eram tão distantes. Por que a polícia em cada cidade era a única força armada e treinada para manter a ordem da população humana, e impedir que as pessoas provocassem os Outros, criando assim um matadouro.

— Nada pode acabar bem, — Burke disse gentilmente. — No momento em que os *indigenes da terra* perceberem que uma força armada está em movimento, eles farão o que sempre fizeram aqui em Thaisia e no resto do mundo. Eles iriam esmagar o inimigo, Tenente. Eles

iriam esmagar as estradas, rasgar os trilhos do trem, não deixar sobreviventes. E depois disso, qual seria a probabilidade dos Outros permitirem que as estradas e trilhos sejam reparados?

— Não há chances, — Monty disse, sentindo um arrepio correr por ele. — Mas seria inconveniente para eles também.

— Não tanto quanto seria para nós, porque aposto com você que eles construiriam estradas que não são acessíveis para nós. — Burke suspirou. — Espero que o governo de Falls esteja fazendo o seu melhor para negociar a existência da cidade e uma... Troca de cidadãos.

— Uma o quê?

— Eu era menino da última vez que isso aconteceu, e eu sequer me lembro qual parte do continente esteve envolvido. Mas houve um incidente entre os humanos e os Outros que acabou com os humanos sendo quase exterminados naquela parte do Thaisia. Os Outros não queriam que a cidade desaparecesse completamente, mas eles não queriam lidar com os humanos que moravam lá. Então em algumas cidades um arranjo foi feito, algumas pessoas de outras cidades se mudaram para a cidade em estado de sítio, e os cidadãos existentes foram realocados. Um novo começo para todos. Se meu pai fosse mais jovem e sozinho, eu acho que seria uma aventura para ele. Mas tudo era muito instável entre nós e os Outros, e minha mãe não queria correr o risco de seus filhos em tal lugar.

— Você acha que vai acontecer isso nos Falls?

— Eu não sei. O que eu sei é que os agricultores de Jerzy falaram com os *indigenes da terra* e estão sendo autorizados a voltar para as suas fazendas. Eles não participaram dessa luta, por isso quando eles pediram para ficar, eles receberam permissão. Nenhum morador da aldeia foi autorizado a ficar. O último morador foi escoltado para fora alguns dias atrás. — Burke pegou uma pasta e a colocou no meio da mesa. — Você vai se atrasar para a reunião, Tenente.

— Sim, senhor. — Monty levantou da cadeira. Quando chegou à porta, ele olhou para trás. — Você acha que os Outros têm medo de alguns de sua espécie?

Burke abriu a pasta e não olhou para cima. — Eu acho que alguns deles podem ter medo às vezes. E alguns deles não têm medo de nada, exceto o próprio fim do mundo, e talvez nem mesmo isso.

— Eu vou com você, — Meg disse e jogou a bolsa de transporte na parte de trás do carro, esperando que Simon não percebesse que estremeceu. Por que tantos cuidados só por causa de seu corte? Ela não se lembrava de ter tantas restrições à sua circulação quando morava no composto. Por outro lado, as meninas não faziam nada no dia após um corte, exceto sentar-se calmamente em suas aulas.

— Eu sei, — Simon respondeu, dando-lhe um olhar cauteloso. — Eu vou até a Praça do Mercado, porque você queria conhecer a fêmea que vai trabalhar para o Dr. Lorenzo. E você queria olhar os livros que chegaram na biblioteca já que você *ainda* precisa descansar pelos próximos dias.

— Sim, eu quero conhecer Theral MacDonald e dar uma olhada nos livros, mas eu também quero saber como a Merri Lee está. Ela foi atacada, e isso foi algo que nenhum de vocês pensou em me dizer.

Ela viu mudar algo em seu rosto e identificou o olhar. Se ela continuasse forçando, o macho dominante teria necessidade para fazer valer o seu domínio.

— Eu ia dizer, — ele rosnou. — Você não precisava saber ontem, então quem foi que lhe disse?

— Bem, talvez você não tivesse razão para me dizer ontem. — Ela não via razão para admitir que Jenni Crowgard contou para ela há poucos minutos quando Simon foi até a garagem pegar o carro. Como se um corte em seu torso impedisse que suas pernas funcionassem adequadamente. Por outro lado, era tolo dar um tapa em alguém que estava tentando ser atencioso, especialmente quando tinha que lidar com humano, e era um novo comportamento. — Mas não foi isso o que eu quis dizer. Eu vou com você para esse grande encontro que você terá com o Tenente Montgomery

e o Dr. Lorenzo. — O que foi algo que Jenni também tinha mencionado, junto com o resmungo de que os Corvos não foram convidados.

Os caninos de Simon alongaram, seus olhos estavam âmbar com lampejos estranhos de vermelho, o que indicava que ele estava com raiva, e pêlos surgiram em suas bochechas.

— Essa reunião tem algo a ver com o que aconteceu conosco ontem, não é? — Meg empurrou sem considerar as consequências. — Tem a ver com as coisas que eu vi na profecia, e o que aconteceu com você depois. Então eu deveria estar lá também.

Ele olhou para ela enquanto a pele recuava de suas bochechas. Se você não contasse a cintilação vermelha em seus olhos e os caninos, que ainda estava muito longo, ele poderia passar por humano. Mas ela achava que ele não estava se sentindo muito humano, especialmente quando se aproximou do seu lado do veículo e seu corpo ficou entre o corpo dele e o carro, sem chegar a tocá-la.

— Dê-me a navalha, — ele rosnou.

Eles tiveram essa discussão antes. — É minha.

— Talvez você devesse estar nessa reunião. Mas eu *não vou* autorizá-la a ficar com uma navalha no bolso. Não em um dia em que você está tendo um ataque de loucura do sexo feminino.

Naquele momento, ela desejava ser tão forte como algumas mulheres nas histórias que leu recentemente. Ela realmente gostaria de pegar o carro e batê-lo na cabeça dele.

Loucura do sexo feminino! Como ele ousa!

— Não foi eu que estava uivando esta manhã! — Ela retrucou. — E o que você estava sonhando que o fez mastigar meu travesseiro?

Ele se inclinou para frente, apenas o suficiente para que seu corpo roçasse contra o dela.

— Sonhei que estava mordendo *você!*

Ok! Tinha passado um tempo desde que ele tinha ameaçado comê-la, ou até mesmo mordê-la. Mas isso não parecia da mesma forma. Parecia mais escuro, mais maduro.

Ela engoliu em seco e seus olhos seguiram o movimento de sua garganta. Ele podia ver seu pulso batendo, ouvir seu coração batendo?

— Nós vamos nos atrasar, — ela sussurrou.

Ele deu um passo para trás e estendeu a mão. Ela não discutiu; ela puxou a navalha de prata do bolso da calça e entregou a ele. Ele a colocou no bolso da calça dele, em seguida, deu a volta para o lado do motorista e entrou.

Agitada, Meg entrou no banco do passageiro e fechou a porta. Se o resto dos Outros estava tão agitados como Simon, talvez ela não fosse para esta reunião afinal de contas.

Monty não estava satisfeito de ver Meg Corbyn entrando na sala de reunião com Simon. Ele achava que Dominic Lorenzo não ficou satisfeito também. Eles esperavam que os Outros tivessem pouco tempo para pensar sobre a ideia de Lorenzo, antes de verem a Liaison.

Henry Beargard e Tess apontaram para um par de cadeiras ao redor da mesa baixa, em seguida, eles se sentaram também. Elliot e Blair Wolfgard também estavam na sala, mas eles se puseram contra a parede. Observadores em vez de participantes?

— Isto pode não ser... — começou Monty.

Simon rosnou para ele. — Estamos todos à procura de respostas. Meg é parte disto, e ela quer estar aqui. — Ele virou-se para Henry. — Onde Vlad está?

— Em seu caminho, — o Grizzly respondeu. — Ele disse para esperar por eles.

Simon congelou por um momento, em seguida, sentou-se ao lado de Meg, que estava entre ele e Tess.

Antes que alguém tivesse a chance de se sentir inquieto, Vladimir Sanguinati entrou na sala com uma mulher bonita usando um longo e antiquado vestido de veludo preto, com mangas drapeadas. Como Vlad, ela tinha a pele morena clara, cabelo preto e olhos escuros. Monty sentiu

um puxão de atração e se perguntou se os muitos homens que respondiam a esse puxão sobreviviam.

Mas foi o velho com ela que manteve a atenção de Monty. Suas mãos eram nodosas e repuxadas, com unhas meio descascadas. Como a mulher de vestido, a roupa parecia antiquada, mas havia uma qualidade requintada, e Monty soube que eram roupas feitas sob medida.

— Sr. Erebus, — disse Meg, parecendo surpresa e satisfeita.

Ele sorriu para Meg, um sorriso benigno. — Como está a nossa Meg hoje?

Algo se arrastou pelas costas de Monty, algo mais primitivo do que o medo. Ele tinha certeza que o leve sotaque era uma afetação. O fez recordar dos vilões nos filmes que ele assistiu quando era um menino e ele acreditava que era genuíno. E isso o fez se perguntar o que a voz poderia revelar, além dessa afetação.

— Eu estou bem, — respondeu ela, sorrindo para o velho.

— Ela precisa ir com calma por mais alguns dias para que se cure adequadamente, — Simon disse. — Nada de suspender malotes ou pegar pacotes pesados. Certo? — Ele apontou para o Dr. Lorenzo.

— Eu vou ser capaz de julgar melhor depois de eu examinar o corte, mas não há mal nenhum em ter cuidado, — Lorenzo respondeu.

— Avô, — Vlad disse, — este é o Tenente Crispin James Montgomery e Dr. Dominic Lorenzo. Senhores, este é Erebus Sanguinati.

Tess era a única na sala que não parecia desconfiar de Erebus, mas o cabelo dela tinha mudado de castanho ondulado para verde encaracolado com listras vermelhas.

Quando os Sanguinatis tomaram seus assentos em volta da mesa, a porta se abriu e quatro mulheres entraram.

Monty reconhecia duas delas. Elas haviam criado a nevasca que poderia ter enterrado o Lakeside. Ao vê-las agora, Monty não precisava falar que o resultado desta reunião poderia ter repercussões terríveis.

Simon acenou para as quatro mulheres, em seguida, dirigiu-se aos humanos na sala. — Estas são Water, Air, Spring e Winter.

Lorenzo deu a Monty um olhar assustado, como se perguntando: *Sério?*

Monty moveu a cabeça com um aceno em concordância. Sim, com certeza. Os Elementais estavam presentes para essa reunião. Será que os shifters e os vampiros estavam se sentindo tão desconfortáveis quanto os humanos por causa dessas participantes adicionais? Afinal de contas, uma nevasca poderia matar Lobos, bem como os humanos.

Finalmente Simon olhou para Vlad. — Você tem a lista da profecia?

Vlad entregou a Simon um envelope pardo. — Isso é tudo.

Simon abriu o envelope, tirou uma folha de papel e o colocou sobre a mesa na frente de Meg. — Isso foi o que eu consegui lembrar do que você disse. Eu acho que havia mais, mas... — Ele parou e apenas observou Meg.

— Havia mais imagens, — Meg sussurrou. — Eu quase... Consigo lembrar.

Os dedos da mão direita se moviam inquietos para cima e para baixo em sua coxa, esfregando o jeans como se estivesse tentando alcançar a pele. Os dedos da mão esquerda estavam cavando em seu antebraço direito. Quando a mão esquerda agarrou seu torso, e as unhas finas raspavam a pele, Lorenzo fez um protesto mudo. Simon pegou sua mão e disse: — Não, Meg.

Tess foi até uma das mesas na sala e voltou com um bloco de papel e uma caneta. Inclinando-se para chamar a atenção de Meg, ela disse: — Fale profetisa, e nós ouviremos.

Comando e promessa. Monty não tinha certeza se a voz de Tess era hipnotizante, ou era a frase em si, mas depois de olhar para Tess por um longo momento, Meg focou no papel com a sua lista de palavras.

Sua mão esquerda agarrou seu antebraço direito novamente. Simon pegou seu braço, e parecia pronto para segurá-la ao primeiro sinal dela abrir o corte que estava curando, ou fazer algum outro dano para si.

Meg inclinou-se e tocou o papel, os dedos se movendo entre as palavras escritas “barbatanas” e “tubarão sorrindo”.

— Burro, — ela disse, soando estranhamente tranquila, com a sobrancelha franzida em concentração. — Não burro, mas como burro.

Enquanto Tess escrevia as palavras, Monty colocou a mão no bolso para pegar o seu próprio caderno e caneta, em seguida, olhou para Simon pedindo permissão. Recebendo um aceno brusco de consentimento, ele também escreveu as palavras.

— Carro, — Meg disse. — Nascer do sol. Carro. Pôr do sol. Gansos e malas. — Seus dedos se moveram para baixo na lista. — Névoa. Água. Esconda as crianças. Tubarão. — Ela parou de arranhar o braço tempo suficiente para escovar os dedos sobre sua bochecha esquerda. — Potes quebrados. Fumaça irregular. Cicatrizes.

Monty estremeceu. Com o canto dos olhos, ele notou o ligeiro tremor nas mãos de Lorenzo. Ambos tinham visto as fotos da cena do crime que foram enviadas de Talulah Fals antes de toda a comunicação ser cortada. As palavras de Meg eram uma descrição vaga, mas precisa de tudo o que foi encontrado naquele porão em Falls.

— Mais alguma coisa? — Tess perguntou.

Meg olhou para a lista. — Biscoitos em forma de pessoas conduzindo um barco — Suas mãos relaxaram. Ela piscou algumas vezes, em seguida, fez com o olhar um pedido de desculpas. — Isso é tudo o que eu lembro. Eu não sei o que qualquer coisa significa.

— Descobrir isso faz parte do nosso trabalho, não seu, — Tess disse rapidamente.

Simon descansou a mão nas costas de Meg. — Você quer alguma coisa?

— Água, — Meg respondeu. — Estou com sede.

— Eu recomendo um pouco de suco de frutas também, — disse o Dr. Lorenzo, estudando Meg.

— Eu vou buscar, — Elliot disse. — A porta de trás da Bite está aberta?

Tess assentiu, mas sua atenção estava na lista. — O que é um burro, mas não um burro?

— Cavalo, burro, burro, — disse Blair. — Tudo de bom para comer.

— Mas nenhum desses animais tem barbatanas, — disse Monty.

— Não, eles não têm. — Meg pareceu encolher-se em si mesma. Então ela fez uma careta.

Simon deu um olhar de advertência para Monty que claramente significava: *Não importune a Meg*.

Dando um olhar para os Elementais e Sanguinatis que estavam entre ele e a porta, ele disse a Monty que não eram os Lobos que ele precisava temer agora.

— É tudo sobre as imagens, — disse Simon. — As imagens que você vê pode ter um significado diferente quando combinados em maneiras diferentes, certo?

Meg assentiu.

— Você mencionou carros desta vez, — disse Henry. — Talvez haja uma barbatana ou um burro pintado no carro.

— Nascer e pôr do sol, — disse Blair. — Leste e Oeste.

— Alguém viajando? — Disse Tess. — Vindo do Oeste e indo para o Leste?

— E viajando... Meg, você se lembra de que lado os gansos estavam voando?

Meg fechou os olhos. — Norte.

— Algo que você vê como um tubarão viajando para o Leste e Norte, — disse Simon.

— Mas um tubarão não estaria dirigindo um carro! — Meg protestou. Então ela olhou para os outros. — Um tubarão não iria?

Henry deu de ombros. — Não é provável que qualquer um dos Sharkgard conseguisse isso, uma vez que não é o tipo certo de água para acomodá-los e possibilitar a mudança para a forma humana. Mas se você está vendo um tubarão, pode indicar um predador que está vindo em nossa direção e que é uma ameaça para as crianças...

Se perguntando se esta era a forma como as profecias eram geralmente extraídas das visões vistas por uma *Cassandra de Sangue*, Monty continuou a escrever suas notas. Ele teria que colocá-las juntas e de forma ordenada, enquanto esta reunião ainda estava fresca em sua mente, e teria de receber a permissão do Wolfgard para distribuir esta informação no caso da interpretação dos Outros sobre uma ameaça às crianças ser correta.

— Névoa e Water esconderão as crianças, — Tess disse olhando para as quatro mulheres que tinham permanecido perto da porta, escutando.

— Névoa precisa descansar um pouco, — Water disse. — Ele tem trabalhado duro nos últimos dias.

Spring olhou para Air e Winter. — Névoa não é a única forma de desencorajar os viajantes.

Havia algo muito estranho sobre os Elementais para passar por humanos. Era mais do que o formato do rosto e o olhar em seus olhos. Era a sensação de que a sua ligação era tangível e tênue, e que gostavam dessa maneira.

— Sim, — Winter disse. — Nós podemos deixar Névoa por um dia ou dois. Trovão e Relâmpago irão desfrutar de uma corrida.

— Assim como Ciclone, — Water disse. — E Redemoinho está aqui conosco agora.

Monty estremeceu. Lakeside ainda estava se recuperando da última tempestade. Ele não queria pensar sobre o que outra faria para a área.

— As flores não vão morrer se você chamar uma tempestade? — Perguntou Meg, parecendo preocupada.

Os Elementais olharam para ela. Então Spring sorriu, e o ar na sala tornou-se mais quente e perfumado. — Um cobertor fino de neve não irá prejudicar o que floresce na minha temporada. E os ventos limparão ar envelhecido para abrir caminho para o novo.

— E eu vou levar Ciclone e Redemoinho para o rio, — Water disse.

— Nós podemos voar com a tempestade à noite, e deixar os Corvos, Falcões, e os humanos na Ilha Grande vigiando o inimigo durante o dia, — disse Winter.

Meg sorriu. — Isso seria bom. E, em seguida, os biscoitos podem ser trazidos... Sr. Ferryman! Ele iria falar com as pessoas na sua aldeia sobre fazer biscoitos para os Lobos.

— Soa como algo em conjunto, ou algo vindo em nossa direção, — disse Simon.

— Isso deixa as cicatrizes e a fumaça, — Tess disse e raias pretas de repente apareceram em seu cabelo enquanto ela olhava para Erebus Sanguinati, que voltou o seu olhar.

— Um dos Sanguinati morreu, não foi? — Meg disse. E as lágrimas brilhavam em seus olhos. — Sinto muito, Sr. Erebus. Talvez se eu tivesse feito o corte mais cedo, eu poderia ter -

— *Não* — Erebus parecia desconfortável. — O sangue doce é ao mesmo tempo maravilhoso e terrível. Ele não deve ser derramado de ânimo leve.

— Mas tem que ser derramado, — ela sussurrou.

— Isso é algo que você pode discutir com Simon, — Erebus disse gentilmente. Então ele acrescentou com relutância, — E com o bodywalker humano.

Lorenzo respirou fundo, mas foi à única indicação de que ele entendia agora o quão de perto o Sanguinati cuidava de Meg Corbyn.

Simon pegou o envelope novamente. Ele tirou a foto e a colocou sobre a mesa. Quando Meg empalideceu, ele colocou um braço ao redor dela.

— Sua designação era cs783, — Meg disse.

— Qual era o nome dela? — Simon perguntou.

— Ela não tinha um. Não queria um. Ela... Ela não era como Jean e eu. Ela queria alguém para cuidar dela e queria sentir a euforia quando era cortada. Isso é tudo o que ela queria. Ela *gostava* de ficar no Composto. — Meg estremeceu. — Do lado de fora havia apenas as imagens que ela tinha que aprender para descrever as visões.

— Então ela não fugiria como você?

Meg sacudiu a cabeça.

Ninguém falou. Ninguém se mexeu. Os Outros esperavam com uma paciência estranha.

— O Controlador deve ter vendido a menina, — Meg disse finalmente. — Ou a mandou embora por algum motivo.

— Você pode adivinhar a razão, — disse Simon.

— Ela não era... Os *Aqueles Com Nomes* nem sempre eram cuidadosos sobre o que eles falavam quando eles estavam perto de nós. Uma vez escutei quando eles estavam avaliando algumas das meninas. Eles disseram que as profecias da cs783 eram precisas, mas faltava variedade. Ela não podia ver as profecias da maneira que Jean podia.

— Ou da forma como você pode?

Wolfgard estava circulando em torno do que todos tinham vindo originalmente para discutir.

— É hora de falar sobre o que aconteceu ontem de manhã, — Henry disse. — Meg, o que você lembra?

— Eu tive um sonho ruim, um sonho terrível, e eu acordei gritando porque eu estava com tanto medo, — Meg disse. — Eu estava com tanto medo, mas eu não sabia o porquê, e eu tive que me cortar para que eu pudesse ver o perigo. Eu deveria ter chamado alguém.

Simon rosnou.

— Mas eu não podia esperar. Parecia que minha pele iria dividir por conta própria, a necessidade era tão grande. — Ela tocou o lado de seu nariz. — Como minha pele se dividiu na noite que eu sonhei com as penas pretas cheias de sangue na neve.

— Então você colocou uma toalha no chão do banheiro, e fez um corte longo, — disse Henry.

— Eu não me lembro da toalha, ou ter deitado. Não me lembro de escolher onde me cortar. Eu me senti tão desesperada, eu só... Cortei. Então eu tentei engolir as palavras e a dor, porque essa é a única maneira que nós podemos lembrar de uma profecia.

— Dor? — Foi à primeira vez que Lorenzo falou desde que a reunião começou.

Quando Meg empalideceu e parecia incapaz de responder, Simon disse: — A dor não acontece quando a profetisa começa a falar. Mas só existe dor quando ela não fala e *engole* a profecia. É assim que as meninas são punidas, elas são cortadas e, em seguida, impedidas de falar.

Monty olhou para o braço esquerdo de Meg, recordando as cicatrizes cruzadas que ele tinha visto quando ela foi levada ao hospital.

— Isso confirma algumas coisas que eu estive pensando, — disse Lorenzo.

— O que mais, Meg? — Perguntou Henry. — O que aconteceu após o corte?

— Simon veio, e ele era Simon, — Meg disse.

Simon parecia desconfortável. — O que mais eu seria?

— Você era o Simon, e então você *não era* mais o Simon. Você ficou todo macio e pegajoso.

Ele se afastou dela. — Eu não!

— Você ficou! Você estava bem, e então você me lambeu -

Erebus ficou de pé, com uma expressão terrível no rosto. — Nós não bebemos o sangue doce!

Simon saltou para *seus* pés, seus caninos se alongando. — Esta regra é para *o seu* povo, não o meu.

— Você lambeu o meu sangue, — Meg disse com a voz trêmula. — Você lambeu meu sangue, e isso fez você ficar doente.

— Não estou doente! — Simon retrucou.

Meg levantou-se e olhou para Monty. — É por isso que todas essas coisas ruins estão acontecendo, não é? Isso é o que fez os Corvos ficarem doentes demais para fugir.

Ele está com medo por ela, pensou Monty, olhando para Simon. *Ele não quer que ela diga ao resto deles o que ela descobriu.*

— Não estou doente! — Simon gritou. — Sente-se, Meg, e pare de ser estúpida, ou eu vou morder você!

— Eu não estou sendo estúpida, e você não pode me morder!

— Eu posso beliscar muito forte!

Com horror fascinado, Monty viu as pernas de Erebus mudarem para fumaça, roupas, bem como a carne; viu Vlad ficar de pé, ao lado da vampira aos seus pés; viu Henry crescer sobre todos eles, seus dedos fortes agora terminando em garras selvagens de um Urso; viu o cabelo de Tess ficar vermelho com listras pretas e largas. Blair e Elliot estavam rondando as cadeiras, colocando-se entre os vampiros e Simon, que estava totalmente focado em Meg.

Os Elementais eram os únicos que não pareciam preocupados, e Monty achou seu curioso interesse muito mais assustador do que ser pego no meio de uma luta terrível.

Então Simon agarrou os braços superiores de Meg, ignorando o grito assustado de dor, e puxou-a até ficar na frente dele. Mesmo assim, ele teve de se dobrar um pouco para ficar cara a cara com ela.

— Eu não sei quanto tempo dura o seu humor feminino louco quando você está no seu período, mas *você não vai fazer nada estúpido até que você possa pensar direito!* — Simon gritou. — E se você tentar dar uma de estúpida, então, eu *vou* mordê-la, e que se dane tudo!

Ela olhou nos olhos do Lobo que estava vermelho de fúria. Então ela pegou sua camisa. E vendo a forma como ele estremeceu, ela deve ter puxado um par de punhados de pêlos junto com o material.

— Moedor de carne, — Meg sussurrou. Seus olhos, seu rosto, sua voz, estavam estranhamente em branco.

Todos na sala congelaram.

— Moedor de carne... Sonho, — Ela disse. — A dor é necessária, o medo é bom para fazer a melhor carne. Mão no moedor, mastigando tudo. Manter a carne viva enquanto você corta e tritura. Ele vai me encontrar! Ele vai... Simon!

Ele a segurou no colo quando ela entrou em colapso, embalando-a enquanto ele lambia sua bochecha. — Meg? Meg!

Lorenzo se levantou rápido, passando por Henry e Tess. — Deixe-me dar uma olhada nela.

Em um momento, Lorenzo estava ajoelhado no outro lado de Meg, olhando para um macho humano muito irritado. No momento seguinte, havia um homem com uma cabeça de Lobo segurando Meg e rosnando para o médico.

— Deixe-me ajudá-la, — disse Lorenzo. — É por isso que você concordou em me deixar ter um consultório no Pátio, não é? Para que eu possa ajudar?

Blair colocou a mão no ombro de Simon. — Ele vai deixar você ajudar.

Monty aplaudiu a coragem do médico. Ele não tinha certeza se teria coragem suficiente para colocar as mãos em algo que um Lobo considerava dele.

— Ela desmaiou, — disse Lorenzo. — É a maneira do seu corpo de protegê-la do que ela estava vendo. O que explica algumas coisas sobre a experiência de euforia dessas meninas. — Ele se levantou. — Existe algum lugar nas proximidades onde ela possa descansar?

— Há uma cama de Lobo no escritório, — Vlad disse. — É do outro lado do corredor.

— Ela está bem, mas alguém deveria ficar com ela, — disse Lorenzo.

— Eu vou ficar com a nossa Meg, — disse Winter.

Blair apertou o ombro de Simon. — Simon. — Um aviso.

O Wolfgard parecia quase humano no momento em que Meg abriu os olhos.

— Suas orelhas estão peludas, — ela disse.

Simon lamentou.

— Nós vamos deixá-la descansar, — Lorenzo disse. — Então eu tenho alguns pensamentos que eu gostaria de compartilhar com todos vocês.

Simon levantou-se com Meg em seus braços. Vlad abriu o caminho para o escritório, seguido por Simon, Lorenzo, Winter e a vampira.

Monty afundou em sua cadeira, exausto pela descarga de adrenalina dos últimos minutos. Ele não fechou os olhos, mas percebeu que todos os *indigenes da terra* estavam tentando recuperar seu equilíbrio. Erebus agora parecia totalmente humano novamente, assim como Henry. O tom negro recuou dos cabelos de Tess, e Blair e Elliot tinham retomado seu lugar contra a parede.

Será que algum deles percebeu que Simon Wolfgard está apaixonado por Meg Corbyn? Monty perguntou. *Será que o Wolfgard compreende a sua própria resposta para a menina? E quanto a Meg? Como ela se sente? Como os demais Outros fazem quando um de sua espécie se apaixona por um humano?*

Outra complicação, mas o que Meg descreveu pouco antes de desmaiar era mais perturbador e, provavelmente, mais imediato.

Simon, Vlad, e Lorenzo voltaram e tomaram seus assentos.

— O que aconteceu com Meg? — Tess perguntou. — Ela não estava sonhando e ela não se cortou. Por que ela teve uma visão? E por que não pareceu como as visões que ela teve antes?

Todos olharam para o médico.

— Eu acho que com esse movimento todo, uma seção do corte de ontem reabriu o suficiente para escoar sangue fresco, — Lorenzo disse. — E isso, por sua vez, abriu a profecia... Ou lhe permitiu recordar os detalhes de um sonho.

— Mas Vladimir disse que a nossa Meg estava no seu ciclo e o cheiro de sangue deveria ser educadamente ignorado, — disse Erebus, olhando para Vlad.

— Ela está no ciclo dela e irritada sobre isso, — disse Simon.

Monty olhou para todos os homens na sala e sabia que uma discussão sobre o ciclo reprodutivo da fêmea humana não era algo que ele queria ter com qualquer um deles hoje, ou algum dia. — Será uma segunda fonte de sangue pode explicar a visão de um sonho?

— Não, — Simon disse. — Meg diz que por vezes, as visões se parecem com um filme. — Ele olhou para Lorenzo. — Se ela viu a profecia de um corte e pode falar, por que não houve qualquer euforia?

— Eu não sei. Talvez porque não foi um novo corte? — Lorenzo respirou fundo antes de voltar a abordar Erebus Sanguinati. — Eu não vou expressar uma opinião sobre os seus tabus, apenas farei uma observação sobre os metamorfos e a *Cassandra de sangue*. — Ele esperou por um aceno de Erebus antes de continuar. — Eu acho que o problema não foi o Sr. Wolfgard consumir o sangue da Srta. Corbyn. Eu acho que o problema foi que ele sofreu uma overdose.

Era irritante observar uma sala cheia de predadores se concentrando em um homem.

— Há uma falta de informação sobre as Profetisas de Sangue, e que não faz sentido uma vez que estas meninas necessitam tanto de cuidados médicos, — disse Lorenzo. — Mas isso é uma discussão diferente. O ponto é que eu não tenho nenhuma evidência para apoiar o que eu digo. Talvez o senhor tenha algo em suas histórias que possa confirmar as minhas suposições.

— Suposições sobre o quê? — Simon perguntou.

— O corpo humano é um guisado químico. Há inundações do corpo com produtos químicos diferentes para responder a situações diferentes. Fuga ou resposta de luta. Medo, raiva, agressividade. — Lorenzo olhou para Simon. — A Srta. Corbyn teve um corte em seu queixo quando você a trouxe para o hospital. Você estava irritado e agressivo naquela noite quase além da razão.

Simon assentiu. — Eu lambi o sangue do ferimento, tentando limpar a ferida.

— Mas na manhã de ontem, acho que ela começou a falar a profecia logo depois que você a encontrou, e assim que ela começou a falar, o corpo dela foi inundado com todos os produtos químicos que criam a euforia. Quando você *lambeu o sangue* dela, basicamente você estava consumindo um tranquilizante potente.

— Então os Lobos podem reagir ao sangue de Meg de diferentes maneiras, dependendo se ela está feliz ou com medo? — Perguntou Henry, estudando Simon.

— Não apenas os Lobos, — disse Lorenzo. — Quem está usando essas meninas para criar as drogas conhecidas como *Nocaute de Lobo* e *Alto Astral* têm como alvo os humanos também. Eu acho que o sangue de uma profetisa é, de certa forma, uma droga milagrosa e uma maldição.

— A criação de Namid é maravilhosa e terrível, — disse Erebus.

— Veneno de rãs, — Monty disse pensando em um programa que tinha visto com Lizzy. — Não é prejudicial se deixado sozinho, mas o veneno que transpira através de sua pele pode matar qualquer coisa que tenta comê-los. — Depois de um olhar ao redor da sala, acrescentou rapidamente: — Não que eu ache que a Srta. Corbyn seja como um sapo.

— Mas ela é, — disse Lorenzo. — Atacar uma profetisa de sangue, assustá-la ou machucá-la, faz seu corpo tornar-se uma arma contra o invasor. Imagino se alguns de vocês consumissem a quantidade de sangue que normalmente faria depois de uma matança, acabaria consumindo uma overdose, a ponto de ligar um ao outro. A menina morre, mas o mesmo acontece com os atacantes. É um bom motivo para *não consumir* o sangue de uma *Cassandra de sangue*. Por outro lado, você tem os bodywalkers, que cuidam das lesões. Nós usamos os opiáceos para aliviar a dor em nossos hospitais. Mas no início de nossa história comum, quando os seres humanos e os Outros cruzaram seus caminhos pela primeira vez, uma garota cujo sangue pode tornar alguém passivo ao ponto em que um osso pudesse ser concertado ou uma ferida costurada, seria, penso eu, um bem valioso. Algo que você não iria perder. Mas muito desse mesmo sangue, assim como muito de um opiáceo, pode ser mortal. E uma overdose se você está se alimentando enquanto ela estava perdida na euforia.

— A profetisa que foi encontrada no porão, — disse Erebus. — Qualquer Sanguinati saberia que ela não seria uma presa e não podia ser tocada.

— Todos nós sentimos que Meg não é presa, — disse Simon.

— O que significa tudo isso? — Perguntou Tess. — E o que vamos fazer sobre a necessidade de Meg se cortar?

Lorenzo suspirou. — Eu não sei. Como eu disse, há muito pouca informação disponível sobre as profetisas de sangue. Talvez uma menina com menos capacidade possa se manter afastada da navalha. Eu não tenho certeza se a Srta. Corbyn pode parar de se cortar neste momento. Se o que eu vi aqui for típico, o corte e a euforia que vem depois pode ser a única válvula de segurança para a sua sanidade. Eu sinto, se ela vai ficar aqui com você.

— É claro que ela vai ficar com a gente, — Simon retrucou.

— Então você precisa elaborar um cronograma, ou chegar a um acordo com ela. Ela não pode ficar sozinha quando se corta. Desta vez, o corte foi mais profundo do que deveria ter sido, mas ainda não foi um ferimento grave. Se ela estiver sozinha e cortar uma veia ou artéria, você pode não ser capaz de obter ajuda a tempo de salvá-la.

— Ela passou sua vida em uma gaiola, — disse Henry. — Nós não vamos colocá-la de volta em uma. Nem mesmo para salvá-la.

— Mas vamos dar atenção para o que você disse, — acrescentou Tess.

Reunião suspensa.

Monty soltou um suspiro de alívio quando Vladimir e Erebus saíram da sala, juntamente com os Elementais. Lorenzo atravessou o corredor para ver como Meg estava. Blair, Elliot, e Tess saíram um minuto depois, deixando Monty com Henry e Simon.

— Avise a suas pessoas sobre o tubarão, — Simon disse, parecendo exausto. — Vou avisar Steve Ferryman.

— Eu acho que o Capitão Burke apreciaria falar com o Diretor Czerneda sobre esta nova informação. A polícia de Lakeside pode conseguir bloqueios de estradas se for necessário.

Simon assentiu. — Os *Intui* vai saber se o problema está vindo.

Sentindo-se golpeado, Monty pediu licença e desceu para esperar por Lorenzo. Ele chamou Kowalski, que estava visitando com Debany, Merri Lee, e chegaria em cinco minutos.

Lorenzo desceu em quatro minutos, e saíram juntos.

— Bastante para uma reunião — disse Monty.

— Muito mais informações do que eu esperava, — Lorenzo respondeu.

Ao ouvir o tom sombrio, Monty parou de andar na direção do carro patrulha. — Depois do que vi hoje, que chance você acha que Meg Corbyn tem?

Lorenzo desviou o olhar. Finalmente, ele suspirou. — Com sua sensibilidade a profecia, eu acho que Meg Corbyn estava condenada após o primeiro corte.



CAPÍTULO 18

NA MANHÃ SEGUINTE, Douglas Burke estudou as notas que Monty tinha feito com as informações de Meg Corbyn. Então ele sentou-se e suspirou. — Moedor de carne. Deuses acima e abaixo. E sua impressão foi que a Srta. Corbyn estava vendo outra *Cassandra de Sangue* sendo moída viva?

— Sim, senhor — Monty respondeu. — Essa foi à impressão do Dr. Lorenzo também.

— É uma maravilha que essas meninas consigam manter a sanidade depois de ver isso.

A observação de Burke não era única. Monty tinha olhado para a televisão na noite passada, sem ver realmente nada. Se perguntando se meninas como Meg realmente tinham necessidade de estar em algum tipo de casa supervisionada, ou, se não houvesse lugares tão prejudiciais, igual o lugar de onde ela fugiu, mas certamente tinha de haver algum lugar que não deixasse essas meninas se perderem.

— Lorenzo irá ao Courtyard nesta manhã, — disse Monty. — Ele prometeu ligar com um relatório de status.

— Você não vai?

— A livraria e a Bite reabrirão ao público, depois passo por lá. Eu não quero usar o meu passe.

Burke assentiu. — E Kowalski? Ou Debany ou MacDonald? Eles têm razões pessoais para passarem por lá.

— O Oficial Debany ligou alguns minutos atrás. As lojas já têm placas para os residentes nas portas, mas o Gabinete do Liaison está abrindo para os negócios, assim como o consulado.

— Eu duvido que a abertura do escritório Liaison fosse uma decisão de Simon Wolfgard.

Monty sorriu para a observação seca. — Não, eu não acho que foi. — O sorriso desapareceu. — Debany também disse que o Wolfgard e Henry Beargard saíram ontem à noite com um dos pequenos furgões do pátio. Eles retornaram pouco antes de Debany ligar.

Burke pensou por um momento. — Bem, vamos tentar descobrir para onde eles foram e se nós não vamos também.

— Nenhuma palavra de Talulah Falls?

— Não. Entre a névoa no rio e as barricadas e estradas destruídas, não há nenhuma maneira de saber o que está acontecendo por lá. Mas eu continuo esperando por sobreviventes humanos. — Burke se afastou da sua mesa. — Bem. Tenho uma reunião com o chefe, e não devo deixá-lo esperando.

Monty saiu do escritório de Burke, em seguida, foi para a sua mesa verificar se havia mensagens.

— Onde, tenente? — Perguntou Kowalski.

Onde será que Simon Wolfgard foi ontem? Será que havia alguma maneira de descobrir? — Em nenhum lugar ainda.

Simon estacionou o carro elétrico na garagem atrás do Gabinete do Liaison, e seguiu Meg para dentro.

— Tem certeza que você está se sentindo bem para fazer isso hoje? — Ele abriu a bolsa de transporte, tirou um par de recipientes de comida, e os colocou dentro do frigorífico.

— Eu vou ficar bem, — Meg respondeu, soando impaciente.

Se ela o deixasse cheirá-la corretamente, ele saberia se ela estava bem, sem ter que ficar perguntando.

Ela acendeu as luzes e pegou a chave da porta da frente, passando pela sala de triagem. Quando ela voltou, ele estava de um lado da mesa de separação, enquanto ela estava do outro lado da mesa.

Simon pegou a navalha de prata do bolso e a colocou sobre a mesa. Mas ele manteve a mão sobre ela. — É sua. — Ela não insistiu para que ele lhe entregasse a navalha de volta quando ele a deixou com Henry na noite passada. Talvez ela estivesse tão assustada com o que tinha acontecido quanto o resto deles. Talvez fosse por isso que ele sentia que tinha que devolvê-la. — Meg... — O que ele deveria dizer?

— Até que eu fui punida, nunca entendi o quanto a euforia blindava as profetisas de sangue, — Meg disse tocando as cicatrizes cruzadas do seu braço esquerdo. — Talvez o corte tenha começado como uma defesa contra o que vimos; uma espécie de pressão de libertação e ao longo de gerações tornou-se algo mais.

Ele ouviu sem dizer nada, um silêncio atento.

— Eu não posso parar de me cortar, Simon. Eu não tenho certeza se qualquer uma de nós pode. — Meg apontou para si mesma para indicar que ela quis dizer uma *Cassandra de Sangue*.

— Eu sei. Mas... Nem todas vocês morrem jovens, Meg. Mesmo se mil cortes for o limite... — Simon moveu seus pés e gemeu baixinho. — A primeira vez que vi um de sua espécie, eu tinha quinze anos. Eu poderia manter a forma humana bem o suficiente para ficar humano por um tempo, então eu estava com um grupo de jovens *indigenes da terra* fazendo um passeio no mundo humano. Na verdade, foi um assentamento humano na borda de um dos nossos, por isso dificilmente contado, mas foi a minha primeira tentativa de comprar alimentos em uma tenda aberta, ou alguma pequena mercadoria de uma loja.

— Havia essa mulher idosa, com os braços bronzeados e nus ao sol, as cicatrizes esbranquiçadas. Ela usava um chapéu de palha e estava sentada em um banquinho, a frente de uma pequena mesa, oferecendo ler suas cartas e contar nossa sorte.

— Havia um grupo de humanos no assentamento com a idade próxima do meu grupo. Não sei o que eles estavam fazendo lá. Talvez uma viagem de campo semelhante a nossa. Eles passaram por sua mesa e riram dela, a chamaram por nomes por causa das cicatrizes dela. Então chamei alguns dos Outros como uma maneira de imitar os seres

humanos. Mas quando ela olhou para mim, eu parei. Ela tirou uma navalha do bolso, a prata brilhando no sol, e cortou sua bochecha. E ela me disse o que eu poderia ser.

Simon piscou. Ele ergueu a mão, se afastando da navalha e dando um passo atrás.

Eles não disseram nada, apenas olharam um para o outro.

— Você sabe como ela conseguiu isso? — Meg finalmente perguntou. — Você acha que alguém iria se lembrar dela, alguém poderia dizer como ela conseguiu sobreviver aos cortes tempo suficiente para envelhecer?

— Eu não sei. Eu nem sei se ainda há um assentamento por lá, mas posso tentar descobrir se você quiser.

— Sim. Eu gostaria de saber. — Meg pressionou as mãos na mesa. Ela não chegou a pegar a navalha. — Comprar um corte na minha pele era caro. É por isso que eu tenho poucas cicatrizes em comparação com as outras meninas no Composto.

— Você tem apenas vinte e quatro anos, — ele disse. — Você tem muitas cicatrizes para alguém da sua idade. — Muitas cicatrizes. A maioria das meninas não vivia para ver os trinta e cinco anos. — Vamos encontrar uma resposta. Vamos encontrar uma maneira para que você possa viver o suficiente para envelhecer.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela piscou. — Até então, Sr. Wolfgard, tenho trabalho a fazer e você também.

Ele ouviu a provocação em sua voz e também um lembrete de seu território. Este edifício era dela.

— Não esqueça seu encontro com o Dr. Lorenzo, — ele disse por cima do ombro enquanto caminhava em direção a sala de trás.

— Eu não vou esquecer.

— E não se esqueça de comer, — ele falou quando abriu a porta de trás.

— Eu não vou! Vá para o trabalho, Simon!

Sorrindo, ele saiu. Ela parecia bem.

Desejando mudar para Lobo e correr por alguns minutos, ele resolveu por uma caminhada em torno da Praça do Mercado. Com tudo o que vinha acontecendo ultimamente, ele não tinha prestado atenção nas lojas na área de negócios dos Outros e não sabia se eles estavam recebendo as entregas dos comerciantes. Ele nem sabia se a livraria tinha recebido quaisquer remessas nos últimos dias. Ele teria que perguntar a Vlad.

Assim que entrou na Praça do Mercado, viu uma humana que, ao mesmo tempo parecia familiar, e não deveria estar lá neste momento do dia.

— *Arrroooo!* — O som não tinha a mesma qualidade de uma garganta humana, mas a fêmea parou e esperou por ele.

Ruthie Stuart. A companheira do Oficial Kowalski. Normalmente uma fêmea sensível, ela deveria saber que o Pátio ainda estava fechado aos humanos, exceto os funcionários. Então novamente, ela *era* parte da matilha humana de Meg, e ela *poderia* ter ido visitar Merri Lee, ou mesmo buscado algo para a outra mulher.

Mas isso não explica por que ela estava aqui a esta hora do dia.

Ele abrandou quando viu seu rosto. Ela parecia magoada e com raiva. Em sua experiência, uma fêmea ferida e com raiva era uma mulher perigosa.

— Por que você está aqui? — Ele perguntou, olhando para a bandeja nas mãos dela, e pensando se ela iria atacá-lo.

— Eu precisava de algumas coisas da mercearia. Eu sei que o Courtyard está fechado, mas já que eu tenho um passe, eu não achei que ninguém se importaria.

Não era uma mentira, mas não toda a verdade. — É de manhã, e você trabalha no período da manhã. Por que está aqui agora?

A resposta era a causa de ambos: ferida e raiva.

— Eu recebi uma licença sem vencimento por ausência, — disse Ruthie.

Simon inclinou a cabeça. — Por quê? — Em seguida, ele considerou o problema em Talulah Falls, o problema na Universidade de

Lakeside, e os homens batendo em Merri Lee. E ele soube. — Eles não querem você porque você vem para o Courtyard?

— Sim.

— Então por que você veio?

— Porque eu acho que essas pessoas são míopes, — ela respondeu com um tom mordaz. — Ser humano não nos dá o direito de pegar o que não nos pertence. E eu tenho lido algumas de suas histórias e comparando com as nossas.

Sério? Talvez ele devesse ter prestado mais atenção em Ruthie com as leituras *especiais* do HBL. Ou será que ela estava pegando emprestado da Biblioteca da Praça do Mercado? Ela poderia ter feito isso também.

— Pelo que posso ver, se um ser humano mostra um produto ou alguma invenção que beneficia os *indigenes da terra*, tanto quanto beneficie os seres humanos, vocês podem concordar em liberar os recursos necessários para produzir o produto, ou construir a invenção. Desde que nós valorizemos o mundo, muito mais que os produtos ou o lucro, assim vocês acabam não liberando o máximo de matérias-primas quando os seres humanos necessitam, e eles estão sempre se ressentindo de vocês por isso. Mas eu não tenho culpa pelas falhas humanas.

Sua própria espécie tentava dar um fim nela, da mesma forma que os humanos haviam expulsado os Intui por fazer pactos com os *indigenes da terra*. Como ele poderia usar isso para beneficiar o Pátio, bem como a Ruthie?

— O que você faz? — Perguntou.

— Eu sou... Era... Uma professora. De crianças mais jovens.

— O que você ensina?

— As coisas habituais. Aritmética, ortografia, impressão e escrita cursiva, história, literatura, os conceitos básicos de utilização de um computador...

— Nós já temos professores para essas coisas, — ele disse, mais para si mesmo do que para ela. Ok, eles não tinham alguém que poderia ensinar coisas de computador para os juvenis.

— Neste momento, estou apenas à procura de um emprego para ajudar a pagar as contas, — Ruthie disse rapidamente. — Não tem que ser um trabalho de ensino.

Ninguém no mundo humano iria contratá-la? Simon se perguntou, estudando-a com mais interesse. Não era provável. Não agora. Mas ele poderia ter um bom uso de um humano que compreendia o mundo humano e poderia ser confiável para não enganar um inexperiente *indigene da terra*.

— Eu vou pensar sobre o que você pode fazer aqui, — ele disse. Ele começou a se virar, então parou. — Por hoje, verifique com Heather. Veja se ela precisa de alguma ajuda para fazer os pedidos ou abastecer as prateleiras.

— Obrigada, Sr. Wolfgard.

Ele voltou para a HBL, pensando no encontro da noite passada e as possibilidades que a contratação de Ruthie poderia proporcionar.

Os *indigenes da terra* que moravam em Pátios, geralmente permaneciam por alguns anos antes de voltar para o país selvagem, deixando um grupo mais novo entrar para lidar com os seres humanos. Ontem à noite, os Outros que tinham abandonado o Courtyard de Talulah Falls anunciaram que eles voltariam. Eles caíram em um jogo duplo, encontrando-se com os macacos. Eles derrubaram o governo humano por não cumprir suas promessas e permitir que os moradores da cidade fizessem o mesmo. Este embate contra os humanos deveria ter vindo mais cedo e deixado menos sobreviventes.

Mesmo os Corvos, que eram normalmente entusiasmados sobre a vida em torno das cidades humanas, não queriam ficar em Talulah Falls. Todos estavam se encaminhando para o país selvagem. E não seria provável que eles entrassem em contato com qualquer coisa humana, e nem com um assentamento *Intui* pelo resto de suas vidas.

Animosidade demais contra os seres humanos. Ressentimento demais. E, sim, os Outros em Talulah Falls tinham sentido alguma inveja dos *indigenes da terra* que moravam na Ilha Grande. Eles não lutavam com os seres humanos o tempo todo por uma parte da colheita ou carne. Eles não entravam em *curto-circuito* quando os seres humanos não entregavam as mercadorias que os Outros tinham direito a receber.

Simon tinha escutado essa frustração, e vinha de muito tempo. Ele não tinha sentido essas mesmas coisas quando começou a liderar esse Courtyard? Quantos seres humanos trabalharam na Associação Empresarial do Courtyard, quantos foram contratados e demitidos nos últimos anos? Quantos achavam que poderiam enganá-lo, e uma vez que percebiam que só por não saber sobre algumas coisas humanas, não era o mesmo que achar que um *indigene da terra* fosse estúpido ou ingênuo ou fácil de enganar?

Os novos líderes do Courtyard de Talulah Falls se reuniram, e aqueles que poderiam passar por humanos seriam os que iriam falar com o governo humano. A maioria deles foi escolhida por sua capacidade e vontade, para endurecer os macacos com as regras do momento ou acordos que fossem quebrados.

Muitos *indigenes da terra* tinham pouca ou nenhuma experiência em morar em um Pátio. Muitos tinham pouca, ou alguma formação em lidar com os seres humanos numa base diária. Os líderes enviaram para a faculdade *indigenes da terra* para adquirir compreensão de negócios e as noções básicas do governo humano. Mas isso não era o mesmo que se sentir confiante de que você pode fazer; as coisas simples no mundo humano.

Alguns Outros que moravam em torno dos Lagos Etu e Tahki visitaram o Courtyard de Lakeside recentemente para ver o mercado e fazer compras sem a tensão que normalmente azedava a experiência. Os seres humanos que encontraram foram educados e prestativos, e eles queriam visitar novamente e aprender mais. Será que Simon estava disposto a deixar o mercado Lakeside ser usado como um campo de treinamento?

Simon estava disposto, e quando ele e Henry deixaram a reunião, ambos prometeram conversar com a Associação Comercial sobre essa ideia de usar o Courtyard de Lakeside para ajudar outros *indigenes da terra* a aprender a interagir com os humanos.

Talvez fosse melhor se os clientes humanos parassem de vir para HBL e a Bite, Simon pensou quando abriu a porta de trás do HBL. Com a ajuda de Meg e sua matilha humana, o Courtyard de Lakeside poderia tornar-se um centro de treinamento para os jovens indigenes da terra se sentirem seguros em aprender com seres humanos confiáveis. Não foi assim que os negócios entre nós começaram em primeiro lugar?

Ele encontrou Heather na frente da loja e disse-lhe para encontrar algo para Ruthie fazer se ela procurasse trabalho. Então ele foi até o escritório e fechou a porta. Vlad podia entrar por debaixo da porta ou através do buraco da fechadura. Simon não estava preocupado em ser ouvido pelo Sanguinati já que Vlad já sabia por que esses telefonemas tinham que ser feitos.

Tomando o seu lugar atrás da mesa, Simon fechou os olhos por um momento. Um grande risco, especialmente quando ele dissesse aos líderes do Centro-Oeste sobre a origem das drogas que havia criado tantos problemas na sua parte de Thaisia. Mas ele iria equilibrar os participantes do Centro-Oeste nesta reunião, com alguns dos Outros que moravam no Alto Nordeste. Os *indigenes da terra* de lá não foram tocados pelas drogas, ainda.

Não importava o que fosse acontecer, não importa quem mais poderia ser perdido, ele não iria deixar nenhum *indigene da terra* matar Meg.

O nevoeiro se dissipou no rio Talulah. A travessia da barca que ligava o continente e o porto Ferryman retomou a sua programação diária, com a equipe mantendo um olhar atento sobre o tempo. Eles estavam transportando os moradores que ficaram presos no lado errado

do rio, bem como todas as mercadorias, pacotes e correspondências que estavam empilhadas.

Águias subiam e desciam, e os Corvos se empoleiraram aqui e ali sobre os vasos, com suas penas pretas fazendo a segurança para os passageiros e tripulantes. Mas os barcos de pesca ficaram ancorados, e nem mesmo os moradores de Porto Ferryman ousaram sair na água. Cada vez que um barco de Talulah Falls tentava escapar, um funil aparecia no rio e puxava o barco para baixo. Todas as noites, enquanto o sol se punha, uma tempestade de granizo, neve pesada e ventos fortes golpeavam a área. Durante dias, a tempestade chegava ao entardecer e o céu azul, com sua luz do dia brilhante, era uma lembrança dolorosa do que os seres humanos poderiam perder se eles tentassem tomar o que não lhes pertencia.

Na manhã de Earthday, James Gardner encontrou um pônei cinza manchado do lado de fora de seu celeiro, esperando ser alimentado. Então James alimentou o animal e abriu a porta de uma baia vazia. O pônei estabeleceu-se muito bem, como se ele sempre tivesse vivido lá, entrando e saindo quando queria, seguindo Lorna Gardner em torno das plantações sempre que ela saía. Finalmente, ela cortou uma maçã e deixou seus filhos alimentarem com alguns pedaços o pônei, e ele parecia satisfeito com o tratamento.

Na manhã seguinte, James fez algumas ligações para outras pessoas *Simple Life*, perguntando se alguém tinha perdido um pônei cinza. Quando Ming Beargard passou na estrada, ele fez a mesma pergunta. Beargard disse: — Névoa não está perdida; está esperando.

No caminho para casa, James parou em casa de amigos, e eles espalharam a palavra em toda a comunidade *Simple Life* que os Elementais ainda não terminaram com a Ilha Grande, o rio, ou Talulah Falls.

Quando Roger Czerneda fez sua patrulha ao redor da ilha, verificando os agricultores, James disse a ele também.

Enquanto a tempestade em torno de Talulah Falls diminuía na noite de Moonday, um punhado de delegacias de polícia de Falls

encontrou cestas na calçada. A cesta deixada do lado de fora do escritório do prefeito continha a cabeça e a carteira de um homem que foi identificado como o proprietário da casa onde o Sanguinati e mais quatro humanos foram massacrados.

Na manhã de Sunday, um homem chorando sobre um rádio comunitário, contatou a delegacia de polícia de Ferryman e pediu para que alguém, qualquer um, entregasse uma mensagem: os sobreviventes em Talulah Falls queriam negociar com os *indigenes da terra*.



CAPÍTULO 19

NA MANHÃ DE WINDSDAY, Steve Ferryman e Jerry Sledgeman estavam situados na amurada da balsa. Eles tinham céu claro e águas calmas, e uma abundância de moradores da Ilha Grande tinha ido na doca nesta manhã para levar os pacotes para a metade do continente da aldeia e pegar as entregas previstas.

Lois Greene, o editor da *Ilha Grande Reporter*, tinha feito uma edição especial ontem com uma lista de medidas de emergência na primeira página, garantindo a Steve que iria chamar a atenção de todos os adultos em Porto Ferryman. Assim, ele não ficou surpreso ao ver a pilha de mochilas durante a noite na doca, pronto para fazer a viagem de retorno na balsa para a Ilha.

A profecia atualizada que Simon Wolfgard enviou por e-mail para ele fez sua pele arrepiar. E ser informado de que um dos cavalos dos Elementais, - na sua forma pônei gordinha - estava hospedado na fazenda Gardner “*esperando*” era razão suficiente para descobrir que tudo o que estava vindo não iria passar por eles.

— Você está bem para fazer esta entrega? — Steve perguntou enquanto eles caminharam para fora da balsa com três recipientes de plástico.

— Claro, — Jerry respondeu. — Só gostaria de ter mais carga para justificar o uso da gasolina.

— Se as coisas ocorrerem da maneira que eu espero que ocorra, esta será a menor entrega que você vai fazer para Lakeside. E pelo menos alguns dos adolescentes que estão à procura de trabalho neste verão

terão empregos, porque as empresas de aldeia irão precisar de mãos extras.

Eles armazenaram os recipientes na van que estava estacionada na área de entrega da doca.

— Vamos ver o que vai acontecer. — Jerry fechou as portas traseiras do furgão e deu a volta para a porta do motorista. — Eu vou te avisar quando voltar.

Steve observou o carro de Jerry partir. Em seguida, ele voltou para a balsa, imaginando que ele pediria ao seu irmão, Will, uma mão para armazenar toda essa bagagem antes de correr até a livraria para pegar uma cópia do *Lakeside Notícias* para ler na viagem de volta para a ilha. Mas a pele entre as omoplatas de repente começou a contrair-se e coçar.

Ele olhou para o céu e para a água. Ainda clara e ainda suave.

Algo está vindo, pensou, vendo a forma como, de repente, endireitou-se e olhou para o céu e a água.

Antes de chegar a seu irmão, seu celular começou a tocar.

— Então Ruthie vai ser uma instrutora no Courtyard, ensinando os Outros como se dar bem no mundo humano, — Kowalski disse enquanto caminhavam para fora da estação de Chestnut Street. — Como o que nós vimos um tempo atrás na Bite, só que mais formal. Eles não pagam tanto em dinheiro humano como seu emprego de professora pagava, mas eles dão créditos para as lojas na Praça do Mercado, e nós vamos fazer tudo certo.

Ele ouviu algo diferente sob as palavras otimistas, Monty estudou seu parceiro. — Você tem um problema com seu trabalho no Pátio?

— Eu? Não. Mas nós tivemos um jantar com os meus pais na noite passada, e meu pai disse que ele escutou um murmúrio no trabalho dele dizendo que as pessoas que ajudam os Outros são traidores de sua própria espécie. Meu irmão está participando da faculdade de tecnologia,

e ele ouviu a mesma coisa. — Kowalski hesitou. — Eu ainda acho que trabalhar com os *indigenes da terra* é a melhor escolha no final, mas...

— Mas você está preocupado com a segurança de Ruthie?

— Sim. Mais ainda depois do que aconteceu com Merri Lee. E algumas amigas de Ruthie, que a conhecem desde a escola, não querem mais ser amigas dela, porque ela passa o tempo no Pátio ajudando os Outros. E agora com tudo acontecendo em Talulah Falls... Todos os programas de televisão estão comentando sobre que direito os *indigenes da terra* têm de ditar como governar uma cidade humana.

— Eles podem ditar os termos, porque a alternativa será a destruição da cidade, — Monty respondeu calmamente. — E como eu o entendo, Talulah Falls não é mais uma cidade controlada pelos humanos. O governo, como ele pode ser, vai estar lá para manter os serviços públicos e agir como um elo entre a população humana da cidade e os Outros agora no comando do Pátio.

— Eu acho que ainda não está estruturado ainda, — disse Kowalski. — Falls é agora um assentamento humano em território dos Outros e *são eles* que fazem todas as regras, além de decidirem a punição, se alguma regra for quebrada.

As estações de rádio mal tocavam duas canções em sequencia esta manhã sem repetir a notícia especial: *como parte das negociações com os indigenes da terra, todos os altos funcionários do governo em Talulah Falls foram obrigados a se demitir e deixar a área.*

Os Outros não estavam apenas tirando o status e o poder que essas pessoas tinham; eles estavam atingindo qualquer um que consideravam adversários. E os *indigenes da terra* que administrariam esse Courtyard, seriam uma nova liderança que já não foi *contaminada* pelo contato prolongado com os seres humanos. Uma administração limpa. Um novo começo. A última chance para Talulah Falls continuar a ser um lugar onde os seres humanos poderiam viver, mesmo que não fosse um lugar onde poderiam fazer o que quisessem.

As notícias não mencionaram essa parte, assim como as vagas notícias sobre as pessoas que estavam mortas ou desaparecidas em Falls.

Se não tivermos cuidado, haverá muito mais seres humanos entre os mortos e desaparecidos, pensou Monty. — Diga-me uma coisa, Karl. Quantos *indigenes da terra* estão neste continente que tenha qualquer contato com os seres humanos? Como uma estimativa, figurando em cada cidade, vila, aldeia e assentamento humano localizado profundamente no país selvagem.

Kowalski não disse nada por um minuto inteiro. — Cinco por cento? Poderia ser menos do que isso.

— Tem de haver milhões de *indigenes da terra* morando em Thaisia, centenas de milhões, talvez mesmo milhares de milhões, morando em todo Namid. Apenas uma pequena percentagem deles já viu um ser humano, e um percentual ainda menor não tem nenhum interesse em nos ver, somos nada além de carne. — Monty sorriu severamente. — Nossos antepassados mostraram aos Outros como tecer, como construir uma cabana, como cultivar, como construir um barco e capturar peixes, como apagar um incêndio. Eles aprenderam tudo o que eles realmente precisavam de nós há séculos. Toda a nossa tecnologia, todos os nossos aparelhos. Que interesse os *indigenes da terra* que moram além do alcance dos humanos tem realmente nessas coisas?

— Não há muito interesse quando você coloca dessa forma, — disse Kowalski.

— Eu fico pensando sobre os seres humanos do movimento Humanos, Primeiros e Últimos. Eu continuo me perguntando se algum deles já deu alguma atenção para a história do nosso mundo e na história de Thaisia em particular.

— E quanto a isso?

— Na maior parte do tempo, os Outros deixam os seres humanos sozinhos, até que as nossas ações os forcem a se tornar consciente de nós.

Não havia muitas encomendas, Meg pensou. Não havia muitas entregas. Muito de nada, apenas espera.

Ela puxou uma cópia de *Natureza!* Da pilha de revistas que pegou na Howling Boas Leituras. Não havia mais ninguém fornecendo as imagens que iriam ajudá-la a identificar o que ela via em uma profecia. Ela não tinha mais acesso às pastas grossas de imagens. Mas ela podia começar a criar o seu próprio conjunto de pastas de imagem. Então quando olhasse uma profecia, ela poderia ter uma referência para o que ela tinha visto.

Além disso, as fotografias coloridas tiradas das criaturas de todo o mundo a fascinavam. Ela só tinha que se lembrar de limitar o número de novas imagens que ela absorvia todos os dias das revistas. Ela não tinha que ficar perturbada com a sobrecarga, Merri Lee tinha avisado que era normal, e ela olhava para algumas novas imagens e, em seguida, marcava como uma revista que já tinha visto. Era tranquilo, especialmente já que ela absorvia as novas imagens na sua rotina diária.

O Courtyard estava mudando, deslumbrando-a com as flores que floresciam no dia e no seguinte, com os galhos das árvores inchados com os gomos de folhas novas e, em seguida com o verde exuberante. Todos os dias, ela dirigia pela estrada familiar, como se fosse um novo lugar. Ele se encantava animada, mas ela tinha que admitir que o alívio de estar em seu próprio apartamento era quase doloroso algumas noites.

Uma *Cassandra de Sangue* poderia absorver tanta coisa nova e estranha antes de sua mente desligar. Será que sempre foi verdade que a necessidade de se cortar foi algo criado para que elas ficassem dependentes?

De qualquer maneira, ela provavelmente deveria mencionar esse entendimento recente sobre si mesma para Simon... Ou Henry, uma vez que o Urso iria, provavelmente, simplesmente aceitar as informações e não fazer um alarido sobre isso.

Ela não sabia quanto tempo estava olhando para uma foto de minúsculos sapos de cores brilhantes quando ouviu Nathan grunhir e um homem falar, — Olá?

Meg abriu a porta privada, e se aproximou do balcão na sala da frente. Um homem grande estava na porta. Ele estava com três recipientes plásticos retangulares e um envelope pardo.

— Meg Corbyn? — Perguntou.

Nathan rosnou mais alto com a menção de seu nome. Ela não podia ver o Lobo, o que significava que ele estava bem na frente do balcão e pronto para atacar.

— Sim, eu sou a Meg. — Ela não reconheceu o homem ou a van, e ela não tinha pedidos nos últimos dias. Ela achava que ninguém no Pátio tinha. O ônibus foi até a Praça algumas vezes, mas apenas um punhado de *indigenes da terra* saiu para fazer compras, e Henry, Vlad ou Nyx estavam entre os Outros que fizeram a viagem, um lembrete do por que os humanos precisavam se comportar.

— Eu sou Jerry Sledgeman, *Entregas Sledgeman*. Tenho uma entrega para você, com os cumprimentos de Steve Ferryman na Ilha Grande. Posso colocá-los em cima do balcão para que eu possa mostrá-lhe a papelada?

— Oh. Sim. É claro. — Quando Jerry não se moveu, ela acrescentou: — Está tudo bem, Nathan. Eu estava esperando essa entrega.

Nathan se afastou apenas o suficiente para dar espaço a Jerry na extremidade do balcão.

Jerry colocou os recipientes no balcão. Dando uma olhada em Meg, ele trocou os dois recipientes do topo para acomodar no balcão e para que ela pudesse ver as informações impressas gravadas nas tampas.

— Padaria do Eamer? — Perguntou Meg.

— As duas irmãs, Mary e Claire, fizeram a maior parte do cozimento, — Jerry disse. — Tem outra boa padaria em Porto Ferryman, mas a especialidade deles são pães e pãezinhos e coisas assim. Bom pão, mas quando Steve conversou com algumas pessoas sobre os biscoitos especiais para Lobos, Mary e Claire foram as que queriam fazer uma tentativa. Elas -

Meg bateu com a mão em um recipiente, quando Nathan fez uma estocada com o focinho.

— Nathan! — Ralhou. — Se você colocar uma garra nesses biscoitos, você não vai ganhar nenhuma migalha!

Nathan saltou para longe, olhou para ela por um momento, e uivou.

— Oh, pelo amor de Deus, — disse Meg. — Não seja um filhote! *Uivo!*

Outro Lobo respondeu a Nathan. E outro. E outro.

Observando que a cor no rosto de Jerry foi drenada, Meg tirou a tampa de um recipiente e pegou um biscoito. — Aqui. Aqui, aqui, aqui, pegue! — Oh! É a forma de uma vaca. Que bonito. — Ela tomou um momento para absorver a imagem.

Nathan bateu as patas dianteiras sobre o balcão. Apesar de sua velocidade, Meg percebeu quão cuidadosamente ele pegou o biscoito na mão dela.

— Os biscoitos em forma de vaca são, provavelmente, sabor de carne, — Jerry disse. — Claire disse que elas tentaram diferentes sabores. Está explicado no documento.

Ela observou Nathan levar o biscoito até a cama Lobo acomodada ao lado do escritório. Ela também notou que, apesar de parecer preocupado com o seu deleite, sua atenção estava em Jerry Sledgeman.

Antes que ela pudesse abrir o envelope, a porta dos fundos bateu e Simon gritou: — Meg! — Ele correu para a sala da frente, quase a derrubando para alcançar o balcão quando se concentrou no macho humano.

— Está tudo bem, — Meg disse ao mesmo tempo em que Simon disse: — Sledgeman?

— Sr. Wolfgard, — disse Jerry, passando um dedo contra seu boné. — Trouxe uma entrega.

Meg percebeu o leve tremor na mão de Jerry e o brilho de suor em seu rosto. E ela notou três Lobos parados em frente à porta do escritório. Ela nunca tinha visto ele na forma de lobo, mas ela apostaria

que Blair era aquele olhando para o humano desconhecido. Os outros dois pareciam mais jovens, e um quarto Lobo, que tinha suas patas sobre a janela e estava observando Nathan comer o biscoito, era definitivamente um juvenil.

— *Arroooo!* — A única vocalização do jovem na janela rapidamente se tornou um refrão.

Agarrando um punhado de biscoitos em forma de vaca, Meg passou por Simon e abriu o ferrolho do balcão, lhe dando acesso a sala da frente. Os Lobos do lado de fora estavam apoiados o suficiente para deixá-la passar parcialmente pela tampa do balcão.

— Aqui, — ela disse. — Peguem um biscoite e parem de fazer barulho.

Os Lobos juvenis pegaram os biscoitos e se afastaram. Blair olhou para ela um longo momento antes de pegar o último e se afastar.

Quando ela voltou para o balcão, Meg estreitou os olhos para Nathan.

Tritura, tritura. Havia uma satisfação presunçosa no som.

Simon abriu o envelope e o resto dos recipientes. Ele levantou um biscoito.

— Biscoitos com sabor de humanos? — Ele parecia satisfeito.

Nathan levantou suas orelhas e disse: — *Arroooo?*

A pouca cor que o rosto de Jerry tinha recuperado foi drenada novamente.

Meg olhou para os papéis. — Os redondos são de camomila. Eles são calmantes.

— Calmantes? — Um fio de algo escuro e ameaçador na voz de Simon.

— O chá de camomila é calmante, — disse Meg, olhando para o resto da informação que a padaria tinha enviado. — Eu gosto de beber à noite.

Simon a estudou. — Você gosta?

— Sim. — Ela espiou nos recipientes. — Ok, os biscoitos em forma de vaca têm caldo de carne para dar sabor. Os em formato de favo são de mel. Henry pode tentar comer um desses. O... O que é isso?

— Peru, — Jerry e Simon disseram.

— São biscoitos com sabor de aves. E esses são os de camomila. A padaria gostaria de saber se agradou e se gostaram do sabor e da textura. — Meg pegou os papéis novamente, então olhou para Jerry. — Eu não vejo nenhuma fatura.

— Estas são as amostras para ver se nós podemos produzir o que você está procurando, — disse Jerry. — Depois disso, você pode conversar com Mary e Claire sobre os pedidos e os preços e tal. — Ele olhou para Simon. — E Steve vai precisar falar com você sobre a possibilidade de aumentar o subsídio da Ilha para os ingredientes.

— Vamos ver como isso vai, e então eu vou falar com ele, — disse Simon.

— Não. — Quando eles olharam para ela, Meg apontou para a porta da frente. Os três jovens estavam de volta e o rangido dentro do escritório tinha parado. — Podemos ter uma regra que você não pode uivar como uma forma de coerção?

Simon olhou para os jovens, e imediatamente parecia mais suave. Depois se virou para Meg. — Se eles estão te irritando, apenas morda o focinho deles.

Jerry tossiu.

Meg suspirou. — Eu não acho que isso vai funcionar para mim. — Retirando sua prancheta e caneta, ela anotou as informações de Sledgeman, pegou o cartão de visita de Jerry e prendeu tudo.

— Você tem um minuto? — Simon perguntou a Jerry.

— Claro, — Jerry respondeu. Ele tocou no boné novamente. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Corbyn.

— Obrigada. — Ela olhou para Simon. — Já posso levantar as coisas?

— Não, — ele disse ao mesmo tempo em que Nathan ficou de pé.

Ela pensou que seria essa resposta. — Então você leva os biscoitos para a sala de triagem.

— Por quê?

— Para que eu possa classificá-los. — Se os recipientes não estivessem na sala que estava fora dos limites para todos os outros, o chão da sala da frente ficaria repleto de biscoitos e Lobos em minutos. Não que ela fosse dizer isso para o Lobo dominante, especialmente quando foi um presente humano.

Ele deve ter imaginado isso, porque ele resmungou: — Eu quero tentar comer alguns deles.

— Eu vou fazer pacotes de amostras. Se nós vamos encomendar biscoitos recém-assados, eu preciso saber quais os sabores são preferidos e quantos Lobos vão escolher o seu preferido.

Ele olhou para os recipientes. — Quanto tempo eles podem durar?

Meg encolheu os ombros. — Eu acho que vi algo na papelada sobre ser capaz de congelá-los. Eles não vão durar tanto tempo como os bolinhos do cão que eu pedi para o Palace Pet, mas eles devem durar alguns dias. Por quê?

Ele gemia baixinho. — Vai haver um encontro aqui em alguns dias. Eu gostaria de ter algum destes para isso.

Um encontro que deixou Simon desconfortável? Mas ele não foi aquele a emitir os convites? — Vou deixar reservado o suficiente para a sua reunião.

Voltando à sala da frente, ele saltou sobre o balcão e saiu com Jerry Sledgeman.

— Que tipo de reunião ele vai fazer aqui? — Ela sussurrou para si mesma.

Suas costas se encheram com aquela sensação de alfinetadas e agulhas que indicavam que a resposta poderia ser encontrada na profecia. Rangendo os dentes, ela esperou que o sentimento desaparecesse. Em seguida, ela ligou para um par de lojas na Praça do Mercado para encontrar os pequenos recipientes que ela queria.

Steve observou outro ônibus cheio de crianças entrar na doca.

Momentos antes, ele teve essa sensação desconfortável, e ligou para a escola de ensino médio e os proprietários das duas creches no lado continental de Porto Ferryman porque, de repente ele teve um mau pressentimento. Em seguida, sua tia Lu ligou para dizer que estava em seu barco, e pronta para qualquer coisa que ele precisasse. Em seguida, seus pais ligaram para lhe dizer que eles estavam trazendo a barca mais cedo que o horário normal. Então Roger Czerneda entrou na doca, dirigindo o novo carro de patrulha preto e branco oficial da Ilha Grande, com suas luzes piscando e sirenes. Os outros veículos que eles utilizavam para os negócios eram carros comuns. Coisa engraçada, pois todos os carros, menos um, também estavam no lado continental do rio naquela manhã.

Algo está vindo, ele pensou, esfregando a parte de trás do seu pescoço. *Esconda as crianças*.

Não houve qualquer debate sobre onde escondê-las. De tudo o que foi dito, indicava que a Ilha era o único lugar. E só para ter certeza, a barca não daria passagem para qualquer um que não fosse residente da aldeia.

Se o ataque fosse destinado a acontecer em Porto Ferryman, ele teria que atingir a parte continental da aldeia. Os Sanguinatis estavam vigiando as costas norte e leste perto das fazendas Simple Life. O Beargard estava observando à costa ocidental, enquanto Ming Beargard guardava as docas. As Águias estavam no ar, observando o rio e as estradas que conduziam para Porto Ferryman. Os Corvos estavam espalhados por metade do continente da aldeia, observando carros e pessoas, prontos para soar um alarme se eles avistassem um estranho. O Foxgard e o Coyotegard se espalharam para manter uma vigilância no perímetro em torno da metade das aldeias da Ilha. Mesmo o Owlgard estava lá fora, vigiando.

Todos estavam tão preparados quanto poderiam.

Steve levantou a mão em saudação quando Jerry Sledgeman parou em uma vaga de estacionamento nas proximidades. Antes de Jerry sair de sua van, Roger Czerneda parou na Main Street e estacionou no lado oposto.

— Deuses acima e abaixo, o que está acontecendo? — Disse Jerry, apontando para os ônibus amarelos entrando na barca.

— Você não viu nada de anormal em Lakeside? — Perguntou Steve. Com Talulah Falls ainda sem comunicação, não havia muitas maneiras de chegar àquela aldeia, exceto algumas pequenas estradas de terra, ainda sem asfalto, e que eram muito estranhas para conseguir identificar. Se alguém seguisse pela estrada que corria ao longo da margem do Lago Etu, essa pessoa iria chegar à cidade de Lakeside antes. Por que não parar por lá? Um estranho poderia desaparecer mais facilmente em uma cidade.

Então a polícia da beira do lago estava ciente do potencial para problemas, e uma força policial da cidade tinha todas as ferramentas para verificar matrículas e carteiras de motorista de uma pequena vila, algo que Porto Ferryman não tinha. Eles provavelmente ainda tinham alguns dos carros de patrulha com câmeras, onde se poderia tirar uma foto para fazer uma identificação. Equilibrando isso com um Oficial de polícia, recém-contratado, e um punhado de forças de paz a tempo parcial, Porto Ferryman poderia ser um alvo mais fácil.

— Simon Wolfgard me fez a mesma pergunta sobre a Ilha Grande, — Jerry respondeu, olhando ao redor. — Claro, eu não sabia sobre isso quando ele perguntou.

— Estamos movendo as crianças para a Ilha. Muitos de nós tivemos um mau pressentimento depois que você saiu.

Ele não teve tempo para fazer nada além de responder perguntas, dar alguns telefonemas, e ajudar a carregar suprimentos extras na balsa. Assim que o último ônibus entrasse na barca, ele ligaria para Wolfgard. Pelo o que ele podia dizer, nenhum dos *Intui* teve uma premonição sobre qualquer lugar além Ilha Grande e sua própria aldeia, mas sem o aviso da profecia de Meg Corbyn, eles não teriam

sabido *por que* todos estavam se sentindo desconfortáveis, ou o que fazer para proteger seu próprio povo. Parecia justo dar aos Outros do Lakeside algum suporte.

— Por que isso vem para Porto Ferryman? — Perguntou Jerry. — O que tem aqui, que não é facilmente encontrado em qualquer outro lugar no Nordeste?

Steve pensou sobre a pergunta e disse severamente: — Nós.

Meg não sabia o que pensar quando Blair Wolfgard, em forma humana, entrou no escritório do Liaison logo depois que ela retornou de sua pausa para o meio-dia. Ele tinha um jovem Lobo com ele, um dos jovens que responderam ao uivo de Nathan naquela manhã.

No momento em que o jovem a viu, ele se lançou para o balcão, calculou mal o salto, e ficou apenas com a sua metade dianteira na bancada, com as pernas para trás, riscando a base de madeira, em um esforço para puxar-se para cima e saltar.

Blair agarrou-o pelo pescoço e o puxou do balcão. — Você já ganhou o seu biscoito. Ela não vai lhe dar outro. — Então para Meg, — Este é o Skippy. Ele veio alguns dias atrás do Wolfgard das montanhas Addirondak e vai morar com o Wolfgard daqui agora.

Assim que Blair o soltou, Skippy foi imediatamente investigar o item de maior interesse para ele, a cama Lobo que Meg tinha encomendado do Palace Pet quando Nathan tornou-se o Lobo guardião do escritório. Skippy se jogou na cama, se esfregando e rolando.

— Se você fazer xixi nela, eu vou morder sua cauda, — Blair rosnou. — Ou Nathan vai.

Skippy, de costas, com as patas no ar, apenas olhou para Executor do Pátio e abanou o rabo.

O jovem Lobo tinha que ser um juvenil, mas ele parecia menos maduro do que Sam, que ainda era um filhote.

Ela não tinha nenhuma imagem de Lobos que pudesse usar para fazer uma comparação, mas havia algo acontecendo que ela não entendia.

Inclinou-se para Blair. — Ele sabe que não pode se mudar à vista dos seres humanos? Eu não quero explicar à polícia que um adolescente nu estava vagando ao redor da área de entrega. — Até agora, ela não tinha ouvido quaisquer chamadas sobre Nathan andar nu, sem roupas ou pêlos, mas ela não achava que teria a mesma sorte com Skippy.

Algo nos olhos de Blair. Pena? Aceitação?

— Ele é um Skippy, — disse Blair. — Eles não mudam de forma desde o momento do nascimento.

— Então o nome dele é Skippy¹...

— Porque ele é um skippy. Seus cérebros não funcionam muito bem e pulam as informações que eles precisam aprender. Se eles sobreviverem até a idade adulta, eles se acalmam e ficam muito bem. Mas a maioria deles não consegue sobreviver no país selvagem tempo suficiente para que os seus cérebros se recuperem. O Courtyard é mais seguro, e se a caça for mimada aqui por causa de um skippy, os filhotes da matilha não vão morrer de fome.

E os líderes da matilha não teriam que afastar um jovem problemático a fim de salvar os demais.

— Eu não tenho nenhum pacote para você, — Meg disse.

— Não estava esperando por um. — Blair não gostava de estar perto de humanos, mas ele gostava de mexer com coisas, especialmente com máquinas que poderiam transformar a luz solar e do vento em energia elétrica. Ela suspeitava que sua tolerância com ela fosse proporcional à sua diligência nas entregas das peças que ele encomendava para o seu projeto atual.

— Então você veio até o escritório para me apresentar o Skippy?

¹ Alusão a alguém que pula fases ou etapas.

Como executor do Courtyard, Blair exalava uma qualidade mais feroz do que Simon, e ela não tinha certeza se ele acreditava na regra “*Meg não é uma presa*”.

— Skippy vai ser o guarda Lobo por algumas tardes, — Blair disse.
— Ele está aqui para aprender.

Ha! Suspeitava que Skippy precisasse de um tempo para adaptação, e que foi eleito porque os Lobos no Pátio estavam ocupados.

— Nathan não vai mais ficar aqui? — Perguntou ela. Os entregadores já tinham se acostumado com Nathan, e ele os reconhecia. Isso significava que ele reagia apenas com alguém que ele não conhecia; como Jerry Sledgeman.

— Ele ainda vai estar aqui à maior parte do tempo, — respondeu Blair. — Mas eu preciso de Nathan esta tarde.

Os Lobos não eram geralmente possessivos com os objetos, mas Meg achava que um executor como Nathan não iria ficar feliz em compartilhar a cama com um bobão como o Skippy.

Mantendo a voz baixa, ela perguntou: — Devo pedir para o armazém geral da Praça do Mercado mais uma dessas camas para que Skippy e Nathan não tenham que compartilhar?

Ela observou a expressão irritada no rosto de Blair mudar para uma resignação constrangida quando Skippy, ainda de costas, com as patas no ar, começou um uivo feliz *arooeeooooo!*

— Sim, — disse Blair. — Você deve fazer isso.

No momento em que Steve Ferryman saiu do Burgers, ele se perguntou se ele e os outros adultos que tiveram um mau pressentimento naquela manhã tivessem cometido um erro. Os Corvos ainda estavam voando pela aldeia, e as Águias ainda subiam e desciam no ar. Roger Czerneda fez o patrulhamento no lado continental da aldeia durante horas enquanto Flash Foxgard e Ming Beargard vigiavam em torno das docas. Agora, Roger estacionou o carro de patrulha e se juntou a Steve.

— Almoço tardio? — Steve perguntou.

Roger assentiu enquanto lia o sinal. — Boa refeição no Burgers?

— Você ainda não comeu aqui?

— Eu tenho me familiarizado com as lojas da aldeia na Ilha.

— Estes são os melhores hambúrgueres na área do Lago Etu, —

Steve respondeu. — Não é possível levá-los para a Ilha, porque Burt tem fobia de água. E barcos.

— Você está brincando.

— Não. Eles fazem um ótimo rosbife de sanduíche também.

— Nesse caso, eu acho que eu vou entrar -

Caw, caw, caw.

— E almoçar, — Roger terminou.

Os dois homens observaram o carro entrando na Main Street e estacionando alguns metros de onde estavam. Steve observou a placa do carro do Meio Oeste e a maneira como os Corvos tomaram posição nas árvores próximas.

O homem saiu viu o redor e hesitou. Ele começou a caminhar na direção deles, assim que o celular de Steve tocou.

Mamãe sempre tem excelente timing. — Poderia me dar alguma ajuda, — ele disse rapidamente, afastando-se de modo que seria entendido como uma ligação pessoal e não de alguma forma ligada ao estranho.

— Steve, eu apenas tive essa estranha sensação. — Uma pausa. — Que tipo de ajuda?

— Você tem lápis e papel à mão?

— Sim.

É claro que ela tinha. — Anote isso. — Mantendo sua voz baixa, Steve deu-lhe o número da placa, a marca e modelo do carro. — Segure isso. Vou ligar de volta. — Ele terminou a chamada, assim que o homem chegou a ele e Roger.

Baixo. Janota. Pálido, com o cabelo cortado tão curto que quase não se notava os fios. Um sorriso doce.

Steve o odiou à primeira vista, mas ele congelou sua expressão — *ele carregava segredos* — e esperou. Ele tinha a sensação de que o homem realmente não queria falar com ele, e, sobretudo, não queria chamar a atenção de um policial. Mais uma razão para garantir que este estranho falasse com eles.

— Você está muito longe de casa, — Steve disse, fazendo um gesto para o carro dele.

O homem olhou para o veículo, em seguida, focou em Steve. — Ah! Sim eu estou. Uma viagem de negócios para várias cidades na Região Nordeste. Eu estava indo visitar Talulah Falls, eu ouvi muito sobre as cachoeiras de lá. Mas aparentemente tem havido alguns problemas, e ninguém além dos moradores são permitidos entrar, é verdade?

Voz carismática. Fácil de aceitar e, no entanto, estranhamente fascinante. Uma voz que sussurrava *pode confiar em mim* por baixo das palavras faladas.

— A televisão e as estações de notícias no Centro-Oeste não estão informando sobre isso? — Perguntou Steve.

— Eu não tenho prestado muita atenção. Às vezes essas coisas podem distrair para o que é realmente importante. Eu estava esperando falar com alguém em alguma posição de autoridade, qualquer um dos senhores poderiam me apontar na direção certa?

— Não há necessidade de apontar. — O espaço entre as omoplatas de Steve se contraiu. — Eu sou o prefeito desta aldeia, e meu amigo aqui faz parte da nossa polícia. — Ele esperou uma batida. — E quem é você?

— Phineas Jones.

Desejando que ele estivesse usando luvas e não ter que tocar na pele dele, Steve olhou para a mão estendida um momento muito longo antes de completar o aperto de mão.

— Qual negócio é o seu, Sr. Jones? — Perguntou Roger.

— Eu sou mais um representante filantrópico do que um comerciante, — Jones respondeu.

— Não há pessoas suficientes no Centro-Oeste interessadas neste esforço filantrópico, então você tem que dirigir todo o caminho até aqui?

São muitas milhas para viajar e cupons de gasolina a ser usados para um empreendimento. — Roger coçou a cabeça, em seguida, reassentou seu chapéu. — Claro, mas você poderia ter algum interesse alinhado, algo que faria a despesa valer à pena.

Um silêncio pesado. O sorriso doce de Jones não se alterou, mas de alguma forma parecia mais frio.

Bem no alvo, Roger, Steve pensou.

— Eu sou um especialista em um campo muito particular, — Jones disse finalmente. — E enquanto eu tinha a intenção de visitar as Cataratas e ver esta maravilha natural, eu estou aqui em Porto Ferryman por que... Bem, para explicar delicadamente, eu ouvi falar que uma menina tirou a própria vida no ano passado por causa de um vício, ela cortava sua pele. Alguns pais insistem que essas meninas vão superar esse comportamento, sem precisar tomar medidas para ajudar sua filha com ajuda profissional de que ela precisa. Estudos têm mostrado que, se uma garota é descoberta exibindo esse comportamento, existem várias outras na comunidade que ainda estão escondidas com sucesso, de seu vício. Os pais podem ver os sintomas sem entender o que estão vendo. Até que seja tarde demais.

Steve não achava que Phineas Jones perdesse muito, mas ele esperava que o homem não pudesse detectar sua inquietação.

— Eu acho que o incidente foi informado incorretamente, — disse Steve.

Um sorriso doce e frio. — Oh? Como assim? Uma menina pulou no rio e se afogou no ano passado. O que pode estar incorreto sobre isso?

— Não muito, só que ela não *pulou* no rio, ela *caiu* no rio. As correntezas são rápidas aqui. Muitas corredeiras. A maioria das pessoas que mora em torno da água sabe nadar, mas o rio leva um ou dois por ano. E pelo menos um barco a cada ano cai contra as quedas, se esfaqueando nas rochas. Você pode ter ouvido a notícia de que alguns tolos tentaram sair durante o tempo nublado há poucos dias. Há barcos de resgate e voluntários ainda tirando pedaços de barcos e corpos. É uma tragédia quando isso acontece, mas acontece.

— Talvez eu devesse falar com os administradores de suas escolas. Às vezes esse pessoal -

— Sr. Jones, — Steve disse agradavelmente. — Eu acho que você deve voltar ao seu carro e ir embora. Não importa o que lhe disseram. *Eu estou* lhe dizendo que isso é o mais perto que você vai chegar de qualquer criança em Porto Ferryman.

— Os filantropos apenas querem ajudar essas meninas, — disse Jones. — Por que está tão na defensiva? Do que você tem medo?

Confie em mim. Quantos pais tinham lamentado ao confiar nessa voz?

— Eu tenho medo do Beargard que governa a terra por aqui, tanto quanto do Lakeside, — Steve disse, e sua própria voz ficou dura. — Eu tenho medo deles ficando ofendidos com um estranho cutucando o nariz onde não pertence e acabar jogando um ser humano dentro do rio por esporte. Você deveria ter prestado mais atenção ao que estava acontecendo em Talulah Falls, Sr. Jones. Este é o momento errado para você estar fazendo negócios em qualquer lugar ao redor dos Grandes Lagos. Você vai precisar de alguma ajuda para encontrar o seu caminho para fora da aldeia?

Outro silêncio pesado. — Não, — disse Jones. — Não, eu acho que tenho todas as informações de que eu preciso. Bom dia, senhores.

Observaram ele caminhar de volta para o seu carro, até entrar no carro. E Steve observava os Corvos voando para iniciar a retransmissão para o Crowgard, Hawkgard e Eaglegard, observando a saída do carro de Jones durante o tempo que podiam.

Finalmente Steve disse: — Oficial Czerneda?

— Sr. Ferryman?

— Phineas Jones não se parece com um tubarão sorrindo para você?

— Sim, ele parece. Ele certamente parece.

Steve assentiu tristemente. — É melhor eu ligar para Simon Wolfgard.

Ouvindo a batida, Meg abriu a porta traseira do Gabinete do Liaison e olhou para Merri Lee.

Como parte de seu treinamento, ela tinha visto vídeos de mulheres sendo agredidas, teve imagens estudadas de corpos e rostos agredidos. Ela tinha visto uma das meninas no Composto socar, bater e chutar a menina cuja pele não poderia ganhar o suficiente para justificar a manutenção dela. O Controlador tinha gravado essa sessão e havia mostrado muitas vezes, o suficiente para que a experiência real de ver uma menina sendo espancada até a morte perdesse muito do seu impacto.

Muito, mas não tudo.

Essas imagens assumiram um novo significado no rosto de uma amiga.

— Você se sente bem o suficiente para sair? — Perguntou Meg, dando um passo para o lado.

— Dr. Lorenzo disse para fazer poucas coisas nos primeiros dias e usar o bom senso, — Merri Lee respondeu quando entrou na sala. — Passou uma semana desde... O assalto. Fiquei no apartamento lendo livros e assistindo filmes nos primeiros dias. Agora estou me sentindo inquieta e quero fazer algo útil. — Ela hesitou. — Com a Bite ainda fechada, pelo menos para os moradores do Courtyard, Tess não precisa de mim agora. Eu me ofereci para ajudar Heather a preencher os pedidos de livros, mas ela está tão assustada com o que aconteceu comigo, que eu acho que ela não vai ficar confortável perto de mim até as contusões curarem completamente.

Meg entendia por que Heather ficaria chateada. O rosto de Merri Lee ainda estava se curando, de modo que o olho roxo e os hematomas pareciam muito ruins. A vida de Heather estava na parte humana da cidade, e ferimentos de Merri Lee era um lembrete cruel do que poderia acontecer a alguém rotulada como uma amante de Lobo.

Ao contrário de Heather, Meg não tinha qualquer razão para evitar Merri Lee porque ela não saía do Pátio e de sua proteção.

— Você acha que Tess nos deixaria lavar esses recipientes para a Bite? — Meg perguntou, apontando para os seis pequenos recipientes. — Eu tenho que arrumar esses pacotes de amostras de biscoitos de Lobo, mas há apenas uma pia do banheiro aqui.

— Eu poderia ajudá-la a levá-los para você, — disse Merri Lee.

— Obrigada.

O uivo *arooeeooooo* veio da sala da frente.

— O que é isso? — Perguntou Merri Lee, parecendo assustada.

— Isso, — Meg suspirou, — é o Skippy.

Assim que o seu mais novo amigo apareceu, Meg abriu os grandes recipientes de plástico. Blair não disse que ela *não poderia* dar ao jovem um biscoito. Ela estendeu a mão para um biscoito de vaca, então pensou por um momento antes de pegar um dos biscoitos de camomila.

Ela caminhou através do escritório até que alcançou o balcão na sala da frente. Mantendo o biscoito fora da vista, ela deu um tapinha no topo do balcão. — Skippy, coloque as patas dianteiras aqui.

Ele correu e jogou suas patas em cima do balcão, com o entusiasmo juvenil.

Ela levantou um dedo para chamar sua atenção. — Gentilmente, — ela ordenou. Então ela ergueu o biscoito.

Ele não estava crescido o suficiente para saltar sobre o balcão, e ele não poderia afastar o seu cérebro do biscoito, tempo suficiente para pensar sobre como fazer o que foi solicitado. Após falhar três vezes em segurar o biscoito, o comando da voz de Meg continuou firme, até que ele finalmente pareceu entendê-la. Na quarta vez que ela levantou o biscoito, ele conseguiu tirar da mão dela com muito cuidado.

Claro, ele também conseguiu pisar em sua própria pata em sua pressa para voltar para a cama Lobo e devorar seu deleite.

Meg suspirou e voltou para a sala de trás para esperar por Merri Lee. Um biscoito de camomila não faria mal para Skippy. E, se ele realmente se acalmasse, ela estaria fazendo um favor a todos, porque se

ela tivesse que ouvir mais uma hora daqueles ruídos dele, ela iria pegar a caixa mais pesada que ela pudesse levantar e iria batê-la na cabeça de Blair.

Se Skippy tivesse beliscado um de seus dedos...

Os alfinetes e agulhas rapidamente encheram a sua mão esquerda de forma tão feroz que queimava sob sua pele.

Skippy... E dentes.

Quando Merri Lee retornou, Meg já estava com tudo arrumado no banheiro. Skippy estava tão absorto com o seu biscoito, que ele não prestou atenção quando Meg fechou a porta privada e a trancou. Talvez fosse bom que Nathan não fosse o guarda Lobo esta tarde. Ele teria soado o alarme no momento em que ela trancou a porta, porque *ele* saberia por que ela estava tentando mantê-lo fora.

— Coloque essas caixas para baixo, — Meg disse, logo que Merri Lee entrou na sala. — Preciso da sua ajuda.

— O que há de errado com a sua mão? — Perguntou Merri Lee, colocando os recipientes limpos na pequena mesa redonda que funcionava como uma sala de jantar. — Por que você está esfregando tanto?

— Eu preciso me cortar. Eu preciso de você para escrever a profecia.

Merri Lee deu um passo para trás. — Meg, isso não é uma boa ideia. Eu não estou qualificada -

— Alguma coisa vai acontecer, — Meg exclamou.

— Vou ligar para Tess. Ou para o Henry.

— Não há tempo! — Meg ofegou em um esforço para manter o foco. — Eu não posso explicar como funciona. Agora não. Mas se eu não puder avisá-los, alguém vai se machucar!

— Deuses acima e abaixo, — Merri Lee murmurou. — OK. Tudo certo. O que eu preciso fazer?

— Tudo está pronto. — Meg correu para o banheiro, sentou-se no assento do vaso, que estava fechado, e abriu a navalha de prata. — Basta escrever tudo o que eu digo. E quando eu fizer o corte, diga, '*Fale*,

profetisa, e eu vou ouvir. 'Eu não lembro se o Controlador falava isso, mas sempre que Tess diz me ajuda a concentrar.

— Deuses acima e abaixo, — Merri Lee murmurou novamente.

Meg colocou a navalha sobre a sua mão esquerda, seguindo a sensação de alfinetadas e agulhas até que se tornou um zumbido centrado em seu dedo mindinho. Rangendo os dentes e lutando contra o desejo de cortar a pele, ela fez um corte preciso. Ainda apertando os dentes, ela colocou a navalha sobre a pia e engoliu a necessidade de gritar quando a dor agonizante, que era o prelúdio da profecia, a preencheu. Então ela ouviu as palavras que eram o sinal para falar, e dor mudou para euforia quando ela compartilhou as visões que derramavam em sua mente, enquanto seu sangue pingava na pia.

Quando voltou a si, Merri Lee estava olhando para ela.

— Uau, — disse Merri Lee. — Isso é fascinante para assistir, e também é meio assustador.

Meg olhou para longe.

— Desculpa. É só que... Uau. — Merri Lee soltou um suspiro. — Meg, temos que chamar alguém. Vamos enfaixar o dedo primeiro?

— Você não tem que ficar. Basta dar a Henry a profecia. Ele vai passá-la para Simon. — Não lhe ocorrera que um ser humano poderia pensar que ver uma profecia ser falada pudesse ser assustador. Talvez todos os clientes do Controlador se sentissem assim. Ou era diferente quando você estava pagando muito dinheiro para ser dito algo sobre si mesmo?

— Claro que eu tenho que ficar, — Merri Lee disse rapidamente. Ela abriu as torneiras de água, ajustando uma, depois a outra até a temperatura que ela queria. — Põe a sua mão debaixo da água.

Meg deixou a sua amiga lavar a mão e secá-la. Nenhuma das duas disse mais nada enquanto a pomada foi aplicada e o dedo mínimo cuidadosamente enfaixado.

— Chame Henry ou Tess, — Meg disse quando saiu do banheiro. Ela iria limpar a navalha em um minuto. — Simon não vai ficar feliz com isso.

Merri Lee deu a Meg um olhar estranho. — Você não se lembra de nada que você disse, não é?

Ela abanou a cabeça. — Para lembrar, a profetisa tem que engolir a profecia. Sem falar, — ela esclareceu.

— E isso dói.

— Sim.

Merri Lee acenou com a cabeça, pensativa. — Vou ligar para Henry. — Ela parou na porta da sala de triagem. — Meg? Desculpe-me, eu disse que era assustador assistir. E é de certa forma, mas eu gostaria de entender melhor. E eu gostaria de ajudar. — Ela fez uma pausa. — Eu tenho uma ideia. Vou ver se Lorne têm alguns catálogos e cartões com imagens no Três Ps.

Enquanto Merri Lee entrava na sala de triagem para ligar para Henry e Lorne, Meg limpou a navalha. Ela queria que ela estivesse fora da vista antes de qualquer um dos Outros irromper pela porta dos fundos do escritório.

Vlad entrou no escritório da HBL. — Outra reunião?

Simon permaneceu sentado atrás da mesa. — Seres humanos têm reuniões o tempo todo.

— Eu sei. Como é que eles conseguem fazer alguma coisa?

Ele não se importava muito se os macacos conseguiam fazer algo.

Tess, Henry e Blair entraram no escritório.

— Feche a porta, — Simon disse.

— Isso não pode ser bom, — Blair murmurou quando fechou a porta.

Não havia razão para meias palavras. — Steve Ferryman ligou hoje cedo, depois de Jerry Sledgeman fazer a entrega dos biscoitos. Muitos

Intui tiveram uma sensação ruim esta manhã, então eles levaram todas as crianças para a Ilha.

Blair assentiu. — Essa ligação foi o motivo que eu queria Nathan de guarda na área de entrega, em vez de estar dentro de Gabinete do Liaison.

Simon assentiu. — Ferryman ligou novamente há poucos minutos. Um homem chamado Phineas Jones apareceu em Porto Ferryman.

— Phin² — disse Tess. — Jones.

Simon assentiu. — Ferryman o chamou de um tubarão sorrindo.

— O que este Phineas Jones queria? — Vlad perguntou.

— Ele não chegou a dizer, mas Ferryman pensa que Jones está à procura de profetisas de sangue, — Simon respondeu.

— E o tubarão ainda está em Porto Ferryman? — Tess perguntou.

Simon balançou a cabeça. — Ferryman disse para ele ir embora. O Crowgard, Hawkgard e os Eaglegard vigiaram todo o caminho dele vindo na direção de Lakeside, em seguida, eles perderam o carro dele no tráfego. Devemos entender que ele pode aparecer aqui.

— Ligaremos para o Tenente? — Perguntou Blair. — Ele pode caçar esse Jones?

— Duvidoso, — Vlad disse. — Jones não é um nome incomum, e há uma abundância de hotéis, pousadas e B e Bs³ em Lakeside. Nós sequer sabemos como este homem parece, além de ser um tubarão sorrindo, o que eu acho que a polícia não vai achar útil.

— Ferryman me deu uma descrição básica, e ele e Czerneda estão trabalhando para fazer uma imagem de rosto de Jones, — disse Simon. — Uma vez que eles conseguirem, eles vão enviar essa imagem para nós e para o Tenente Montgomery. Mas eu acho que nós vamos ter que fazer essa caça. Sabemos que ele está aqui, e há apenas uma profetisa de sangue em Lakeside. — Ele olhou para Blair. — Você confia em Skippy de guarda no escritório do Liaison?

² Referência à palavra Fin (barbatanas), que também foi ouvida na profecia.

³ B e Bs - Bed and breakfast, casas que alugam quartos que oferecem cafés da manhã para turistas

— Mais ou menos, — respondeu Blair. — Ele não é muito bom como um guarda Lobo.

— Nathan não vai estar longe. Em dois dias, nos vamos nos encontrar com os líderes do Centro-Oeste, Nordeste e Alto Nordeste. Nós vamos manter as lojas do Courtyard fechadas para os clientes humanos, mas quero os *nossos* humanos trabalhando.

Marie Hawkgard vai ficar de guarda no HBL. Nathan deve fazer a ronda na área ao redor da Praça do Mercado, o Escritório da Liaison e o Consulado.

— Então eu vou também, — Blair rosnou. — Neste momento, a forma de ataque de Skippy é tropeçar em alguém com o seu entusiasmo para ver se eles têm alguma coisa para comer.

Houve uma batida frenética na porta antes de John abrir e enfiar a cabeça na sala. — Desculpe interromper, mas Merri Lee acabou de ligar e disse para Henry ou Tess virem até o Gabinete do Liaison imediatamente. Meg tem uma profecia.

Simon passou por todos na sala e esbarrou em John em sua pressa para descer as escadas, e sair pela porta traseira do HBL. Mas ele não era tão rápido quanto Vlad, que já tinha aberto a janela do andar superior, mudou para fumaça, e descia a parede exterior até o pavimento. No momento em que Simon chegou; Vlad já tinha voltado à forma humana e estava abrindo a porta traseira do escritório.

Eles entraram na sala juntos, seguidos por Henry, Blair e Tess.

Merri Lee soltou um latido assustado e saltou para longe da área de estar. Ela olhou para os Outros, então olhou para a mesa e disse: — Você não estava brincando quando disse que eles não levariam isso muito bem.

Simon girou pela sala, e encontrou Meg sentada em uma das cadeiras, parecendo um pouco pálida. Ela ergueu a mão esquerda, mostrando a todos eles um pequeno curativo em seu dedo mindinho.

Ele queria rasgar o curativo, queria ver a ferida e lambê-la para limpá-la. Procurando...

Um grunhido de advertência de Henry o impediu de dar um segundo passo em direção à mesa.

— Você está fazendo chá? — Tess disse.

Merri Lee concordou. — Hortelã para mim e camomila para Meg.

— Eu vou terminá-lo. Sente-se.

Quando Merri Lee não se moveu, Simon recuou tanto quanto ele poderia com Blair e Henry de pé atrás dele.

— Está tudo bem, Meg? — Vlad perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, depois olhou para Merri Lee quando ela tocou no bloco de papel sobre a mesa e a pilha de cartões de índice. — Diga a eles.

Merri Lee sentou na outra cadeira. — Eu não tinha certeza de como isso geralmente é feito, por isso fiz anotações extras.

— Palavras em primeiro lugar, — disse Henry.

Merri Lee olhou para sua lista. — Os dentes. Não! Sanduíche. Caveira e ossos cruzados. Vassoura. Rãs brilhantes. Braço. Tubarão. Chaleira.

Simon engoliu o desejo de rosnar, de uivar, e qualquer outra maneira de expressar o seu desagrado e frustração. As imagens como sempre eram enigmáticas. E os itens que não eram enigmáticos já tinham aparecido em outras profecias, e pelo menos um deles significava algo letal.

Tess trouxe as canecas de chá para a mesa. Ela olhou para o bloco de papel, em seguida, para os cartões e os catálogos. — O que são esses desenhos pequenos?

— Associações, — disse Merri Lee. — Não foram apenas as palavras. Meg fez gestos que pareciam ligados às palavras. Me fez lembrar de um jogo de imagens que eu costumava jogar quando era criança. Tentar fazer uma história a partir das imagens nos cartões, além de reorganizar a ordem delas para criar a melhor história.

Tess estendeu os cartões para revelar todos os desenhos. Então ela pegou o bloco de papel e trouxe-o para o resto dos Outros.

Simon olhou para o primeiro cartão e rosnou para o desenho com a cabeça de um Lobo que tinha algum tipo de símbolo sobre seus dentes à mostra. Ele sabia pela maneira que Merri Lee estava debruçada em si mesma, que o seu rosnado não estava ajudando, mas ele não podia evitar.

— Não há dentes? — Disse Vlad.

— Sem mordidas, — Merri Lee respondeu. — O símbolo do círculo e a linha significam 'não' ou 'não', e depois que Meg disse 'dentes' e 'não!' imitou morder alguma coisa.

— Eu imitei? — Meg parecia assustada.

— Você disse para escrever as palavras, mas eu percebi que os gestos eram importantes também. De modo que parecia que não pretendia morder. — Merri Lee bateu no cartão que tinha a cabeça do Lobo com o símbolo *não* desenhado sobre o focinho.

— Caveira e ossos cruzados significam veneno, — disse Tess, quando Merri Lee colocou o cartão com esse símbolo ao lado do cartão do Lobo. — Sabemos que a profecia de Meg salvou os pôneis. — Ela olhou para a lista. — Sanduíche? Isso não soa ameaçador. Nem o braço.

Pêlos surgiram nos ombros e nas costas de Simon. Tinha que ficar humano. Tinha que ficar no controle. Tinha de escutar e não gritar com Meg por não *chamá-lo*.

— Toda vez que ela dizia 'sanduíche', Meg fazia uma mímica espalhando algo em seu braço, — disse Merri Lee, os cartões de “sanduíche” e “braço” antes de “veneno”. Mas sanduíche não significa necessariamente alimentos. Pode significar algo em camadas se as visões não são sempre literais.

— Eu não sei, — Meg disse quando todos olharam para ela. — Eu não decifrava as visões, então eu não sei como eles trabalhavam.

— Rãs? — Perguntou Tess.

Merri Lee olhou para Meg e cutucou o cartão com uma rã no meio. — Quando eu fui para a sala de triagem telefonar para Henry, eu vi uma revista sobre o balcão. Estava aberta com uma imagem de rãs.

Vlad desapareceu e voltou com a revista. Ele leu rapidamente o artigo, e parecia sombrio. — Venenoso. Letal. A defesa contra predadores porque quando os devoram, o predador morre. Montgomery mencionou sapos venenosos que matam seus agressores.

Inclinando-se sobre a mesa, Henry reposicionou o cartão sapo ao lado da caveira e dos ossos cruzados.

— Não é possível colocar veneno em sua própria pele, — disse Simon. — Você se mataria ao fazer isso, não é?

— Sanduíche. — Tess colocou suas mãos sobre o espaço entre os cartões. — Duas camadas de proteção com o veneno espalhado no meio?

Todos olharam para a história feita a partir dos desenhos sobre os cartões. Em seguida, eles olharam para Meg.

— As meninas ficam amarradas na cadeira para o corte, então eu não sei como eu agia antes, — Meg disse. — Eu não me lembro de ter feito isso. Mas as cartas... — Ela tocou um cartão. — O controlador poderia ter feito algo assim, organizar as fotos em uma sequência que teria significado para o cliente.

— Talvez o tubarão esteja tentando morder e “não” será um aviso? — Disse Merri Lee. — Meg não mencionou um Lobo, apenas o tubarão e o sapo, e rãs não mordem. Pelo menos, eu não acho que elas fazem.

Ela não tem que falar de um Lobo, Simon pensou. Meg sabe quem seria mais propenso a morder um intruso. E o mesmo acontece com Merri Lee. — Steve Ferryman ligou. Sabemos que o tubarão é um ser humano chamado Phineas Jones.

— Sabemos? — Meg engasgou.

Ignorando-a, Simon colocou o desenho simples com uma barbatana e a cauda após os outros cartões.

— E se nós reorganizarmos as fotos? Veja se poderá encontrar outra história. — Disse Henry.

Henry colocou as fichas em uma ordem diferente. Merri Lee estendeu a mão, hesitou, em seguida, mudou a ordem de algumas.

Henry assentiu. — Essa é uma história. Não morda o tubarão que tem um sanduíche de veneno em seu braço.

— E sobre a vassoura e chaleira? — Perguntou Simon.

Merri Lee balançou a cabeça e colocou esses dois cartões mais afastados. — Nenhum indício. Só que eu acho que eles estão juntos de alguma forma.

Simon não tinha notado Blair ter deixado a sala até que o Executor voltou, segurando metade de um biscoito e franzindo o cenho para Meg.

— O que você deu a Skippy? — Perguntou Blair.

— Eu queria que ele se acalmasse então lhe dei um biscoito de camomila, — disse Meg, apertando os olhos para Blair. — Era isso ou mordê-lo depois de tanta cantoria.

Se fosse qualquer outra pessoa, ele teria se beliscado por ela soar tão arrogante, Simon pensou. — Algo errado? — Ele perguntou a Blair.

— O Lobo está roncando na sala da frente, — Blair rosnou. — Ele não tem nenhuma ideia de que estamos aqui. O que não é útil já que ele deveria ser o guarda Lobo. — Essa última parte foi dirigida a Meg.

— Eu vou fazer uma nota para a padaria para não fazer os biscoitos de camomila fortes demais, — Meg disse. — E nem muito grandes. Eu não tive a intenção de derrubá-lo, apenas acalmá-lo um pouco.

Simon estudou as duas mulheres. Meg e Merri Lee tinham feito bem trabalhando juntas para revelar esta profecia, e utilizar os cartões foi uma maneira inteligente de compartilhar as imagens que Meg viu nas visões. Mas as meninas deveriam ter-lhe dito *antes de* Meg fazer o corte. Afinal, Meg era sua amiga, então ele deveria saber primeiro. E em vez de elogiá-las, ele rosnou: — As duas conseguem ficar longe de problemas o resto da tarde?

— Oh, Simon, — Tess murmurou.

A mão de Henry de repente caiu sobre seu ombro, quase o dobrando de joelhos.

— A nossa Meg vai ficar fora de problemas, — disse Henry. — Sua amiga estava com ela para assistir e ajudar. Eles viram muito, e vidas serão salvas por causa do que sabemos a partir das visões.

— Talvez você devesse ir para casa descansar, — Simon disse a Meg. Talvez ele pudesse ir para casa com ela e eles poderiam se abraçar por um tempo ou jogar um jogo. Ou ela poderia assistir a um filme e acariciá-lo.

— Merri Lee está me ajudando a fazer alguns pacotes de amostras de biscoitos, — Meg disse, soando como se o único jogo que queria jogar agora era bater em um Lobo.

Um estrondoso aviso que significava que era hora de ir antes de Henry decidir que ele precisava de um lembrete amigável para sair. Os lembretes do Grizzly tendiam a doer.

Simon arrancou as páginas que continham a profecia, deixou caírem na almofada em cima da mesa, e saiu. Então ele esperou por Vlad e os outros se juntarem a ele do lado de fora.

— Tudo bem, — Blair resmungou. — Eu não me importaria de ter alguns desses biscoitos de camomila para dar aos jovens quando for a hora de dormir, mas um guarda Lobo deve ficar acordado o suficiente para observar, mesmo que ele seja um Skippy.

— Faça Nathan voltar para a última hora, — disse Simon.

— Essas duas fêmeas não podem ter alguém tão amigável as vigiando, Nathan deve estar por lá. — Ou seja, o Executor dominante deve ficar de guarda no escritório o resto do horário de Meg.

— Eu não gosto de nossa Meg ter essa profecia agora, — disse Henry. — Existe uma conexão com tantos líderes que vêm para Lakeside e este tubarão de repente aparecendo em nosso território?

— Se ele está aqui à procura de uma profetisa de sangue, a conexão é Meg, — disse Vlad. — Ela é a razão de Simon estar fazendo esta reunião.

— Eu me pergunto se o inimigo não está também guiado por uma profecia, — disse Vlad. — Será que se pode usar uma *Cassandra de Sangue* para descobrir o melhor momento para nos atacar?

— Quando Phineas Jones chegar ao Pátio, ele vai encontrar defensores que irão matá-lo ao reagir a uma ameaça, da forma habitual, — disse Simon.

— Então nós iremos usar armas humanas em vez de dentes, — disse Henry. — Não importa como seja feito, vamos ter certeza que Jones não vai sair daqui com a nossa Meg.

Simon assentiu. — Ele não vai levar Meg.

— Alô,

— Os Outros estão fazendo uso de sua propriedade.

— Você tem certeza?

— Não só o uso da propriedade para si, mas fornecendo amostras para outras partes interessadas. Eu tinha uma excelente vantagem e deveria ter sido capaz de adquirir alguma mercadoria nova, mas o negócio foi azedado antes de eu chegar. Eles estavam me esperando.

— Onde foi isso? Lakeside?

— Não, um lugar chamado Porto Ferryman. Estou em Lakeside agora. Vou esperar alguns dias e deixar as coisas se acalmarem. Então eu vou ver o que posso fazer para extrair a sua propriedade.



CAPÍTULO 20

— SR. SMITH está na linha para falar com você.

O Controlador pegou o telefone. — O que é?

— As meninas sucatas que você me vendeu. Eu gostaria de devolvê-las.

— O acordo de venda não previa nenhum retorno.

— Sim, eu sei, mas todas as minhas melhores meninas estão sofrendo avarias. Não importa o que meus clientes perguntem, todas as meninas falam que é um assassino, um destruidor, sangue, fogo e morte. Os clientes estão exigindo reembolsos já que não estão recebendo o que pagaram.

— A profecia deve ser interpretada, Sr. Smith. É o *seu* trabalho interpretar o que a profetisa vê. E todos nós sabemos como uma interpretação pode ser se olharmos para além do literal.

Uma pausa. — E se as meninas estão dizendo o que realmente estão vendo para meus clientes?

— É pouco provável.

Outra pausa. — Sobre as meninas...

— Os recados que me vendeu já foram utilizados e não estão mais disponíveis. Bom dia, Sr. Smith.

O Controlador desligou e olhou para o telefone. Então ele apertou a campainha do escritório e esperou pela resposta de seu assistente.

— Senhor?

— Leve a cs747 para a cadeira.

— *A matéria do dia! Uma cidade no Centro-Oeste está sob quarentena após um surto de violência. Há rumores de que um carregamento de carne moída contaminada foi à causa de uma série de ataques violentos que terminaram em várias mortes. As autoridades acreditam que este é um surto isolado, mas eles aconselham cautela e estão recomendando que os cidadãos joguem fora qualquer carne moída compradas nos últimos três dias.*

Emocionalmente agredido e fisicamente enjoado, Monty desligou o rádio e trancou seu apartamento antes de correr para chegar ao ponto de ônibus. Ele precisava ouvir o que quer que Burke tenha a dizer aos seus homens esta manhã, e tudo o que Burke estava disposto a dizer em privado.

Ele não achava que quaisquer outros seres humanos, além de Dominic Lorenzo e o Capitão Burke estivessem cientes do que Meg Corbyn tinha revelado quando ela realizou a segunda profecia a partir do corte reaberto. Então eles eram os únicos que tinham uma boa ideia do que os funcionários que investigavam o surto de violência nas cidades do Centro-Oeste iriam encontrar.

A carne foi contaminada com um determinado *tipo* de carne humana.

O Controlador observou os atendentes verificando as correias que iriam garantir que a menina fosse impedida de lutar, assim que o corte fosse feito pois um corte imperfeito estragava a pele e a profecia. Como outros homens de sua linha de negócios, ele tinha perdido alguns clientes recentemente, homens que tinham consultas regulares e agora estavam dando desculpas para não querer outra profecia.

Sem outra profecia? Seus clientes não eram do tipo de homens que deixavam suas fortunas ao acaso. Não, eles tinham ido a Compostos

da Costa Oeste ou para uma dessas “*casas de caridade*” no Sudeste, pagando por um corte em uma garota com menos qualidade.

Se essa era a profundidade da lealdade desses homens depois de anos os orientando, então que se fodam todos. Profecias podem ser lidas de muitas maneiras, como ele tinha dito ao tolo do Smith. Até recentemente, suas meninas e suas interpretações foram superiores aos de qualquer outra pessoa no negócio.

Agora era hora de utilizar os seus próprios recursos para descobrir por que as coisas estavam acontecendo de errado. Começou a dar errado quando a cadela da cs759 conseguiu escapar. Se não podia readquiri-la, ela teria que ser destruída.

Mas ele não estava aqui para saber mais sobre Meg Corbyn. Ele estava aqui estritamente para si mesmo.

Ele estalou os dedos e esperou até que cs747 estivesse focada nele. — Conte-me sobre o meu futuro. O que você vê em torno de mim? Fale. Diga o que você vê.

Ele tinha ordenado um corte generoso na pele dela. Não era a melhor pele que tinha, mas melhor que a cs747 quando fazia uma profecia era só a cs759.

— Conte sobre o meu futuro. Diga o que você vê, — ele disse novamente quando o corte foi feito e o sangue começou a fluir.

Ela resistiu. Apesar da dor agonizante que inundava o corpo de uma profetisa antes que começasse a falar; esta cadela sempre resistia por alguns segundos, e ele não podia ter certeza se ela revelava tudo o que via antes da euforia nublar sua memória.

— Um mapa, — ela disse com ar sonhador. — Você está segurando um mapa de Thaisia. Ele está sangrando. Todas as cidades estão sangrando. Gotejando, gotejando, gotejando no chão, espirrando em seus sapatos. — Ela fez uma pausa. — Eles sabem o seu nome.

A respiração do Controlador ficou presa na garganta. *Ninguém* sabia o seu nome real. — E como eles me chamam? — Ele perguntou asperamente.

— Assassino. — Ela sorriu e olhou diretamente para ele com os olhos claros. — Destruidor. — Então ela riu e o som não tinha nenhuma sanidade.

Ele se levantou furioso. — Limpe essa garota e a leve para a cela dela.

Da próxima vez que ele precisasse de mercadorias para o moedor, essa cadela seria a próxima no caminhão.

Jean deitou na cama estreita, à deriva com os últimos momentos da euforia. Os *Aqueles Com Nomes* que a trouxeram de volta à sua cela a estupraram? Ou ela estava muito marcada pelos cortes e os espancamentos por parte deles para sentir o corpo doído assim?

Teve que segurar aqueles momentos antes que a dor a obrigasse a falar. Ela podia aguentar mais tempo, mas, em seguida, o Controlador poderia começar a se perguntar, e enviar os *Aqueles Com Nomes* para fazerem uma verificação mais completa na sua cela. Eles poderiam descobrir sobre os pequenos cortes secretos e começar a se perguntar o que ela tinha visto.

Ela tinha visto o suficiente para saber que ela tinha que esperar um pouco mais.

Todas as cidades estavam sangrando por causa do Controlador. Esse era o futuro para os seres humanos em Thaisia. Havia apenas uma pessoa que poderia ser capaz de mudar o futuro, e não era o Controlador. Era Meg Corbyn.

— Meg, — Jean sussurrou sorrindo.

Quando ela deitou na cama para dormir, perguntou-se por que em todas as visões recentes, ela ficava vendo uma mão cicatrizada segurando um pote de mel.

Meg levou o carro elétrico ao Complexo Wolfgard. O Complexo Verde, onde morava, era o único lugar onde os seres humanos eram tolerados porque era um Complexo com múltiplas espécies. Os demais eram segregados por espécie, e mesmo quando ela fazia as entregas, ela tinha o cuidado de não se intrometer, indo apenas para a área utilizada para a entrega de cartas e encomendas.

Mas hoje ela queria ver Sam antes de começar a trabalhar, além de levar para o Complexo Wolfgard o seu recipiente com as amostras de biscoitos, que tinha quebrado em pedaços menores, bem como alguns biscoitos para os adultos.

Os filhotes estavam brincando na frente do Complexo quando ela parou. A maioria deles se manteve focada no jogo. Um parou e viu quando ela saiu do carro. Então ele correu na direção dela, seus pés ainda muito grandes para o resto do corpo.

— Sam! — Ela gritou feliz, se agachando com os braços abertos em boas-vindas.

Os outros filhotes ouviram o grito dela e vendo Sam correndo na direção dela, se juntaram na perseguição.

Alarmada, Meg levantou, percebendo tarde demais que Sam poderia se lembrar que tinha de ser gentil com ela, mas nenhum dos outros filhotes sabia que ela não podia ser cortada ou raspada com as garras. Mesmo que eles não tivessem a intenção de machucá-la, um acidente poderia ter consequências terríveis para todos eles.

Um afiado *arrroooooo!* E todos eles derraparam a uma parada antes de colidirem com ela.

A fêmea caminhando na direção dela e dos filhotes era principalmente humana na forma, mas não conseguia passar por uma. Ela tinha pêlos em vez de cabelo e suas orelhas ainda eram de Lobo.

— Olá, — Meg disse. Ela sorriu para a mulher antes de se agachar para abraçar Sam. Ele se mexeu, lambeu e falou com ela como Lobo, e todos os outros filhotes vocalizaram também.

Rindo, ela se levantou. — Desculpe, eu não posso falar como Lobo.

A fêmea disse com firmeza: — Não mudem agora. Ainda está muito frio para estar aqui fora na pele humana e sem nenhuma roupa.

E isso me poupa de olhar para um bando de meninos e meninas nus? Meg pensou quando abriu a porta do passageiro. Ela não estava prestes a ficar olhando de perto para descobrir o gênero de cada filhote.

A matilha de filhotes de Lobo cheirou os recipientes, e começaram a subir em torno de suas pernas, quase derrubando-a no chão.

Antes que a fêmea pudesse reagir, Meg disse: — Chega! Sejam filhotes educados para receberem um bom tratamento. Filhotes insistentes não recebem nada além de pedras.

Houve alguns empurrões e os filhotes começaram a se beliscar e se embolar, mas em pouco tempo eles se alinharam atrás de Sam e olharam para ela com expectativa. A fêmea simplesmente a observava.

Ainda estava espantada que o pedido por comportamento educado realmente tivesse resultado. Na sua forma de pônei, os corcéis dos Elementais, que eram carregadores dos correios do Courtyard, chegavam ao escritório para que ela pudesse embalar suas cestas com as entregas e correio para cada Complexo. Ela também lhes dava um tratamento diferenciado em cada dia de trabalho, cenouras ou maçãs, e em Moonsday, torrões de açúcar. Sempre que eles começavam a empurrar uns aos outros a fim de ser o primeiro na fila, ela dava um lembrete de que apenas os pôneis educados entregariam as encomendas e receberiam os mimos, e isso geralmente era suficiente para convencê-los a se acalmar. Já que eles tinham nomes como Tornado e Terremoto, e que poderiam facilmente derrubar um edifício, sua insistência pelo bom comportamento era tanto sobre a segurança como pelas boas maneiras.

— Estes são biscoitos recém-fabricados, — Meg disse abrindo um recipiente. — Então eles são uma amostra especial. — Ela estendeu um pedaço de biscoito.

Sam se aproximou dela, com cuidado exagerado em tomar o biscoito de sua mão, atuando como uma demonstração para os outros filhotes. Assim que o último filhote pegou o biscoito, todos eles fugiram para comer as guloseimas.

Meg centrou a sua atenção sobre a mulher novamente. — Eu sou a Meg, o Liaison Human. — Não que qualquer *indigene da terra* no Pátio não soubesse disso. Ela não era apenas uma empregada do Courtyard; ela era uma grande fonte de entretenimento para os Outros.

Agora ela esperava que a curiosidade desta fêmea fosse durar o suficiente para que Meg levasse a cabo a outra razão pela qual ela tinha dirigido ao Complexo.

— Você não é uma fêmea dominante, mas eles ainda obedecem a você, — a Loba disse finalmente.

— Eles não receberiam os biscoitos se não fossem educados.

A Loba balançou a cabeça. — Eles ainda são jovens, mas a matilha de filhotes poderia ter pegado os biscoitos, se obedecer a você não fosse importante para eles de alguma forma. Não é dominante, mas também não é uma presa. Isto é interessante. Eu sou Jane, a bodywalker Wolfgard. — Ela tocou de leve um ouvido peludo. — Você não está assustada com isso?

Meg considerou a questão. Ela já tinha visto Simon quando ele era uma mistura de humano e Lobo. E geralmente acontecia quando ele tinha uma forte resposta emocional a uma situação e, instintivamente, assumia o que ele precisava de ambas as formas. Tê-lo visto em forma humana completa e Lobo completo, e entre formas foi mais perturbador, ou, pelo menos, mais estranho.

— Você parece equilibrada, — Meg disse honestamente. Ela não sabia se Jane *não poderia* fazer a mudança completa e parecer totalmente humana ou se esta era uma escolha pessoal. De qualquer maneira, ela de repente entendeu por que a Howling Boas Leituras e a Bite eram por vezes abertas apenas para os residentes do Pátio. Os seres humanos e os Outros eram uma mistura desconfortável a maior parte do tempo. Vendo lembretes de que os que governavam Thaisia e a maior parte do mundo nunca seriam completamente humanos e não poder fazer nada, podia acrescentar mais combustível em uma relação já conflituosa.

— Estou feliz que você esteja aqui. — Meg enfiou a mão no carro e pegou outro recipiente. — O Sr. Wolfgard queria a maioria dos biscoitos nesta entrega na sua grande reunião, mas eu queria que alguns dos Lobos adultos provassem estes biscoitos. Se eles quiserem. Preciso ter alguma ideia de se vale a pena encomendá-los da padaria de Porto Ferryman. — Ela abriu o recipiente e o estendeu. — Os biscoitos em forma de vaca têm um aroma de carne, os biscoitos em forma de peru têm um aroma de aves, e...

Jane levantou um dos biscoitos. — Sabor de humanos?

Meg conteve um suspiro. Essa seria a primeira coisa em sua lista de avaliação: não fazer biscoitos em forma de pessoas. Os Lobos eram muito interessados e todos eles saltaram para uma expectativa lógica, e meio perturbadora, sobre o gosto.

— Não, esses têm camomila, — Meg disse. — É uma erva que faz um chá calmante. Eu dei um destes para Skippy e ele... Bem, ele acabou dormindo por várias horas.

— Eu ouvi sobre isso. — Jane cheirou o biscoito.

— Eu acho que pode ser muito difícil para os dentes das pessoas, — Meg disse rapidamente quando parecia que Jane estava indo dar uma mordida. Então ela se perguntou se uma boca em forma humana estaria cheia de dentes de Lobo, e ela decidiu que não queria saber. — De qualquer forma, eu achei que você poderia ter um bom uso para os biscoitos de camomila. As instruções desses biscoitos informam que podem ser congeladas e depois descongeladas quando você precisar deles.

— Sim, estes seriam úteis, — Jane disse pensativa.

— Os outros biscoitos são de outros sabores. Os cortados são de mel.

Jane franziu o nariz, confirmando a suspeita de Meg de que os Lobos não ficariam interessados nos de mel. Mas Henry tinha pegado alguns, e Jenni Crowgard pegou outro para compartilhar com suas irmãs.

— É melhor eu ir, ou vou chegar tarde para abrir o escritório. — Meg fechou a porta do passageiro e deu a volta para o lado do motorista. — Deixe-me saber como você gosta dos biscoitos.

Quando ela entrou no carro, ela viu os filhotes correndo em sua direção até que eles perceberam que Jane estava segurando o recipiente de guloseimas. Mas havia um filhote que soltou um lamento triste e um uivo sibilante enquanto a olhava no carro.

Quando Monty chegou à Howling Boas Leituras, a placa na porta informava apenas para residentes. Ele bateu na porta de qualquer maneira e ficou batendo até que Simon virou a tranca, abriu a porta, mas bloqueou a entrada dele na loja.

— Este não é um bom momento, Tenente. O Courtyard tem alguns convidados pelos próximos dias, e as lojas não estão abertas para os clientes humanos.

— Eu tenho algumas perguntas, e preciso de respostas, — Monty disse. — E ter alguns clientes humanos selecionados pode ser algo que você vai achar útil.

Simon o observou com os olhos cor de âmbar que seguravam lampejos de vermelho. Então o Lobo recuou o suficiente para Monty entrar na loja.

Virando a tranca, Simon voltou para os livros em exibição.

Monty o seguiu, deixando de lado as questões por um momento enquanto notava os nomes dos autores sobre as bancadas. Ele pegou um livro. — Alan Wolfgard? Eu não ouvi falar dele. O que ele escreve? — Ele descobriu que a tinta vermelha espirrada na capa era um indício forte, mas sentiu que era prudente perguntar.

— Suspense e terror. — Simon deu um sorriso cheio de dentes. — Como você deve ter adivinhado pelo nome, ele é *um indigene da terra*, e você não teve ter ouvido falar dele a menos que você tenha pegado alguns

livros da nossa biblioteca. Você poderia perguntar a Ruthie. Eu acho que ela leu algumas das histórias do Alan.

Nesse caso, ele iria falar com Ruthie. E Kowalski.

— Eu ouvi que o ônibus do Courtyard foi à estação de trem algumas vezes hoje, pegar passageiros.

— Usar os trens é parte do acordo que permite que os seres humanos façam os trilhos entre as cidades.

— Eu não estava comentando sobre o direito dos Outros de usarem a estrada de ferro, Sr. Wolfgard. Mas você disse que estava recebendo convidados. Com a agitação atual aqui e o futuro da Talulah Falls ainda não completamente resolvido, estou preocupado.

Simon não olhou para cima do visor. — Alguns líderes *indigenas da terra* têm coisas a discutir. Os líderes humanos não se reúnem para discutir as coisas que dizem respeito ao seu povo?

— Sim, eles fazem isso. Mas quando nossos líderes se encontram, cidades não costumam desaparecer.

Simon riu, e era um som frio. — Espere aqui. — Ele caminhou para a parte de trás da loja.

Uma reunião de líderes *indígenas da terra*. Há quanto tempo este encontro foi planejado? Qual foi o catalisador? E por que o Courtyard de Lakeside foi escolhido para sediar este encontro particular?

Simon voltou para frente da loja e entregou a Monty um livro grosso.

— Você tem a sua versão da história de Thaisia desde que os humanos chegaram pela primeira vez a este continente, e nós temos a nossa, — Simon disse. — Não pense por um momento que os seus líderes eram inocentes quando se tratava de cidades desaparecendo. Agora é hora de você fazer suas perguntas e ir embora.

Será que eu realmente quero saber quais escolhas os nossos antepassados fizeram? Monty pensava. *Quantos seres humanos já ouviram esta versão da história de Thaisia? Por que o Wolfgard estava mostrando isso para mim agora?*

O livro era um aviso. Isso ele entendeu.

Forçando seus pensamentos de volta para o presente, Monty disse: — Você já ouviu falar sobre a cidade em quarentena no Centro-Oeste?

— Ouvi o que o rádio relatou, — Simon respondeu. Ele inclinou a cabeça. — Você está com medo de perguntar.

— Sim. Eu estou. — Monty soltou um suspiro. — Moedor de carne. Carne ainda viva. A carne moída foi contaminada com a carne de uma *Cassandra de Sangue*, não foi? É por isso que as pessoas que comeram se tornaram violentas.

— Parece provável. — Nada sobre Simon Wolfgard mudou fisicamente, mas Monty não o confundia com humano agora.

— Drogas de rua foram feitas com o sangue de uma *Cassandra sangue* para chegar a um número limitado de pessoas, não importa quem tentou distribuí-la. Mas carne moída? Famílias inteiras podem acabar delirantes e violentas, sem escolha ou aviso, apenas por comer o jantar. Quem era o alvo, Simon? Será esta a seguinte fase do ataque que alguém quer fazer contra os seres humanos e os Outros?

— Nós não, — Simon disse pensativo. — Profetisas de sangue não cheiram como presa. Elas não são comestíveis; elas não são presas. Sua carne misturada com outra carne moída não cheira bem para nós, não tem gosto certo, não importa como alguém tente disfarçar. Eu acho que nenhum *indigene da terra* iria consumir o suficiente para ser influenciado. Claro, podemos não sentir com o tempo, se foi um pouco contaminado. Foi como um monte de Outros foram tratados com *Nocaute de Lobo* ou *Alto Astral*.

— Então os seres humanos são os alvos, — disse Monty.

— Parece que alguém está experimentando, usando esse sangue como uma maneira de matar shifters e Sanguinatis, — disse Simon.

— Eu diria que esse alguém é, afinal, os *indigenes da terra*.

Simon deu-lhe um olhar estranho. — Provocar os Elementais seria um erro para os humanos, vocês não poderiam sobreviver.

Vlad estava perto da porta de trás do HBL observando a caminhonete passar na parte de trás do Escritório da Liaison e estacionar perto do portão de madeira que levava para o quintal de Henry. Apesar dos dois líderes do Courtyard de Toland estarem participando, os Sanguinatis não estavam felizes com esta reunião de líderes. Os *indigenes da terra* às vezes brigavam entre si, pois eram predadores que haviam se misturado ao longo dos séculos, o que se tornou inevitável, especialmente quando tinham um mesmo território, mas essas divergências sempre foram unidas contra o seu adversário em comum: os seres humanos.

Desta vez, Simon estava apostando que os líderes Centro-Oeste não fossem tão amargos ou com raiva, já que eles já tinham decidido o que precisava ser feito.

Pelo que Vlad tinha visto quando os convidados chegavam ao longo do dia, havia muita amargura e raiva dos *indigenes da terra* do Centro-Oeste, bem como as áreas em torno dos Grandes Lagos, onde os seres humanos estavam vomitando o movimento: *Humanos, Primeiros e Últimos*, sem pensar por um segundo sobre quem estava ouvindo.

Simon pode ter assumido um risco ao fazer esta reunião com líderes, além de trazê-los para Lakeside, mas ele também foi inteligente o suficiente para equilibrar a plataforma, como os seres humanos diziam, trazendo três *indigenes da terra* do Alto Nordeste, e a parte de Thaisia que ainda não foi tocada pelos problemas, e ele tinha a esperança de que eles iriam fornecer algum equilíbrio para as discussões.

Bobbie Beargard era um Urso preto que ensinava em uma das poucas faculdades de *indigenas da terra* no continente. Ela tinha dito uma vez que um professor humano de visita jorrou alguns disparates sobre superioridade humana, ele disse que se quisesse lidar com porcarias, era só cagar em sua própria pata. Mesmo que o professor não tivesse sido comido a caminho de casa, ele não foi mais convidado a voltar.

Em seguida, havia Alan Wolfgard, cujos livros eram muito populares entre os *indigenes da terra*, especialmente entre os Outros que nunca viram um ser humano real.

Os últimos três saíram da caminhonete e levantaram a mão em saudação. Charlie Crowgard era alto e magro, com uma cara do tipo que pouco escondia a inteligência afiada em seus olhos negros. Como muitos *indigenes da terra*, ele não podia mudar para parecer completamente humano. Mas sendo um músico, ele usava isso em vantagem, amarrando seu cabelo negro para trás em um rabo fino e deixando as penas que não mudavam penduradas no topo como um ornamento.

— Por que vocês não pegaram o trem? — Vlad perguntou.

— Não foi possível, — Charlie respondeu, erguendo o polegar para o que estava atrás. — Não daria para trazer essa peça.

Vlad deu a volta até a parte de trás da picape. — O que é isso?

— É madeira. — Quando o portão do quintal de Henry abriu, Charlie acrescentou: — Henry, nos dê uma mão aqui. Eu acho que esta velha árvore tem uma história para contar, então eu a trouxe para você.

Henry estudou o pedaço de madeira e assentiu. — É uma boa peça.

Vlad subiu na traseira e ajudou Charlie a mover a madeira para a porta do bagageiro, onde Henry a pegou com um pequeno grunhido e a levou para o seu estúdio.

— Trouxe a guitarra, — Charlie disse quando pulou da carroceria e fechou a porta de trás. — Eu sei que não estamos aqui para nos divertir, mas... O que é isso?

— Isso é um ser humano, — Vlad disse observando Theral MacDonald, e Dominic Lorenzo... E como ela era chamada. Assistente? Pessoa de recados?

Não, ele *tinha* que chamar de matilha humana de Meg. A alguns meses atrás, os humanos que trabalhavam no Pátio apenas faziam seus trabalhos e eram mantidos fora do caminho. Agora eles tinham *opiniões*.

— Eu sei o que é isso, — disse Charlie. — O que ela está carregando? Parece um violino. Você tem seres humanos aqui que tocam música?

Já que Charlie parecia encantado com a perspectiva de encontrar um ser humano que tocava música, Vlad gritou: — Srta. MacDonald?

Sendo recém-contratada, Theral manteve a cabeça baixa e seu cabelo em volta do rosto, em uma tentativa de passar por eles sem vê-los, como se não vê-los significasse que não podiam vê-la. Mentalidade típica de presa, mas isso poderia mudar quando ela se estabelecesse. Agora ela parou e se moveu na direção deles, cada passo preenchido com relutância. — Sr. Sanguinati?

— O que você está carregando? — Perguntou Charlie. — É um violino?

— Sim, é um violino, — disse Theral.

Charlie sorriu para ela antes de virar para Vlad. — Todos vocês podem participar de uma apresentação na Praça do Mercado? Se bem me lembro da minha visita há alguns anos, você tem uma plataforma lá na Praça que seria perfeita para a realização de um concerto.

— A senhora MacDonald começou a trabalhar para nós agora, então eu acho que ninguém ainda mencionou tocar na praça, — Vlad respondeu. Então para Theral, — Você vai ficar aqui?

Theral assentiu. — Lawrence vai me pegar depois de seu turno, e o Sr. Wolfgard disse que estava tudo bem se eu ficasse com Merri Lee até então.

Ela correu até as escadas para os apartamentos de funcionários e bateu na porta exterior. Abriu momentos mais tarde, então Merri Lee devia estar esperando a outra menina.

— Então — Vlad disse e olhou para a área aberta que estava limitada pelas garagens, o quintal de Henry, os fundos da HBL, a Bite e o Gabinete do Liaison. Então ele olhou para a picape, que era muito maior do que as armas biológicas que eram geralmente estacionadas no estacionamento. — Como é que você vai mover isso?

Charlie sorriu. — Com muito cuidado. — O sorriso desapareceu.
— Simon vai ter de se mover com cuidado também.

— Eu sei, — Vlad disse e acrescentou silenciosamente. *Se os shifters querem mais sangue derramado do que os Sanguinati aceitarem, Simon não será o único que terá de ser cuidadoso.*



CAPÍTULO 21

— JÁ QUE VOCÊ já descobriu o que está causando essa doença, vamos eliminá-la na fonte, — Joe Wolfgard rosnou novamente.

— A fonte é um tipo especial de garota, — Simon rosnou de volta. — Elas não estão escolhendo serem usadas como essas drogas que nos deixam agressivos ou passivos. Elas estão sendo usadas. Elas estão sendo cortadas e sangradas, e isso não é culpa delas.

— A fonte é *humana*, — Joe retrucou. — A solução deve ser simples.

— Você teve alguns incidentes no Nordeste, — Jackson Wolfgard disse, apontando para Simon. — E agora o Noroeste tem visto alguns casos de humanos tão agressivos que eles não têm nenhum senso de autopreservação. Mas os Pátios do Centro-Oeste foram atingidos pelos humanos que estão doentes do sangue de uma criação terrível de Namid. Se não conseguirmos parar esses ataques em breve, muito mais do que alguns humanos desaparecerão.

Depois de apanhar um olhar de advertência de Henry, Simon deixou os vários líderes discutirem e argumentarem. O Wolfgard e o Coyotegard do Centro-Oeste foram os mais atingidos. E o Crowgard sofreu perdas com as drogas *Nocaute de Lobo* e *Alto astral*. Mas todos estavam tão fixos no lado terrível da criação de Namid, que não queriam ouvir o que ele estava tentando dizer sobre as profetisas de sangue.

Cheryl Hawkgard, Patty Crowgard e Vera Owlgard queriam saber como os *indigenes da terra* deveriam encontrar uma raça específica de humano entre uma cidade cheia de seres humanos. Simon tinha alguns

pensamentos sobre isso, mas ele não iria compartilhá-los enquanto os ânimos estavam tão quentes.

<Os lobos e os chacais querem o abate,> Simon disse a Henry.

<Não posso culpá-los,> Henry respondeu. *<Eles perderam muitos parentes por causa dessas drogas. Somente os Corvos perderam mais. Deixe-os falarem. Eventualmente, eles vão perceber que eles não podem matar a fonte sem se envenenar.>*

Mas eles iriam perceber isso a tempo? Simon se perguntou. Os líderes que vieram para esta reunião estavam na biblioteca do Pátio por uma hora, discutindo sobre o que deveria ser feito para eliminar o problema.

<Eu estou mais interessado em saber por que os Sanguinatis do Courtyard de Toland não têm oferecido opiniões,> Henry continuou.

Vlad tinha oferecido opiniões, e Simon começou a achar o silêncio deles enervante.

Talvez Roy Panthergard também tenha achado o silêncio dos Sanguinatis irritante, porque ele disse, — Stavros? Tolya? O que vocês têm a dizer?

Vlad respondeu calmamente: — Os Sanguinati não irão prejudicar o sangue doce.

Ao ouvir a advertência e a ameaça por baixo das palavras, todo mundo parou de falar e se concentrou nos Sanguinatis.

— Você perdeu um dos seus próprios por causa dessas drogas, — disse Jackson.

— O Sanguinati não bebe o sangue doce, — Vlad disse. — Nós não prejudicamos o sangue doce. E, se necessário, vamos ficar contra outros *indigenes da terra* que tentarem prejudicar o sangue doce.

Não é de admirar que Stavros e Tolya não dissessem nada. Vlad era o mensageiro, mas Erebus estava dando as ordens e fazendo a ameaça de ir à guerra contra os shifters se eles tentassem eliminar a *Cassandra de Sangue*.

Alan Wolfgard trocou um olhar com Bobbie Beargard e Charlie Crowgard, que fez que sim.

— Olha, — disse Alan. — Nós estamos apenas perseguindo nossas caudas. Podemos falar sobre isso desde o nascer do sol até o próximo e não ter nenhuma resposta, porque a resposta não está na biblioteca. — Ele olhou para Simon. — Você disse que tem uma delas aqui no Courtyard de Lakeside. É hora de você nos mostrar a criação terrível de Namid.

Levando seus convidados da biblioteca para a porta dos fundos do Gabinete do Liaison, Simon relutantemente virou a maçaneta. Ele queria dizer aos líderes sobre Meg e como ela era boa em fazer um bom trabalho de um Liaison, e muito mais, e as coisas que foram mudadas nesses poucos meses que ela esteve aqui. Ele queria que eles vissem que ela não era uma humana perigosa para os *indigenes da terra*, ela era a Meg. Mas eles já tinham decidido que Meg era uma criatura temível, que deveria ser destruída junto com o resto de sua espécie.

Então Meg *gritou*, e o terror nesse som o fez arremessar a porta, e entrar na sala de trás e para a sala de triagem com Vlad, Henry, Charlie e o resto dos Outros correndo atrás dele. E então todos pararam, tropeçando uns nos outros quando eles olharam para Meg, encolhida no topo do balcão de classificação, com envelopes e catálogos espalhados pelo chão em volta dela. E Skippy, segurando um rato pela cauda, e seu traseiro tentando dar um salto sobre a mesa.

— Skippy! — Simon rosnou a palavra, apenas capaz de produzir sons humanos.

Lobo e a mulher se viraram com a sua voz. Ao observar a plateia olhando para ela, a pele clara de Meg ficou com um tom de cor rosa profundo, o que provavelmente pareceria atraente com o cabelo preto natural, mas com o tom ainda meio laranja parecia mais estranho.

Skippy, finalmente percebendo que ele poderia estar em apuros, abaixou a cabeça para soltar o rato.

Meg gritou, — Não o deixe fugir!

Apesar de estarem em forma humana, às orelhas de Simon se achataram com o som. Ele sentiu o espaço vazio à sua volta quando todos, exceto Vlad e Henry deram um passo para longe da mesa. E ele

notou que o rato ainda estava vivo, já que começou a balançar suas pequenas pernas quando sentiu uma chance de liberdade.

Sem ter mais certeza se conseguiria falar, Simon mudou para a maneira *indigene da terra* de se comunicar. <Skippy.>

Skippy deu a Simon um olhar fraco. <Meg não quer jogar comigo.>

Vlad fez um som de asfixia.

Henry abriu as portas exteriores da sala de triagem de entrega e disse: — Skippy, leve o rato para fora. Deixe-o na grama depois da Praça do Mercado.

Sendo um skippy jovem, significava que o jovem às vezes tinha lacunas no seu pensamento, mas desta vez o Lobo juvenil sabia exatamente o que fazer. Ele pegou o seu rato e fugiu.

Henry fechou as portas. Charlie se adiantou e pegou um pouco das encomendas espalhadas no chão. Após um momento de hesitação, outro *indigene da terra* pegou mais pacotes próximos a eles e cuidadosamente os colocou sobre a mesa.

Henry olhou em volta. — Meg? Onde está a escadinha? Como você subiu no balcão?

— Eu não me lembro, — Meg disse se movendo para sentar na borda. — Em um momento Skippy estava me perseguindo com aquilo... Aquele *roedor*... E o seguinte eu estava em cima do balcão.

Antes que Simon pudesse ir até ela, Henry enganchou suas grandes mãos debaixo dos braços dela, a levantou do balcão, e a colocou no chão.

Parecendo perturbada, Meg uniu os dedos e tentou sorrir. — Olá, eu sou a Meg, o Liaison Human do Courtyard de Lakeside.

— É um prazer conhecê-la, — disse Charlie, devolvendo o sorriso.

Todos os Outros murmuraram sutilezas antes de recuar para fora da porta de trás, onde todos se reuniram, exceto o Grizzly.

<Henry?> Simon chamou.

<Eu vou dar uma olhada em torno das salas e certificar que o Skippy não vai trazer qualquer outra coisa para brincar,> disse Henry.

<Tivemos um ninho de ratos no escritório antes.>

<Eu acho que é melhor se Meg acreditar que o rato veio de fora, não é?>

Oh, sim. E lhe ocorreu que se Skippy encontrou o rato no escritório, Nathan teria que fazer uma verificação todas as manhãs, independentemente da sua designação atual.

Mas agora, Simon estava cercado por líderes que vieram discutir os problemas e as mortes que estavam acontecendo em Thaisia. Ele entendeu a confusão que viu nos olhos deles. Eles estavam preparados para enfrentar um predador perigoso, um adversário igual a si, não uma pequena fêmea com cabelo estranho e com medo de ratos.

— Simon? — Charlie disse finalmente. — Era apenas um rato.

— Eu sei, — ele respondeu.

— Um *ratinho*.

Ele suspirou. — Eu sei.

— Então — disse Alan após uma longa pausa. — Essa é a terrível criação de Namid?

— Sim. Ela é a Meg.

Outra longa pausa. Então Bobbie disse: — Por que o cabelo dela tem essa cor estranha?

— Foi um disfarce.

Bobbie fez um som que estava meio rindo e meio descrente. — O que ela estava fingindo ser? Um desses cones de trânsito que os seres humanos colocam na rua quando estão fazendo reparos?

Simon resmungou baixinho, ofendido em nome de Meg. Então ele percebeu como eles estavam todos olhando para o outro, e ele teve uma ideia. — Por que você não pergunta para alguns dos residentes do Courtyard sobre a Meg?

— Ela é conhecida além da Associação Empresarial? — Perguntou Jackson Wolfgard, parecendo assustado.

Vlad riu. — Eu acho que todos no Courtyard de Lakeside podem contar uma história sobre a Meg.

— Nós nos encontraremos novamente na biblioteca em algumas horas? — Disse Alan, olhando para todos.

— Poderia muito bem deixar a roupa lá, — disse Bobbie Beargard.
— Alguma chance de algo para comer quando voltarmos?

Simon assentiu. — Tess disse que ela vai ter alimentos de café e comida, e a Carne Verde está servindo uma variedade de comidas durante todo o dia.

— Vamos ter a oportunidade de observar outros funcionários humanos do Courtyard? — Perguntou Bobbie.

— Sim.

Todos os convidados caminharam de volta para a biblioteca para descartar suas roupas e mudar, deixando Simon e Vlad de pé atrás Gabinete do Liaison.

— Você tem o suficiente para pensar, — Vlad disse. — Você deve deixar Blair explicar a regra — Nada de brinquedos *vivos* para Skippy.

— Vamos esperar que ele não encontre mais *desses* brinquedos no escritório, — Simon murmurou.

— Poderia ter sido pior.

Simon bufou. — Como?

Vlad sorriu. — Skippy poderia ter encontrado uma ratazana.

Os hóspedes voltaram à biblioteca algumas horas mais tarde. A maioria deu a Simon e Vlad olhares cautelosos. Alan parecia intrigado, e Charlie estava claramente divertido, especialmente quando Joe e Jackson voltaram com o seu pêlo incrustado de neve e pedaços de gelo que se agarraram em suas caudas.

Os Elementais ou os pôneis devem ter ouvido aqueles dois expressarem uma opinião desfavorável sobre Meg, Simon pensou.

— Todos nós temos muito para pensar, — disse Cheryl Hawkgard. Ela hesitou. — Essas meninas; as profetisas de sangue. Elas não podem ser todas como a sua Meg.

— Não, elas não podem, — ele respondeu. — Mas eu acho que nós não devemos culpá-las por ser uma arma quando ninguém está dando-lhes uma escolha.



CAPÍTULO 22

EM WATERSDAY, Meg pegou a vassoura e a pá e os levou para fora da área de armazenamento enquanto Merri Lee começava a limpar a área da cozinha.

— Foi meio estranho esta manhã, — disse Merri Lee. — Todos estes líderes *indigenes da terra* enchendo as mesas na Bite, com Ruth, Theral, Lawrence e Michael sentados em uma mesa fazendo o papel de clientes humanos. E Lorne entrando para comprar café e doces para levar para os Três Ps. E Jenni Crowgard e suas irmãs sentadas em uma mesa, meio perturbadas e rindo.

Meg parou de varrer. — Por que Jenni parecia meio perturbada? Ela tem uma alta posição com o Crowgard aqui, não é?

Merri Lee sorriu. — Eu tenho a impressão de que Charlie Crowgard é uma celebridade entre os Corvos. Eu acho que Jenni... Bem, seria como se eu estivesse sentada perto de uma estrela de cinema humana que eu tivesse uma queda.

Meg assentiu. Ela não entendia o sentimento, mas ela armazenou as palavras em uma espécie de imagem que ela pudesse recordar mais tarde.

— De qualquer forma, um par de coisas me surpreendeu. Esta é a elite dos *indigenes da terra* que lidam com os seres humanos, e eu acho que a maioria deles nunca esteve em uma cafeteria ou fez uma refeição em um restaurante como a Carne Verde.

Meg franziu a testa, mas continuou varrendo. As palavras de Merri Lee tinham camadas. Ela queria parar e concentrar-se, mas tinha a impressão que Merri estava falando a fim de que ela entendesse, e Meg não queria que nada interrompesse as palavras dela.

— Por exemplo, em vez de colocarem o mel sobre os *scones* quentes que Tess serviu, eles lamberam o mel da colher em vez de colocá-lo sobre o doce. — Merri Lee entrou no banheiro para lavar o pano de limpeza.

— Apenas lamber o mel é ruim? — Meg perguntou, levantando a voz para ser ouvida sobre a torneira aberta. Ela sentiu um formigamento no braço esquerdo. Por que citar frascos de mel começava a sensação de alfinetes e agulhas?

Merri Lee voltou para a sala. — Não é ruim em si. — Ela abriu uma panela e limpou o interior. — Mas seria algo que algum esnobe iria apontar como prova de que os Outros não são realmente iguais aos seres humanos. Afinal, eles sequer sabem como comer corretamente o mel. — Sua voz assumiu um tom condescendente. Então ela parou de trabalhar e olhou para Meg. — Eu pensei que fosse um pouco estranho o Sr. Wolfgard contratar Ruth para ensinar os *indigenes da terra* como fazer as coisas simples, como fazer um pedido em um restaurante ou quando usar um garfo e quando usar uma colher. Mas nós aprendemos essas coisas em casa, não é? E se você *não* sabe essas coisas, outras pessoas podem pensar menos de você.

Podem? Meg perguntou. *Você acha que eles pensam menos de mim por causa de todas as coisas que eu não sei?* Ela achava que isso não era verdade com as meninas que trabalhavam no Pátio, mas revelou o quão vulnerável ela estaria fora do Complexo se ela tivesse ido a qualquer outro lugar, menos aqui.

— Isso me fez perceber o quão progressivo era este Courtyard comparado com os outros que vigiam as cidades humanas. — Merri Lee empurrou o cabelo para trás, em seguida, pegou a chaleira elétrica. — E isso me fez pensar quantas vezes um ser humano disse: *'Esta é a forma como é feito'*, — e enganou o *indigene da terra* para que pudesse parecer tolo nas suas relações com outros seres humanos. Comecei a entender como as coisas poderiam ter dado errado em Talulah Falls e outras cidades. Se os Outros não podem confiar em nós para ser honestos sobre algo simples como quando usar um garfo ou uma colher, por que eles

confiariam no que dizemos sobre qualquer coisa importante? — Ela se virou e olhou para Meg. — Por que você está esfregando seu braço? O que está errado? Devo chamar Tess?

— O quê? — Meg olhou para baixo e viu sua mão direita esfregar seu antebraço esquerdo, tentando aliviar a comichão. — Não. Não chame Tess.

— Meg? — Merri Lee parecia alarmada.

Ela olhou para a amiga. Merri Lee estava segurando uma chaleira. Ela estava segurando uma vassoura.

— Chaleira e vassoura, — ela sussurrou. Ela tinha visto uma vassoura e uma chaleira na profecia sobre o tubarão e o veneno.

— Oh, deuses, — disse Merri Lee. — As duas últimas imagens que não se encaixavam.

— Eu não quero o Skippy na sala da frente sozinho. — O formigamento sob a pele de Meg aumentou. Ela colocou a vassoura de lado e foi para a sala da frente.

Skippy estava brincando com uma bola e correndo atrás dela. Já que a bola deixou uma marca molhada cada vez que saltava, Meg imaginou que ele estava brincando tempo suficiente para que ela não fosse querer pegar algo com muita baba.

— Skippy, entre na sala de triagem. — Meg puxou o ferrolho deslizante na parte superior larga do balcão, permitindo-lhe passar pelo balcão e entrar na sala de triagem através da porta privada.

Skippy olhou para ela por um momento antes de jogar a bola novamente.

Ela não sabia se ele estava deliberadamente ignorando-a ou se este era um daqueles momentos em que seu cérebro ignorava as ações, e o que ela disse seria esquecido tão rápido que não deixava nenhuma impressão.

— Quer um biscoito?

Isso fez uma boa impressão. Ela saiu do caminho para evitar ser derrubada por sua pressa para encontrar o biscoito.

Com Skippy em segurança na sala de triagem, Meg fechou o ferrolho, deslizando o parafuso superior no lugar. Então rangendo os dentes quando o formigamento no braço aumentou, ela deslizou os dois parafusos ocultos no lugar.

Voltando para a sala com Skippy dançando ao lado dela, ela abriu o recipiente que continha os biscoitos que tinha reservado para ele. Era tentador dar-lhe um de camomila, mas ao tocá-los, ela não o fez. Então ela deu-lhe um biscoito de vaca e o observou sentar no chão perto da pequena mesa e cadeiras.

Ela não protestou quando Merri Lee a pegou pelo braço e a levou de volta para a sala de triagem.

— O que está acontecendo? — Disse Merri Lee. — A vassoura e a chaleira são pistas. O que isso significa?

— Alfinetes e agulhas, — Meg respondeu.

— Isso é ruim, certo? Não devemos chamar alguém?

Meg tentou controlar a respiração. — Está desaparecendo. Essa sensação geralmente significa que algo ruim vai acontecer, mas quando desaparece em seguida, a coisa ruim não vai mais acontecer.

A sensação de alfinetadas e agulhas voltou com tal ferocidade que Meg abafou um grito. Quando Merri Lee se virou para pegar o telefone sobre o balcão, Meg agarrou seu braço e sussurrou: — Não. Fique perto da porta privada, mas fique fora de vista.

— Meg, você está me assustando.

— Eu também. — Mas ela entrou na sala da frente e ficou atrás do balcão assim que um homem pequeno abriu a porta.

Não era um entregador. Por um lado, ele não estava vestido como um entregador. Por outro lado, ele não carregava nenhum pacote.

Cada cicatriz no corpo de Meg começou a queimar quando o homem caminhou na direção dela. Cada cicatriz, exceto as que ela tinha adquirido desde que chegou ao Pátio.

— Posso ajudá-lo? — Perguntou ela.

— Oh, minha querida, — ele respondeu com uma voz madura de bondade. — Estou aqui para ajudá-la.

Confie em mim.

Ela não ouviu as palavras, mas ela teria jurado que ele as disse.
— Eu não preciso de ajuda.

Seu sorriso era doce, mas os olhos por trás dos óculos eram estranhamente vazios de qualquer emoção. — Você precisa de ajuda. Eu posso ver isso, sentir. Você está sobrecarregada pelo mundo exterior, e isso não vai te prejudicar. Mas eu posso levá-la para um lugar seguro, um bom lugar onde você vai ser cuidada. Você não gostaria disso?

É claro que ela gostaria. Quem não gostaria de se sentir segura? E se as cicatrizes não estivessem a enchendo com tanta dor, ela poderia colocar a mão onde ele estava segurando e queria seguir essa voz suave e atraente para...

Um silvo suave de Merri Lee, que mal foi ouvido. Mas foi o suficiente para evocar a imagem de sua formação, onde uma cobra saía de uma cesta e um homem tocando algum tipo de instrumento. *Encantador de serpentes.*

— Qual é o seu nome? — Ela perguntou, lutando para ignorar a voz dele. Ela deu um passo para trás para evitar estar ao alcance de sua mão.

— Eu sou Phineas Jones. Estou aqui para ajudá-la. — Ele andou pelo balcão e deslizou o ferrolho para abrir. Mas o ferrolho ainda estava fechado pelos parafusos ocultos, e não se moveu.

Phineas Jones, Meg pensou quando ouviu Merri Lee sussurrando, — tubarão, tubarão, tubarão. — *Tubarão que não morde.*

Graças aos deuses que Nathan não era o guarda Lobo esta manhã. Skippy estava muito envolvido com o biscoito para notar um estranho no escritório, mas Nathan não teria hesitado em morder a mão que tinha chegado até ela, independentemente de qualquer aviso que ela desse.

Ela recuou até que estava na porta privada. — O escritório está se aproximando do intervalo do meio-dia. Se precisar de ajuda, você deve ligar no Consulado para marcar um encontro.

Ele olhou para ela com aqueles olhos em branco. — Você precisa vir comigo. Posso te ajudar. Eu posso te ajudar.

Ela ainda queria acreditar nele, e não podia acreditar nele.

Então Merri Lee, que estava escondida no lado da porta onde não podia ser vista, agarrou a parte de trás da camisa de Meg, um lembrete de que ela já tinha ajuda de pessoas que ela poderia confiar.

— Você tem que ir agora, — Meg disse, tentando soar firme e profissional, mas ouvindo o tremor em sua voz. — Estamos fechados.

Ele empurrou o ferrolho novamente, então estendeu a mão, sentindo os parafusos ocultos.

Se ele entrasse, ela não seria a única em perigo. — Estamos fechados! — Ela gritou quando tropeçou de volta para a sala de triagem. Ela trancou a porta privada, em seguida, correu para as portas de recepção para se certificar que estavam fechadas também.

— Meg? — Merri Lee sussurrou. — Acho que ele estava tentando hipnotizá-la. Você sabe o que é isso?

— Encantador de serpentes, — ela respondeu enquanto corria para a sala. Ela não bloqueou a porta do lado de fora. Os Outros a usavam para recolher a correspondência para a Praça do Mercado, HBL, e a Bite, onde havia a preocupação tácita agora que ela poderia se cortar e eles não seriam capazes de chegar a tempo se todas as portas estivessem trancadas.

Skippy estava de pé, observando-as entrar na sala. Meg não tinha certeza se ele finalmente sentiu que algo estava errado ou se ele terminou o biscoito e estava esperando outro.

Seja qual for a razão, o Lobo ficou entre ela e a porta de trás quando Phineas Jones entrou.

— Saia! — Merri Lee gritou. — Eu vou chamar a polícia!

Ela nunca saberia se foi o tom de voz de Merri Lee ou as palavras ou um pico de medo que Skippy pegou, mas algo fez o jovem rosnar para Jones, que se afastou da porta.

— Não morda! — Meg gritou quando Skippy correu atrás de Jones.

Ela pegou a vassoura e foi atrás do Lobo.

Era como um filme com lacunas, só que ela era a pessoa nas fotos. Dentro do escritório, pegando a vassoura... *Saltando*... Gritando enquanto Phineas Jones erguia um braço em um gesto protetor e Skippy preparado para saltar sobre o intruso e morder... *Pular*... Balançando a vassoura e batendo em Skippy tão forte que ele rolou... *Saltou*... Corvos grasnando, Lobos uivando... *Pular*... Gritando quando ela bateu em Phineas Jones com a vassoura... *Salto*... Mais gritos quando Merri Lee bateu em Jones com a chaleira... *Salto*... De repente cercada por cabeças e corpos que *eram* e não *eram* humanos... *Salto*... Simon agarrando-a, arrastando-a para longe e gritando alguma coisa para Charlie Crowgard e...

Eles estavam na sala de trás. Merri Lee parecia doente e tonta, assim como Meg se sentia. E lá estava Charlie em pé entre eles e a porta, mudando sua posição e levantando os braços para evitar que Merri Lee olhasse para a janela, o que lhe daria uma visão de tudo o que estava acontecendo por trás do escritório.

Gritos. Rugidos. Uivos. Grunhidos. Gritos.

Silêncio.

Então Charlie, parecendo triste, disse: — Simon quer que você ligue para a polícia. Ele disse que você saberia qual deles.

Com os braços dados, Meg e Merri cambalearam para a sala de triagem para alcançar o telefone no balcão. As mãos de Meg balançavam tanto que ela mal conseguia levantar o receptor.

— Eu não me lembro o número, — Meg disse. — Tenente Montgomery.

— Vamos chamar o Michael. Ele vai chamar todos os outros. — Merri Lee deu um soco nos números, enquanto Meg segurava o receptor.

Assim que Michael Debany atendeu ao telefone, Charlie entrou pela porta e disse: — Diga a polícia para trazer os seres humanos que podem lidar com coisas perigosas.

Depois de dar a mensagem e dar a Michael uma garantia instável que ela e Merri não estavam feridas, as duas mulheres voltaram para a sala.

— Eu posso fazer um chá, — Merri Lee disse, voltando para o balcão. — Não dá... A chaleira elétrica... — Ela engoliu em seco algumas vezes, em seguida, correu para o banheiro e vomitou.

— Meg? — Uma voz suave. Um tipo de voz que não era nada como a voz de Phineas Jones. Uma voz em que ela realmente podia confiar.

Ela focou em Charlie, que estava agachado ao lado dela no chão.

— Você tem penas em suas sobrancelhas, — ela disse.

Ele parecia envergonhado. — Eu estou tendo alguns problemas para manter a forma humana.

Estavam todos tendo problemas em segurar a forma humana. Dentes não eram tão úteis como bicos e presas, e... Ela agarrou o braço de Charlie. — Não morda. Veneno de sapo. Diga a Simon para não morder!

— Ele sabe, — disse Charlie, batendo de leve na mão dela. — Você disse a ele, disse a todos nós. Você não se lembra?

Ela tinha muito medo de lembrar. De repente, exausta, ela estava deitada no chão, liberando seu aperto no braço de Charlie.

— Cansada, — ela disse quando ele fez algum som inarticulado de aflição. — Só cansada. Diga a Simon que todas as agulhas e picadas se foram.

Ela ouviu Merri Lee voltar e fazer uma pergunta, mas ela deslizou no sono antes que ela ouvisse a resposta de Charlie.

Monty tentava não pensar sobre o que iria encontrar no Pátio. Por agora, era o suficiente que Simon Wolfgard tivesse feito a ligação. Bem, não o Wolfgard pessoalmente, mas ele sancionou a chamada.

E Wolfgard pediu que a polícia pudesse lidar com coisas perigosas. Não sabendo o que esperar, Monty tinha chamado Louis Gresh, o comandante do Esquadrão da Morte, sabendo que Louis já tinha sido visto por Simon e Vlad, e um rosto familiar era uma escolha melhor, não importava o que eles fossem enfrentar.

Deuses acima e abaixo, por favor, não deixe que seja alguém que tentou assassinar os indígenas da terra que vieram para este encontro, pensou Monty. Ele não queria pensar no que aconteceria com Lakeside se alguém começou esse tipo de problema.

Luzes piscavam e sirenes gritavam enquanto cada policial disponível da estação de Chestnut Street respondia ao chamado do Courtyard, incluindo o Capitão Douglas Burke, que estava dirigindo tão perto de seu para-choque, que Monty esperava que Kowalski não tivesse a necessidade de fazer uma parada súbita.

Debany e MacDonald já estavam lá, com o carro de patrulha estacionado fora do caminho de acesso.

— Estacione... — Monty começou, e não se preocupou em terminar quando Kowalski parou em frente a entrada da rua, bloqueando efetivamente a área de entrega.

Louis não ia ficar satisfeito se fosse excluído. Então talvez ele pudesse se sentir aliviado de que tinha uma desculpa para não levar seus veículos para o lugar onde a lei humana não se aplicava.

Mas eles pediram por nós, Monty pensou quando ele saiu do carro e correu para MacDonald.

— Onde está o Oficial Debany? — Perguntou Monty.

— No consulado, — MacDonald respondeu. — A Srta. Corbyn meio que desmaiou, e a Srta. Lee está instável, o Sr. Sanguinati e Sr. Wolfgard não queriam que as meninas ficassem... — De repente, ele parecia doente. — Elas estão no escritório de Elliot Wolfgard, e Michael está com elas. Ele não pediu uma declaração; uma vez que ele está namorando a Srta. Lee, nós achamos que você deve fazer isso.

Sentindo a abordagem de Burke, Monty apenas balançou a cabeça. Então ele notou a fumaça em ambos os lados da porta do consulado. — Houve algum incêndio?

— Não, senhor, — MacDonald sussurrou. — Alguns dos Sanguinati estão montando guarda, por assim dizer.

Ele ouviu o Capitão Burke chupar uma respiração, mas ninguém disse nada até que Simon Wolfgard saiu da via de acesso ao mesmo tempo em que Louis Gresh correu para se juntar a eles.

— Olhem primeiro, — Simon disse, indicando os três homens. — Em seguida, podem decidir quem mais deve entrar. Todos nós queremos respostas, por isso nós vamos ficar para ouvir o que for dito. Alguns estão deslocados para a sua forma preferida. Outros estão na forma humana, na maior parte. — Ele se afastou, deixando-os seguir.

— Preparem-se, senhores, — Burke disse calmamente.

Quando chegaram ao fim do caminho de acesso e eles viraram para a parte de trás do Gabinete do Liaison, Monty estava grato pelo aviso. Mesmo vendo Simon Wolfgard como uma espécie de lobisomem quando Meg Corbyn estava no hospital não o preparou para isso.

Os Outros eram materiais para pesadelos. Se eles tivessem malformados ou desproporcionados, de alguma forma, poderia ser lamentável. Mas essas misturas eram grotescas entre humano e animal, e era um lembrete terrível do motivo pelo qual os seres humanos sempre seriam carne.

Louis fez um som que poderia ter sido um gemido silencioso, mas o rosto do homem era uma máscara profissional enquanto eles seguiam o seu Capitão e o *indigene da terra* que havia formado um círculo em volta...

Os Outros se afastaram, revelando um ser humano, uma vassoura e uma chaleira elétrica.

— O que é isso? — Perguntou Burke.

Monty olhou para Burke e percebeu que o homem não estava perguntando sobre o ser humano ou os objetos. Ele estava olhando para a parte traseira da livraria, onde um pranto de *arrroooooo!* Continuava quase sem fôlego.

— É o Skippy, — Simon respondeu. — Meg salvou sua vida, mas agora tudo o que ele absorveu é que ela o golpeou com uma vassoura.

O Lobo estava se lamentando sentado à porta de trás do HBL, com uma perna levantada como se tivesse sido ferido.

— Ele está ferido? — Perguntou Monty.

Simon deu de ombros. — Provavelmente tem uma perna machucada. Ele conseguiu sair de seu caminho para evitar apanhar de novo, então eu duvido que a perna esteja quebrada.

— E este homem?

— Phineas Jones.

Burke soltou um suspiro irritado. — O homem que estava em Porto Ferryman um par de dias atrás. Ele é bom em cobrir seus passos. Mesmo com a descrição que tínhamos, nós não pudemos localizá-lo. Você sabe por que ele veio para o Courtyard?

Simon rosnou e seus caninos alongaram. — Ele tentou pegar a Meg. — Ele levou um momento para recuperar o controle, em seguida, continuou fazendo um gesto que incluía todos os *indigenes da terra* que estavam presentes. — Nós estávamos tendo uma pausa de nossas conversas e estávamos saindo quando ouvimos Meg e Merri Lee gritando.

— Urra, — disse outro Lobo.

— Grito de Guerra, — uma mulher com pele escura disse com aprovação.

— De qualquer forma, todos nós corremos na direção dos sons e encontramos Meg e Merri Lee batendo neste humano com uma vassoura e uma chaleira. Afastamos as meninas e Charlie as levou para dentro. Meg estava gritando comigo sobre não morder. Qualquer um dos Beargard poderia tê-lo derrubado com um golpe, mas depois que o cercaram, ele levantou sua manga do casaco e mordeu seu próprio braço. Então ele morreu, então pedi para Meg chamá-lo para trazer os seres humanos que lidam com coisas perigosas.

— Que tipo de perigo você acha que é? — Perguntou Louis.

— Veneno, — disse Simon.

Isso explica por que Meg Corbyn bateu no jovem lobo, pensou Monty.

— Ok, — disse Louis. — Qualquer ideia de que tipo de veneno?

— Sapo, — disse Simon.

Burke endureceu, e Monty observou quantos *indigenes da terra* de repente focaram no Capitão.

— Não pergunte, Comandante, — Burke disse, quando Louis começou a fazer exatamente isso. — A informação veio de uma fonte confiável.

Depois de um momento, Louis concordou.

— Você não tem objeções se levamos o corpo? — Perguntou Monty.

Simon balançou a cabeça. — É melhor não ter carne envenenada na nossa terra.

— Você pode limpar a área, enquanto nós trabalhamos?

— Você deve ter cuidado com a vassoura e a chaleira, — disse o Lobo desconhecido. — Quando nós chegamos e levamos as fêmeas embora, notei que a borda da chaleira parecia molhada.

— E eu posso ver que a manga da camisa também está molhada, — Louis disse, agachando-se para estudar o corpo. — Se ele tinha algum tipo de recipiente de veneno no braço, um golpe pode ter causado um vazamento. — Ele olhou para Monty. — Seria muito mais fácil para ele ingerir o veneno em si mesmo.

— Poderia ter matado vários de nós se tivéssemos mordido essa carne envenenada, — disse Henry Beargard.

E você provavelmente teria mordido se Meg Corbyn não avisasse, pensou Monty.

Os Outros não os deixaram. Reuniram-se em pequenos grupos, em frente das garagens na lateral do espaço por trás dos edifícios. E havia Corvos e Falcões e até mesmo algumas Corujas voando para pousar nos telhados onde poderiam observar o escritório.

— Eu posso organizar o transporte do corpo e as armas, — disse Louis.

— Eu vou falar com a Srta. Lee e Corbyn, se eles não estão fazendo isso, — disse Monty.

— Eu gostaria de estar presente nessas entrevistas, — disse Burke.

Kowalski, Debany e MacDonald estavam esperando por ele na frente do Gabinete do Liaison. E eles estavam mantendo um olho em Nyx Sanguinati, que estava ao lado da porta do consulado.

— Sr. Wolfgard acha que o homem que morreu foi atrás de Meg Corbyn, — disse Monty. — Ele tinha que ter algum transporte nas proximidades, mas eu duvido que seja o mesmo carro que foi visto em Porto Ferryman. Debany e MacDonald deem uma olhada nos carros estacionados, especialmente os que estão parados ilegalmente neste lado da rua. Kowalski, leve o Oficial Hilborn e confira o estacionamento e os carros perto do restaurante Lebre e Veado. Preste atenção especial nos carros que têm um adesivo de aluguel.

— Sim, senhor. — Quando os Oficiais saíram, Monty e Burke cruzaram a área de entrega para o consulado.

— Eu gostaria de obter uma declaração da Srta. Lee e Corbyn se estiver tudo bem para elas, — disse Monty.

— Vlad diz que vai falar com você, — Nyx disse assim que a porta se abriu.

Elliot Wolfgard os estudou. — Siga-me.

Monty não tinha visto o gabinete do prefeito, mas ele apostava que não tinha o mesmo mobiliário de qualidade que enchia o escritório de Elliot. E ele apostaria que qualquer um que pensasse que lidar com um Lobo significava lidar com alguém que poderia ser enganado, teria um momento de epifania enervante, possivelmente, quando entrasse na sala.

Meg e Merri Lee estavam sentadas num sofá de couro, pálidas e trêmulas. Ele agradeceu quando Vlad lhe trouxe uma cadeira de encosto reto. Burke permaneceu de pé, perto o suficiente para ouvir tudo, mas claramente sem participar.

Não demorou muito tempo. Merri Lee já tinha feito notas, e sua principal preocupação e a ênfase estava que Meg tinha percebido o perigo e a qualidade hipnótica da voz de Phineas Jones. Meg falou sobre o formigamento sob a pele e como queria Skippy para fora da sala da frente.

Uma boa escolha, Monty pensou enquanto ouvia as meninas. Elas agiram racionalmente até o momento em que Skippy correu atrás de Jones. Então algum outro sentido tinha assumido.

Vassoura e chaleira, Monty pensou quando uma onda de tontura tomou conta dele. *Elas tinham atacado um homem perigoso com nada além de uma vassoura e uma chaleira para salvar um Lobo*. Ele agradeceu as mulheres; então ele e Burke, seguidos por Elliot Wolfgard voltaram para a porta do Consulado.

— Isto é tanto sobre relações públicas como trabalho da polícia,
— Burke disse calmamente enquanto caminhavam de volta à cena.

— Você acha que nós vamos ter protestos, ou pessoas causando problemas porque Phineas Jones se matou em vez de matar um *indigene da terra*?

— Isso é possível, mas eu não estava falando sobre os cidadãos de Lakeside, Tenente. Eu estava falando sobre os Outros. Percebeu como muitos dos que estavam nos observando fazendo o nosso trabalho podem nunca ter conversado com um humano fora de um confronto? Um líder entre eles chamou um humano para dar assistência ao Pátio. Eu duvido que a maioria deles já tenha considerado essa ajuda, quanto mais solicitar uma.

— Eu entendo senhor, — disse Monty. Era uma oportunidade para mudanças, a dinâmica entre os seres humanos e Outros não deve ser desperdiçada.

Burke parou. — Então eu vou deixá-lo agora -

Monty tinha sintonizado o uivo lamentoso. Agora ele notou sua ausência repentina.

— Deuses acima e abaixo, — Burke respirou, então rapidamente olhou para o chão.

Simon e Henry, que estavam perto de Louis e a equipe médica que estava preparando o corpo para o transporte, se moveu para bloquear a visão da parte de trás das lojas. E cada *indigene da terra* estava olhando na direção oposta.

Monty se inclinou para um lado e teve um vislumbre de cabelo preto e vermelho com mechas enroladas de Tess antes de Burke agarrar o seu braço e dizer: — Não olhe, — em voz baixa, e áspera.

Por um momento, sua visão ficou turva e seu coração não conseguia encontrar o ritmo certo. Ele piscou várias vezes e tudo parecia bem. — Senhor?

— Eles estão com medo dela, — disse Burke. — *Todos os Outros* têm medo de olhar para ela.

— Mas é a Tess. Ela é... — De repente, ele pensou sobre a morte de Ásia Crane, o Courtyard estava sob ataque, e as mortes dos estudantes que tinham assaltado Merri Lee, e Burke dizendo-lhe na semana passada, que havia algo no Pátio que poderia matar com apenas um olhar. *Era Tess? Se ele perguntasse, alguém iria dar-lhe uma resposta?*

Se alguém lhe desse uma resposta, Tess o deixaria viver?

Se afastando de Louis, Simon disse: — Nathan, leve o Skippy ao Complexo Wolfgard. Peça para Jane dar uma olhada nele.

Tess caminhou na direção deles, e Monty percebeu que Burke estava certo. Os demais *indigenes da terra* faziam um esforço para ficar fora de seu caminho. Exceto Simon, que saiu para encontrá-la, lembrando Monty dos velhos filmes que ele costumava amar quando era um menino, onde os pistoleiros se encontravam na rua em alguma pequena cidade poeirenta, a fim de resolver alguma disputa.

— Aqui, — Tess disse entregando a Nathan algo envolto em uma toalha de papel ao passar por ela, seus olhos estavam desviados. — Dê isto a Skippy quando você levá-lo para o carro, e diga para Jane que ele comeu um daqueles biscoitos de camomila. — Quando ela se virou para Simon, o cabelo negro mudou para vermelho, e as estrias vermelhas mudaram para verde. Ela ergueu um dos sacos isolados que a Bite utilizava para entregar alimentos ao redor da Praça do Mercado. — As meninas devem ter algo para comer, e eu acho que você não vai querer que elas ainda fiquem aqui.

Simon Wolfgard a olhou nos olhos, e era uma mensagem a todos: Tess já não era um perigo para eles.

— Obrigado, — Simon disse, pegando o saco. — Nós vamos ter que descobrir o que fazer com as duas essa noite.

Tess riu. — Algo romântico, filmes femininos e muito chocolate devem resolver. E não se lamente se elas chorarem no seu pêlo.

Louis se virou para olhar para Simon e Tess. Burke engasgou. E mesmo se Monty não *tivesse* ouvido, ele sabia que os ouvidos dos Outros eram sensíveis, e de uma forma ou de outra, todos pegaram cada palavra.

— Fêmeas, — Simon murmurou quando Tess estava fora de vista. Ele olhou para Monty, como se desafiasse o homem a rir dele. — Eu vou entregar a comida e depois vou estar na HBL se você precisar de alguma coisa. — Ainda resmungando, ele caminhou para o consulado.

Burke foi verificar os Oficiais que estavam à procura do possível veículo de Jones.

Não querendo deixar Louis e os técnicos médicos sozinhos, Monty ficou com eles, ciente da abordagem cautelosa de um dos Lobos e um Corvo que estava com algumas penas dobradas em seu cabelo preto. Eles hesitaram até que Vladimir Sanguinati caminhou até Monty; em seguida, a curiosidade deve ter superado cautela.

— Posso te perguntar uma coisa? — Disse o Lobo.

— Você vai colocar isso em uma de suas histórias, Alan? — Perguntou Vlad.

Quando Alan apenas deu de ombros, Monty preencheu o silêncio. — O que você quer saber?

— Isso... É normal... Para os seres humanos? — Disse Alan, parecendo confuso e intrigado.

— Não há nada de normal sobre explodir bolas de futebol — Vlad murmurou o que deixou o Corvo rindo.

— Eu fiz alguma pesquisa para os meus livros e conversei com alguns humanos, e todos eles disseram que os humanos usam armas e facas, e frequentam clubes de armas.

O Corvo assentiu. — Uma mulher gritando com uma chaleira não parece suficientemente perigoso.

— Mas ela era! Eram! — Disse Alan. — Como é que pode uma humana agir assim?

— Não sei sobre qualquer outra pessoa, — disse Louis, levantando-se, — mas eu quero uma porta robusta, com um forte bloqueio entre mim e ela antes de eu tentar falar com ela.

Monty abafou uma risada. — As pessoas vão usar qualquer coisa que vem à mão quando estão lutando por suas vidas, ou de outra pessoa.

— Interessante, — disse Alan. Então ele olhou para Vlad. — Qualquer outro humano que trabalha aqui pode fazer isso?

Vlad apontou para a parte de trás da livraria. — O nome dela é Heather. Ela parece mais um coelho, mas ela tem o potencial para explodir. Diga-lhe que eu lhe pedi para autografar seus livros.

Alan fez uma careta. — Autógrafo?

— Autores assinam seus nomes em seus livros. Os seres humanos gostam de livros assim.

— Por quê?

— Eu não sei. Mas deve ser uma maneira segura para interagir com ela.

— Eu vou com você, — disse o Corvo. — Isto é divertido. — Então ele olhou para Monty e Louis. — Há armas em uma livraria?

— É uma loja cheia de livros, que são objetos que podem ser lançadas, bem como lidos, — Monty respondeu suavemente.

O Corvo inclinou a cabeça. — Eu não tinha ideia de que os humanos moravam com tanto perigo.

Monty observou o Corvo recuperar o atraso com o Lobo, enquanto Vlad se dirigia para a Praça do Mercado.

Louis limpou a garganta. — Bem. Estamos prontos para transportar o corpo. Vou mandar a chaleira e a vassoura para o laboratório para testar o veneno. Eu também vou falar com uma equipe de limpeza de materiais perigosos e obter recomendação para lavagem do resíduo do veneno deste pavimento. Se eles sentirem que devem lidar com isso, eu te aviso. Oh, e eu encontrei um frasco vazio nas proximidades. Não sei se é relevante, mas eu vou ensacá-lo para o teste.

Foi casualmente mencionado. Nada que possa dar a alguém um motivo para ligar o frasco com a última vez que alguém tentou colocar membros com veneno no Pátio. Mas levar o frasco antes que algum jovem curioso desse uma fungada, ou uma lambida e acabasse morto, era melhor para todos os seres humanos em Lakeside. — Obrigado, — disse Monty. — Eu agradeço.

Louis ficou um pouco, mas ele não estava de frente para os poucos *indigenes da terra* que ainda estavam os observando. — Eles parecem humanos agora. Você poderia passar por eles na rua e não saber o que são.

Monty saiu do caminho. Os Outros tinham visto a polícia respondendo a um pedido de assistência. Eles tinham visto o seu povo trabalhando em conjunto. Eles dariam qualquer informação que pudesse para saber sobre Phineas Jones.

Mas ele suspeita que a coisa que eles iriam compartilhar quando voltassem para os seus territórios de origem era a história de duas humanas atacando um predador, usando uma chaleira e uma vassoura para salvar um Lobo de um humano do mal.



CAPÍTULO 23

DEPOIS DE UMA REFEIÇÃO rápida na Carne Verde, Simon, Vlad, Henry e os hóspedes do Courtyard se reuniram novamente na Biblioteca da Praça do Mercado. Tess chegou um minuto mais tarde, seu cabelo enrolado e completamente vermelho. Não era bom.

E também não foi boa a forma como os demais *indigenes da terra* ficaram tensos assim que ela entrou na sala. Simon não sabia a verdadeira natureza de Tess até recentemente, mas parecia que pelo menos alguns dos seus convidados haviam reconhecido o predador que se sentava entre eles.

— Precisamos encontrar o humano chamado de O Controlador, — Simon disse, resistindo à vontade de se mover em seu assento quando Tess sentou na cadeira ao lado dele. — Precisamos encontrar o lugar onde os humanos estão fazendo as drogas com o sangue das *Cassandras de sangue*.

— E precisamos dar ao governo humano mais incentivo para manter uma melhor vigilância sobre os locais onde as profetisas de sangue moram, — Vlad acrescentou. — Precisamos convencê-los de que *nós* sabemos o que está nessas drogas e que iremos nos assegurar de *culpar* os responsáveis por tudo o que acontecer a partir de agora por causa dessas drogas.

— Eles vão lamentar e esfregar as mãos e dizer que não há nada que possam fazer, — disse Cheryl Hawkgard. — Eles não vão querer que nós encontremos esses lugares.

— Eles vão, — Simon disse calmamente. — Mas primeiro temos que restringir a pesquisa, tanto quanto pudermos. E para isso precisamos de Meg.

— Não, — Tess vaiou quando metade do cabelo se enrolou para o negro.

Ele desejou que ele pudesse se mover para fora do alcance dos cachos do cabelo dela, o que o fazia pensar em cobras irritadas.

— Mil cortes, — Tess disse. — Sabem quantos ela já tem? Você vai tirar parte de sua vida para levar para esta caça?

Charlie Crowgard se inclinou para frente. Ele olhou para Tess, depois para Simon. — O que ela quer dizer?

— Cada vez que a pele de uma *Cassandra de Sangue* é cortada, ela está muito mais perto do corte que irá matá-la ou deixá-la louca, — Vlad respondeu olhando fixamente para Simon. — Mas isso não é o que você quis dizer. Você não vai pedir para Meg cortar sua pele.

— Sim, eu vou — disse Simon. Ele pensou sobre isso enquanto estava na pausa para a refeição. — Um corte. Antes que ela coloque a navalha em sua pele, todos nós lhe daremos o máximo de informação possível. Ela sabe muito mais sobre como ela chegou aqui do que ela percebe. Ela vê as coisas em imagens. Então ela viu pelo menos um pouco de sua jornada para Lakeside. Precisamos ajudá-la a encontrar as imagens que correspondem ao que ela viu.

— Ela sabia sobre o tipo de veneno que Phineas Jones ia usar, porque ela tinha visto uma imagem dessas rãs em uma revista, — Tess disse e os cachos estavam mais soltos.

Henry assentiu. — Vai ser como um quebra-cabeça em que nós eliminamos as peças, a fim de ver a imagem.

Agora Alan Wolfgard e Charlie estavam inclinado para frente, interessados e lutando para entender. O líder do Centro-Oeste parecia mal-humorado, e Simon podia simpatizar. Ele estaria menos interessado circulando ao redor para encontrar a presa se um caminho reto poderia ser tomado. Mas para eles, Meg era apenas um ser humano, e não

percebiam totalmente como os Elementais reagiriam se ela recebesse qualquer dano.

— Então isso tudo para apenas chegar na cova? — Bobbie Beargard exigiu. — Se não for, me diga realmente o que você quer dizer.

— Como você vai de uma cidade humana para outra? — Disse Simon. — Trem, ônibus, carro. Os seres humanos não andam a pé para a aldeia mais próxima, eles não iriam andar de uma região para outra. Os trens têm estações em cidades específicas. Ônibus de viagens com rotas específicas; se estão dentro de uma cidade ou aqueles que fornecem o transporte entre as cidades humanas.

— E alguns carros ficam parados na estação de trem, — disse Alan, balançando a cabeça.

— Quando ela chegou ao Pátio, Meg não estava usando roupas adequadas para o Nordeste, — disse Tess.

— Ela poderia ter perdido um casaco de inverno ou saído de algum lugar mais quente, — Vlad disse. — Ou talvez ela não tivesse roupas adequadas, e não queria chamar a atenção para ela. Ela teve que parar em algum lugar para tingir o cabelo de vermelho.

Todos os convidados inclinaram a cabeça. Finalmente Charlie disse: — O cabelo dela não é vermelho?

Vlad acenou com a mão com desdém. — Era para ser.

— Os fotógrafos foram autorizados a entrar no país selvagem para tirar fotografias da terra e dos animais, — disse Simon. — E os fotógrafos tiram fotos das cidades humanas. Temos livros na biblioteca aqui e na Howling Boas Leituras que têm imagens do país selvagem e de cidades em todas as regiões de Thaisia. Amanhã vamos trabalhar, e colocá-los juntos em uma maneira que vai ajudar Meg a diminuir a perseguição, onde o inimigo está escondido.

— Se nós lhe mostrarmos as imagens certas, talvez Meg não tenha que se cortar, — Henry disse e se levantou e se espreguiçou. — Chega. É hora de descansar. — Ele saiu da biblioteca.

Já que era ele que deveria decidir quando a reunião terminasse, Simon disse: — É hora de descansar.

Depois de um momento estranho, os convidados deixaram a biblioteca. O que o deixou sozinho com Vlad e Tess.

— Um corte, — ele disse. — Vou pedir para Meg apenas um.

— E se precisarmos de mais informações, a fim de diminuir a caça? — Vlad perguntou.

Simon deu a Vlad um sorriso afiado. — Quando Meg nos dizer o que ela sabe, vamos pedir aos nossos amigos da polícia para ajudar.

Meg estava sentada em sua sala de estar, olhando para sua navalha. Flores bonitas de um lado, a inscrição cs759 no outro lado. Uma designação, não um nome.

Haveria jovens profetisas de sangue em Lakeside? Meninas que estavam apenas começando a mostrar a tendência perturbadora de se cortar? Elas tinham nomes, famílias, vidas? Escolhas? Ou a Cassandra *de sangue* já nascia com esse vício, essa necessidade?

Ela abriu a navalha e olhou para a lâmina. Um quarto de polegada de largura, a distância perfeita entre os cortes. As profetisas permaneciam separadas, sem perder a pele utilizável. Seria mais fácil justificar o corte em uma pele nova porque iria ajudar alguém, não é?

Um suicídio lento a cada corte, Meg pensou. Exceto que pouquíssimas cicatrizes em seu corpo foram por cortes de sua escolha.

Phineas Jones estava morto, o que era um alívio. Depois de voltar para o apartamento dela, ela passou uma hora recordando as imagens de morte que tinha absorvido durante suas aulas no Complexo. Por que ele mordeu o saco de veneno em seu braço? Ele esperava que esse tipo de morte fosse rápida, e indolor? Ela imaginava que ser atacado por um Urso ou dilacerado por uma matilha de Lobos irritados fosse eficiente, mas...

Ele sabia que havia coisas que ele não queria que os Outros soubessem. Se ele estivesse aqui para levar as meninas, então ele sabia

como encontrar o Controlador ou os homens como ele. Ele engoliu o veneno para não contar. Mas eu quero saber. Eu só não sei como.

Um uivo do lado de fora de sua porta a assustou o suficiente para que ela quase cortasse o dedo com a navalha. Fechou a navalha, e a enfiou no bolso antes de ir para a porta.

Simon estava ali em forma de Lobo, segurando uma daquelas cordas trançadas e macias que os Lobos usavam como brinquedo. Ele olhou para ela e abanou o rabo uma vez.

— Oh, não, — ela disse. — Eu conheço este jogo. É tudo *'vamos apenas dar um passeio, e então segure a minha corda por um minuto'*, e então você está me perseguindo para todos os lugares, porque a pessoa que segura a corda é perseguida.

Ele inclinou a cabeça, como se dissesse: *Claro! O que você está fazendo parada aí? Pegue seu casaco!*

— Espere aí. — Ela deixou a porta aberta enquanto vestia o casaco e pegava as chaves. Simon não ia gostar de sua decisão, então se juntou a ele para prepará-lo quando ela lhe dissesse que ela iria fazer um corte em um esforço para encontrar o Controlador.

Decidida, Meg fechou a porta e desceu as escadas com Simon ao seu lado.

Simon caminhou ao lado de Meg, rosnando baixinho. Droga de fêmea humana. Não era como se ela não soubesse o jogo. Ele tinha oferecido a corda uma meia dúzia de vezes desde que começaram a caminhar pela trilha que levava ao Pony Barn, mas ela apenas caminhava junto com suas mãos em seus bolsos! Que tipo de jogo que era esse?

Quando ela finalmente tirou suas mãos de seus bolsos, ele balançou suas orelhas, antecipando o jogo. Mas ela cobriu a boca e *bocejou*. Ele gostava de dar um passeio com Meg e ter tempo para cheirar o ar agradável que ficava ao seu redor, mas ele pensou que ela tinha aceitado o seu convite para um jogo de e -

Ela agarrou a corda tão de repente que ele se preparou e puxou sem pensar. Deixando escapar um assvio alegre, ela soltou a corda e gritou: — Está com você! — Então ela se *lançou* para ele. E ele, meio despreparado, saltou para longe dela. *E ela o perseguiu!*

<*Espere! Sou eu quem deveria perseguir!*>

Claro, ela não podia ouvi-lo falando como *indigene da terra* que era ele quem deveria perseguir, e tentar agarrar sua cauda!

Meg não o ouviu, mas os outros Lobos sim.

<*Simon?*> Blair chamou. <*Simon!*>

De repente, havia Lobos correndo para ele e Meg, Blair, Nathan, John, Elliot e Jane. Mesmo Alan, Joe e Jackson apareceram para uma brincadeira na noite.

Ele viu Joe e Alan se concentrarem em Meg, provavelmente supondo que ela tinha ficado agressiva. Ele entendeu por que Joe poderia pensar isso, vindo do Centro-Oeste e lidando com todos os problemas recentes com os seres humanos. E a maioria das histórias de Alan era sobre como os seres humanos enlouqueceram e eram os vilões, por isso não era para ele ter reagido como se um Lobo estivesse sob ataque.

Antes que Simon pudesse dar um aviso, Blair e Nathan bateram no ombro de Joe e Alan, dado um tranco nele, enquanto Jane e Elliot bloqueavam Jackson.

Foi quando Meg apontou para ele e gritou: — Simon está com a corda!

E foi quando todos os outros Lobos focaram *nele*.

Simon girou e passou correndo por Meg, que ria tanto que ela mal conseguia andar. Agora, devido ao jogo que estavam jogando, os Lobos deram perseguição. Já que ele não tinha que ficar na estrada para acomodar a falta de visão noturna de Meg, ele correu duro, entrando na floresta e correndo através das árvores até que pudesse circular e estar de volta à fêmea sorrateira.

Quando chegou à estrada novamente, com o resto dos Lobos beliscando seus calcanhares, ele viu Meg trotando de volta para o Complexo Verde. Nathan trotava junto com ela. Ele não tinha certeza se

isso foi ideia de Nathan ou de Blair, mas foi inteligente ter um guarda com ela quando ela poderia ser confundida com uma presa de verdade.

<Sua vez,> ele disse quando Blair chegou ao lado dele.

Blair gentilmente agarrou a corda e saiu correndo.

<Vá,> Simon disse para Nathan. Ele se lançou para o outro Lobo quando Nathan hesitou. *Meg é minha!*

Com um uivo de surpresa, Nathan saltou fora do alcance e correu para acompanhar o resto dos Lobos que brincavam de perseguir.

Não era a minha Meg, Simon pensou inquieto quando se estabeleceu em um ritmo que o manteve ao seu lado. *Minha Meg* parecia mais que um amigo. Não é? E pensar dessa forma poderia ser perigoso. A forma humana era apenas uma conveniência já que os humanos não conseguiam interagir com qualquer coisa que não fosse parecida com eles. Mas absorver muito da forma humana e se tornar muito parecido com um humano poderia alienar um *indigene da terra* de sua própria espécie e deixá-lo sozinho e sem um lugar para se sentir em casa. Ele era um Lobo, seria sempre um Lobo. Ter uma amiga humana não mudaria isso. E ele não era o único com uma amiga humana. Henry, Vlad, Tess, Jenni, Jester. Mesmo Winter afirmava que Meg era como uma amiga humana especial. Será que Nathan...? *Minha Meg!* Ok, ele poderia compartilhar Meg, o brinquedo sibilante, com outro Lobo, mas não compartilhar Meg com outro *amigo* Lobo? Exceto Sam, é claro. E era justo já que Sam foi amigo de Meg antes. E ele ainda era um filhote.

Minha Meg. Outra confusão que ela tinha trazido para sua vida e algo que ele teria que descobrir mais tarde.

Ofegante, Meg desacelerou para uma caminhada. Não demorou tanto tempo para sua respiração acalmar, mesmo do lado de fora. Ela estava ficando mais forte, e mais apta.

— Simon, nós precisamos conversar, — ela disse quando eles voltaram para o Complexo Verde, se aproximando de seu apartamento. Ela abriu a porta e o deixou entrar primeiro.

Ele suspirou. Ele precisava falar com ela também, mas falar significava ficar na forma humana, então ele subiu para seu quarto para

mudar e colocar um jeans. Quando ele voltou para baixo, ela estava esperando por ele na sala de estar.

— Sam não está morando mais com você? — Ela parecia melancólica, e lhe ocorreu que ela realmente *sentia falta* do filhote. Ele sabia que Sam sentia falta dela também.

— Nem sempre. É mais seguro para ele agora estar com os demais Wolfgard. Mas da próxima vez que ele estiver aqui, você poderia vir e passar o dia com a gente, — Simon disse. — Nós vamos até deixá-la escolher um dos filmes. — E ele e Sam iriam ter uma conversa antes, sobre ser educado mesmo quando você estava entediado por causa de um filme bobo que alguém estava gostando.

Meg sorriu. — Eu gostaria disso.

Quando ele estava na forma humana, ela ficava cautelosa perto dele. Ele meio que entendia, pois sua forma humana estava se tornando mais interessada na dela de uma maneira que ele tinha certeza de que não se encaixava como uma amizade. Mas ela deixava o Lobo cuidar dela enquanto assistiam a um filme. E mesmo que uma lambida de Lobo não a ameaçasse, ele não entendia porque ser beijada pelo macho não dava, o que não fazia sentido quando o Lobo peludo e o macho na forma humana eram a mesma pessoa.

Talvez fosse porque era apenas Meg, que era um pouco mais que um filhote aprendendo sobre o mundo de uma fêmea adulta. Ela não cheira como se estivesse interessada em beijos. Claro, ele não *estava* interessado, mas porque eles eram amigos, beijos que não eram como lambidas poderiam causar mais confusão.

Talvez ele realmente precisasse ler um daqueles romances sobre seres humanos e Lobos para descobrir as inconsistências no cérebro feminino.

— Simon, — Meg disse calmamente.

Seu tom o lembrou que eles precisavam falar e ele queria evitar falar o que tinha que dizer. — Meg?

— Estão usando o sangue das profetisas para fazer drogas que provocam problemas entre os seres humanos e os *indigenes da*

terra. Estão *moendo* meninas para infectar a carne que deixam muitas pessoas temporariamente insanas. Você tem que parar essas pessoas ou isso vai continuar acontecendo, e cada vez vai ser pior. Mais raiva, mais ódio. — Meg levantou o queixo. — Você precisa de uma profecia para ajudá-lo a encontrar o Controlador. Então eu vou fazer outro corte.

Ela disse exatamente o que ele precisava dizer. Mas isso significava ferir sua amiga, então ele mostrou os dentes e rosnou para ela. — Eu não vou pedir para você colocar o pé em uma armadilha para salvar o resto de nós.

— Não, você não vai. Mas se alguém do bando escolher fazê-lo, você vai aceitar sua escolha.

Seu grunhido se alterou para um gemido. Ele não gostava, mas ela falou a verdade. Então novamente, ele achava que Meg não falaria mais nada.

— Eu vou fazer o corte amanhã de manhã.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Primeiro vamos descobrir o que você pode se lembrar sobre a sua viagem para Lakeside. Dessa forma, sua pele não será desperdiçada.

— Tudo bem. — Ela moveu os seus pés. — Eu deveria ir para casa agora e descansar um pouco.

Ele queria ir com ela, queria se enrolar ao lado dela esta noite. Então ouviu os Lobos uivando, um lembrete de que havia hóspedes no Pátio que poderiam ficar desconfortáveis com a evidência de que ele era *muito* amigável com um ser humano, especialmente uma que era a criação terrível de Namid.



CAPÍTULO 24

NORMALMENTE Earthday era um dia de descanso, tanto para os seres humanos quanto para os *indigenes da terra*, e naquela manhã, os convidados se aglomeraram na parte da frente da livraria. Henry e Vlad estavam atrás do balcão, enquanto Tolya e Stavros Sanguinati flutuavam perto do teto em forma de fumaça. Tess se apoiou contra a porta entre a HBL e a Bite. Simon estava esperando que as quatro mulheres: Merri Lee, Heather, Ruthie e Theral se juntassem a eles.

Ainda dentro do almoxarifado, as meninas hesitaram quando viram a multidão de *indigenes da terra*, mas elas vieram para frente quando ele sacudiu um dedo para elas. Ele convocou as mulheres na noite passada, dizendo-lhes para virem para um dia inteiro de trabalho e ele explicaria tudo na reunião desta manhã.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, elas puxaram cadernos e canetas para fora das bolsas que elas transportavam em todos os lugares. Meg carregava uma bolsa quando ela ia para o escritório ou para a Praça do Mercado, mas era pequena e não possuía nada de particular interesse. Ele sabia disso porque ele já tinha olhado. Mas essas bolsas eram grandes o suficiente para conter todos os tipos de coisas curiosas, e ele desejou enfiar o nariz em uma delas para descobrir o que tinham.

— Hoje todos nós estamos participando de uma missão especial,
— Simon começou.

As quatro meninas abriram seus cadernos em uma página limpa, e escreveram a data no topo, em seguida, olharam para ele com expectativa.

Com o canto do olho, ele viu Bobbie Beargard curvar os ombros, deslocando seu corpo em uma posição pré-ataque. Ele percebeu que outros hóspedes *indigenes da terra* também endureceram.

Se apenas uma das meninas fizesse isso, nenhum deles teria pensado. Mas todas as quatro? Era algo que elas deveriam fazer durante uma reunião? Será que todos tinham cadernos e canetas, ou somente as fêmeas? Era mais uma coisa humana secreta? Ou uma indicação sutil ao fazer um negócio, quando estavam tentando comprar uma mercadoria de um humano? Será que os professores humanos que os *indigenes da terra* pagavam bem para ensiná-los a interagir com os humanos, sem omitir informações de treinamento deliberadamente, tinham mentido para os Outros?

E o mais importante, como poderia perguntar por algo que o tornava vulnerável ao engano?

Simon olhou Ruthie e pensou que ele tinha a resposta para isso.

— Sr. Wolfgard? — Disse Merri Lee, olhando para todos os *indigenes da terra*. — Você ia nos dizer sobre a missão especial?

— O homem que veio aqui ontem foi... — Simon hesitou, sem saber como explicar já que ele não queria dizer-lhes o que aconteceria quando os Outros encontravam suas presas.

— Alguém o contratou para adquirir profetisas de sangue, — disse Merri Lee com uma raiva latente que fez com que todos sentissem um potencial ataque. — Ele tentou hipnotizar Meg para acreditar que ela precisava ir com ele. — Em contraste com a raiva latente em sua voz, seus olhos pareciam mal-assombrados. — *Ele era uma pessoa má.*

— Sim, — Henry, o guia espiritual do Courtyard disse com autoridade tranquila. — Ele era uma pessoa muito ruim que teria trazido dano a muitas outras meninas e suas famílias. O aviso de Meg para esconder as crianças o impediu de levar qualquer uma de Porto Ferryman.

Merri Lee não tinha matado Phineas Jones mais do que Meg tinha. Mas o seu ataque defensivo impediu o homem de escapar, e ao perceber que ia ser capturado, ele mordeu por sua própria mão

envenenada. Simon não achava que foi tão simples para a fêmea humana aceitar como era para os Outros.

— Precisamos encontrar um homem chamado O Controlador, — disse Simon. — Ele controla o Composto onde Meg foi mantida, e ele mantém um monte de outras meninas lá e as trata como propriedade. Ele foi aquele que chamou Meg de *cs759* porque uma propriedade não precisa de um nome. Nós acreditamos que ele é o responsável pela fabricação das drogas *Nocaut de Lobo* e *Alto astral*, além de misturar com sangue e contaminar a carne que causou tanta violência e morte em uma cidade do Centro-Oeste. Então o que todos nós vamos fazer hoje é ajudar Meg a descobrir como ela chegou a Lakeside e como ela chegou ao Pátio.

Enquanto observava todos absorverem as palavras, ele entendeu algumas coisas sobre seus empregados. Heather era definitivamente um coelho, e enquanto ela era uma boa trabalhadora, ele não achava que ela iria ficar muito mais tempo. Theral era tão nova que não podia decidir se sua inquietação veio de tentar compreender o Courtyard como um todo ou essa atribuição. Mas Merri Lee e Ruthie? Ele viu um pouco de Lobo nelas, assim como ele via em Meg às vezes. *Elas* entendiam que o Controlador não viveria um dia após os *indigenes da terra* o encontrarem.

Talvez Merri Lee não estivesse tendo tanta dificuldade em aceitar a morte de Phineas Jones como ele pensava.

Antes que ele pudesse explicar mais coisas, Merri Lee olhou para ele e disse, — Imagens. Meg precisa de fotografias, desenhos, mapas, nomes das cidades e suas imagens para que ela possa se lembrar da viagem que fez para Lakeside. — Ela se virou para Ruthie. — Ela não vê sempre de forma direta. Às vezes a resposta é por associação.

Ruthie assentiu. — Por isso, podemos começar de forma ampla e, em seguida, estreitar o foco.

A próxima coisa que Simon soube, Merri Lee e Ruthie estavam dividindo as tarefas e tomando notas sobre quem ia fazer o que, inclusive distribuindo atribuições para os Outros.

<Você não deveria estar no comando?> Vlad perguntou, divertido.

<Cale a boca,> Simon rosnou.

Os *indigenes da terra* foram atribuídos para dizer sobre as plantas, animais, água, e particularidades de cada região, enquanto as meninas iriam verificar os locais humanos.

— O que podemos utilizar como referência? — Perguntou Ruthie.

— Qualquer um dos livros na loja ou na biblioteca, — Simon respondeu. — Basta verificar no catálogo da loja, e se precisaremos retornar para ele mais tarde. Você pode usar as amplas mesas na biblioteca ou trabalhar com Meg na mesa da sala de triagem no Gabinete do Liaison.

— Eu vou pegar um mapa de Lakeside e falar com Meg, — disse Merri Lee.

— Posso usar o computador na biblioteca? — Perguntou Ruthie. Ela continuou sem esperar pelo consentimento de Simon. — Vou verificar os horários dos comboios e as estações e ver o que poderia ter vindo para Lakeside e de onde. Mas primeiro eu vou ver com Meg se ela se lembra de alguns nomes da cidade.

— Não pode haver mais de uma cidade com o mesmo nome — disse Theral.

— Sim, — Ruthie concordou. — Mas nem todas essas cidades teria uma ligação de estradas ou comboio para Lakeside. Não diretamente, de qualquer maneira.

As meninas olharam para a prateleira de mapas que estava na frente do caixa. Era geralmente de fácil visão de quem estava no balcão. Hoje, havia uma multidão de *indigenes da terra* que estavam no caminho de qualquer um que quisesse alcançar os mapas.

Fumaça fluíu ao longo do teto, depois se desviou em direção à prateleira. Braços e mãos tomaram forma, juntamente com o suficiente do rosto para Simon identificar Stavros quando o Sanguinati selecionou vários mapas e os entregou para Alan Wolfgard, que lhes deu a Charlie Crowgard, que os passou para Simon, que lhes entregou a Ruthie.

Após murmurar seus agradecimentos, Merri Lee e Ruthie se dirigiram para a parte de trás da loja, seguida por Theral. Heather olhou

por cima do ombro antes de correr para recuperar o atraso das outras meninas.

As outras humanas.

<Ela não vai ficar,> Vlad disse, parecendo arrependido.

<Eu sei,> Simon respondeu. <Quando chegar à hora iremos fazer isso da maneira humana. Vamos jogar uma moeda para ver quem irá ter que preencher a papelada.>

Ele coletou uma cópia de todas as revistas que abastecia a loja, o que não era muito, já que os *indigenes da terra* não achavam as revistas tão interessantes quanto os clientes humanos achavam, além de ter que pagarem a taxa de *não reciclagem* embutida no preço. Agora, porém, ele iria considerar se revistas proporcionariam uma referência útil para Meg. Ele teria que falar com ela sobre isso.

Será que ele deveria pegar um caderno de anotações no Três Ps para que pudesse escrever tais coisas? Por que ele precisaria escrever notas quando podia se lembrar delas?

Os seres humanos eram confusos, e ele estava duvidando de si mesmo, se perguntando se agora estava realmente se passando por humano, como tinha pensado por todos esses anos.

Queria saber, por que isso importava agora.

Depois ele distribuiu as revistas, a maioria para os hóspedes do Courtyard, que levaram as suas atribuições para a Bite, onde eles poderiam usar as mesas e obter uma bebida.

Alan apareceu nas prateleiras de livros infantis e selecionou vários livros antes de se juntar a Joe e Jackson na Bite. Vlad subiu para lidar com a papelada. Henry e Bobbie se dirigiram para as lojas da Praça do Mercado para ver o que poderia ser útil.

E isso deixou Simon sozinho com Charlie.

Indo para trás do balcão, Simon pegou uma pilha de pedidos dos assentamentos dos *indigenes da terra*. Se Heather ia sair, ele precisava começar por esses pedidos.

— Murmúrios no ar — Charlie disse calmamente.

Simon começou a separar os pedidos em pilhas que iriam ao mesmo caminhão de entrega. — Murmúrios de quê?

— Guerra.

Ele olhou para cima, dando a Charlie toda a sua atenção. — Guerra — era uma palavra séria porque a guerra reformulava o mundo. — Você acha que os seres humanos de lá são tão tolos assim?

— Alguns deles são.

— Se começar por lá, você acha que a guerra virá até aqui?

— Isso vai nos tocar. Mas espero que com menos ferocidade que vai tocar a parte do Cel-Romano do mundo.

— Como você ficou sabendo sobre isso?

Charlie sorriu. — O Crowgard mora em muitas partes do mundo, não apenas em Thaisia. Nós compartilhamos o que sabemos. Mas os Corvos não podem dizer se os seres humanos vão lutar para roubar território um do outro, como eles às vezes fazem, ou se eles estão procurando tomar o que é nosso.

— Eu acho que os *indigenes da terra* de lá irão descobrir em breve e lidar com isso, — Simon disse, franzindo a testa enquanto lia os títulos que estavam sendo solicitados dos assentamentos que o Courtyard de Lakeside atendia. Parecia que todos tinham terminado de ler suspenses sobre *humanos-do-mal-que-quase-não-tinham-sobrevivido-as-Nevascas*, e estavam fazendo uma mudança sazonal sobre histórias de sobreviventes de outros tipos de tempestades. Os *humanos do mal* não variavam.

Charlie se inclinou e pôs seus antebraços no balcão. — Simon. Este Controlador é o seu inimigo, e os líderes do Centro-Oeste não são avessos em ajudá-lo com esta caça. Mas este ser humano pode não ser o *único* a fazer a droga. Ele pode não ser o único responsável pela carne estragada.

— Ele pode não ser, — Simon concordou. — Então isso é uma das coisas que vamos perguntar a Meg.

— Meg? — Ruthie perguntou enquanto Merri Lee abria os mapas dos Lagos e da Região Nordeste na mesa de classificação. — Posso te perguntar uma coisa?

— Não é isso o que devemos fazer hoje? — Meg respondeu, deixando de lado o *Lakeside News*. — Fazer perguntas, a fim de encontrar respostas?

Ruthie ergueu o seu caderno. — Por que os *indigenes da terra* estão com raiva de nós por tomar notas para esta tarefa? Se eles estão preocupados com a segurança ou algo assim, podemos deixar os cadernos aqui.

— E todos na Associação Comercial do Courtyard sabem que Ruthie e Karl estão morando juntos e vão se casar neste verão e que Michael e eu estamos namorando, — disse Merri Lee. — No mínimo, Simon e Vlad têm que saber que a polícia vai estar ciente de que *algo* está acontecendo já que Ruthie e eu fomos chamadas para trabalhar em Earthday.

— Então por que eles ficaram chateados com os cadernos? — Perguntou Ruthie. — Porque todas nós reparamos. Os Outros na HBL ficaram seriamente incomodados, mas não disseram nada. Sei que isso deixou Heather e Theral desconfortáveis.

Meg fechou os olhos e recordou as imagens de treinamento sobre cadernos de anotações. Diário? Não, mas ela tinha certeza que Simon e Vlad usavam uma agenda para fazer o cronograma de trabalho para a loja, e Elliot deveria usar um para os seus encontros com o prefeito e tal. Revistas? Não. Os outros não ficariam chateados com essas coisas. Além disso, Ruthie e as outras meninas não teriam trazido um diário para uma reunião. Então o que importa para os *indigenes da terra*?

Meninas e meninos carregavam livros, iam para a escola, sentavam em mesas para escrever, tomavam notas durante as aulas quando o professor apontava algo na lousa. Em seguida, ela considerou o que sabia sobre a pequena escola aqui no Pátio, sobre o que os filhotes como Sam estavam aprendendo e o que os jovens estavam aprendendo antes de irem para escolas que lhes dariam a formação técnica ou a

educação que deveria corresponder ao que estava disponível para seres humanos. De acordo com os acordos feitos com os *indigenes da terra* em Thaisia, os seres humanos deveriam ensinar tudo o que estivesse disponível para os Outros, se eles quisessem aprender.

Mas e se houvesse formas menos evidentes para desencorajar os Outros de insistir que esses acordos fossem cumpridos ao máximo?

Ela abriu os olhos e olhou para suas amigas. — Quantos anos você tinha quando aprendeu a tomar notas?

— Quantos anos? — Merri Lee franziu a testa. — Antes de entrar no ensino fundamental. Certamente antes de ir para a universidade.

Ruthie assentiu. — Não nos primeiros anos de escola, mas definitivamente antes do ensino médio. Eu sempre gostei de manter o controle de um projeto, fazendo anotações para mim quando refletia sobre algo ou listando as coisas que eu precisava fazer para uma atribuição, então comecei a carregar um caderno de anotações desde que eu aprendi a escrever e soletrar. É a minha maneira de pensar em voz alta. E para manter futuras referências.

Mais imagens. Menino na parte de trás da sala de aula, livros fechados, desprezando o professor. Ou parecendo ressentido. Ou escondendo sua confusão, parecendo entediado? — E se alguém não tomar notas durante a aula? O que o professor acha? — Meg perguntou.

— Que não está interessado na lição, — Merri Lee respondeu. — Ou o aluno pode pensar que o assunto está abaixo dele. Ou dela.

— E se ninguém nunca lhe explicou sobre a tomada de notas? — Meg perguntou suavemente, pensando em como Simon e os outros *indigenes da terra* que considerava amigos tratavam o seu diário como algo privado. O que era. O diário era a sua maneira de construir uma vida, para preencher as lacunas entre as imagens que ela tinha absorvido durante as aulas no Complexo e toda a experiência de vida recente. Eles estavam curiosos sobre o motivo dela precisar escrever as coisas, mas tinha assumido que era parte de ser uma profetisa, até esta manhã, quando quatro humanas tiraram cadernos e canetas e mostraram aos Outros que escrever as coisas não era algo exclusivo para

uma *Cassandra de Sangue*. — E se você não aprendesse tomar notas quando jovem, de modo que quando você assistia às aulas em uma escola humana, o professor pensou que você não se importava e estava perdendo o seu tempo? E se você quisesse aprender, mas pensava que o professor...

Buscando as cópias do *Lakeside News*, Meg abriu os quadrinhos e apontou uma tirinha.

— Essa tirinha é um reflexo de anos, — disse Merri Lee. — Quando eu era jovem, eu achava engraçada, mas não parece mais engraçado.

Um grupo de personagens na tirinha sempre usava chapéus elaborados, símbolos de autoridade. Mas havia outro grupo, usando ternos de negócio, que sempre faziam truques e brincadeiras sobre os *indigenes da terra* que não conseguiam entender a *civilização*.

— Os Outros nunca aprenderam sobre tomar notas para ajudá-los a se lembrarem do que ouviram nas aulas? — Disse Ruthie. Ela apertou os lábios em uma linha fina. — Em seguida, os instrutores poderiam pensar que eles estavam ocupando espaço nas salas de aula, porque tinham o direito de estar lá, mas eles realmente não se preocupavam com a aprendizagem deles. Assim, os instrutores não faziam nenhum esforço para descobrir por que os *indigenes da terra* não estavam fazendo as coisas que iria ajudá-los a tirar o máximo proveito da classe. E os Outros percebem que não estão recebendo o que foi prometido, mesmo não tendo certeza do que está faltando, e eles se ressentem com os humanos e ainda nos veem como intrusos, embora nós estejamos morando neste continente com eles há séculos.

— E eles expressam seu ressentimento apertando os recursos de que precisamos para o nosso modo de vida e as coisas que fazemos; porque eles devem desistir de pedaços de mundo que pertencem a eles, a fim de tornar as coisas convenientes para nós? — Acrescentou Merri Lee. — Todos sentem algum tipo de falta, e o ressentimento aumenta. E quando os seres humanos dão um passo longe demais...

— Eu peguei um livro velho em uma venda de garagem, — disse Ruthie. — Dentro havia uma folha de papel dobrada com uma lista de

cidades que não existem mais. Eu não sabia a princípio o que era. Era apenas uma lista de nomes de cidades e datas. Quando realmente dei atenção aos nomes das cidades... Foi quando percebi que foram destruídas, e recuperadas pelo país selvagem. — Ela parecia triste. — Quantas dessas cidades desapareceram porque alguém não se incomodou a explicar algo tão simples como tomar notas?

Meg observou Ruthie virar uma página limpa em seu caderno. — O que você está fazendo?

— O Sr. Wolfgard me contratou para ensinar aos Outros sobre as coisas humanas, e é isso o que eu vou fazer. E não apenas fazer pedidos em um cardápio ou o utensílio correto para usar em um restaurante ou como fazer compras em uma loja. Karl pensa que nós temos uma oportunidade de interagir com os Outros, de uma maneira que podemos fazer a diferença para todos nós, e eu também penso assim. Então eu vou ensinar aos *indigenes da terra* no Pátio sobre as habilidades sociais e o que fazer quando eles frequentam uma escola com instrutores humanos. Eu só vou tomar um minuto para fazer uma nota sobre isso.

Merri Lee concordou. — Enquanto você faz isso, Meg e eu vamos trabalhar com o mapa de Lakeside para descobrir como ela chegou aqui.

Parecia simples. Mas não era. Meg não tinha percebido o quão pouco da viagem ela tinha absorvido. Ou, mais ao ponto, ela não tinha certeza do que tinha sido real e o que eram imagens de treinamento. Ela se concentrou em seguir as imagens que norteavam sua fuga e de alguma forma, não viu qualquer outra coisa que possa ter criado confusão ou dúvida, as mesmas coisas que os ajudariam agora para acompanhar sua jornada.

Havia um trem. Lembrou-se de estar com muito medo de dormir e cansada demais para ficar acordada. Capturou essa imprecisão mental, as imagens que a guiou eram afiadas, mas não tinha um contexto. Ela comprou um bilhete para o último trem saindo naquela noite, mas ela não conseguia se lembrar de como tinha chegado à estação. Deveria haver um veículo que havia deixado o Composto, mas... Ela se lembrou de ter ficado muito tempo no trem e viu algo que desencadeou a decisão

de sair antes da parada em seu bilhete. Qual cidade? Ela não sabia. E tinha havido um ônibus, do tipo que fornecia transporte entre as cidades. E outro bilhete para outro trem? Mas novamente, ela tinha seguido as visões, e muito do que ela tinha visto havia desaparecido para recordar.

Antes que as três ficassem muito frustradas, o primeiro conjunto de imagens que conseguiu lembrar serviu para marcar uma região.

As imagens de jacarés, panteras, e cobras a fascinavam. Suas imagens de formação dessas criaturas eram desenhos que não eram nem um pouco assustadores. *Essas* imagens eram de predadores. Talvez até mesmo de *indigenes da terra*. As árvores e as flores eram deslumbrantes, como nada que ela tinha visto antes, nem mesmo em imagens de treinamento.

— Ok, — Merri Lee disse, fazendo anotações. — Você não reconheceu os bichos ou as plantas, então eu diria que você não morou no Sudeste ou veio de lá quando você fugiu.

— Esteve escuro a maior parte do tempo, — Meg disse. Ou foi esse o caminho de sua mente de se proteger de absorver muitas imagens quando o trem acelerou? Não *era* a luz do dia, pelo menos a maior parte do tempo, mas não era um dia brilhante. Luz de inverno e o céu cinza.

— Você estava usando jeans, uma camiseta, uma jaqueta jeans e tênis, — Ruthie disse fazendo suas próprias notas. — Você não tinha um casaco de inverno, então você veio de algum lugar mais quente do que aqui.

Meg franziu a testa. — Não. A jaqueta jeans era parte das roupas de alguém. Os Aqueles Com Nomes estavam usando casaco de inverno.

Eles olharam para ela.

— Eles usavam uniformes brancos e mudavam para suas roupas normais quando saiam. Eu peguei aquela jaqueta do armário dela porque ela saiu por algum motivo, e não fechou o armário corretamente. É por isso que eu pude levar as roupas e o dinheiro em sua carteira.

— Estava frio quando você saiu? — Perguntou Merri Lee.

Meg assentiu. — Muito frio. Mas eu estava com tanto medo. Talvez fosse frio, mas eu estava com tanto medo do que o Controlador faria comigo se eu fosse pega. Jean... Jean e eu íamos fugir juntas. Foi antes das visões que me ajudaram a escapar, apenas uma ilusão de ter uma vida real. Mas um *Aquele com Nome* nos viu, e o Controlador não achava que eu teria a ideia de fugir, então ele... Quebrou um dos pés de Jean. Eu ainda queria fugir com ela, mas ela disse que se ela fosse comigo seríamos pegas. Ela disse para eu fugir, por ela. E eu fiz. — Meg não sabia que estava chorando até que Merri Lee lhe entregou um lenço de papel. — Mas Jean ainda está lá, naquele Composto.

Ela enxugou os olhos e assuou o nariz. — Eu nunca estive no Sudeste. Tenho certeza disso.

Elas cruzaram o Extremo Norte. Theral estava usando o computador da biblioteca para verificar os detalhes para elas, e ela confirmou a tempestade do Lago que havia tocado Lakeside na noite que Meg chegou, e que tinha fechado a estação de trens e os transportes de ônibus no Alto Nordeste pelo resto do dia.

Tess trouxe café, sanduíches e biscoitos de chocolate recém-assados, assim como outra pilha de fotos.

Meg, Merri Lee, e Ruthie beberam o café, comeram os sanduíches e biscoitos, e cruzaram a região da Costa-Oeste.

No meio da tarde, Heather lhe mostrou um punhado de revistas, com os olhos inchados de tanto chorar.

— Eu acho que não posso mais fazer isso, — ela disse, colocando as revistas sobre a mesa de triagem. — Eles estavam fazendo mais esforços para ficarem em forma humana, e não fazem mais. Vocês já repararam nisso? — Heather olhou para Merri Lee, que estava trabalhando na Bite a mais de um ano. — E a maioria dos clientes eram humanos, por isso não era tão ruim. E com o crédito na Praça do Mercado, eu estava fazendo o máximo de horas de trabalho, o mesmo tempo que trabalharia em outra livraria na cidade.

— Então por que você não pode mais fazer isso? — Perguntou Merri Lee.

— Na noite passada, meu pai me disse que não queria que eu colocasse mais os pés em sua casa enquanto trabalhasse no Pátio. Ele disse que eu era forte o suficiente para encontrar trabalho em Lakeside, e ser afastada dos amantes de lobo era o primeiro passo na direção certa para um novo emprego, melhor que ter que dormir em um abrigo e mendigar nas ruas, além de espalhar lama sobre todos na família. E enquanto ele estava dizendo essas coisas, minha mãe ficou ali sentada sem olhar para mim. Ela não disse nada para mim até que eu levantei para sair. Então ela me parou na porta e me disse que se alguma coisa acontecesse com o meu irmão mais novo ou a minha irmã porque eu estava sendo uma *puta* para os Outros, eu perderia minha cabeça.

— Isso é terrível, — Ruthie disse. — Eles não tinham direito de dizer aquelas coisas!

— Como sua família não disse isso para você?

Ruthie deu um passo para trás.

— Você perdeu o seu emprego por causa deste lugar. — Heather olhou para Merri Lee. — E você foi espancada e não pode voltar para a escola.

— Os Outros não fizeram essas coisas, — Merri Lee respondeu. — Os seres humanos fizeram.

— Por causa deles! E agora nós estamos sendo convidadas... Você sabe mesmo o que eles vão fazer com as informações que nós iremos fornecer? E se nós estamos ajudando a fazer algo terrível? O que acontecerá conosco se formos marcadas como traidoras para a humanidade?

— Eu acho que trabalhar com os *indigenes da terra* não é tão preto-e-branco assim, — Ruthie disse cuidadosamente. — Talvez seja tão simples assim, em lugares como o Cel-Romano ou Tokhar-Chin, onde os seres humanos controlam um grande pedaço de terra e só esbarram com os Outros nas fronteiras entre as terras controladas pelos humanos e o país selvagem. Mas os nossos antepassados se estabeleceram em um continente que não pertencem aos seres humanos, por isso é diferente

para nós. Se não podemos trabalhar com eles, eles vão virar-se contra nós.

— Isso não muda o fato de que a Heather foi dada uma escolha: desistir do emprego ou perder sua família, — disse Merri Lee.

O que acontecerá com Heather se ela fizer a escolha errada? Meg pensou, batendo a mão contra a parte inferior da mesa de classificação quando ela pegou algumas das revistas. Ela quase gritou com a súbita pontada de dor, mas ela engoliu a dor que se transformou em agonia leve, surpresa demais para falar quando a capa de uma revista mudou para um quadro diferente. Somente peças, de modo que ela nunca via toda a imagem, como se ela estivesse vendo pedaços de várias fotos. Em seguida, lutando para se concentrar na visão, ela viu uma data e sangue encharcando o papel.

Quando voltou a si, percebeu que ninguém tinha percebido o que tinha acontecido. Ruthie e Merri Lee ainda estavam falando, ainda tentando oferecer a Heather alguma simpatia e encorajamento. Mas a sua amiga não precisava de simpatia e encorajamento. Ela precisava...

— Heather, você tem que ir, — Meg disse calmamente.

Todos pararam de falar e olharam para ela.

— Eu prefiro ficar aqui e trabalhar com você, — disse Heather. — Há muitos estranhos na biblioteca...

— Não — Meg foi até o balcão, pegou o telefone e discou. — Você tem que entregar o seu aviso hoje e sair.

— Meg? — Disse Merri Lee. — O que está acontecendo?

Ela balançou a cabeça quando Vlad atendeu ao telefone na HBL. — Vlad? Você pode vir para o escritório? Nós precisamos falar com você. Não, apenas você. — Ela desligou antes de se virar para olhar para suas amigas e os mapas e os cadernos, mas ela não viu mais nada, não sentia mais nenhuns espinhos de alerta.

— Meg! — Vlad correu para a sala de triagem e parou abruptamente.

— Heather precisa sair, — Meg disse. — Ela não pode mais trabalhar no Pátio.

— Eu não tinha me decidido ainda! — Heather protestou. Claramente assustada, ela se virou para Ruthie e Merri Lee para o apoio. — Eu não disse isso.

— Ela não disse isso, — disse Merri Lee.

Vlad deu a Heather um olhar considerado, mas Meg achava que a decisão não o surpreendeu. Então ele cheirou o ar e caminhou ao redor da mesa até que ele estava ao lado dela e disse, gentilmente: — Deixe-me ver suas mãos.

— O quê? — Meg disse.

— Suas mãos, — Vlad repetiu.

— O que está acontecendo? — Perguntou Ruthie.

— Meg? — Disse Merri Lee.

Ela estendeu as mãos. A marca na parte superior de seu dedo indicador direito tinha um pequeno furo, do tamanho de uma cabeça de alfinete, mas foi o suficiente de pele perfurada para o sangue subir na ferida.

— Como você fez isso? — Vlad perguntou.

— Eu bati com a mão sob a mesa quando fui pegar as revistas. Devo ter raspado em alguma coisa?

— E você viu...?

Ela viu Merri Lee pegar no caderno e caneta. Perturbador. Outra imagem. Não era a resposta à pergunta de Vlad. — Eu vi uma capa de revista. — Ela tentou apontar, mas Vlad ainda segurava suas mãos, então ela jogou a cabeça para indicar a pilha de revistas sobre a mesa. — Mas a visão não era sobre o problema atual. Eu vi sangue. Todas as páginas estavam embebidas em sangue.

— O que isso tem a ver com Heather?

— A família dela quer que ela pare de trabalhar aqui. Quando peguei as revistas, eu estava pensando sobre o que aconteceria se ela fizesse a escolha errada, e então senti dor... E eu vi... — Ela olhou para Vlad. — Ela tem que ir.

— Sim, — Vlad disse, dando um leve aperto suave nas mãos dela antes de liberá-las. — Eu vou cuidar disso. — Para Heather acrescentou,

— Reúna seus pertences pessoais, em seguida, me encontre no escritório da loja. Vou dar-lhe o seu salário.

Heather tropeçou para a sala de trás e saiu da porta.

— Vou me certificar de que ela tenha dinheiro suficiente para cuidar de suas contas por alguns meses, — Vlad disse. — Isso vai dar-lhe tempo para encontrar outro emprego. E eu vou pedir para Blair vir e farejar o local onde o dedo foi danificado e repará-lo para que você não se machuque novamente.

— Mas eu nem sei como eu fiz isso! — Meg protestou. — Como ele pode encontrar o local exato?

Vlad sorriu. — Ele é um Lobo com um excelente senso de cheiro. Ele vai encontrar. — O sorriso desapareceu quando ele acenou com a mão para indicar Merri Lee e Ruth. — E quanto ao resto da *matilha* humana?

Nada de alfinetes e agulhas, nenhuma sensação em resposta à pergunta. Nenhuma visão. — Elas podem ficar, — Meg respondeu. Em seguida, acrescentou em silêncio, *Elas vão ficar mais seguras aqui.*

Ela não podia ter certeza disso, mas o pensamento parecia certo.

— Tudo bem, — Vlad disse. — Eu vou ter que dizer a Simon, por isso tome cuidado com essa ferida antes que ele comece uivar sobre isso.

Quando Vlad deixou o prédio, Ruthie virou para Meg, de olhos arregalados. — Ok, isso foi estranho. O que é que foi isso?

— Isso, — Meg respondeu, — era uma profecia.

Simon não estava feliz por Meg ter chamado Vlad em vez dele, mas depois que ele saiu sozinho por alguns minutos e rosnou sobre isso, ele pensou que tinha trabalhado a lógica humana. Considerando que ele convocou os líderes *indigenes da terra* para Lakeside, ele estava no comando do grande encontro, o que deixou Vlad encarregado da livraria. E Heather saindo e sendo paga eram negócios da livraria.

Percebendo que Vlad também estaria preso com a papelada de saída do empregado, Simon repensou. Ele odiava preencher papelada.

Claro, encontrar novos seres humanos para trabalhar para eles não seria uma brincadeira na floresta.

Nós vamos conseguir, ele pensou enquanto verificava a lista de imagens que deveria procurar. *A maioria dos Pátios não tem nenhum empregado humano, exceto o Liaison. Mesmo Lakeside não tinha outros humanos trabalhando para nós em uma base regular até que eu me tornei líder e abri algumas lojas para os clientes humanos. As maiores dos Pátios não têm um humano como Lorne executando um pequeno negócio de impressão que é estritamente para nós.*

Agora a maioria dos seres humanos desapareceu. Será que os *indigenes da terra* que não conseguiam se passar por humano se sentiriam mais confortáveis fazendo compras na Praça do Mercado agora? Será que os trabalhadores humanos que ficaram reagiriam mal a outras pessoas que não se parecessem com eles?

Nenhum ponto em mastigar um osso que não estava lá, então ele se concentrou na tarefa que ele podia ver.

Ele havia encontrado uma lista de imagens quando recolheu os livros e revistas e se dirigiu para o escritório do Liaison. Ele só queria ver Meg, se certificar que ela estava bem. Ele merecia uma recompensa por educadamente se manter no escritório quando Vlad disse a ele sobre a visão de Meg. Não havia razão para pensar que Vlad não iria trazer ao conhecimento dele qualquer coisa que machucasse Meg, então a lesão era tão pequena que não havia razão para uivar sobre o corte, que era um furo tão pequeno que Meg nem tinha percebido quando ela teve a visão, até que Vlad tinha cheirado o sangue e verificou suas mãos.

Provavelmente, Vlad teve consideração e ele não teria maus modos por farejá-la, apenas para garantir que o Sanguinati não tinha perdido outra lesão, especialmente se as outras meninas ainda estavam no escritório.

Nem ele nem Vlad entendiam onde entrava a profecia de Heather, o motivo que ela teve para abandonar o Courtyard hoje, mas eles não

contestaram Meg. Por um lado, nenhum dos Outros líderes tinha visto ou ouvido uma profecia de uma *Cassandra de Sangue*. Quando eles testemunhassem um corte, ele queria que eles não tivessem dúvidas sobre a exatidão do que foi dito.

Interpretação era outra coisa. Meg não era sempre certa quando se trata de imagens de interpretação. Ela pensou que ia morrer no Pátio por causa da profecia que vira sobre si mesma. E ela tinha chegado perto de morrer. Mas ela sobreviveu, o que provou que ela estava errada.

Não era algo que ele pretendia mencionar.

Charlie o alcançou enquanto saía da biblioteca e se encaminhava para o escritório do Liaison.

— A assustadora Tess diz que as meninas devem fazer uma pausa. Comer um pouco e tomar um ar fresco, — disse Charlie.

— Essa é uma boa ideia. — Pena que eles não poderiam brincar de presa. Meg era um brinquedo sibilante e divertido quando ela fingia ser presa, mas havia muito risco no momento de se machucar por um Lobo que pudesse se esquecer que era apenas fingimento. E observar uma humana sendo perseguida poderia assustar as outras meninas. Quando todos os convidados fossem para suas casas e todos se estabelecessem, não haveria tempo para jogar novamente. — E não chame Tess de nomes.

Não havia ninguém ao seu redor, mas Charlie baixou a voz. — Há histórias sobre sua espécie em todo o mundo, e essas histórias são muito velhas. — Ele estudou Simon. — Você sabe o que ela é?

— Eu tenho alguns pensamentos. Henry sabe ao certo. — Ele tinha encontrado e lido algumas dessas histórias antigas, mas ele não tinha contado a ninguém que sabia sobre o *tipo de indigene da terra* que Tess era. Nem mesmo Henry. Mais seguro assim para todos eles.

— E ainda assim você a deixa ficar.

— É a minha escolha, — Simon disse em um tom de aviso que essa conversa não era bem vinda.

— Sabia que eles são chamados de *Cavaleiros das Pragas* em algumas partes do mundo? — Disse Charlie.

Ele sabia. Em contraste, chamá-los de *Ceifadores* fazia soar mais benigno, até que você observasse o que eles poderiam fazer.

— Seria sensato manter essa informação para você, — Simon disse. — Especialmente quando você estiver aqui.

Um momento de silêncio. — Não tenho a intenção de compartilhar com mais ninguém além de você.

Eles entraram no escritório. As meninas estavam colocando mapas nas paredes, e, em seguida, prendendo notas sobre os mapas. Sobre a mesa estava espalhadas fotos de trens e ônibus e imagens, Theral deve ter feito as impressões no computador; havia cartazes que diziam BEM VINDO A... Alguma cidade.

Vendo as imagens, Charlie sorriu, em seguida, disse em um tom de voz de locutor, — Todos a bordo! Próxima parada, Wheatfield!

Meg se virou tão rápido que ela tropeçou na mesa de classificação. — O que você disse?

Charlie recuou. — Eu não sei. Eu só estava -

Merri Lee saltou para Charlie e pegou uma lista. — Diga os nomes dessas cidades, assim como você fez.

Quando Charlie olhou para ele por alguma explicação, Simon apenas deu de ombros, muito ocupado tentando evitar que suas orelhas mudassem. Seus ouvidos humanos não tinham ouvido o que quer que Merri Lee e Meg tenham ouvido, mas as orelhas de Lobo fariam melhor, o tom *tinha* um significado. Ouvidos humanos podiam ouvir isso muito bem. Seu cérebro entendia, mas seus instintos não estavam convencidos.

Charlie pegou a lista e disse os nomes das cidades da forma que um condutor faria. Meg sacudia a cabeça ou assentia. Merri Lee escrevia em seu maldito caderno enquanto Ruthie fazia anotações no mapa. Quando Charlie falou o último nome, as meninas cederam, e Simon percebeu que Tess estava certa de que elas precisavam descansar.

— É isso aí, — disse Merri Lee.

— O que é? — Perguntou Simon.

— Isso é o que eu me lembro da viagem para Lakeside, — disse Meg, parecendo muito cansada. — Está faltando imagens, e há muitas

possibilidades de como cheguei à primeira cidade. Sinto muito, Simon. Eu não acho que posso chegar mais perto do que isso.

Ele olhou para o mapa. — Nada para se desculpar. Começamos com este lado do continente, esta manhã, e você resumiu para uma região.

— Isso ainda é um monte de vilas e cidades, — disse Ruthie, parecendo desconfortável.

— Está tudo bem. — Ele tentou um sorriso. Quando Ruthie e Merri Lee empalideceram, ele correu a língua sobre os caninos. Droga. Definitivamente não eram mais humanos.

— Devemos fazer uma pausa, — Meg disse. — Um pouco de ar. E eu poderia comer outro sanduíche.

Havia algo deliberado sobre a forma como as meninas colocavam seus cadernos na mesa de triagem antes de sair.

— Podemos olhá-los? — Charlie perguntou, pegando o caderno de Merri Lee.

— Eu não sei, — Simon respondeu, desejando que conhecesse mais ou menos as fêmeas humanas. *<Henry? Reúna os nossos convidados e os traga ao Gabinete do Liaison.>*

Enquanto esperavam, Simon estudou o mapa. Ou Meg estava apavorada, ou ela tinha tentado esconder a sua fuga de um caçador. Ela assumiu corretamente que o Controlador enviaria homens atrás dela, mas ele já tinha visto coelhos correndo de um Lobo ziguezagueando menos do que ela tinha. E já que a estação de ônibus e a estação de trem ficavam na parte baixa de Lakeside e ao sul do Pátio, como ela tinha terminado ao *norte* do Courtyard, e depois de voltar para baixo até que ela chegou ao Gabinete de Ligação e a Howling Boas Leituras naquela noite em que pediu pelo trabalho?

Ela pode ter agido como uma mulher sem cérebro por estar do lado de fora em uma tempestade naquela noite, e ela provavelmente chegou no último ônibus ou trem que tinha chegado a Lakeside, mas ganhou tempo suficiente para escapar e encontrar os *indigenes da terra*.

A sala geralmente tinha muito espaço, mas com tantos *indigenes da terra* se aglomerando ao redor do mapa, ele estava feliz que não tinha uma cauda agora que pudesse ser pisada.

— Então o inimigo *está* no Centro-Oeste, — disse Joe Wolfgard.
— Essa é confirmação suficiente para nós. Sabemos o que temos de fazer.

— Essa pode ser a última opção, — disse Simon. — Primeiro, vamos tentar restringir a pesquisa da presa.

Eles não queriam que houvesse apenas uma última opção. Ele viu a verdade nos olhos dos líderes do Centro-Oeste. Os seres humanos estavam causando muitos problemas. Era hora de dar fim nos rebanhos. Ele não se opunha a esse abate, se precisasse ser feito, mas isso significaria realocar todos os seres humanos nessa parte do Thaisia ou pedir aos *indigenes da terra* para assumirem essas tarefas. O que significava que mais Outros ficassem em forma humana durante horas por dia, a fim de fazer o trabalho.

Talvez os líderes do Centro-Oeste também considerassem o que teriam que fazer quando Cheryl Hawkgard finalmente disse: — Como podemos restringir essa pesquisa?

Ele mostrou os dentes em um sorriso. — Agora temos a polícia para nos ajudar.



CAPÍTULO 25

QUANDO SIMON entrou na Bite na manhã seguinte, ele encontrou Meg, Merri Lee, Ruthie e Theral sentadas em uma mesa rabiscando em cadernos e falando em voz tão baixa que ele teria que mudar seus ouvidos para ouvi-las.

Mas era Tess que chamou sua atenção. Seu cabelo estava vermelho sólido e enrolando descontroladamente, um sinal de que o seu temperamento tinha ficado selvagem, mas ainda não letal.

— Algo errado? — Ele perguntou indo atrás do balcão para ficar ao lado dela.

— O caminhão da padaria não fez a entrega esta manhã, e quando eu liguei para descobrir por que... — Tess parou de falar, e linhas de preto apareceram em seu cabelo.

Simon resistiu ao impulso de dar um passo atrás. Como líder, ele não podia. Como um Lobo sensato, que agora sabia que tipo de predador ele enfrentava, ele queria algo mais do que o ar entre ele e ela.

— Ligue para a padaria em Porto Ferryman, — ele sugeriu. — Veja o que eles podem oferecer.

— Ter alguns assados para vender aqui não é o ponto e você sabe disso, — Tess estalou. Mas ela manteve a voz baixa o suficiente para não atrair a atenção das meninas. — Se os seres humanos não estão mantendo seu lado dos acordos, eles não devem ser autorizados a viver em Lakeside.

Eles não devem ser autorizados a viver, é o que você realmente quer dizer, Simon pensou.

Era um sentimento que ele tinha ouvido muitas vezes ontem, com os líderes de outras regiões falando sobre suas relações cada vez mais

frustradas com os humanos. Será que a chegada do Tenente Montgomery era uma forma de manter o equilíbrio de Lakeside por Namid? Como o Tenente estava fazendo um esforço para trabalhar com ele e manter as relações entre os seres humanos e o Courtyard tão cordiais quanto possível, as empresas que se recusavam a fornecer bens ou serviços derrubariam os acordos o suficiente para que ele tivesse que expressar a mesma raiva e hostilidade que os outros líderes? Provavelmente.

Ao contrário desses outros líderes, ele tinha seres humanos como Montgomery fazendo um esforço para entender como sua espécie se encaixava no mundo. E ele tinha funcionários como Merri Lee, Lorne e Ruthie. Mesmo Heather não lhe tinha dado qualquer coisa para rosnar sobre isso. Todos eles tinham, na verdade, lhe dado razões para se sentir obrigado a protegê-los, como fazia com sua própria espécie.

E então havia Meg com sua pele estranha e natureza doce, mas não era uma presa.

Será que alguns humanos poderiam manter uma cidade equilibrada o suficiente para evitar uma luta séria quando os demais humanos pareciam querer começar o problema que acabaria com muitas mortes? Ou será que esses humanos comuns que queriam viver em harmonia com os *indigenes da terra* se tornariam o próximo grupo perseguido por sua própria espécie? Será que os *amantes de Lobo* acabariam como os Intui, e formariam suas próprias pequenas comunidades, a fim de sobreviver?

Os humanos preconceituosos entendem o que acontecerá se eles expulsarem as pessoas que estão fazendo *a sua* presença tolerável?

Não posso fazer nada sobre as outras cidades, mas talvez possa, com a nossa matilha de seres humanos que estão ajudando Lakeside a sobreviver.

— Eu vou dar-lhes mais uma chance, — Tess disse parecendo relutante em fazer isso muito. — Vou ligar para a padaria, fazer o meu pedido, e dizer-lhes que se eles não entregarem, ou entregar mercadorias inferiores, vou comprar em outro lugar. E se eu tiver que comprar em

outro lugar, eu enviarei uma carta às autoridades informando sobre uma violação dos acordos entre a cidade e o Pátio.

— Não é tão satisfatório quanto morder os padeiros na perna, ou na bunda, mas esse tipo de informação irá assustá-los mais, — disse Simon.

Tess deixou escapar uma risada, e metade do seu cabelo ficou verde. — Você ganha, Lobo. Você não vai se encontrar com a polícia?

— Eles devem estar chegando a qualquer minuto. Montgomery e Capitão Burke. E o Dr. Lorenzo.

— Então vá embora para que eu possa voltar para a espionagem.

Simon olhou para as meninas. — Eu pensei que elas terminaram ontem.

— Elas estão tentando descobrir que tipo de edificio ou edificios compõem o Complexo onde Meg foi mantida, — Tess disse olhando por cima do ombro. — Eu acho que elas não conseguiram encontrar mais nada, a não ser ficar aborrecidas e com raiva, mas elas podem encontrar algo útil.

As meninas o notaram, então era hora de recuar. Ele levantou a mão em saudação. Meg sorriu para ele; Ruthie e Merri Lee olharam para ele com cautela. E com um ar com um pouco de culpa? Ele não estava preocupado com os Oficiais Kowalski e Debany sabendo que as meninas tinham trabalhado ontem. Ele estava esperando que os homens soubessem e que dissessem a Montgomery. Isso tornaria este encontro com a polícia mais fácil, especialmente considerando que um punhado de líderes do Centro-Oeste estariam presentes, junto com Alan Wolfgard e Charlie Crowgard. Sendo um escritor, Alan era mais articulado com a fala humana e compreendia mais de suas frases ímpares do que a maioria dos *indigenes da terra*. E Charlie tinha um talento especial em parecer curioso e inofensivo. Charlie sempre foi curioso, mas ser um Corvo não o tornava inofensivo.

Quando Simon deu um passo para fora da porta de trás da cafeteria, um sedan preto dirigiu pela via de acesso para o estacionamento dos funcionários.

<Dois humanos,> Jake disse de seu lugar na parede de tijolos que dividia a área de entrega do quintal de Henry. <Conhecemos seus rostos. Montgomery e Burke.>

<Bom,> Simon respondeu.

Então Nathan informou, <O *bodywalker* humano está aqui.>

<Deixe-o entrar. Diga a ele para estacionar no estacionamento dos funcionários.> Simon observou um carro branco passar, em seguida, caminhou até a porta dos fundos do Gabinete do Liaison para esperar os três homens.

Até Meg começar a trabalhar para eles, os Outros não tinham permitido que outros seres humanos, além do Liaison, tivessem acesso à sala de triagem. Mas Meg era tão eficiente na entrega dos correios e pacotes que não havia nada para que os seres humanos pudessem *ver* se estivessem tentando *espionar* o Courtyard. E ele e os demais integrantes da Associação Empresarial tinham se ajustado a regra de “*sem outros humanos*”, apenas a matilha humana de Meg poderia estar lá com ela sem penalidade. Então deixar a polícia e o médico na sala de triagem não era um passo muito além das novas regras.

Além disso, ele tinha a sensação de que as meninas poderiam tirar alguns pelos dele se ele mudasse seus mapas e se todas suas notas caíssem.

Quando entrou, Simon percebeu que Burke, Montgomery e Lorenzo estavam próximos do mapa de Thaisia que havia sido preso na frente dos escaninhos que enchia a metade da parede de trás da sala de triagem. Enquanto os três homens franziam a testa para o mapa, os *indigenes da terra* entraram na sala, espalhando-se e bloqueando todas as saídas.

Simon não tinha certeza se Lorenzo percebeu que os seres humanos estavam presos, mas Montgomery e Burke perceberam.

— Um homem chamado Controlador gerencia um Composto onde ele mantém *Cassandras de sangue*, e vende suas profecias para os seres humanos que querem saber sobre o futuro, — Simon disse. — Nós acreditamos que ele seja o responsável pelas drogas chamadas *Nocaute*

de Lobo e *Alto astral*, assim como a carne contaminada que causou tantos problemas em uma das cidades do Centro-Oeste. Também estamos convencidos de que muitos, se não todos os problemas no Centro-Oeste, que resultaram na morte de *indigenes da terra*, bem como o ataque em Jerzy, foram instigados por este homem.

O rosto de Burke não revelava nada, embora agora houvesse uma pitada de medo em seu cheiro que não estava lá quando ele entrou na sala. Lorenzo parecia confuso, mas ele estava a caminho de casa depois de seu turno no hospital, talvez por isso ele estivesse cansado demais para ser esperto agora. Montgomery, por outro lado, não conseguia esconder o alarme.

— Os *indigenes da terra* decidiram que este humano é nosso inimigo. — Simon olhou cada homem nos olhos. — Nós iremos acabar com ele. — Uma frase humana para matar o que eles não queriam.

Simon os observou. Ouviu o som engatado da respiração de Lorenzo. Viu a maneira como Monty se encolheu, o que era uma indicação de que o homem entendeu o que estava por vir. Burke não deu nenhuma resposta para as suas palavras.

Ele apontou para o mapa. — Como vocês podem ver, nós trabalhamos um bom tempo para descobrir onde esse Controlador vive. Reduzimos a área para o Centro-Oeste. Agora vocês vão nos ajudar a encontrá-lo.

Lorenzo balbuciou: — Por que faremos isso?

Joe Wolfgard deu um passo à frente, chamando a atenção dos seres humanos. — Porque vamos rasgar cada cidade e vila humana no Centro-Oeste se for preciso para encontrá-lo. E se tivermos de fazer isso, todos os seres humanos nesses lugares serão considerados inimigos, e, portanto, presas, mesmo que tenhamos que tirá-los de suas tocas a fim de matá-los.

Chocados, os três homens olharam para o mapa.

— Há dezenas de cidades na Região do Centro-Oeste, — Burke disse finalmente.

— E milhares de seres humanos, — Simon disse. — Hoje, de qualquer forma. Amanhã? — Ele deu de ombros. — Isso depende de suas pessoas. Os *indigenes da terra* vão caçar esse inimigo. Se você não quer que nós toquemos em todas essas cidades a fim de encontrar um homem, nos dê um alvo menor.

A pele escura de Montgomery havia perdido cor suficiente para fazê-lo parecer doente. Lorenzo também parecia doente. Apenas o rosto de Burke não se alterou.

— Agradecemos sua franqueza, Sr. Wolfgard, — disse Burke. — Obviamente, fazer essa busca com os outros Oficiais e alertá-los para a existência de um inimigo tão perigoso não será um processo rápido. Quanto tempo você acha que temos antes dos *indigenes da terra* tomarem medidas?

Simon olhou para Cheryl Hawkgard e Joe Wolfgard.

— A próxima vez que os humanos tentarem usar qualquer uma dessas drogas contra nós vai ser a última vez, — disse Cheryl.

— O relógio está correndo, — Montgomery disse tão suavemente que Simon não teve certeza se o homem tinha a intenção de que todos ouvissem.

Simon acompanhou os humanos para fora do Prédio. Ele não esperou até que entrassem em seus carros; ele não precisava. Jenni Crowgard e suas irmãs estavam de olho na parte de trás do Escritório do Liaison e do estacionamento.

<Meg e as outras meninas estão ficando inquietas,> Tess disse a ele. <Meg quer começar a trabalhar e está esperando por você terminar sua reunião. As outras meninas querem usar os computadores na biblioteca e encontrar fotos de edifícios.>

<Nós terminamos,> Simon respondeu. <Nos dê mais alguns minutos para limpar. Então eu vou estar na livraria.>

<Bom. Aparentemente, Nyx está pensando em trabalhar na HBL e perguntou se você iria abri-la novamente para os clientes humanos. Você pode querer discutir isso com Vlad.>

Não era uma discussão que ele queria ter agora. Entretanto, ele preferiria discutir com Nyx a interagir com seres humanos, então as discussões com Burke e Montgomery teriam que esperar.

— Eu não me candidatei para isso. — De pé no estacionamento ao lado de seu carro, Dominic Lorenzo parecia assustado e com raiva. — Eu concordei em fornecer alguns serviços médicos no Pátio, não ajudar os Outros a cometerem assassinato em massa. Não será apenas uma pessoa a morrer. Você sabe que não vai.

— Fale baixo, — Monty disse fingindo que não estava ciente de todos os Corvos sobre os telhados que davam para o estacionamento.

— Você pode não ter se candidatado para ajudá-los na caça de um homem, — Burke disse, — mas se você voltar atrás, os Outros não vão esquecer isso.

— E você pode viver com isso? — Perguntou Lorenzo.

— Eu posso viver com isso muito mais fácil do que não fazer nada e, em seguida, ficar observando os *indigenes da terra* destruírem todas as cidades do Centro-Oeste, — Burke respondeu. — Mas eu acho que você está esquecendo o outro lado da moeda, doutor.

— E o que é?

— Alguém colocou uma garota *viva* em um moedor de carne, a fim de causar estragos em uma cidade. Aquele homem é um assassino, e lhe foi concedido a posse benevolente de um número desconhecido de meninas, cujo dom está sendo usado para o lucro! — Burke estudou os Corvos por um momento, depois olhou para Lorenzo. — Você não precisa ter que encontrar este homem. Mas você precisa decidir se você irá ajudar as meninas que são suas vítimas.

Ainda pálido, Lorenzo entrou em seu carro e foi embora.

Monty e Burke não disseram nada até que estavam em seu carro e Burke estava dirigindo em direção à estação Chestnut Street.

— Tenente, os Outros estão indo atrás de um homem que tem poder suficiente para influenciar governadores, além de iniciar uma caçada de mais da metade de Thaisia a fim de encontrar uma menina que tinha escapado de seu controle. Ele enviou uma equipe de mercenários treinados para Lakeside. É lógico que muitas pessoas importantes não querem que ele seja encontrado. — Burke parecia sombrio. — Antes de eu começar a fazer os telefonemas e agitar os departamentos de polícia no Centro-Oeste, eu gostaria de alguma confirmação de quão ruim e mau poderia ser. Então você sabe com *quem* precisa conversar.

— Sim, senhor, eu sei, — Monty respondeu. — Mas eu acho que vou ter uma melhor chance de falar com a Srta. Corbyn sozinho, se eu esperar até esta tarde.

Monty esperou até o final da tarde antes de voltar para o Pátio.

— Você pode pegar uma xícara de café na Bite? — Ele perguntou a Kowalski.

— Se alguém tiver alguma objeção se eu ficar, Tess vai me dar o café e me dizer para sair, — Kowalski respondeu. — Qualquer coisa que eu deveria estar fazendo se eles me deixarem ficar?

— Mantenha seus olhos e ouvidos abertos. — Monty saiu do carro e entrou no escritório do Liaison enquanto Kowalski dirigia o carro de patrulha para o estacionamento dos funcionários.

Ele reconheceu o guarda Lobo, que saltou de uma das camas Lobo e bloqueou a sua abordagem até o balcão.

— Boa tarde, — ele disse erguendo a voz o suficiente para ser ouvido na sala ao lado. — Eu gostaria de ter uma palavra com a Srta. Corbyn se ela estiver disponível.

Meg saiu da sala de triagem, esfregando sua mão esquerda. — O Sr. Wolfgard imaginou que você estaria de volta. Pode entrar. — Ela abriu o ferrolho do balcão.

Quando Monty deu um passo para a abertura, o Lobo o bloqueou novamente e rosnou.

— Nathan, eu sei que Simon lhe disse que o Tenente Montgomery esteve aqui esta manhã e tem permissão para entrar na sala de triagem,
— Meg disse.

Outro uivo meio grunhido, mais profundo.

— Nathan!

Ele recuou, observando Monty e ainda rosnando. Quando Monty escorregou atrás do balcão, Meg apontou para o Lobo.

— Se você começar a uivar apenas para irritar os outros Lobos, eu vou *esquecer* onde eu coloquei os pedidos para os biscoitos de Lobo,
— Meg disse severamente.

— *Arrooooo!*

Monty notou que Meg não fechou o ferrolho, e ela não fechou a porta Privada.

— Eu não quero causar problemas, — Monty disse.

— Você não está causando. Nathan está apenas sendo...

— Competente? — Sugeriu.

Meg sorriu. — Sim.

Monty devolveu o sorriso. — Não posso culpar um guarda de segurança por fazer seu trabalho.

— *Arrooooo!*

— Aqui é tão privado quanto podemos conseguir, — Meg disse bufando uma respiração.

Ele olhou para a porta e considerou a pergunta que ele veio fazer. Não havia ajuda para ele. Simon Wolfgard poderia ter dado permissão para ele estar em uma sala com Meg, mas o acompanhante com os dentes ia ouvir tudo o que ele diria.

Bem, não foi por isso que ele pediu a Kowalski para tomar um café na Bite? Para ouvir e relatar de tudo o que foi ouvido? Confiança era uma mercadoria frágil.

De repente, ocorreu-lhe que Wolfgard não estava fazendo essa concessão de privacidade por causa dele; era por Meg.

— Eu tenho uma pergunta, — Monty disse.

— Simon pensou que teria.

Meg olhou para ele com olhos que eram mais velhos do que quando ele a conheceu há alguns meses. Não havia mais alguém para tomar todas as decisões por ela. Agora ela não estava mais protegida contra os resultados das profecias que ela falava, e do peso do que esse conhecimento a mostrava.

— Eu disse a Simon que eu ia fazer um corte para ajudar a encontrar o Controlador, mas depois de tudo o que nós passamos estreitando as possibilidades de onde eu fui mantida, os Outros não acham que eu seria capaz de dizer-lhes nada mais útil até agora. Simon, Tess, Henry, Vlad, e eu conversamos sobre isso, e nós concordamos que se a polícia precisar de um corte para ajudá-los a procurar, então eu gostaria de fazer esse corte.

Isso me torna responsável pela próxima cicatriz. Monty não quis assumir essa responsabilidade. Por que alguém iria querer assumir essa responsabilidade? Mas alguém tinha, e desta vez, *ele* era esse alguém.

— Precisamos de uma resposta, — ele disse.

— Espere um momento. — Ela entrou na sala de trás, e quando ela voltou, ela colocou várias toalhas de papel dobradas para fazer uma almofada espessa sobre a mesa, e colocou outra de lado. Em seguida, ela tirou uma navalha dobrável do bolso da calça de brim e colocou sobre a mesa.

— Há algo de errado com a mão esquerda? — Ele perguntou, olhando para ela.

— Tenho sentido algumas picadas desde que você chegou, — ela respondeu esfregando o braço. — A sensação foi ficando mais forte. Eu vou ter de me cortar em breve para responder a sua pergunta, Tenente. — Levantando a mão para impedi-lo, ela abriu a porta privada e olhou para Nathan, que estava com as patas dianteiras sobre o balcão, tentando ouvir na medida em que podia.

— Saia agora, — ela disse. — Diga para Tess vir em poucos minutos. Ela sabe o motivo.

Monty achava que o Lobo não queria obedecer, mas, aparentemente, o perigo de ficar em torno de uma *Cassandra de*

Sangue quando a pele era cortada foi motivação suficiente. Ou então, Meg estava simplesmente confirmando uma ordem que Simon já tinha dado.

— Por que ele a deixou? — Perguntou.

— Nathan iria lamber a ferida, e isso não seria bom para ele, — disse Meg. — E isso não seria bom para você.

Monty assentiu. Se o Lobo reagisse de forma agressiva ou passiva, os Outros não responderiam bem com um humano presente.

Quando Nathan saiu pela porta da frente, Meg disse, — suas perguntas.

— A polícia foi solicitada para ajudar os *indigenes da terra* para encontrar o Controlador. Nossa preocupação é que os Outros podem, em sua caça, erradicar uma cidade inteira, a fim de eliminar um único inimigo. A minha pergunta é esta: o que vai acontecer se a polícia *não* ajudar os *indigenes da terra* a encontrar este homem?

Meg pegou a navalha e a abriu. — Lembra-se das palavras que Tess utilizou na reunião? Não é a mesma que era dito no Composto, mas a primeira vez que Tess disse quando eu fiz um corte, me ajudou a trazer tudo em foco.

— Lembro-me das palavras.

— Então faça a sua pergunta novamente e diga as palavras. — Ela virou a mão esquerda e a colocou sobre a mesa antes de descansar a lâmina contra a pele dela.

Monty engoliu em seco. Vendo-a segurar a lâmina, ele queria dizer a ela para esquecer isso, queria ir embora antes que ela cortasse sua pele. Mas ela era a única que poderia lhe dizer o que o futuro aguardava.

— O que vai acontecer se a polícia não ajudar os *indigenes da terra* a encontrar o Controlador? Fale a profecia, e eu vou ouvir.

Meg virou a lâmina da navalha sobre a pele e cortou a lateral da mão esquerda. Monty a observou fazer o corte na mão, e ficou nervoso com a agonia que viu em seu rosto antes de se encher de uma sensualidade, que foi ainda mais perturbadora.

Ela olhou para a mesa. Sua mão direita se moveu como se estivesse desenrolando alguma coisa.

— Mapa de Thaisia, — ela disse. Sua mão se movia para cima e para baixo. — Centro-Oeste.

— O que você vê? — Ele sussurrou, incerto se ela podia ouvi-lo agora.

— Vento Torcendo. Fogo. Edifícios quebrados. Cinza. — Sua mão se moveu para cima e para baixo novamente. — Ossos.

Monty estremeceu. — Você vê algumas pessoas? Onde estão as pessoas?

— Cinza e ossos.

Meg respirou fundo e, em seguida, soltou um suspiro orgástico. Ela piscou e olhou para ele. — Você conseguiu sua resposta?

Ela realmente não sabe, ele pensou. Não sabe o que ela disse, não sabe como parece devassa. Quando ela fala profecia, ela se torna algo diferente e perde a pessoa, a personalidade. Não que seja algo que possa ser usado como propriedade, algo que possa ser justificado para ser usado.

— Tenente?

E então ela estava de volta, a Meg Corbyn, com aquela doçura infantil que era inerente a ela.

— Sim. Sim, eu consegui. Obrigado. — Preocupado com os seus pensamentos, Monty focou na mão de Meg repousada sobre a almofada de toalhas de papel que estava manchada de vermelho. — Você quer alguma ajuda para enfaixar o corte?

Ele ouviu uma porta sendo aberta. Tess entrou na sala de triagem, vinda da parte de trás.

— Eu vou cuidar dela, Tenente, — disse Tess.

Seu cabelo estava verde e frouxamente enrolado. Já que a sua voz soou brusca em vez de raiva, ele fez uma nota mental da cor e grau de cacheamento. Estava castanho e liso na primeira vez que ele a encontrou. E o que ele tinha entendido pelas observações de Kowalski e Debany, castanho e liso significava relaxada ou pelo menos não ansiosa sobre

qualquer coisa. Verde era o primeiro sinal de irritação. Vermelho indicava raiva. E ninguém, *ninguém*, comentou sobre a cor preta.

Depois de olhar as fotos da cena do crime dos quatro estudantes da Universidade de Lakeside que morreram após o ataque a Merri Lee, Monty pensava que ele tinha uma boa ideia do que acontecia quando os cabelos de Tess ficavam pretos.

Ele acenou para Tess, em seguida, virou-se para Meg. — Eu aprecio sua ajuda, Srta. Corbyn.

Ela lhe deu um sorriso pálido.

— O Oficial Kowalski está na HBL, falando com Alan Wolfgard, — Tess disse. — Eles estavam discutindo uma história sobre uma menina que foi engolida por um Lobo e depois resgatada por um caçador. Aparentemente, uma história de amor e coragem e perigo podem superar uma história de horror sobre vilões humanos, e isso depende se você tem ou não pêlo.

— Ah. — Monty despediu-se e correu para a livraria. Ele confiava que Karl pudesse ser cauteloso quando se envolvesse nesse tipo de discussão, mas ele achou prudente evitar lembretes de *vilões* humanos em um futuro previsível.

Recuperando seu parceiro, eles voltaram para a estação de Chestnut Street, onde ele disse ao seu capitão sobre a profecia.

— Pete? É Douglas Burke.

Silêncio. Em seguida, uma amigável saudação — Doug! Faz muito tempo.

— Sim, não vejo você desde que fizemos à longa viagem para o país selvagem.

— Você está procurando um advogado? Meus clientes geralmente estão localizados na cidade, mas...

— Eu não preciso de um advogado. Não exatamente.

Outro silêncio. — Eu acho que você está ligando para um aconselhamento. — Um suspiro. — A justiça de Burke não vem sem custo, mas pode salvar a vida de um homem. O que você precisa?

— Informações sobre um homem chamado O Controlador. Ele comanda um composto onde *as Cassandras de Sangue* são detidas. Sei que ele está no Centro-Oeste.

— O Centro-Oeste é uma grande região.

— É por isso que eu preciso da ajuda de pessoas que vivem nessa parte de Thaisia.

— ‘Onde *as Cassandras de Sangue* são detidas?’ Você fez soar como uma prisão.

— As prisões têm regras sobre como os presos podem ser tratados. Ninguém está acompanhando o que acontece com aquelas meninas.

Silêncio desconfortável. — Olha, Doug. Eu nunca fui a um desses lugares. Deuses, eu tenho uma esposa e dois filhos, para não mencionar uma prestação de um carro, e nós estamos querendo comprar uma casa, eu não posso pagar o que eles pedem, mas esse pode não ser um bom momento para gastar seu dinheiro em uma profecia.

— Por quê?

— Um cliente meu pediu uma profecia. Ele não é culpado de todas as acusações contra ele, mas ele não é inocente também. Eu estou defendendo o seu caso, e não posso garantir se ele vai ou não para a prisão por um tempo, então ele foi visitar um homem chamado Senhor Smith, que tem maneiras de prever tais coisas. Mas quando eu o encontrei depois dessa reunião muito cara, tudo o que o meu cliente fez foi reclamar que ele tinha sido enganado, que a menina não tinha lhe dito nada sobre si mesmo ou o seu caso, que ela apenas gritava sobre vento e fogo. Esse Senhor Smith tentou passar como uma metáfora para um debate acalorado no tribunal, mas quando o meu cliente ameaçou aumentar a confusão, o Senhor Smith devolveu metade da taxa. Ultimamente tem havido rumores de que os lugares que afirmam ter meninas que podem ver o futuro são apenas cambalacho.

— Já lhe ocorreu que as meninas *estão* vendo o futuro? Que vento e o fogo são uma profecia precisa?

— Oh, agora, isso é... Doug? O que você está dizendo?

— Eu estou dizendo que se o homem conhecido como O Controlador não for encontrado muito em breve, essas profecias serão precisas. O Centro-Oeste vai queimar Pete, e os Outros não estão interessados em deixar sobreviventes.

Suspiros. — Por quê?

— Você já ouviu falar sobre os problemas? Sobre as drogas chamadas *Nocaute de Lobo* e *Alto astral*? Sobre as pessoas nessa cidade que ficaram loucas por causa da carne moída contaminada?

— Claro, eu... A polícia suspeita *dele*? Existe alguma prova?

— A lei humana não se aplica neste caso. Os *indigenes da terra* o consideram um inimigo, e eles vão caçá-lo. Grande parte do Centro-Oeste sobreviverá dessa caça, se pudermos encontrá-lo com rapidez. Ajude-me a encontrá-lo, Pete.

— Eu... Quanto tempo nós temos?

— Quando o seu cliente irá a julgamento?

— Em duas semanas.

— Então temos menos do que isso.

Outro silêncio. — Eu só vou... Você vai ligar para outros advogados para isso?

— Eu vou ligar para todos eles.



CAPÍTULO 26

NA MANHÃ DE SUNDAY, os hóspedes do Courtyard de Lakeside estavam reunidos atrás do Gabinete da Liaison, esperando o ônibus que os levaria à estação de trem para a viagem de volta.

Momentos depois de Blair abrir a porta do ônibus, Meg saiu do escritório.

Havia alguma coisa errada, Simon pensou quando correu na direção dela. Não era um grande mal; ela não tinha soado um alarme. Mas algo estava incomodando Meg.

Henry e Charlie notaram momentos depois que ele, e momentos depois disso, todos os líderes *indigenes da terra* estavam olhando para ela.

Meg tremeu, mas ela enfrentou os Outros e disse em voz baixa: — Fomos ensinadas um monte de coisas no Composto a fim de fornecer profecias precisas que poderiam ser entendidas pelos clientes do Controlador. Mas não fomos ensinadas sobre nós mesmas, e eu acho que a maioria do que nos foi ensinado era uma mentira. Mas os *Aqueles Com Nomes* nem sempre foram cuidadosos sobre o que eles diziam ao nosso redor. É assim que eu sei que a compra de um corte na minha pele é muito cara.

Simon olhou para o curativo na lateral da mão esquerda. Os Outros não tinham pedido o corte; a polícia sim. Mas tudo o que ela tinha dito ao Tenente Montgomery era a razão pela qual a polícia estava trabalhando arduamente para localizar o Controlador.

<*Nós vamos perder o comboio*,> Blair advertiu.

Simon o ignorou.

Joe Wolfgard olhou para os Outros líderes antes de voltar para Meg. — Temos algum dinheiro humano. Podemos colher coisas que os seres humanos cobiçam para conseguir mais.

Meg sacudiu a cabeça. — Eu não quero dinheiro ou coisas. — Ela fez uma pausa. — Estou informando que nós não tínhamos uma vida como à de outros seres humanos. Eles nos informaram que não poderíamos sobreviver fora do Composto. Se não fosse pela a minha amiga Jean, eu teria acreditado nos *Aqueles Com Nomes*. Mas Jean não nasceu em um dos Compostos. Ela veio de fora. Ela tinha uma mãe e um pai e um irmão ainda bebê. Alguém como Phineas Jones a levou para longe de sua família e tentou transformá-la em uma propriedade. Mas ela nunca esqueceu, não iria *deixá-los* esquecer que ela já *teve* um nome, que tinha uma família assim como eles têm famílias. Ela era a minha única amiga. Ela me contou sobre o exterior. E ela usou um pouco de sua pele para me ajudar a escapar. Então é isso que eu quero de vocês. Vocês vão encontrar o Controlador, de uma forma ou de outra. Isso não é profecia, é só... Uma crença. Vocês vão encontrá-lo e vocês vão encontrar esse lugar. E quando o fizer, quero que vocês salvem Jean, se puderem. Eu quero que vocês encontrem um novo lugar para ela, onde ela estará segura e poderá ter uma vida.

— Você quer que ela venha para cá? — Perguntou Simon. Não era isso que Meg queria? Trazer sua amiga para Lakeside? Afinal de contas, *ela* estava segura aqui, tinha uma vida aqui.

— Lakeside não é o lugar certo, — Meg respondeu após um momento de reflexão. — É o lugar certo para mim, mas pode não ser para ela.

Os *indigenes da terra* a estudaram, este ser humano que não queria ouro, prata ou pedras preciosas ou dinheiro. Finalmente Cheryl Hawkgard disse: — Vamos tentar salvar sua amiga.

— Obrigada, — Meg disse, entrou no escritório e silenciosamente fechou a porta.

Os *indigenes da terra* carregaram suas malas para dentro do ônibus. Blair partiu para a estação de trem assim que fechou a porta do

ônibus. Após uma breve discussão, Alan Wolfgard e Bobbie Beargard decidiram voltar para o alto Nordeste com Charlie, para que eles carregassem seu equipamento na parte de trás da picape. Alan queria dar uma última rápida verificada na Howling Boas Leituras e Bobbie foi com ele, deixando Simon sozinho com Charlie.

Sorrindo gentilmente, o Corvo disse: — Absorver muito da humanidade pode fazer você se esquecer do que é. Mas se você deve fazê-lo, que seja para o seu próprio bem e não para o benefício do resto de nós. — Ele olhou em volta. — Este é um bom lugar. Eu posso voltar e visitar novamente?

— Você será bem-vindo, — Simon respondeu.

Alan voltou com outro saco de livros. Mesmo Bobbie tinha um par de livros que enfiou em sua mala antes que ele pudesse ver as capas.

Depois que eles foram embora, Simon voltou a Howling Boas Leituras e olhou em volta. Todos os convidados tinham feito compras em uma livraria e interagiram com os seres humanos, que conversaram entre si, recomendando livros, e agora havia um monte de espaços vazios nas prateleiras. Ele e Vlad iriam ter algum trabalho pela frente para reabastecer. Talvez ele devesse arrumar um pano e limpar as prateleiras agora que ele podia vê-las.

Era muito humano?

Ele entendeu o aviso do Charlie, mas ele era um Lobo e sempre seria.

Mas seria uma coisa tão má ser apenas um *pouco* mais humano? Apenas o suficiente?

Não fique muito confortável nesta pele, ele pensou quando entrou no almoxarifado e rolou um carrinho para as prateleiras. *Especialmente quando não há certeza do que você vai querer uma década depois.*

Monty fechou a pasta quando Louis Gresh caminhou até a sua mesa.

Os dois homens se estudaram mutuamente. Em seguida, Louis disse: — Ontem você e Capitão Burke foram para uma reunião no Pátio. Desde então, ele tem estado ao telefone e você está trabalhando em sua mesa em vez de fazer a patrulha. Burke nem sempre é fácil de ler, mas você tem o olhar de um homem que sabe que há uma bomba e está tentando encontrá-la antes que o relógio indique o segundo final.

Monty não disse nada.

— Não só isso, — Louis continuou, — você está mantendo o seu parceiro afastado com a bênção do Capitão, o que significa que ele sabe o quão ruim isso será se as coisas derem errado.

— Algo que você queira, Louis?

— Deixe-me ajudar na QT.

— Burke está bem com isso?

Louis sorriu. — Bem com o que?

Monty hesitou. Poucas pessoas sabiam do ultimato que os Outros deram, pois seriam menos pessoas que poderia dizer a coisa errada. O Controlador tinha influência com pessoas no governo e nos negócios. E se alguém lhe avisasse como uma forma de angariar favores? O que aconteceria com o Centro-Oeste e o resto de Thaisia se o homem conseguisse escapar e fosse para outro lugar?

Mas eles não iriam diminuir o alvo sem ter chances. Não na janela de tempo que Burke tinha, antes que os *indigenes da terra* começassem a destruir o Centro-Oeste.

Ele escreveu os nomes de uma dúzia de aldeias, vilas e cidades, em seguida, entregou o papel para Louis. — Nós estamos procurando escolas privadas, instituições, ou qualquer outro tipo de lugar onde Profetisas de Sangue podem ser mantidas.

Louis deu uma boa olhada no papel. — Estão localizadas em torno dos Grandes Lagos?

— Meio Oeste, e ao Sul.

Louis olhou para ele por um longo tempo. — Se esta bomba explodir antes de encontrar o que você está procurando, quanto de Thaisia nós vamos perder?

— Toda a Região Centro-Oeste.

— Deuses acima e abaixo.

Monty observou Louis dobrar cuidadosamente o papel e colocá-lo no bolso. O Centro-Oeste não era sua jurisdição. Os funcionários do governo deveriam ser informados da ameaça, e o resto deveria ir até o governador do Centro-Oeste para localizar o Controlador e parar as ações que estavam adicionando mais pressão a sempre presente tensão entre os seres humanos e Outros.

Mas eles não tinham certeza se o governador do Centro-Oeste era um cliente do homem que os *indigenes da terra* queriam morto. Eles não poderiam arriscar, pois ser pegos nessa destruição era um luxo que não tinham.

O relógio está correndo, pensou Monty. Ele esperava que Dominic Lorenzo viesse para dar-lhe uma lista de hospitais privados ou outras instituições médicas que poderia esconder um Composto que correspondia à descrição que Meg tinha fornecido. Ele esperava que o que estava fazendo daria a todos eles a chance de um futuro melhor.

Ele esperava que ele encontrasse a resposta antes que a bomba feita de vento e fogo destruísse o Centro-Oeste.



CAPÍTULO 27

NA MANHÃ DE FIRESDAY, Monty esperava no ponto de ônibus e ouvia as pessoas ao seu redor.

— Os Corvos estão se reunindo em torno das escolas e das instalações médicas no Centro-Oeste. Por que eles fariam isso?

— Espionando, foi o que eu ouvi.

— Espionando o quê? Procurar pegar a comida das crianças ou pegar algo no lixo é mais parecido com eles.

— E todas aquelas pessoas presas por fotografarem *aves*. Não está certo.

Não querendo se envolver na discussão, apontando que matar Corvos era contra a lei, Monty se sentiu aliviado quando o ônibus chegou.

Deuses acima e abaixo. Tiros em Corvos. As cidades do Centro-Oeste poderiam também pintar um alvo na praça da cidade e mandar o governo ficar gritando, *Nós temos algo a esconder!*

As equipes da força policial poderiam ser uma ferramenta eficaz. No entanto, nestes casos, algumas pessoas que não deveriam, acabaram começando essa caçada. E a polícia de Lakeside foi descobrindo que essas pessoas também revelaram ter aliados inesperados em outras regiões. Muito do que o Capitão Burke recebeu foi especulação ou rumores sobre casas de tratamento para meninas com *vícios*, mas era evidente que muitas delegacias em toda Thaisia estavam olhando para Lakeside e se perguntando se a delegacia de Chestnut Street poderia ser um novo modelo para trabalhar com os *indigenes da terra*. Afinal, Lakeside tinha passado por conflitos recentes com os Outros, com um mínimo de baixas e danos à propriedade.

Não vai significar nada se o Leste e o Oeste de Thaisia forem divididos por um buraco chamuscado onde o Centro-Oeste costumava ficar, pensou Monty. Mas vamos continuar tentando. O relógio está correndo, por isso temos que continuar tentando.

— Deuses, Doug. Onde você conseguiu me meter?

— Problemas, Pete?

— Tenha certeza que há um problema, porra! Alguém enviou um e-mail para minha mulher, me mostrando que eles podem encontrá-la a qualquer hora do dia. Alguém me enviou uma foto da escola dos meus filhos, com fotos delas no playground durante o recreio, com um **X** sobre os meus filhos! Alguém não quer que eu faça perguntas.

— Você quer parar?

— O tempo para voltar atrás foi quando você ligou. Mas eu não quero voltar para casa um dia e encontrar minha esposa e filhos... — Um som de asfixia. Em seguida, um esforço tremendo para recuperar o controle. — Eu tenho quase certeza que localizei o Composto do Sr. Smith. Não é na minha cidade. É na cidade mais próxima, que está perto da linha ferroviária principal.

— Nós estamos procurando em cidades com acesso ferroviário também.

— Eu mandei um e-mail com todas as informações que tenho sobre o Sr. Smith e seu negócio. Aqui na cidade, há uma oferta especializada de alojamentos em grupo para *'aquelas que não podem viver por conta própria'*. — Parece legítimo, mas o administrador se tornou muito ocupado assim que eu perguntei sobre profetisas de sangue. Em uma das aldeias agrícolas nas proximidades há um orfanato dirigido pelo governo. Ele tem um pequeno centro médico anexado, e é o local para onde vão às meninas que se colocam em *apuros* quando estão tendo bebês.

— Soa como um bom lugar para executar um programa de criação de *Cassandra de Sangue*.

Silêncio atordoado. — O que você disse?

— Nada que você ouviu. — Uma longa pausa. — Pete? Como você está se ajeitando com cupons de gasolina?

Uma hesitação. — Eva e eu estamos economizando combustível desde que eu recebi a sua ligação no início da semana. Eu pude poupar alguns litros com o orçamento da família caso você precise que eu dirija para algum lugar e dê uma olhada.

— Não, eu quero que você arrume a sua família e venha para Lakeside. Agora.

— Você disse que nós tínhamos algum tempo. Doug, ainda há tempo -

— Para encontrar alguém esperando você quando chegar em casa?

— Eu... Eu preciso cancelar o jornal, delegar alguns casos, verificar os e-mails, ou, pelo menos fazer algum contato.

— Alguém vai dizer às pessoas que lhe enviaram o e-mail para sua esposa e as fotos de seus filhos, que você vai entrar em recesso para desaparecer?

— Deuses. — Respiração áspera. — Será que... Seremos capazes de voltar para cá?

— Espero que eu seja capaz de responder a isso quando você chegar aqui. E Pete? Mantenha seus olhos abertos. Se você achar que está sendo seguido, dirija-se ao país selvagem e faça barulho suficiente para chamar a atenção de tudo o que está lá fora. Sua esposa e filhos têm uma chance melhor com os Outros do que com quem sabe que você estava fazendo perguntas.

— Eu te ligo quando chegarmos à beira do lago.

— É um longo do caminho. E antes de sair, me envie um e-mail com a marca e o número de licença de seu carro.

— Tudo bem. — Uma pausa. — Doug? Você acha que tudo isso vai valer a pena?

— Acho que nós saberemos em poucos dias, de uma forma ou de outra.



CAPÍTULO 28

NA MANHÃ SEGUINTE, em Windsday, Monty entrou no escritório de Burke e fechou a porta. — Acho que encontramos o Composto de propriedade do Controlador.

Burke deu-lhe um longo olhar. — Ligue para o Dr. Lorenzo. Diga-lhe que é hora de qualquer ajuda que ele esteja disposto a dar. E envie um carro para pegar Simon Wolfgard. Desta vez, ele precisa vir até nós.

Monty voltou para a sua mesa, fez a ligação para Dominic Lorenzo, e enviou Kowalski para pegar o Lobo. Então ele se sentou, quase balançando com o cansaço, apesar de ser cedo.

Por vários dias, ele, Louis Gresh e Burke tinham passado com café forte, refeições minguadas e poucas horas de sono, enquanto tentavam diminuir os possíveis lugares do Composto do Controlador. Uma sala foi destacada na estação e mantida trancada. Não que fosse necessário um bloqueio. O cartaz que dizia: RESERVADO PARA DOUGLAS BURKE foi o suficiente para fazer com que os demais Oficiais na estação de Chestnut Street evitassem aquele corredor tanto quanto possível.

Todos na estação sabiam que algo estava acontecendo e que era grande e perigoso. Todos sabiam que ele e Louis estavam envolvidos, e suas respectivas equipes não estavam. Todo mundo sabia que de alguma forma os Outros estavam envolvidos.

Todo mundo sabia que algo ruim estava para acontecer, mas nem mesmo o Chefe da estação tinha pedido ao Capitão Burke para dar alguma explicação, especialmente depois que recebeu o relatório da chegada dos amigos de Burke que saíram da estrada a caminho de Lakeside. Os dois adultos e as duas crianças sofreram ferimentos leves e foram levados para algum local seguro e não revelado. Os assaltantes, no

entanto, sofreram ferimentos fatais quando a estrada de repente virou areia movediça e os enterrou até o peito antes de endurecer novamente.

Ficou entendido que a fauna local se *alterou* e só voltou ao *normal* depois que os amigos de Burke foram retirados da área.

Louis sentou-se no canto da mesa de Monty e se inclinou na direção dele. — Você acha que desativamos essa bomba?

— Não completamente, — Monty respondeu, esfregando os olhos.
— Mas será um dano menor por causa do que nós fizemos.

Ouvindo o som de um sapato macio, Meg se afastou do balcão da frente e correu para a sala de triagem, esperando que Simon finalmente tivesse algumas novidades. Mas era Jane, a bodywalker Wolfgard, que estava em um local onde ela não seria vista por alguém entrando no escritório.

— Olá, Jane. Existe algo que eu possa fazer por você? — Então ela pensou em uma razão pela qual Jane viria até o escritório. — Sam! Ele está doente? Ele está ferido?

Jane balançou a cabeça. — Sam está bem. Você... Está com coceira?

Meg caiu contra a mesa de classificação. — Não. Quando eu te vi, foi à primeira coisa que me veio à cabeça.

— Pensamentos de um cão de pradaria. Eles podem aparecer bem debaixo do seu nariz.

A imagem a fez sorrir.

Parecia que ela não tinha sorrido em dias. Parecia que tudo o que tinha feito era esperar por notícias, por respostas, por... Alguma coisa. Os *indigenes da terra* por outro lado, tinham trabalhado, e jogado e caçado como se nada estivesse acontecendo. Claro, havia mais Lobos patrulhando o limite do Pátio, mais Corvos estavam em vigia, mais Falcões voando alto, mas os Outros não estavam esperando da mesma

forma como os seres humanos estavam. Eles estavam prontos. E até que fosse à hora de agirem, eles simplesmente viviam.

— Eu estava pensando sobre os biscoitos de Lobo, — Jane disse.

— Você quer alguma coisa em particular? — Meg perguntou. — Tess vai mandar um e-mail para a padaria de Eamer hoje. Pedi biscoitos menores para os filhotes. Os biscoitos com sabor de carne são os mais populares, e -

— Os biscoitos em forma humana, — Jane disse.

— Oh. — Meg hesitou. — Eu acho que não é uma boa ideia ter biscoitos em forma de pessoas.

Jane parecia desapontada. — Eles foram úteis.

— Oh. Eles ainda podem fazer esses biscoitos, mas em uma forma diferente, — disse Meg.

— Biscoitos menores de camomila? Eu estive dando a Skippy um pequeno pedaço todas às manhãs, e isso o acalma, o suficiente para o seu cérebro funcionar corretamente. Todos nós já notamos a diferença.

— Eu vou fazer o pedido.

— Obrigado. — Jane passou de um pé para o outro. — Tem algum humano trabalhando na livraria hoje?

— Eu não sei. Mas Merri Lee está trabalhando na Bite. Você queria falar com ela?

— Não. — A palavra foi dita muito rapidamente, seguido por um pouco de lamentação. — Não, eu apenas pensei, enquanto eu estivesse aqui em cima...

Merri Lee, Ruthie e Theral tinham assistido filmes assustadores de Lobisomens, — e todas elas concordaram que a coisa real era muito mais aterradora. Mas elas também concordavam que os Outros não deveriam se sentir relutantes em fazer compras em sua própria Praça do Mercado apenas porque alguns humanos trabalhavam lá, especialmente os *indigenes da terra* que não poderiam ir para as lojas humanas porque eles não podiam passar por um humano e provavelmente causariam pânico se as pessoas os vissem.

Ter alguém como Jane Wolfgard, uma bodywalker respeitada, entrando na Howling Boas Leituras e comprando um livro enquanto Merri Lee ou Ruthie estavam no caixa, ou sentando-se na Bite para tomar uma bebida e fazer um lanche, poderia deixar outro *indigene da terra* se sentir mais confortável em fazer a mesma coisa.

E qualquer coisa que ajudasse cada lado a aceitar o outro tinha que ser uma coisa boa. Especialmente agora.

Meg tocou a lateral de sua cabeça. — Ninguém vai se importar com os seus ouvidos peludos.

Jane a estudou, em seguida, balançou a cabeça e saiu pela porta dos fundos.

Meg ouviu os Corvos que estavam observando fazer um barulho de *caw* com a chegada de alguém, e voltou para o balcão a tempo de ver um carro de patrulha se aproximar e continuar pelo caminho de acesso. Então ouviu alguém entrar por trás e se virou, pensando que era Jane precisando de um pouco mais de confiança.

Não era Jane. Simon cruzou a sala de triagem e parou na entrada privada.

— Eles encontraram o inimigo, — ele disse. — Eu estou indo para a estação de Chestnut Street falar com Montgomery e os outros policiais.

— Tudo bem. — De repente Meg sentiu frio e se abraçou. — Você vai me contar...

Simon inclinou a cabeça. — Te contar o que?

— Eu não sei.

Ele esperou um momento, então disse: — Eu tenho que ir.

Ele saiu.

Ela esperou e observou o carro de patrulha sair da área de entrega e virar à direita na Main Street, em direção a estação de Chestnut Street.

Ela estendeu as mãos, estudou os braços e se perguntou se deveria estar aliviada ou alarmada, mas não sentia nenhuma picada em qualquer lugar.

Presa em um sono inquieto, Jean fez uma careta, e um pequeno corte em seu lábio inferior foi reaberto, transformando o sonho em uma profecia que fluiu como um filme.

O chão tremeu. O vento rugia. Os Aqueles Com Nomes gritavam e pediam ajuda e gritavam. Paredes foram pulverizadas com sangue, e membros foram rasgados dos corpos espalhados pelos corredores.

As meninas, trancados em suas celas, tremendo e chorando.

Então sua porta abriu e ela viu...

Jean abriu os olhos e sorriu.

Dominic Lorenzo parecia abatido quando entrou na sala restrita na estação de Chestnut Street. Ele estudou Monty, Louis e Burke antes de cair flacidamente em uma cadeira. — Você percebe o que despertamos com o que fizemos? Sabe quantas pessoas influentes questionaram aos administradores do hospital sobre a minha aptidão para praticar medicina?

Burke se sentou diante de Lorenzo e deu ao homem um sorriso feroz-amigável. — Oh, eu não me preocuparia muito com isso, doutor, o Comissário de polícia de Lakeside tem lidado com chamadas semelhantes sobre mim. Eu acho que as pessoas reclamando sobre você agora vão cantar uma música diferente muito em breve.

— Por quê?

O sorriso de Burke tornou-se mais feroz. — *Propriedade benevolente.*

— Um mal necessário.

— E sobre a criação de fazendas de reprodução? E sobre a seleção de meninas com um bom rendimento para reforçar a sua capacidade de ver a profecia? E quanto à reprodução de proles que são tão sensíveis que *não podem* sobreviver sem ter uma propriedade benevolente?

Lorenzo olhou para Burke. — Isso é monstruoso.

Monty estudou o médico. — Mas também confirma algo que você já tinha começado a suspeitar, não é?

Lorenzo abriu a pasta, tirou uma pilha espessa de papéis, e não respondeu por um minuto. Finalmente, — As pessoas que usam esses Compostos e comporam profecias não vão deixar que esse tipo de informação saia à luz. Fazendas de criação para aquelas meninas? Nenhuma dessas pessoas iria sobreviver à tempestade desse *tipo* de escândalo.

— É por isso que eu não estou planejando dar essas informações para outros seres humanos, — disse Burke. — Eu vou dá-las aos *indigenes da terra*.

— Dar o que aos *indigenes da terra*? — Simon Wolfgard perguntou quando ele e Vlad Sanguinati entraram na sala.

— Nós vamos chegar a isso, — disse Burke. — Tenente?

— Nós estamos razoavelmente certos de que nós encontramos a cidade onde o Composto do Controlador está localizado, — disse Monty, caminhando até o mapa preso em um quadro.

Hoje, eles não podem passar por humanos, pensou Monty, olhando para Simon e Vlad. *Nenhum deles. Há muito do predador se mostrando.*

— E você? — Simon disse, olhando para Lorenzo.

O médico hesitou, depois pegou seu próprio mapa e desdobrou. — Eu falei com colegas, conhecidos e administradores de hospitais. Eu marquei os locais onde as profetisas de sangue receberam cuidados médicos. Quero salientar que a maioria dessas instalações que receberam essas meninas para tratamento são conhecidas em suas comunidades e trabalham abertamente.

Simon e Vlad não disseram nada. Eles só olhavam para o mapa. Então Simon abriu outro mapa e o colocou sobre a mesa ao lado de Lorenzo.

— O que você marcou? — Perguntou Monty, observando as mesmas cidades que foram marcadas em cada mapa.

— Os Corvos falaram com o Crowgard, — disse Vlad. — Então eles foram observar vários lugares humanos, e fizemos nota dos lugares onde os seres humanos atiraram neles.

— As cidades onde as pessoas que fotografaram e atiraram nos Corvos são as mesmas cidades que nós suspeitamos que existam os Compostos que possuem *Cassandras de sangue*, — Monty disse.

Simon assentiu. — Seus mapas confirmam as conclusões dos *indigenes da terra* no Centro-Oeste.

— E agora? — Perguntou Burke.

— Agora, Tenente Montgomery, Dr. Lorenzo e eu vamos embarcar no trem no sentido Oeste que sai às duas e meia da tarde e vamos nos encontrar com os *indigenes da terra* que vão resolver as coisas com o inimigo.

Lorenzo ficou de pé. — Eu não vou a lugar nenhum!

Simon e Vlad sorriram mostrando suas presas.

— Você vai porque você é um bodywalker humano que está interessado em profetisas de sangue, e você vai querer ajudar as que sobreviverem, — disse Simon.

— As que -

— E o Tenente vai porque a polícia vai querer falar com um dos seus próprios, em vez dos *indigenes da terra* que estarão presentes nessa cidade, — Simon continuou.

— E você? — Perguntou Monty. — Por que você vai?

— Para manter uma promessa.

Lorenzo sacudiu a cabeça. — Não. Já foi difícil ter recolhido estas informações, sabendo que -

— Você já ouviu falar sobre a outra remessa de carne contaminada? — Vlad perguntou. Sua voz era amigável, mas seus olhos eram gelo escuro. — Dois caminhões de entrega carregados do material. Um teve um acidente estranho e conseguiu tombar de tal forma que o motorista não ficou ferido, mas a porta traseira se abriu. O motorista entrou no outro veículo e foi embora, deixando toda aquela carne tentadora apenas deitada na estrada. Coisa engraçada sobre os

Sanguinatis. Sobre todos os *indigenes da terra*, mas em meu povo em particular, por que nós reconhecemos que as profetisas de sangue não são presas. A *Cassandra de Sangue* é uma criação de Namid, tão maravilhosa quanto terrível. Nós não bebemos o seu sangue. Outros *indigenes da terra* não comem sua carne. E nós podemos reconhecê-la, mesmo quando ela foi moída e misturada com carne, em uma tentativa de esconder o que é.

Louis gemeu. Lorenzo estava imóvel. Monty apoiou as mãos na mesa, sentindo-se doente. Burke olhou para Simon e Vlad.

— Você tem certeza que mais meninas foram usadas para fazer a carne contaminada? — Perguntou Burke.

— Temos certeza, — Vlad disse e dobrou o mapa que Simon tinha trazido e o enfiou debaixo do braço.

— O comboio parte às duas e meia, — disse Simon. — Se você quer que os seres humanos tenham uma palavra a dizer no que vem a seguir, não se atrase. — Ele e Vlad saíram da sala.

Silêncio. Em seguida, Burke disse, — Tenente? Você e o Dr. Lorenzo devem ir para casa e fazer a mala. Doutor, o Comandante Gresh vai levá-lo para casa e depois para a estação de trem. Tenente, Kowalski vai levá-lo. Eu vou limpar isso aqui. — Depois de um momento, ele acrescentou calmamente, — Que Mikhos cuide de todos nós.

Mikhos é o *Espírito Guardião* da polícia, bombeiros e o pessoal médico. Monty suspeitava que o seu nome pudesse ser invocado muitas vezes ao longo dos próximos dias.

Simon pegou sua mala, e olhou em volta.

Ele não queria ir. Era algo importante e necessário, e alguns meses atrás, ele teria ido para a Região Centro-Oeste para se reunir com líderes, e teria se afastado de Meg e Sam sem nenhum segundo pensamento. Agora ele não iria ouvir a voz dela por dias, não teria o conforto de seu perfume. Agora ele sentiria falta dela.

Ele pegou a mala, saiu de seu apartamento, entrou na van, e olhou para Vlad, que estava dirigindo para a estação de trem.

— Você vai ficar de olho em tudo? — Disse.

— Ela vai ficar bem, Simon, — Vlad respondeu. — Meg não causará nenhum dano a si mesma quando você estiver ausente.

Ele suspirou. — Como as coisas ficaram tão agitadas?

— Não é a primeira vez. Não será a última. Se os shifters e os Sanguinatis que moram em torno dos seres humanos não podem resolver as coisas, as formas mais antigas de *indigenes da terra* e os Elementais irão. Eles sempre fazem. — Vlad parou perto da porta dos fundos do Gabinete do Liaison. — Vá para dentro e diga adeus. Dê-lhe um abraço.

Simon hesitou. — Isso não seria muito humano?

— Não, — Vlad respondeu calmamente. — Isso seria algo que um amigo de pelo faria ao tocar na pele de outro amigo.

Ele entrou. Meg estava na sala de triagem virando as páginas do *Lakeside News*. Mas ele achava que ela não estava absorvendo quaisquer imagens, porque quando o viu ela parecia preocupada e com medo.

— Vai ser perigoso para você estar em um trem agora, — ela disse.

Ele inclinou a cabeça. — Você está sentindo alguma coisa?

— Nada. Talvez eu tenha bebido muito chá de camomila. Jane disse que os biscoitos de camomila têm ajudado o cérebro de Skippy. Talvez o chá esteja bloqueando a minha capacidade de sentir... Alguma coisa.

— Ou talvez não haja nada para sentir. — Teria que se mover logo se quisesse chegar à estação. — Meg? Quer um abraço? É uma coisa que um amigo faz quando alguém está indo embora.

Quando ela assentiu, ele colocou os braços em volta dela, puxando-a contra ele. Seus braços foram ao redor dela e a seguraram.

Ele sentiu o cheiro dela até Vlad dizer, <Simon? Hora de ir.>

Ele recuou e olhou em seus olhos cinzentos. — Não cause muitos problemas para Vlad e Henry.

Ela cuspiu. — Eu não causo problemas!

Isso o fez rir. Ele saiu com ela ainda em seus sentidos; e o cheiro dela em suas roupas era um conforto.

O telefone de Monty tocou.

Ele hesitou, e quase não atendeu a chamada. Mas o hábito o fez alcançar o telefone. — Olá?

— Você fez isso de propósito, não foi? — A voz de Elayne era chorosa e estridente.

— Fiz o que?

— Você sabotou as palestras de Nicholas em Talulah Falls e Lakeside! Isso foi o que você fez!

Monty se balançou sobre os calcanhares. Ele não podia estar ouvindo o que estava ouvindo. — Elayne, você já prestou atenção ao que está acontecendo em Talulah Falls? Ninguém está entrando ou saindo de lá ainda. E considerando os problemas que estamos tendo, e os problemas que o movimento Humanos, Primeiros e Últimos já causaram em Lakeside, não é surpreendente que as palestras do seu namorado foram canceladas.

— Porque *você* é um homem ciumento, isso é o que você é!

— Lizzy está aí? — Ele não tinha tempo para esse absurdo, mas ele gostaria de ouvir a voz de sua filha.

— Não, ela não está aqui!

A voz dela estava mais e mais estridente, o que fez Monty se perguntar se Elayne pensou se Nicholas era um risco tão maravilhoso quanto ele pareceu pela primeira vez.

— Elayne, eu tenho que ir.

— Ao tentar arruinar Nicholas, você também está arruinando a chance de Lizzy ter algo melhor. Você percebe isso, não é?

Ele sentiu uma pontada no coração, mesmo que ele não acreditasse nem por um minuto que Zero poderia oferecer a Lizzy uma casa melhor do que ele poderia.

— Eu tenho que ir, — ele disse novamente. Quando ele desligou, ele ouviu Elayne gritando, — O que é tão importante que você não pode me dar um minuto para falar sobre sua filha?

Sua mão pairou sobre o telefone. Eles não iriam falar sobre Lizzy. Sempre que Elayne alegava que ela queria falar sobre sua filha, a conversa se tornava rapidamente na lista do que Elayne não poderia ter por causa de suas deficiências.

— O que é tão importante? — Ele repetiu as palavras dela, enquanto olhava para o telefone. — Eu tenho que ajudar os Outros a matar uma cidade cheia de pessoas.



CAPÍTULO 29

INDO NA DIREÇÃO do Centro-Oeste, os Elementais se moviam em direção à cidade que abrigava o covil do inimigo.

Air flertava com a Earth, fazendo cócegas e provocando-a até que a Earth tremeu e os seres humanos tremeram em suas casas insignificantes.

Nas cidades onde os Corvos foram baleados, Fire abraçava os postes quando passava, silenciando a eletricidade e os telefones no momento em que Water chegava para entregar uma chuva forte.

Tornado perseguia carros e caminhões, às vezes os pegava e os jogava no ar, às vezes, os soltando com nada mais do que uma escovada mais leve de advertência.

Um raio atingiu com precisão viciosa, e Fire e Air dançaram nas casas dos homens com armas, galopando em seus cavalos que rompiam as estradas enquanto corriam.

Finalmente os Elementais chegaram ao lugar que o inimigo ocupava. Uma vez que a cidade estava cercada, eles pararam e esperaram.

E o mundo prendeu a respiração enquanto os Elementais e seus corcéis esperavam o resto dos *indigenes da terra* chegar.

O condutor, escoltando Monty, Dominic Lorenzo e Simon disse: — Nosso vagão executivo não está sendo usado no momento, então pensamos que privacidade seria apreciada.

O que significava que a ferrovia não queria passageiros humanos perto de um Lobo a bordo, não quando todo mundo já estava agitado e um conflito menor poderia rapidamente tornar-se violento.

Monty olhou para as cadeiras de couro e as mesas com bancos corridos e acolchoados. — Muito agradável. Quem normalmente usa esse vagão?

O condutor olhou nervosamente para Simon, que estava bisbilhotando na parte de trás do vagão. — Homens que viajam muito e usam essas horas de viagem para trabalhar. Nós temos uma pequena cozinha, abastecida com sanduíches e outros alimentos e bebidas. Há também uma barra de exercícios.

— As pessoas pagam pelos extras? — Perguntou Monty.

— Ah, não. Os alimentos e as bebidas estão incluídos no valor do bilhete para este vagão.

Monty agradeceu ao condutor e foi para a parte de trás do vagão para descobrir o que intrigou Simon.

— Vaso sanitário e pia, — Simon disse, apontando para uma porta. Ele abriu a porta do lado oposto. — O que é isso? — Ele apontou para algo que parecia uma porcelana como um meio tambor com um assento, torneiras de água e um acessório de chuveiro pequeno preso na parede atrás dele.

Dominic se juntou a eles. — É um chuveiro pequeno.

Monty voltou para frente do carro. Alimentos, bebidas, assentos confortáveis, e locais de trabalho; incluindo um banheiro, adequado para um homem que viajava durante a noite e que poderia se refrescar para uma reunião de manhã. E privacidade. — Quanto você acha que custa usar esse vagão?

— Mais do que você ou eu gostaríamos de pagar, — Lorenzo respondeu quando ele e Simon se juntaram a Monty. — É melhor tomar os nossos lugares. Sinto como se o trem estivesse deixando a estação.

Eles guardaram suas malas nas prateleiras e sentaram nos assentos.

Uma vez que o trem saiu para além de Lakeside, Simon disse pensativo: — Que tipo de homem usaria esse vagão?

— O condutor disse que era para homens que precisavam trabalhar enquanto estão viajando, então eu imagino que a maioria seja de empresários e funcionários do governo, — disse Monty.

Simon assentiu. — Homens de negócios e funcionários. E os humanos não querem também que outras pessoas percebam onde está indo?

— Por que eles se importariam se alguém notasse... — Dominic olhou para seus companheiros e não terminou a pergunta.

Monty olhou para Simon. — Você acha que alguém que pode se dar ao luxo de comprar um bilhete para este vagão também pode se dar ao luxo de comprar uma profecia?

— Só porque uma pessoa usa um vagão executivo não significa que ele ou ela também possa ir até os Compostos para uma profecia, — Dominic protestou.

— Não, mas eu acho que as pessoas que vão a esses compostos não o fazem abertamente, — Monty respondeu. — Assim, se a pessoa que usa um vagão executivo pode comprar profecias, eu posso apostar que a maioria das pessoas que compram profecias usa o vagão executivo. — Ele olhou para Simon. — O que você acha?

Simon ficou de pé. — Eu acho que estou com fome, e eu quero ver se esses sanduíches valem a pena comer. E eu acho que a ferrovia não iria desperdiçar combustível para puxar um carro vazio, assim, eu estou querendo saber para onde os humanos que tinham bilhetes para esta viagem estavam indo.

Simon achava que os sanduíches não eram da melhor qualidade do que poderia ser comprado no vagão-restaurant, mas talvez fosse à conveniência de não ter que esperar na fila que fazia a comida especial.

Ou talvez a comida tivesse sido substituída quando os humanos que tinham bilhetes para este vagão não apareceram. Não importava para ele. Montgomery e Lorenzo preferiam os sanduíches de frango, deixando os de carne para ele, então todos comeram o que tinha disponível.

Não, não lhe importava se havia um vagão de luxo, mas alguém ia sentir a ira de Elliot e os seus dentes quando o Cônsul de Lakeside descobrir que ele tinha sido relegado para vagões regulares de passageiros com todos os cheiros fedorentos, enquanto funcionários humanos do governo usavam este vagão especial que tinha o cheiro agradável de couro e alimentos sempre que você queria.

Tanto quanto Simon sabia, o motivo de estar nesse vagão particular era o fato de que seria fácil para o *indigene da terra* controlar os passageiros, mesmo se eles tentassem esconder seus rostos ou mentir sobre quem eles eram. Você pode tentar fugir com mentiras para alguns *tipos* de indigenes da terra, mas apenas dava aos demais mais um motivo para prestar atenção.

Nem sempre podiam pedir aos Corvos para manter a guarda. Seria óbvio demais, e eles estavam mais vulneráveis e facilmente distraídos por objetos brilhantes. O Sanguinati? Uma possibilidade concreta. Afinal, as estações de trem eram bons campos de caça para a família de Vlad.

Após a refeição, todos os três pegaram livros de suas malas. Simon notou que Montgomery tinha um livro de Alan Wolfgard. Considerando para onde eles estavam indo, ele não tinha certeza se era a melhor escolha de história para um humano, mas ele não ofereceu nenhuma opinião. Os humanos tinham memórias extremamente rasas. Sempre que os *indigenes da terra* destruíam uma cidade e recuperavam a terra, os humanos lamentavam e reclamavam que não entendiam. Como eles poderiam não entender algo tão simples? Se você quebra os acordos com os *indigenes da terra*, os *indigenes da terra* vão contra-atacar e bater duro. Os humanos não percebem que sempre começam as lutas que vão matá-los?

Ele olhou para os dois homens sentados do outro lado do corredor. Ele não achava que qualquer um deles tinha memórias superficiais, de modo que talvez fosse bom que eles observassem o que os Outros poderiam fazer. Talvez fosse inteligente deixá-los ver exatamente o que estava contra eles, se o seu povo começasse uma briga.

Meg olhou para a lâmina de prata que ela tinha colocado na mesa da sala de triagem. Cs759. A designação para uma propriedade *descartável*. Exceto que uma *Cassandra de sangue* não deveria ser propriedade, nem ser descartável.

— Meg?

Ela olhou para cima quando Merri Lee entrou na sala de triagem.

— Todo esse problema começou porque eu não queria voltar para o composto, porque eu queria ser mais do que uma propriedade, — Meg disse.

— As pessoas fazem as suas escolhas, mas você? Você sabe melhor do que isso. — Merri Lee apontou para a lâmina. — Que escolha você está fazendo agora?

— Eu não sei. Quero ajudar Simon.

— Você precisa se cortar? Existe alguma profecia lhe sussurrando, e você acha que é sobre ele?

— Não, mas... — Simon não gostaria que ela se cortasse, não sem uma razão. Ele ficaria mais preocupado se sua amiga pudesse se machucar sem uma razão?

Merri Lee foi até o telefone e o pegou. — Você sabe o número do telefone celular dele?

— Sim.

— Ligue para ele, Meg. Deixe uma mensagem em seu correio de voz. Em seguida, venha para o apartamento. Vou mostrar-lhe como fazer um espaguete. Isso vai ajudar a distrair nós duas. Ruth e Theral trarão sorvete e chocolate para o meu apartamento esta noite, e vamos assistir a filmes que nos dê uma desculpa para chorar.

Meg pegou o receptor. — O que eu posso dizer?

— Diga que você ligou porque estava pensando nele. Eu acho que ele gostaria disso. — Merri Lee sorriu. — Vou esperar lá fora.

Quando ouviu a porta se fechar atrás dela, Meg discou o número de Simon. Ela sabia que tinha começado o correio de voz quando ouviu uma ordem rosnada para deixar uma mensagem.

Então ela deixou sua mensagem, fechou o escritório, e se juntou a Merri Lee para uma noite de distração.

Lorenzo estava dormindo em um dos bancos acolchoados que se transformava em uma cama. Simon havia passado as últimas horas olhando pela janela e, ocasionalmente, fingindo que estava lendo. E Monty estava na metade do suspense de Alan Wolfgard, e se perguntou se muitos humanos já tinham lido os livros dos *indigenes da terra*. Se nada mais, a história, com os seus tortuosos vilões humanos e assassinos, era uma visão sobre como os Outros percebiam as pessoas. Após a reunião com os humanos que trabalhava no Courtyard, um tipo diferente de ser humano apareceria em algumas das histórias de Alan? Quantas vezes uma fêmea humana iria bater em um atacante com uma vassoura ou uma chaleira?

Em uma estação, há cerca de uma hora de distância da fronteira Centro-Oeste, um homem entrou no vagão executivo, usando um terno de três peças e uma pasta. Um pouco corpulento e muito bem preparado. Ele parou abruptamente quando viu Monty e Simon.

— Eu acho que você está no lado errado do trem, — disse o homem. O tom pomposo produziu um grunhido de Simon. Em vez de recuar, o som pareceu incitar o homem, que acrescentou: — *Este é um vagão privado*.

— Sim, senhor, estamos cientes disso, — Monty disse cortesmente. — E nós estamos no vagão correto.

— Vocês estão? É mesmo! Vamos ver os seus bilhetes.

Monty levantou-se, sacou sua identidade, e a abriu. E viu o homem ficar pálido. — Agora, senhor. Eu gostaria de ver o seu bilhete.

— O meu? — O homem vociferou. — Por que eu deveria mostrar-lhe o meu bilhete?

— Porque eu sou um policial, e eu pedi. Ou posso pedir que esse trem pare enquanto eu faço um inquérito na estação sobre o bilhete e confirme que você, de fato, tenha o direito de utilizar este vagão.

— Você não pode fazer isso!

— Se ele não puder, eu posso, — Simon rosnou.

Monty não teve que olhar para o Lobo para saber que Simon não passava mais por um humano. Ele podia ver o medo nos olhos do homem.

O homem tirou um bilhete, e o acenou na frente de Monty, e o guardou antes que alguém pudesse dar uma boa olhada nele.

Monty não insistiu para ver o bilhete novamente, e ele não pediu ao homem para fornecer um nome e o endereço de casa. Ele não achava que qualquer uma dessas coisas seria importante hoje.

Ele afastou seu documento e sentou-se, permitindo que o homem colocasse a sua bagagem na prateleira e tomasse um assento.

Simon não gostou do humano que tinha invadido o vagão privado. Não gostou do olhar dele, e da sensação dele, o cheiro dele. Ele não poderia colocar uma pata sobre o porquê desse humano o ofender tanto, mas se esse homem se aproximasse de qualquer membro da matilha humana do Lakeside e, especialmente de Meg, ele não hesitaria em rasga-lo e arrancar o fígado dele antes que o coração desse sua última batida.

<Caw! Mensagem para o Wolfgard de Lakeside.>

Ele olhou para fora da janela, mas não viu o Corvo. *<Eu sou o Wolfgard.>*

<O trem vai parar em breve. Lobos irão atender você e seus seres humanos, vamos levá-lo o resto do caminho.>

<Algo quebrado?>, Ele perguntou.

<Não, se o trem parar e voltar. Air está montando Tornado e vai ficar de olho.>

Não seria apenas este trem ou estação. Os *indigenes da terra* iriam fechar todos os meios de fuga do Centro-Oeste até que o inimigo fosse caçado e destruído. E em sua própria maneira, os Outros estavam protegendo os seres humanos que poderiam ser apanhados na matança.

O condutor entrou no vagão alguns minutos mais tarde. — Última parada, senhores. Por favor, preparem-se para partir.

— Última parada? — Disse o empresário, inclinando-se para o corredor. — O que quer dizer com *última parada*? Eu tenho um bilhete para - — Ele parou como se estivesse relutante em ter um policial e um Lobo ouvindo o seu destino.

— As condições climáticas incertas tornaram desaconselhável continuar, — disse o condutor. — Você ou sua empresa receberão um credito para a parte do bilhete não utilizado.

— Portanto esta é a decisão da estrada de ferro? — O homem parecia irritado. — O que acontecerá se o trem continuar para o seu destino original?

— Os abutres vão festejar por dias, — disse Simon.

O condutor se moveu lentamente e se retirou do vagão. O empresário fedia a medo.

Mover-se com cuidado para evitar um predador era um comportamento sensato do condutor. O medo de ser transformado em carne era uma compreensível e agradável reação do homem de negócios.

O trem parou na estação. Simon olhou para Monty e sacudiu a cabeça. Quando Monty retomou ao seu lugar, ele disse, <Corvos?>

<Aqui.>

<Haverá um humano que deixará o vagão em que estou.>

<Há muitos humanos saindo.>

<Mas haverá apenas um deste vagão. Quero que ele seja observado.>

<Não podemos segui-lo agora. Vamos pedir para outro indigene da terra ajudar.>

<Bom. E diga aos seus líderes sobre ele. Que todos os Corvos passem a informação que esse humano não deve ser confiável.>

<Diremos.>

Satisfeito, Simon puxou a sua mala para fora do rack, logo que o empresário deixou o vagão.

— A menos que eu tenha descaracterizado totalmente o mapa, ainda temos um bom caminho a percorrer. — Monty disse. — Horas de viagem, na verdade.

— Sim, — respondeu Simon. — Mas o trem não vai avançar mais. Vamos. Vamos ser recebidos.

Assim que desceram do trem, ouviram o grasnar. Os Corvos não estavam fazendo nenhum esforço para esconder o seu interesse no homem de negócios, que acabou chamando a atenção dos outros seres humanos. Aturdido, o homem correu para a estação, onde os Corvos não podiam segui-lo. Mas na porta da estação, a poeira e os detritos de repente rodaram e reassentaram pelo caminho.

Simon, Monty, e Lorenzo se juntaram aos passageiros que corriam para a estação, mas Simon levou os dois homens para outro conjunto de portas, na direção do estacionamento. A minivan não era diferente de outros veículos, mas os dois homens de pé ao lado dela pareciam muito perigosos para passarem por humanos, apesar de um claro esforço para se manterem nessa forma.

Ele acenou para os Lobos.

<Nós não precisamos conhecer seus seres humanos,> eles disseram.

Ele pensou que Montgomery e Lorenzo teriam gostado de saber os nomes de seus novos companheiros, mas os Lobos não queriam ser sociáveis, por isso ele não disse nada.

— Parece que o empresário evitou os Corvos, — disse Lorenzo, parando um momento antes de entrar na minivan.

Simon não tinha certeza se ele ouviu preocupação ou alívio na voz do médico. Os seres humanos compreendiam tão pouco. — Não importa

agora se ele vai escapar dos corvos, — disse a Lorenzo. — Até que ele pare de respirar, ele não pode se esconder de Air.



CAPÍTULO 30

ELES DIRIGIRAM por várias horas antes de entrarem em uma estrada de acesso que não era usada por seres humanos. Pouco tempo depois, a minivan parou dentro da vista do Complexo, em um local onde Joe Wolfgard os esperava.

Os Lobos que foram seus condutores e acompanhantes saíram e se juntaram a seu líder.

— Fiquem aqui, — Simon disse a Montgomery e Lorenzo. Então ele saiu da minivan e se aproximou de Joe.

— Este não é o seu território, — Joe disse. — Agradecemos a ajuda que nos deram para localizar o inimigo, mas esta não é sua luta.

— Não é o meu território, e nem a minha luta, — Simon concordou. — Mas temos um inimigo em comum.

— Sim, — Joe disse, e hesitou; como se estivesse tentando decidir o que deveria ser dito. — Eu sou um dos líderes que fizeram uma promessa a sua Meg.

— Eu fiz uma promessa também.

Joe assentiu. — Quando o inimigo morrer, você pode entrar e caçar para a promessa. Isso vai satisfazer a sua Meg?

Isso vai depender do resultado, Simon pensou. Mas ele disse: — Isso vai satisfazê-la.

Com necessidade de saber o que estava acontecendo, Monty desceu da minivan. Os Lobos tinham deixado às luzes no estacionamento acessas diante da minivan. Provavelmente não era para o benefício dos Outros, já que eles tinham uma excelente visão noturna. Ele pensou que seria considerado se apresentar. Então percebeu que não seria considerado.

Três dos Lobos tiraram as jaquetas e camisas e, em seguida, mudaram seus torsos em pelos e musculo, mudando as cabeças totalmente para Lobo. Eles olharam para Monty e rosnaram. Em seguida, eles correram para o Composto.

— Deuses acima e abaixo, — Lorenzo respirou quando desceu ao lado de Monty.

— Eu não tenho certeza se os deuses vão nos ouvir hoje, — Monty disse quando Simon inclinou a cabeça para trás e uivou.

Earth, montando Tornado, destruiu uma parte da parede do composto, e os Lobos a seguiam, matando todos em seu caminho. Water, montando Nevoeiro, cegava os seres humanos que guardavam os portões do covil do inimigo, deixando-os vulneráveis aos Corvos, Falcões, e Corujas. Air sacudiu os edifícios e atingiu todas as janelas, encontrando as aberturas mais ínfimas. Os Sanguinatis, em forma de fumaça, seguiam Air. Eles cercaram os guardas de segurança armados com pistolas, e bebiam sangue suficiente para deixá-los inconscientes. Mudando para a forma humana para abrir as portas para os Lobos.

E então as coisas ficaram confusas.

O chão tremeu. O vento rugiu.

Jean sentou-se na cama. Sua cela não estava perto de qualquer um dos principais corredores do edifício, mas ela ainda podia ouvir os *Aqueles Com Nomes* gritando e implorando e gritando.

Ela estendeu a mão e apertou o interruptor de luz na parede. Quando seus olhos se adaptaram, ela estudou a cômoda.

A maioria das gavetas continha o seu vestuário ou artigos para a higiene pessoal. Mas uma gaveta tinha uma tranca e os *Aqueles Com*

Nomes mantinham a chave. Era apenas outra maneira de provocar e atormentar as meninas.

Levantou-se, em seguida, esperou um momento para deixar o seu pé danificado aceitar o seu peso. Deu poucos passos embaralhados da cama para a cômoda. Ela ignorou os gritos do lado de fora da cela e abriu a gaveta. Então ela pegou a lâmina e abriu.

Flores bonitas em um lado do cabo de prata. Uma mentira.

A designação simples, cs747, do outro lado. Verdade.

O chão tremeu, e o vento bramiu, e ouviu mais gritos, e a gaveta que deveria estar travada, mas que não estava. Ela sabia o que significava.

— É o fim, — ela sussurrou.

Segurando a navalha, Jean voltou para a sua cama e sentou-se para esperar.

O Controlador engoliu outra dose de *Nocaute de Lobo*, colocou um novo pente em sua pistola, em seguida, correu por um corredor cheio de pesadelos que fariam os deuses escuros se alegrarem.

Um Lobo se virou para ele. Ele atirou em sua boca e continuou a correr, mal conseguindo conter o seu próprio grito de triunfo quando o seu inimigo caiu.

Tinha que chegar ao quarto especial. Tinha mais armas lá. Teria a sua vitória lá. Tinha dado três cortes na cadela cs747 para obter imagens úteis o suficiente para garantir sua fuga. Ele não tinha dito a sua equipe sobre o ataque; o caos e o abate eram necessários para a sua própria sobrevivência. Equipe, assim como as profetisas, poderiam ser substituídas. Mas o conhecimento e a habilidade que ele poderia oferecer aos humanos do movimento Humanos, Primeiros e Últimos eram insubstituíveis.

Ele atirou de novo e de novo, matando o seu próprio povo, matando os Outros. O que importava? Ele era glorioso, invencível. Ele era à resposta aos seres humanos!

Ele correu para o quarto que tinha a chave para a sua liberdade. Quando ele tropeçou em um corpo em chamas, ele viu o rifle automático nas proximidades, viu as tripas espalhadas pelo chão. A arma que ele tinha contado era inútil!

Ele viu movimento no canto do olho. Ele virou-se, disparando a pistola para o incêndio que, de repente rodeou o seu torso. Fumaça cobriu o seu rosto e adquiriram presas que afundaram em seu pescoço. Lançado pelo fogo, o Controlador cambaleou para frente antes de ser lançado para trás, quando algo com uma cabeça de pantera se chocou contra a sua barriga, rasgando-a. Quando ele caiu, um Lobo agarrou seu pulso, mordendo até o osso a carne queimada enquanto a Pantera mordida o seu outro braço.

Em seguida, o Vampiro, o Lobo e a Pantera gritaram de raiva e correram para fora da sala, bêbados com uma dose dupla de *Nocaut de Lobo* enquanto o Controlador estava deitado no chão, queimado, sangrando, quebrado. Morrendo.

Compreensão.

Aquela cadela cs747. De alguma forma ela tinha conseguido dizer-lhe apenas parte do que ela tinha visto. Em vez de mostrar-lhe como escapar do ataque, ela identificou as imagens que o levariam para uma armadilha.

Aquela... Puta... *Mentiu para ele.*

Monty não podia ver muito de onde ele estava com Lorenzo e Simon Wolfgard. Mas ele ouviu mais do que suficiente.

Tiros, rapidamente silenciados.

Gritos, prolongados e terríveis.

E tudo isso rápido demais para dar a qualquer ser humano alguma esperança.

Em seguida, os Lobos uivaram, e o nevoeiro desapareceu como se nunca tivesse existido.

— É a hora de entrarmos, — Simon disse assim que começou a caminhar para o composto.

Sirenes à distância se aproximando. Cavalos e cavaleiros se deslocando na direção dos portões quebrados do Composto.

— Devo esperar no portão e falar com a polícia? — Perguntou Monty.

— Os Elementais estão indo lidar com a polícia, — Simon respondeu. — Os *indigenes da terra* do Centro-Oeste *querem* todos os três aqui. — Ele apontou para um dos edifícios.

Monty descobriu que Dominic Lorenzo já tinha visto algumas coisas ruins como médico de emergência. Como policial, ele tinha visto algumas também. Mas nenhum deles nunca tinha visto nada parecido com o que os *indigenes da terra* podiam fazer contra os seres humanos que eles odiavam.

Paredes salpicadas com sangue. Pisos salpicados com entranhas. Mas enquanto estava ali, atordoado demais para se mover, ele assistiu um Lobisomem rasgar as mangas de um homem de jaleco branco e camisa por baixo, e arrancar o braço para fora no ombro, e dar uma mordida enquanto outro Lobo...

— Ele está comendo o fígado do homem, — disse Lorenzo numa voz calma de alguém chocado demais para sentir.

Um dos Lobos mudou de volta para uma cabeça humana, em sua maioria, e se levantou. Quando ele deu algumas lambidas em suas patas sangrentas, Monty percebeu que era Joe Wolfgard.

Joe disse: — É uma boa carne. — Então ele olhou para Simon. — Você ouviu?

— Eu ouvi.

Monty de repente percebeu que os ouvidos de Simon estavam mudados para de um Lobo peludo. E a mudança lhe parecia quase

cômica em comparação com tudo à sua volta. — O que você ouve? — Perguntou.

— As garotas.

<Esses seres humanos vão levar algumas meninas,> Simon disse.

<Por quê?> Joe protestou. <Nós estamos levando essas armas para longe dos seres humanos. Por que dar algumas delas de volta?>

<Humanos diriam que é uma demonstração de boa fé. Não podemos deixar essas meninas soltas na natureza, por isso vamos precisar de ajuda. Vamos dar a estes humanos uma razão para ajudar. Vou me certificar que as meninas não estejam sendo usadas como armas contra nós, mesmo se eu tiver que matá-las.>

<Grande mudança em Thaisia por causa disto. Vamos querer alguma ajuda em troca.>

<Sim,> Simon disse. <Lakeside vai ajudar.> Não haveria tempo de sobra para explicar ao Tenente Montgomery e ao Dr. Lorenzo que ele tinha incluído a polícia e o médico em sua promessa. Era a única maneira de dar aos dois homens uma recompensa por terem testemunhado a destruição do inimigo chamado O Controlador.

Monty assistiu as patas de Joe mudar para algo parecido com mãos. O Lobo levantou dois dígitos. — Cada um pode levar duas meninas.

— Seis meninas? — Monty disse. — Existem apenas seis meninas no Composto? — *Deixadas vivas?* Acrescentou silenciosamente.

— Você pode levar seis, — Joe repetiu.

— E quanto às outras meninas? — Perguntou Lorenzo. — Elas vão precisar...

— Seis ou nada, — Joe rosnou. — São cinco a mais do que nós prometemos ao Wolfgard de Lakeside.

— Nós vamos levar as seis, — Simon disse e se virou se afastando, suas orelhas em pé se movendo na direção de um som que os humanos não poderiam ouvir.

Monty hesitou; então ele e Lorenzo se apressaram passando pelos Lobos que estavam se alimentando de um dos corpos arrebatados por

Simon. O Lobo de Lakeside provavelmente queria se alimentar como o resto dos Outros, mas Simon pelo menos reconhecia Monty e Lorenzo como mais do que carne, por isso era mais seguro ficar perto dele.

Uma escada descendo. Seguiram para mais corredores. Simon parou e olhou para eles. Vermelho brilhou em seus olhos cor de âmbar, e Monty se perguntou quanto tempo ele iria ficar no controle.

— Eu estou aqui apenas por uma, — disse Simon. — O Tenente pode escolher três.

— O que vai acontecer com as demais meninas? — Monty perguntou.

— Isso é para os *indigenes da terra* do Centro-Oeste decidir.

— Eles acham que essas meninas são veneno, — Lorenzo protestou.

— Se vocês tentarem levar mais de cinco, os *indigenes da terra* matarão vocês, — disse Simon. Ele deu um passo para longe deles e uivou. Então suas orelhas levantaram e ele caminhou pelo corredor, escorregando um pouco no sangue. Ele virou em uma esquina e desapareceu, deixando Monty e Lorenzo enfrentando um corredor de portas trancadas.

— Deuses acima e abaixo, como é que vamos escolher? — Perguntou Lorenzo.

Monty pegou um molho de chaves que se encontrava ao lado de um corpo e abriu a porta na frente dele. Uma menina estava tentando se esconder em um canto da sala, e era talvez um ou dois anos mais velha do que a sua filha, Lizzy.

Ele pensou em Meg Corbyn, lutando contra o vício do corte que provavelmente a mataria enquanto ainda era jovem. Ela se sentiria obrigada a se cortar se tivesse vivido em um lugar onde ela poderia receber algum apoio, onde sua pele não fosse uma mercadoria?

— Nós escolhemos as jovens, — ele disse olhando para Lorenzo. — Nós escolhemos as meninas que terão a melhor chance de aprender a viver no mundo.

Entregando as chaves para Lorenzo, ele entrou na cela e se agachou na frente da menina.

— Olá, — ele disse. — Eu sou o Tenente Montgomery. Eu posso ajudá-la a deixar este lugar. Você gostaria? — Ele estendeu a mão e esperou.

Ela olhou para ele por um longo momento. Em seguida, ela colocou a mãozinha na sua... E quebrou seu coração.

Simon arrombou a porta, depois parou.

Eles teriam feito isso com a minha Meg, ele pensou arreganhando os dentes em um grunhido.

Em vez de demonstrar medo, o que teria sido razoável, visto que ele tinha acabado de arrombar uma porta e estava mostrando suas presas, a fêmea sorriu e disse: — Você é o Lobo da Meg.

Maltratada e desgastada, ela sentou-se calmamente na cama estreita, com as mãos no colo. Um pé não parecia certo, e ele se perguntou se ela podia andar sozinha. Ela cheirava a perda, como se os seres humanos tivessem parado de cuidar dela e sequer a deixavam tentar cuidar de si mesma.

— Jean? — Ele esperava que ela negasse. Como ele poderia levar esta criatura de volta para Lakeside?

— Sim, eu sou Jean. Como está a Meg?

— Ela está bem. — Relutante, ele deu um passo para dentro da cela. — Meg está muito bem.

— Eu a ajudei a escapar.

— Eu sei.

— Eu gostaria de pedir-lhe um favor.

Ele inclinou a cabeça para indicar que estava ouvindo.

— Não me mate nesta cela. Leve-me para além destas paredes que eu odiei por tanto tempo quanto me lembro. Para além do Composto. E use isso. — Ela virou as mãos revelando a lâmina de prata. — Eles a

mantiveram trancada em uma gaveta, tão perto e ainda fora de alcance, como um tormento. Mas eu sabia que haveria um dia em que os *Aqueles Com Nomes* iriam se esquecer de trancar a gaveta, e no dia seguinte o Lobo de Meg viria. — Ela passou um dedo sobre a navalha. — Portanto, ela é minha novamente. Você deve usá-la para me matar. Se você me morder, você vai ficar doente.

Ele deu um passo mais perto, em seguida, sentou sobre os calcanhares. — Eu não vim aqui para te matar. Meg me pediu para levá-la para longe daqui, para salvá-la. — Quando ela não respondeu, ele disse o ele achava que Meg gostaria que ela soubesse. — Ela mora com a gente no Courtyard de Lakeside. Você poderia ficar lá conosco.

— Não, — ela disse rapidamente.

Ele ficou intrigado com isso por um momento. — Você não quer ver a Meg? — *Ele queria ver a Meg.*

— Vê-la, sim, mas não morar no mesmo lugar. — Jean se inclinou na direção dele. — Meg é uma espécie de pioneira. Conhece essa palavra, Lobo?

Ele assentiu. — Os primeiros humanos que invadiram a nossa terra. A primeira amostra de carne nova. — Ele mostrou os dentes. — Meg *não é* uma pioneira.

Jean tinha um olhar distante em seus olhos. Meg tinha aquele olhar quando ela estava recordando imagens.

— Desbravadora, — Jean disse. — Um guia. Alguém que chega primeiro, criando um caminho para que outros possam seguir. São palavras melhores?

— Melhor, — ele concordou. Pelo menos essas palavras não significavam um ser humano comestível.

— Meg precisa deixar o passado. — Jean acenou com a mão para indicar o seu corpo. — Eu sou um lembrete, e ela vai pensar que isso aconteceu comigo por causa dela.

— Será que sim?

— Algumas coisas sim, mas teria acontecido de qualquer maneira. Quando ela olha em um espelho, ela tem lembretes suficientes do passado. Ela não precisa de mais.

— Então o que você gostaria? — Perguntou. Fêmea estranha. Fêmea louca? Não, não de verdade. Os olhos dela não pertenciam à loucura.

— Eu não sei. As imagens não fazem sentido. Água caindo. Névoa que levanta. Um som que é um rugido, mas não um rugido. Um pote de mel.

— Esse é o lugar onde você deveria ir?

— Sim. Se eu não morresse aqui, é o que eu vi como o meu futuro.

— Faz sentido. — Simon se levantou e estendeu a mão. — Eu conheço um lugar. As pessoas que vivem lá são chamadas de *Intui*. Eles podem ajudá-la, e eu acho que você pode ajudá-los também.

Ela estendeu a navalha. — Segure isso.

Ele pegou a navalha e a empurrou no bolso, sem perguntar por que ela iria deixá-la, agora que ela tinha acabado de recuperar a posse dela. Meg ficava nervosa quando ela não tinha o controle de sua navalha.

Meg, *A Guia*. A única que poderia mostrar a todas elas o caminho para o futuro de Thaisia? Isso era um grande fardo para uma fêmea pequena, mas ele iria ajudá-la. De alguma forma. Ele só esperava que se Meg liderasse o caminho, não significasse que todos as Profetisas de Sangue fizessem coisas estranhas ao seu cabelo.

— Hora de ir, — disse ele.

Jean lutou para ficar de pé. Ela poderia andar, mas ela não conseguiria ter fugido. E não tinha pena de si mesma. Será que ela viu o que aconteceria com ela depois que ajudou Meg a escapar? Provavelmente. E ela não disse nada para que Meg corresse e não olhasse para trás.

Ele a deixou segurar no braço para ajudá-la a levantar. Mas ele parou na entrada. — Está ruim lá fora. Talvez você devesse fechar os olhos.

— Lobo, — ela disse gentilmente, — Eu já vi isso.



CAPÍTULO 31

DOIS FALCÕES os levaram de volta para a estação de trem. Os Lobos e os demais Sanguinatis tinham outras tarefas agora. Isso foi o que Monty e Lorenzo disseram enquanto levavam as cinco meninas aterrorizadas na minivan, seguidos por Simon e a mulher espancada que ele tinha resgatado.

Monty tinha a impressão de que Simon sabia exatamente quais tarefas os Lobos do Centro-Oeste e os Sanguinatis estavam realizando, mas o Lobo não forneceu nenhuma informação e Monty não perguntou. Ele não tinha certeza se poderia lidar com qualquer outra coisa no momento, e ele sabia que ia ter que lidar com muito mais.

Eles embarcaram no mesmo trem que tinha atravessado a fronteira Oeste e estava agora fazendo a viagem de regresso a Lakeside. O condutor os conduziu para o vagão privado e lhes assegurou várias vezes que *ninguém* teria permissão para se juntar a eles nesta viagem.

Simon Wolfgard concordou. Monty não tinha pensado em nada além de selecionar as cinco *Cassandras de Sangue* que poderiam ir com eles e afastar as meninas do composto e do abate. Nem Dominic Lorenzo pensou em algo mais. Mas o Lobo tinha percebido que privacidade seria vital para o regresso a Lakeside.

E quando o trem saiu da estação e as meninas começaram a gritar, foi Simon quem fez a coisa simples de abaixar as persianas nas janelas para que as meninas não tivessem que lidar com as novas experiências no interior do vagão particular.

— *Simon, é a Meg. Estou fechando o escritório agora e... Não é a primeira vez que você teve que ir embora, mas parece... Diferente... Desta vez. Vazio. Eu não sei. Eu quero o meu amigo de volta para casa. Eu estou indo com Merri Lee assistir a filmes onde podemos chorar, mas eu prefiro ficar me escondendo atrás de você e assistir a um filme de terror. Quando você está lá, não vejo nada muito assustador. De qualquer forma, eu vou vê-lo em breve.*

Simon colocou o telefone celular de volta no bolso e saiu do banheiro. Ele encontrou as mensagens quando chegaram à estação de trem e uma de Vlad, assegurando-lhe que estava tudo bem no Pátio, incluindo Meg. O som de sua voz. Não era tão bom quanto o afago de estar ao lado dela e ser acariciado, mas bem perto. E o seu comentário sobre se esconder com um filme assustador tinha fornecido a pista que precisava quando as meninas começaram a gritar. Ele não podia escondê-las de algo assustador, então ele fechou as cortinas para esconder o assustador delas.

Quando ele voltou para frente do vagão, olhou para Montgomery e Lorenzo. Os malditos seres humanos estavam se debatendo como veados presos na neve, o que o intrigava e aborrecia. Ele era o único com dentes decentes aqui, então ele precisava estar em guarda, e *eles* deveriam ter cuidados com os filhotes de profetisa. Mas eles não pareciam saber como fazer qualquer coisa útil.

Muito sangue e corpos comidos no Complexo? Eles viram muito? Lorenzo tinha reclamado que não foi permitido levar mais meninas. No momento em que chegou a estação de trem, ele não estava reclamando mais. Ele parecia doente e com medo. Assim como Montgomery.

Simon observou os homens quando eles se mudaram para a parte de trás do vagão. Talvez eles ainda estivessem preocupados com as meninas que deixaram para trás e se perguntando o que aconteceria com elas. Joe Wolfgard e os outros líderes do Centro-Oeste estavam preocupados com o controle que os seres humanos tinham de algumas das criações mais terríveis de Namid. Depois de ver as coisas horríveis

que os seres humanos tinham feito a algumas das Profetisas de Sangue, eles não queriam liberar qualquer uma das meninas aos cuidados de seres humanos. Mas Simon tinha assegurado os Outros que Montgomery e Lorenzo eram confiáveis, mesmo quase da mesma forma como os Lobos se preocupavam com filhotes.

Agora ele não tinha tanta certeza. Não que isso importasse. Vendo os dois homens, ele tomaria suas próprias decisões sobre as meninas, e passaria a viagem trabalhando nos detalhes. No momento em que eles chegassem a Lakeside, não haveria muito para Montgomery e Lorenzo fazerem.

Mas havia uma coisa que ele poderia fazer agora que poderia ajudar Montgomery mais tarde.

Saindo do seu assento, Simon se aproximou da mesa onde Jean estava trabalhando para escrever uma carta.

— Eu poderia ter uma folha de papel e um envelope? — Perguntou.

Ela os entregou, juntamente com uma caneta extra.

Pegou e se retirou. Era difícil ficar perto de Jean, porque ele olhava para ela e via o futuro que Meg não teria se não fosse corajosa o suficiente para fugir, e se Jean não fosse corajosa o suficiente para ficar.

Em pé na parte de trás do vagão com Lorenzo, Monty observou Simon buscar papel e caneta de Jean antes de recuar para o balcão na área da cozinha.

Ele tinha decepcionado o Lobo, vacilado. Mas ele estava muito chocado com o que tinha visto no Composto para funcionar bem. Agora, quase no fim da viagem, ele percebeu que tinha deixado Simon lidando com todo o cuidado prático das seis *Cassandras de Sangue*.

Não foi o massacre que o perturbou tanto, embora ele nunca fosse esquecê-lo. Eram as meninas. Todas aquelas meninas. As jovens que estavam sendo treinadas, mas ainda estavam sem identidade e

inexperientes. As adolescentes mais velhas que já tinham cicatrizes sobre áreas inteiras de seus corpos. Uma menina de catorze anos de idade, que havia estendido o braço e lhe mostrado a sua primeira cicatriz, parecendo como se ela não tivesse certeza se deveria ficar orgulhosa ou com vergonha disso.

Afastar-se dessa menina quase o matou, mas no final, ele e Lorenzo haviam escolhido cinco meninas entre as idades de oito e onze anos que ainda não tinham sido cortadas.

— O que vamos fazer com as meninas? — Perguntou Lorenzo, mantendo a voz baixa. — Eu não estava pensando em tirá-las daquele lugar, mas agora...

— Eu não estava pensando na possibilidade, — Monty respondeu.

— Nós não podemos colocá-las em um orfanato. Não podemos colocá-las em uma casa de adoção na cidade também. Se esse assunto vazar, e você sabe que vai; que *Cassandras de Sangue* estão vivendo em um lugar como esse, elas serão sequestradas antes que a equipe saiba o que aconteceu. Não podemos ter uma segurança de vinte e quatro horas em lares adotivos. E precisamos das verificações semanais para garantir que ninguém corte essas meninas para uma profecia!

Monty olhou para Simon, que tinha acabado de lamber o envelope e, obviamente, não gostava do sabor da cola. O Lobo tinha saído para fazer uma ligação cada vez que o trem parava em uma estação. Ele observava as meninas e observava Jean, que estava escrevendo no papel que Simon tinha pegado em um quiosque em uma das estações. Ele também saiu na próxima parada para pegar livros para colorir e lápis de cor para as meninas.

Doeu o coração de Monty quando ele percebeu que as meninas estavam virando as páginas dos livros de colorir para absorver as imagens e estudar as cores dos lápis de cor, mas não entendiam como usá-los. Preocupava Lorenzo que as meninas entrassem em um estado catatônico, seus sentidos sobrecarregados pela viagem, apesar dos esforços para limitar sua entrada visual.

E isso mostrava a Monty e Lorenzo o que os cuidadores estariam enfrentando. E deu-lhes alguma compreensão do que Meg Corbyn havia enfrentado quando ela fugiu do Composto e o que ela ainda enfrentava diariamente por viver com a estimulação de um lugar como o Courtyard.

— Uma ala restrita em um hospital não seria muito melhor do que o que elas já conhecem, — Lorenzo disse amargamente.

— Você acha que isso é o que acontecerá?

— Eu não vejo muita alternativa, não é?

— Não, eu não. — Monty estudou Simon por um momento antes de acrescentar: — Mas eu acho que ele vê.

Quando chegaram à estação de trem de Lakeside, um carro do Courtyard estava esperando por eles. Monty avisou o Capitão Burke que eles estavam de volta.

Ele esperava o ônibus para ir para o Pátio, onde ele e Lorenzo teriam que decidir o que fazer com as meninas. Mas Blair Wolfgard deixou a estação de trem e se dirigiu para o norte na River Road.

— Sr. Wolfgard? — Disse Monty. — Onde estamos indo?

Simon, sentado na frente com Blair, apenas olhou para ele por um longo momento antes de se virar.

Inquieto, Monty se moveu, sem saber o que ele poderia fazer se o Lobo tivesse parado de confiar nele. As meninas pareciam congeladas no lugar. Mesmo Jean, que tinha mantido certa capacidade funcional durante toda a viagem, parecia como se tivesse atingido o seu limite de novas experiências. E ele achava que ele e Lorenzo não poderiam impedir o que os Outros decidissem fazer.

Quando chegaram ao lado continental de Porto Ferryman, Monty de repente percebeu o que Simon pretendia. A barça esperava por eles, e eles partiram para a Ilha Grande, logo que o ônibus entrou no convés.

Eles não ficaram nas docas. Eles fizeram uma pequena refeição no próprio ônibus já na Ilha.

Simon apontou para as cinco garotas, e depois para a pequena cidade. — Olhem para esse lugar, vocês poderiam ficar aqui por um

tempo? Eu sei que vocês estão de fora, então vocês têm que se importar com os adultos que cuidarão de vocês ou vocês podem se machucar.

Depois de alguma hesitação, as meninas moveram o olhar para fora das janelas, onde elas podiam ver a pequena cidadezinha. Monty observou que elas esfregavam seus braços, da maneira que Meg fazia quando uma profecia em potencial arrepiava a sua pele. Mas depois de um minuto, elas olharam para Simon e assentiram.

— Jean? — Perguntou Simon.

Ela colocou os braços em torno de si, balançou a cabeça e fechou os olhos. — É muita coisa, — ela sussurrou.

Balançando a cabeça, como se isso não fosse uma surpresa, Simon arrebanhou as meninas do ônibus. Eles foram recebidos por Steve Ferryman, que apresentou todos para Margaret Seely e Lara Herrera, as proprietárias da pensão.

Lorenzo fez um esforço para manter o controle, mas um olhar de advertência de Steve Ferryman o silenciou, e Monty estava bem ciente dos Corvos pousados nas árvores ao redor da pequena pensão, e Blair Wolfgard na porta aberta do ônibus, em guarda. Por isso, apenas as duas mulheres e Simon Wolfgard acompanharam as meninas para dentro do prédio.

Steve fez um movimento de *siga-me* para Monty e Lorenzo antes de caminhar para o outro lado do estacionamento.

— Vocês têm um problema com isso? — Perguntou Steve. — Porque eu posso te dizer, vocês não vão levar essas meninas da ilha. Não agora, de qualquer maneira.

— Você não está equipado para lidar com uma *Cassandra de Sangue*, — disse Lorenzo.

Steve bufou. — Você está?

— Não, nós não estamos, — Monty disse antes que Lorenzo pudesse argumentar. — Mas eu acho que você não percebe o quão difícil isso será.

— A criação de Namid, tão maravilhosa quanto terrível, — Steve disse suavemente. — Você poderia dizer que os *Intui* foram os primeiros

animais que produziram as profetisas de sangue. E não, não estamos mais bem equipados do que vocês. Se estivéssemos, não teríamos perdido uma menina no ano passado. Mas todos nós vamos ter que pensar duramente e de forma rápida sobre o que podemos fazer para essas meninas.

— Eu não estou de acordo sobre essas meninas sendo tiradas de nossas mãos, — disse Lorenzo. Ele sacudiu um dedo entre si e Monty. — Trouxemos essas cinco meninas do Composto. Tivemos de deixar dezenas para trás, dezenas de meninas que... — Ele balançou a cabeça. — Nós vamos encontrar um lugar para as meninas.

Steve deu-lhes um olhar estranho. — Você não entende como os *indigenes da terra* trabalham, não é? Eles tiraram estas meninas de suas mãos, e eu não estou falando apenas sobre essas meninas que vocês trouxeram para cá. Agora que eles sabem o que procurar, vocês podem apostar que os Outros estão lá fora agora, fazendo a caça dos humanos que mantêm as *Cassandras de Sangue* em todos os assentamentos humanos.

Nós mostramos aos Outros os lugares mais prováveis para as meninas serem mantidas, pensou Monty, sentindo-se gelado pela quantidade de sangue que estava prestes a ser derramado. — Todas essas crianças, mortas.

Outro olhar estranho. — É possível que quem administre os Compostos possa matar as meninas, em vez de deixar alguém tê-las. Mas não é isso o que você acha, não é?

Ele não tinha pensado nisso. Como policial, ele deveria ter considerado isso. — Não, não foi isso o que eu quis dizer.

Steve não disse nada por um minuto. — Espero um monte de mortes nas próximas semanas por causa disso. E eu tenho que entender que nem todas as meninas serão capazes de sobreviver por não terem suas vidas mais tão restritas. Mas posso dizer-lhe que os Intui têm coexistido com os Outros desde que os humanos colocaram o pé neste continente, e nós nunca soubemos que os Outros prejudicariam uma criança.

Monty observou Simon sair da pensão sozinho. — Então nos deixe levar as meninas.

— Os Outros não vão deixar vocês ficarem com as armas, por isso, sim, vocês têm que deixar as meninas aqui.

Jean manteve os olhos fechados, pois estava sobrecarregada pelos sons tranquilos dos Lobos e dos homens voltando para o ônibus. Motor sendo acionado. Movimento. Onde eles estavam indo agora? Poderia importar? Será que ninguém no ônibus entendia o que estava por vir?

Os *indigenes da terra* iriam mover-se rapidamente e duramente e Thaisia nunca mais seria a mesma. Quanto as *Cassandra de Sangue* que seriam capturadas nessas imagens rodopiantes dessas lutas...

Sangue. Desespero. Terror. O flash de uma navalha, como forma de silenciar o medo do futuro, só para ver a verdade de uma profecia que viria momentos tarde demais.

Não é para eu saber, Jean pensava. *Não tem mais muito de mim para usar.*

Ela tinha vivido muito tempo em uma vida restrita. Ela tinha ansiado por sair desde o dia em que ela foi tirada de seus pais, uma menina com memórias como prova de que havia algo mais do que as celas e as lições e os homens e mulheres que olhavam para ela e não viam nada, apenas o valor da sua pele.

Agora que estava de fora, tudo era grande demais, demais. Ela tinha enviado Meg para fora com nada além de suas memórias de infância como prova de que uma *Cassandra de Sangue* poderia sobreviver. E, no entanto, Meg tinha sobrevivido e iria fazer as coisas melhores para todas elas.

Ela deve ter cochilado quando Simon Wolfgard disse: — Nós já chegamos, — ela abriu os olhos e percebeu que o ônibus tinha parado de se mover.

Ela lentamente desceu os degraus, acompanhada por Simon e o Tenente Montgomery, seguido pelo Dr. Lorenzo e Steve Ferryman. Um homem e uma mulher esperavam por eles na frente de uma casa confortável e simples. Havia outras construções nas proximidades, um celeiro, um... Galinheiro... E outra, uma construção menor que parecia algo semelhante a uma casa. Seria um chalé? Uma casa de hóspedes? Ela não conseguia se lembrar de uma imagem que se encaixava perfeitamente na aparência da estrutura.

— Estes são James e Lorna Gardner, — disse Steve Ferryman. — Eles são pessoas *Simple Life*. Isso significa que eles fazem uso de alguma tecnologia prática, mas preferem manter suas vidas organizadas de forma simples.

— A casa de hóspedes está vazia, — James disse. — Tivemos uma prima morando lá por um tempo, mas ela conheceu alguém em nosso último encontro e foi viver em sua comunidade. O Sr. Ferryman disse que você pode estar precisando de algum sossego, então você é bem-vinda para ficar se for bom para você.

Jean olhou para a casa e as terras e as duas pessoas esperando por sua resposta.

Então Lorna se adiantou e entregou-lhe um frasco. — Você pode fazer as suas refeições com a gente, é claro, mas este é o nosso tradicional presente de boas-vindas.

Jean olhou para a sua mão cicatrizada, segurando o frasco de mel.

— Você poderia ficar aqui por um tempo, Jean? — Perguntou Simon.

Ela engoliu as lágrimas e sorriu. — Sim, eu gostaria de ficar.

Monty sentou-se na cadeira na frente da mesa do Capitão Burke e esperou.

— Escolher o menor de dois males nunca é fácil, Tenente, — Burke disse calmamente. — Se não tivéssemos prestado assistência na localização desse Composto, os *indigenes da terra* teriam esmigalhado o Centro-Oeste. Não se engane sobre isso. E agora os Outros ao longo de Thaisia estão agarrando os governos humanos pelas bolas com um ultimato: revele voluntariamente os locais onde as Cassandra de Sangue estão abrigadas ou vão perder por inteiro suas aldeias, vilas ou cidades, que serão recuperadas imediatamente se os Outros encontrarem uma única menina escondida.

— E quanto aos políticos e empresários, e quem mais comprou as profecias? — Perguntou Monty.

— Pelo que entendi, os *indigenes da terra* não vão impedir ninguém de comprar uma profecia. Pelo menos não imediatamente. Eu acho que os Compostos terão novos funcionários para cuidar dessas meninas e a segurança delas será cuidada pelos Outros. Então eles vão saber quem sai ou entra nesses lugares. Eles vão saber se alguém está tentando contrabandear o sangue ou uma menina e que os deuses ajudem se alguém for tolo o suficiente para experimentá-lo.

— Assim, mesmo com os Compostos revelados, nada vai mudar para as meninas.

— Tudo vai mudar, Tenente. As fazendas de criação serão encerradas. As meninas que vivem nos Compostos não serão mais forçadas a deixar um lugar familiar, mas esses lugares serão administrados mais como uma habitação supervisionada. E se elas quiserem sair, elas podem. As profetisas de sangue irão fazer as suas próprias escolhas, viver suas próprias vidas. E isso incluirá a decisão de fazer um corte para alguém que quer uma profecia.

— Com os *indigenes da terra* observando e sabendo exatamente quem está comprando profecias. — Monty suspirou. — Isso vai dar mais uma razão para aumentar o apoio do movimento Humanos, Primeiros e Últimos.

— Provavelmente, — Burke concordou. — Mas vamos apenas lidar com um problema de cada vez.

— Senhor? Como você sabe tudo isso? — Ele não ficou surpreso com o conhecimento de Burke. Ele só queria saber como o homem tinha descoberto antes de mais alguém.

— Eu parei no Pátio, com a intenção de dar-lhe uma carona para casa e obter o seu relatório. Mas você estava indo para Porto Ferryman, então eu tive uma breve conversa com Elliot Wolfgard. Eu acho que ele estava receptivo, porque ele queria ver como os seres humanos poderiam reagir à notícia. As próximas semanas devem ser bem interessantes.

Eu poderia viver com coisas menos interessantes por um tempo, Monty pensou quando levantou da cadeira. — Eu não tenho certeza se o Dr. Lorenzo vai manter o seu consultório na Praça do Mercado. Os Outros não permitem que você apenas escolha como, ou se pode ajudá-los... E eu não tenho certeza se ele vai superar o que ele viu no Composto.

— É você? — Perguntou Burke.

Ele não sabia, então ele disse: — Boa noite, senhor.

— Peça alguém para te levar para casa, Tenente.

— Sim, senhor. — Monty ligou para MacDonald e Debany, já que eles estavam de plantão e dispostos a darem uma carona. Em seguida, ele ficou sentado em sua mesa para esperar que eles voltassem à estação.

Ele olhou para o livro sobre a história de Thaisia que Simon tinha dado a ele e perguntou que versão dos acontecimentos dos Outros seria diferente da versão humana. Então ele puxou um envelope do bolso e o abriu. Simon tinha dado a ele quando desceu do trem.

Havia uma única frase: — Ao contrário dos humanos, os *indigenes da terra* não prejudicam o sangue doce.

De repente, ele compreendeu a tarefa dos Lobos do Centro-Oeste e o que os Sanguinatis tinham empreendido. Eles não iriam deixar as meninas no Composto. Não *naquele*. Não, eles iriam dispersar aquelas meninas entre os pequenos assentamentos humanos sob seu controle, os mais prováveis eram as aldeias *Intui*. Os Outros dariam às meninas uma chance de viver, ou permitir que elas morressem se estivessem muito feridas em sua mente e no coração para sobreviver. Nem todas

teriam a força e a vontade de Meg Corbyn para viver, mas esperava que um número suficiente delas conseguisse.

Monty dobrou o papel, o colocou de volta no envelope e o enfiou na gaveta da escrivaninha. Então ele abriu o livro de história e começou a ler enquanto esperava Debany e MacDonald.

Você não poderia escolher se afastar, uma vez que ficava preso com os Outros. Ele só esperava que os seres humanos fossem ganhar alguma coisa com o derramamento de sangue que estava por vir.

Simon olhou para as janelas do seu apartamento escuro e vazio, e queria uivar com a solidão. Ele queria companhia, companheirismo, mas não... Lobos. Sim, ele os queria também, mas estar em torno de sua própria espécie não iria tirar esse sentimento particular de solidão.

Ele queria sua amiga. Sua Meg. Sua mensagem ao telefone significava algo. Não significava?

Ele tinha encontrado sua cela no composto, o lugar em que aqueles *seres humanos* a mantiveram por todos esses anos. Ainda tinha o cheiro dela e parecia intocado, como se estivessem esperando prendê-la novamente naquele lugar. E aquilo o tinha horrorizado de uma forma que a matança dos seres humanos adultos no Composto nunca poderia.

Mesmo com os Sanguinatis abrindo as portas internas para eles, os Outros não foram capazes de salvar todas as meninas. O Controlador e seu povo tinham visto a chegada. Mas isso não era algo que o Tenente Montgomery ou Dr. Lorenzo precisavam saber agora, ou nunca. Foi o suficiente para que eles soubessem o que os *indigenes da terra* poderiam fazer. Agora ele iria esperar e ver o que eles fariam com esse conhecimento.

— Se você continuar aí, você não vai encontrar a nota que deixei para você. — A voz de Meg saiu da escuridão, uma luz que banuiu as sombras da solidão.

Ele andou até a escada que levava ao seu alpendre. — O que tenho para observar?

— A nota que dizia para deixar a sua mala e vir para o jantar.

— Oh. — Ele subiu as escadas, levando a mala com ele. — Você tem comida aí?

Ela sorriu para ele, uma alegria que o convidou para brincar. — Eu fiz espaguete.

Isso não soa bem, mas ele sentiu o cheiro de algo saboroso, e ele a seguiu até a cozinha, deixando sua mala junto à porta.

— Merri Lee me ensinou, — Meg disse quando ela levantou a tampa em uma panela e cuidadosamente misturava a massa. — É de molho de carne moída e alguns vegetais. A carne foi cuidadosamente preparada e separada por Boone Hawkgard. Ele triturou carne fresca para mim, por isso está bom. E o macarrão está quase pronto.

Ele sentia como se suas patas não estivessem em terra firme, e ele não sabia como se mover. Os aromas de comida eram muito fortes, então ele não poderia dizer se ela se cortou recentemente. — Como você sabia quando...? — Ele parou de falar, certo de que ele iria estragar as coisas.

O olhar em seus olhos cinza claros estava em parte irritado e divertido. — Blair prometeu ligar quando ele voltasse com você para que eu soubesse quando aprontar a massa; e ele ligou.

— Oh. — Ele gritou de surpresa quando o timer tocou, o que a fez rir.

— Aqui. — Ela desligou o fogão e lhe entregou dois pegadores de panela. — Despeje a massa no coador na pia. Seja cuidadoso. É a água que está fervendo e o pote é pesado.

Estava fervendo e estava pesado, e ele percebeu que era a razão pela qual ela o deixou fazer isso, para proteger sua pele. Enquanto ele seguia suas instruções e transferia o espaguete em um prato, Meg colocou um pouco do molho em outro pote.

— Você deveria ter pão e salada e outros acompanhamentos, — Meg disse. — Pelo menos é assim que é servido no Prato picante, mas isso foi tudo que eu poderia fazer hoje.

— É muito, — ele disse, e quis dizer isso. Um passeio de trem com cinco meninas jovens que não poderiam lidar nem mesmo com a menor experiência pessoal, e uma Jean severamente danificada, lhe havia mostrado o quanto esforço que Meg fazia para aprender as coisas mais simples sem ficar oprimida pelas imagens e as estimulações.

Ele estava com fome e queria engolir a comida, mas ele comeu devagar, apreciando o gosto e o esforço. E...

Ele tinha certeza agora que ela não se cortou, mas havia um pouco de seu sabor tecido através dos aromas. Ela tinha tocado a comida e o contato tinha mantido uma sugestão dela. E a refeição tinha ainda mais sabor por causa disso.

Quando eles comeram o suficiente, eles armazenaram o resto da comida e lavaram os pratos juntos. Ele se preocupou por um momento que estivesse agindo humano demais, mas ele gostou da proximidade, a troca, e o companheirismo.

Ela não perguntou sobre as meninas ou o Composto ou Jean até que eles estavam sentados no sofá da sua sala de estar. Foi quando ele lhe entregou a carta que Jean tinha escrito no trem.

— Você conseguiu, — Meg disse, apertando o envelope mais e mais. — Você a salvou.

Ele não tinha certeza disso. Ele não tinha certeza de que alguém cheia de cicatrizes e espancada poderia ser salva.

— Ela está vivendo na Ilha Grande, e você pode visitá-la, — ele disse. — Mas não vá ainda. Ela está... Danificada Meg, e ela não quer vê-la por um tempo. É por isso que ela me deu esta carta.

— Ela precisa estabelecer uma rotina antes de lidar com qualquer outra coisa nova. — Meg virou a carta mais e mais. — Mas eu poderia escrever para ela. Eu poderia comprar artigos de papelaria no Três Ps e enviar-lhe uma carta dizendo-lhe sobre a minha vida no Pátio. Receber uma carta poderia ser parte da rotina.

— Sim, poderia. Meg? Eu realmente gostaria de sair desta pele.

— OK. Eu vou pegar um filme para assistir esta noite. Você pode vê-lo comigo, se quiser. É um filme de um pintinho. Merri Lee disse que eu iria gostar como ela gostou, existindo essas pequenas aves no filme.

Considerando que assistir filmes sobre pequenas aves não tinha nada a ver com ele também, ele não tinha objeções a um filme *sem* elas. Enquanto Meg colocava o filme no leitor, ele entrou em seu quarto para tirar as roupas e fazer a mudança. Ele deu a si mesmo uma boa sacudida e, em seguida, se perguntou se deveria se oferecer para limpar o tapete.

Talvez na parte da manhã.

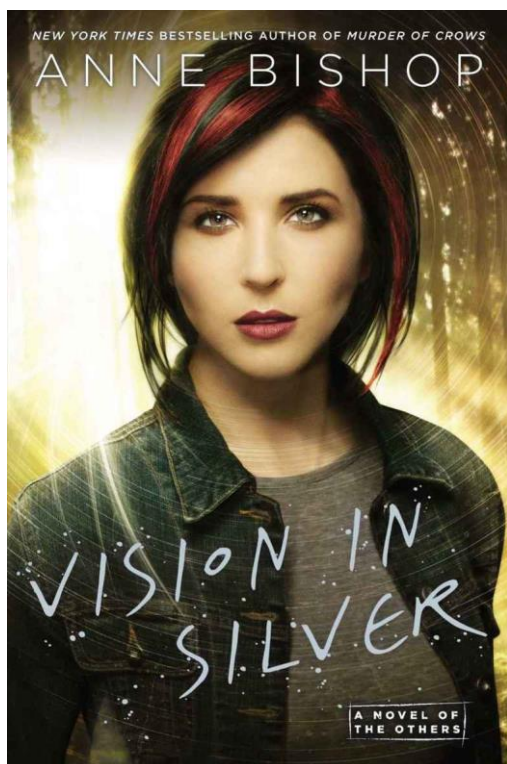
Ele voltou para a sala e subiu no sofá com ela.

Ou ela não achou a história interessante, ou os últimos dias a deixaram esgotada, porque ela adormeceu no meio do filme.

Ele não tinha certeza de como ela conseguiu acabar praticamente em cima dele, mas ele não se importava em sentir o peso dela ou a respiração arrepiando seu pelo, ou ser rodeado pelo aroma reconfortante de sua pele. Ele não se importava nem um pouco.

FIM

CONTINUA EM...



THE OTHERS #3 VISION IN SILVER

Os Outros libertaram as Cassandras de Sangue para afastá-las da exploração, sem perceber que suas ações teriam consequências terríveis. Agora as frágeis videntes estão em maior perigo, mais do que nunca, tanto de suas próprias fraquezas quanto daqueles que buscam controlar suas adivinhações para propósitos perversos. Com a necessidade desesperada de respostas, Simon Wolfgard, um líder de mudanças entre os Outros, não tem escolha senão alistar a ajuda da profetisa de sangue Meg Corbyn, independentemente dos riscos que ela enfrenta para ajudá-lo.

Meg ainda está profundamente no auge de seu vício da euforia que sente quando corta e fala uma profecia. Ela sabe que cada corte de sua lâmina a aproxima da morte. Mas os Outros e os seres humanos precisam de respostas, e suas visões podem ser a única esperança que Simon tem para acabar com o conflito.

Pois as sombras da guerra estão se aprofundando através do Atlântico e o preconceito de uma facção fanática ameaça trazer a batalha à porta de Meg e Simon.